UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
"CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO"
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
DOUTORADO EM LINGUÍSTICA

LUCIANA COLADINE BERNARDO

LÍNGUA INDÍGENA CINTA LARGA DE SINAIS: PRINCÍPIOS PARA O RECONHECIMENTO LINGUÍSTICO

CÁCERES
2024

LUCIANA COLADINE BERNARDO

LÍNGUA INDÍGENA CINTA LARGA DE SINAIS: PRINCÍPIOS PARA O RECONHECIMENTO LINGUÍSTICO

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Linguística, da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Linguística.

Área de Concentração: Estudo de Processos Linguísticos.

Linha de Pesquisa: Estudo de Processos Descritivos, de Análise e de Documentação de Línguas Indígenas.

Orientador: Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino.

CÁCERES
2024

Ficha catalográfica elaborada pelo Setor de Processamento Técnico da Divisão de Biblioteca da UNEMAT Catalogação de Publicação na Fonte. UNEMAT - Unidade padrão

Bernardo, Luciana Coladine.
LÍNGUA INDÍGENA CINTA LARGA DE SINAIS: PRINCÍPIOS PARA O RECONHECIMENTO LINGUÍSTICO / Luciana Coladine Bernardo. - Cáceres, 2024.
395f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado", Linguística/CAC-PPGL - Cáceres - Doutorado Acadêmico, Universidade Do Estado De Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado".
Orientador: Wellington Pedrosa Quintino.

1. Línguas Indígenas de Sinais. 2. Estudo etnográfico. 3. Indígenas Cinta Larga surdos. I. Quintino, Wellington Pedrosa. II. Título.

UNEMAT / MTSCB CDU 81?282(811)

ATA DA DEFESA REMOTA DA TESE DA DOUTORANDA **LUCIANA COLADINE BERNARDO**, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO, CAMPUS DE CÁCERES.

Aos 20 dias do mês de maio do ano de 2024, às 14h, em sala remota de videoconferência meet.google.com/zhq-iabp-vuz, criada para a finalidade em epígrafe, reuniu-se a Banca Examinadora da Defesa Remota, composta pelos seguintes membros: orientador: Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino, participação remota por vídeo; avaliadora: Profa. Dra. Diná Souza da Silva, participação remota por vídeo; avaliador: Prof. Dr. Paulo Jeferson Pilar Araújo, participação remota por vídeo; avaliador: Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa, participação remota por vídeo; avaliadora: Prof. Dra. Nilce Maria da Silva, participação remota por vídeo; sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição remota da Tese da discente Luciana Coladine Bernardo (participação remota por vídeo), intitulada: IDENTIFICAÇÃO, ANÁLISE E REGISTRO DA LÍNGUA CINTA LARGA DE SINAIS: PRINCÍPIO PARA O RECONHECIMENTO LINGUÍSTICO**.** Após a exposição, a discente foi arguida oralmente pelos membros da Banca Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADA. Para fazer jus ao título de doutora, a versão final da tese, considerada aprovada, deverá ser postada via SIGAA no prazo máximo de 60 dias, a partir da data da defesa. Após a postagem e a aprovação da versão final, o resultado será homologado pelo Conselho Superior do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Linguística da UNEMAT, conferindo título de validade nacional a aprovada. Nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente ata, que, após lida para os membros da Banca e por eles aprovada, foi assinada pelo presidente da banca. **Este documento não possui validade jurídica para efeitos de enquadramento funcional até a entrega e homologação da versão final da tese.**

gov.br Documento assinado digitalmente
WELLINGTON PEDROSA QUINTINO
Data: 01/07/2024 10:32:54-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Assinatura e Nome do(a) Presidente da Banca

Dedico este trabalho às minhas filhas, Estela Coladine e Alice Coladine, ao meu esposo, Vagner Colen e à comunidade surda Cinta Larga.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelas bençãos concedidas: vida, saúde e proteção. Obrigada por me permitir viver essa experiência na minha vida profissional. Seu zelo e planos são perfeitos!

A quem eu gerei as vidas e, hoje, a minha vida a elas pertence, minhas filhas Estela e Alice. Meus corações fora do peito, aquelas que me completam, meus motivos de sempre buscar o melhor de mim. Como tatuado em meu braço: *você é meu A...? Mor! Te amo do tamanho do...? Céu!*

Ao meu esposo, Vagner Colen, por ser o meu amor e demostrar, com todo fervor, o quanto também sou o amor dele. Foi meu esteio no cuidado com a nossa família e, na trajetória de ida a campo, compartilhamos essa pesquisa. Essa conquista é nossa, meu amor!

À minha mãe, Célia Aparecida Coladine, por suas orações e incentivo. Como se diz: por trás de toda mulher forte, existe outra mulher forte, ajudando-a a ser forte nos dias mais difíceis. Obrigada por, principalmente, me fazer sentir tão segura em realizar as minhas andanças acadêmicas, sabendo que minhas filhas estavam com a melhor pessoa que poderiam estar. Chegar até aqui só foi possível devido a sua dedicação em acolher tão amorosamente as nossas meninas.

Ao meu pai, que sempre foi o meu grande incentivador nos estudos. Nunca mediu esforços para que eu tivesse uma vida com escolarização. Obrigada, meu querido pai Francisco de Souza Bernardo, olha onde seu empenho e conselhos me levaram!

A toda a minha família Coladine. Talvez eu nem consiga, nas nossas vivências, expressar o quanto amo vocês, o quanto eu sou grata a Deus por ter me concedido a vida no seio dessa família.

Aquelas que se tornaram família, minhas amigas Patrícia Ferreira e Miriã Gil. Patrícia, você é um espelho para mim, como se fosse uma irmã mais velha. Busco sua sabedoria, sua calma frente aos problemas, sua empatia pelas pessoas. Obrigada por acreditar no meu potencial muito mais do que eu mesma. Àquela que se encantou comigo nessa pesquisa, que me colocou no eixo e me vez voltar o olhar para tudo o que eu já havia construído, quando tudo parecia estar péssimo e perdido. Obrigada, minha querida amiga!

Miriã, considero-te como uma mãe acolhedora e cuidadosa. Seu olhar de amor nos momentos em que eu não estava cabendo em mim, em que não me sentia capaz e merecedora, me fez acalmar e recomeçar. Nossos compartilhamentos teóricos foram um amparo quando não conseguia compreender. Que bom que tive você nesse momento, minha amável amiga!

Ao meu caro orientador Wellington Pedrosa Quintino, por confiar e acreditar em mim, dando-me liberdade tanto nas idas a campo, quanto na escrita desta tese. Em meio às dúvidas e inseguranças, sua firmeza nas orientações me deu suporte e me reanimaram. Obrigada pelo entendimento quanto às pausas necessárias durante esse percurso, colocando-me na posição de um ser humano que tem problemas e vida para além da academia.

Aos professores que participaram da banca do exame de qualificação e da banca de defesa, pelas valiosas contribuições e que, ao compartilharem seus conhecimentos, oportunizaram-me aprendizado: Prof. Dra. Nilce Maria da Silva, Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa, Prof. Dra. Diná Souza da Silva, Prof. Dr. Paulo Jeferson Pilar Araújo.

Aos meus amigos e parceiros das idas a campo, Marcos Cinta Larga e Márcia Cinta Larga, um casal essencial nessa pesquisa. Além de me acolherem com todo carinho dentro de sua casa, me inseriram na sua cultura indígena, mostrando-me como é ser um Indígena Cinta Larga. Me senti parte da família! Obrigada, meus queridos!

À liderança indígena, João Cinta Larga, o famoso João Bravo. Obrigada por acreditar e ser um grande incentivador desta pesquisa. Como foi maravilhoso te ouvir contar sobre a história do seu povo e sobre a sua história. Com certeza está nessa posição de líder por merecimento, por ser um guerreiro do seu povo, demonstrando um carinho e cuidado incomparável pelos seus.

Ao povo indígena Cinta Larga das aldeias Ponte, Asanuééj e Tenente Marques pelo respeito e acolhimento. Em especial, à comunidade surda Cinta Larga, por me permitir entrar em suas vidas, partilhando momentos e pela confiança em me permitir registrar e divulgar a Língua Indígena Cinta Larga de Sinais. Meu sincero respeito e gratidão pela oportunidade.

À Universidade Federal de Rondônia (UNIR), por investir e acreditar que a qualificação de seu quadro docente potencializa o ensino. Sou fruto dessa crença, tendo a honra de me qualificar como mestra e agora, como doutora.

Àquelas pessoas que torceram por mim, às vezes, muito mais do que eu imagino. Sintam-se homenageadas aqui e tenham a minha gratidão. Torcer pelo bem do outro, mesmo que ele não saiba, é de uma pureza humana maravilhosa.

RESUMO

Estudos de mapeamento, registro e descrição das Línguas Indígenas de Sinais (LIS) brasileiras têm demonstrado que a Língua Brasileira de Sinais (Libras) não é a única Língua de Sinais (LS) do Brasil. Nesse contexto, as pesquisas em áreas indígenas surgem investigando a forma de comunicação de indígenas surdos a fim de realizar o registro e aprofundamento linguístico. Desse modo, esta pesquisa, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL), na Linha de Pesquisa Estudo de Processos Descritivos, de Análise e Documentação de Línguas, buscou averiguar a hipótese inicial de que os surdos da etnia Cinta Larga residentes no Parque Indígena (PI) Aripuanã, no território de Vilhena (RO) e Juína (MT), se comunicariam por meio de uma LIS. Assim, o objetivo geral se destinou a registrar essa LIS que aqui foi denominada como Língua Indígena Cinta Larga de Sinais (LICLAS). Como objetivos específicos, delimitou-se realizar uma análise linguístico descritiva da LICLAS, embasando-se em aspectos linguísticos nos níveis fonológico, morfológico e sintático, bem como registrar manifestações lexicais e analisá-las. Para esse fim, o trabalho tem escopo nos estudos linguísticos descritivos das LS, com ênfase na Libras e nas Línguas Indígenas de Sinais (LIS) brasileiras, amparada por teóricos como Ferreira ([1995] 2010), Quadros e Karnopp (2004), Vilhalva (2012), Soares (2018), Silva (2021), entre outros. Tal aprofundamento teórico principia os estudos iniciais da LICLAS, confirmando a existência de uma nova LIS brasileira. Para atingir os objetivos, utilizou-se o método etnográfico, com idas a campo a fim de registrar os sinais e sentenças sinalizados pelos dos indígenas Cinta Larga surdos em contexto de uso para análise. Anotações no diário de campo, entrevistas, gravações em vídeos e fotografias foram feitos para apreensão desses dados, resultando no registro de sinais e sentenças da LICLAS. Após as análises linguístico-descritiva, concluiu-se que os sinais e as sentenças são estruturados linguisticamente e apresentam aspectos linguísticos semelhantes e/ou idênticos de outras LS, nos três níveis: fonológico, morfológico e sintático, bem como a LICLAS possui um vasto vocabulário. Portanto, os indígenas Cinta Larga surdos utilizam a LICLAS como meio de interação comunicativa, sendo esta, uma LIS.

Palavras-chave: Línguas Indígenas de Sinais. Estudo etnográfico. Indígenas Cinta Larga surdos.

ABSTRACT

Studies mapping, recording and describing Brazilian Indigenous Sign Languages (ISL) have shown that the Brazilian Sign Language (Libras) is not the only Sign Language (LS) in Brazil. In this context, research in indigenous areas has emerged investigating the way deaf indigenous people communicate in order to record and deepen their linguistic knowledge. In this way, this research, linked to the Postgraduate Program in Linguistics (PPGL), in the Research Line Study of Descriptive Processes, Analysis and Documentation of Languages, sought to verify the initial hypothesis that the deaf of the Cinta Larga ethnic group living in the Aripuanã Indigenous Park (PI), in the territory of Vilhena (RO) and Juína (MT), communicate through a LIS. Thus, the general objective was to record this LIS, which here has been called the Cinta Larga Indigenous Sign Language (LICLAS). The specific objectives were to carry out a descriptive linguistic analysis of LICLAS, based on linguistic aspects at the phonological, morphological and syntactic levels, as well as to record lexical manifestations and analyze them. To this end, the work is based on descriptive linguistic studies of LS, with an emphasis on Libras and Brazilian Indigenous Sign Languages (LIS), supported by theorists such as Ferreira ([1995] 2010), Quadros and Karnopp (2004), Vilhalva (2012), Soares (2018), Silva (2021), among others. This in-depth theoretical study begins the initial studies of LICLAS, confirming the existence of a new Brazilian LIS. To achieve the objectives, the ethnographic method was used, with field trips to record the signs and sentences signaled by deaf Cinta Larga indigenous people in context of use for analysis. Field diary entries, interviews, video recordings and photographs were taken to capture this data, resulting in a record of LICLAS signs and sentences. After the linguistic-descriptive analysis, it was concluded that the signs and sentences are linguistically structured and have similar and/or identical linguistic aspects to other LS, on all three levels: phonological, morphological and syntactic, and that LICLAS has a vast vocabulary. Deaf Cinta Larga indigenous people therefore use LICLAS as a means of communicative interaction, and it is a LIS.

Keywords: Indigenous sign languages. Ethnographic study. Deaf Cinta Larga indigenous people.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CAAE	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética Comissão
CONEP	Nacional de Ética em Pesquisa
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CM	Configuração de mão
CNS	Conselho Nacional de Saúde
ENM	Expressões não manuais
EUA	Estados Unidos da América
FUNAI	Fundação Nacional dos Povos Indígenas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
ISA	Instituto Socioambiental
LICLAS	Língua Indígena Cinta Larga de Sinais
LSC	Língua de Sinais Catalã
LE	Língua Emergente
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LIS	Língua Indígena de Sinais
L	Locação
LO	Língua Oral
LS	Língua de Sinais
LSM	Língua de Sinais Mundurukun
LSE	Língua de Sinais Emergentes
LSK	Língua de Sinais Ka'apor
LK	Língua Ka'apor
LSKB	Língua de Sinais Kaapor Brasileira
LTS	Língua Terena de Sinais
M	Movimento
Or	Orientação da palma da mão
PATJAMAAJ	Coordenação das Organizações Indígenas do Povo Cinta Larga
PI	Parque Indígena
RG	Registro de Identidade
RO	Rondônia

SEDISC	Serviço de Promoção dos Direitos Sociais e Cidadania
SPS	Sinais Paiter Suruí
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TI	Terra Indígena
UNEMAT	Universidade do Estado de Mato Grosso
UNIR	Universidade Federal de Rondônia

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Agrupamentos e áreas Cinta Larga 35
Figura 2 - Representação do patrimônio material e imaterial indígena 36
Figura 3 - Colheita de cará 43
Figura 4 - Chicha de cará 44
Figura 5 - Peixe moqueado 45
Figura 6 - Brincos de penas produzidos por Guma e Cibita 45
Figura 7 - Produção de colares 45
Figura 8 - Mapa das três aldeias pesquisadas no PI Aripuanã 48
Figura 9 - Imagem via satélite da aldeia Ponte 48
Figura 10 - Cacique Raimundo Cinta Larga 49
Figura 11 - Entrada da aldeia Ponte 49
Figura 12 - Ponte sob o rio Roosevelt 50
Figura 13 - Casa do João Bravo 50
Figura 14 - Casas de madeira 51
Figura 15 - Casas de alvenaria 51
Figura 16 - Estrutura antiga da Escola Rosana Cinta Larga 52
Figura 17 - Atual estrutura da Escola Rosana Cinta Larga 52
Figura 18 - Sala de aula e alojamento dos professores 53
Figura 19 - Posto de saúde 53
Figura 20 - Barracão comunitário 54
Figura 21 - Igreja Assembleia Madureira 54
Figura 22 - Campo de futebol 55
Figura 23 - Jogo de vôlei 55
Figura 24 - Rio Roosevelt (local de banho e lavagens de roupas e louças) 1 55
Figura 25 - Rio Roosevelt (local de banho e lavagens de roupas e louças) 2 56
Figura 26 - Visualização aérea onde atualmente se situa a aldeia Asanuééj.....57
Figura 27 - Marcelo Cinta Larga e Marcos Cinta Larga 57
Figura 28 - Entrada da aldeia Asanuééj.....58
Figura 29 - Casa de madeira e outra de lona 58
Figura 30 - Casa de madeira 59
Figura 31 - Barracão e represa 59
Figura 32 - Atual instalação da igreja IPMAV.....60

Figura 33 - Banner da igreja IPMAV.....60
Figura 34 - Futura instalação da igreja IPMAV.....60
Figura 35 - Maloca comunitária 61
Figura 36 - Campo de futebol 61
Figura 37 - Imagem via satélite da aldeia Tenente Marques 62
Figura 38 - Escola da aldeia Tenente Marques 63
Figura 39 - Entrada da aldeia Tenente Marques 63
Figura 40 - Mediações da aldeia Tenente Marques 64
Figura 41 - Saída da aldeia Tenente Marques 64
Figura 42 - Guma Cinta Larga 95
Figura 43 - Casa da Guma 95
Figura 44 - Irene Cinta Larga 96
Figura 45 - Casa da Irene e sua família 96
Figura 46 - Ivan Ximipuy Cinta Larga 98
Figura 47 - Casa do Ivan 98
Figura 48 - Marcos Cinta Larga e Márcia Cinta Larga 100
Figura 49 - Reunião de apresentação da pesquisadora e da pesquisa a João Bravo 101
Figura 50 - Assinatura do Termo de Autorização da Pesquisa por João Bravo 101
Figura 51 - A pesquisadora recebendo o colar de João Bravo 101
Figura 52 - Assinatura dos TCLE e afins pela Guma e familiares 103
Figura 53 - Apresentação da pesquisa e leitura e interpretação dos documentos (TCLE e afins) para Irene e família.....104
Figura 54 - Assinatura dos documentos (TCLE/TALE e afins) pela Irene e Marlene 104
Figura 55 - Apresentação da pesquisa e leitura e interpretação dos documentos (TCLE e afins) para Ivan e sua esposa Elizete.....105
Figura 56 - Elizete assinando os documentos (TCLE e afins) 105
Figura 57 - Ivan assinando os documentos (TCLE e afins) 105
Figura 58 - Print do caderno de campo no celular 108
Figura 59 - Print do vídeo da pesquisadora registrando o sinal REDE sinalizado por Ivan 108
Figura 60 - Entrevista com Cibita e Bruna, familiares da Guma 110
Figura 61 - Entrevista com a Marlene, mãe de Irene 110
Figura 62 - Entrevista com a Elizete, esposa de Ivan 110
Figura 63 - Casa do Marcos e Márcia 112

Figura 64 - Quarto de hospedagem da pesquisadora 113
Figura 65 - Momento de interação 114
Figura 66 - Guma sinalizando COMER 114
Figura 67 - Cibita, Guma e a pesquisadora indo para roça 115
Figura 68 - Adentrando na roça 115
Figura 69 - Cibita e Márcia colhendo cará 115
Figura 70 - Cará da terra 115
Figura 71 - Guma sinalizando CARÁ 116
Figura 72 - Barraco na roça 116
Figura 73 - Ponte sobre o rio Tenente Marques.....117
Figura 74 - Saída para a pescaria (aldeia Ponte para a Tenente Marques) 118
Figura 75 - Trajeto da pescaria (aldeia Tenente Marques até o rio Eugênio) 118
Figura 76 - Trajeto da aldeia Tenente Marques para o rio Eugênio 118
Figura 77 - Árvore bloqueando a passagem 118
Figura 78 - Acampamento às margens do rio Eugênio 119
Figura 79 - As mulheres coletando sementes 120
Figura 80 - Márcia e Elizete pescando 120
Figura 81 - Márcia e a pesquisadora descascando mandioca 120
Figura 82 - Guma cozinhando 120
Figura 83 - Peixe pescado pela pesquisadora 121
Figura 84 - Print do vídeo do Ivan sinalizando que iria cortar a cabeça do jacaré 121
Figura 85 - Print do vídeo do Ivan sinalizando ISQUEIRO 121
Figura 86- Compartilhando o jantar 122
Figura 87 - Guma e Cibita à beira da fogueira 122
Figura 88 -Peixes sendo moqueados.....122
Figura 89 - Preparação do mutum 123
Figura 90 - Ivan limpando os jacarés 123
Figura 91 - Saindo do acampamento 124
Figura 92 - Irene escrevendo seu nome 125
Figura 93 - Irene explicando como faz as miçangas de coquinho do tucumã 125
Figura 94 - Print do vídeo de Irene sinalizando COCO-DE-TUCUMÃ 126
Figura 95 - Visita à casa da Irene 126
Figura 96 - Selfie com a Irene 126
Figura 97 - Cibita produzindo brincos de plumagem 127

Figura 98 - Cará assado na fogueira 127
Figura 99 - Crianças pescando 128
Figura 100 - Churrasco de confraternização 128
Figura 101 - Atoleiro na estrada de acesso às aldeias 129
Figura 102 - Convite virtual para a 2 Festa Cultural Indígena Asanuééj 130
Figura 103 - Programação virtual da 2 Festa Cultural Indígena Asanuééj 130
Figura 104 - Faixa da entrada da Festa Cultural Indígena Asanuééj.....131
Figura 105 - 2ª Festa Cultural Indígena Asanuééj.....131
Figura 106 - Indígenas indo receber os visitantes 132
Figura 107 - Dança de acolhimento aos visitantes 132
Figura 108 - Momento de fala do líder indígena Cinta Larga, João Bravo 133
Figura 109 - Mandioca cozida e peixe moqueado 133
Figura 110 - Chicha de mandioca e de cará 133
Figura 111 - Peixes (moqueado e assado), batata doce e porco assado 134
Figura 112 - Utensílios para pintura corporal indígena.....134
Figura 113 - Pintura corporal indígena.....134
Figura 114 - Cibita expondo e vendendo seus artesanatos 135
Figura 115 - Cortina de miçangas de semente e rede 135
Figura 116 - Apresentação musical com flauta feita de bambu 135
Figura 117 - Apresentação de dança indígena 135
Figura 118 - Momento do almoço 136
Figura 119 - A pesquisadora e o Vagner almoçando.....136
Figura 120 - Competição de flexa ao alvo 136
Figura 121 - Mulher indígena competindo 137
Figura 122 - Competição de desfile de roupa típica 137
Figura 123 - Competidores do desfile de roupa típica 138
Figura 124 - Ivan registrando as atividades da festa 138
Figura 125 - Painel do Dia das Mães 139
Figura 126 - Público aguardando as atividades do Dia das Mães 140
Figura 127 - Irene homenageando sua mãe com o presente sorteado 140
Figura 128 - A caminho da roça 142
Figura 129 - Adentrando a roça 142
Figura 130 - Guma colhendo cará 142
Figura 131 - Transcrição do sinal BONITO em Libras 147

Figura 132 - Caricatura da Guma Cinta Larga 148
Figura 133 - Caricatura da Irene Cinta Larga 148
Figura 134 - Caricatura do Ivan Ximipuv Cinta Larga 149
Figura 135 - Print do vídeo enviado para Suzana para a reprodução em forma de imagem fixa da Figura 124 149
Figura 136 - Correção na transformação de imagem de vídeo em imagem fixa da sentença da LICLAS: ANDAR CAIR (Eu estava andando e cai) 150
Figura 137 - Exemplo 1 de transcrição e anotação de sinais 151
Figura 138 - Exemplo 2 de transcrição e anotação de sinais 151
Figura 139 - Print do vídeo com o sinal da LICLAS CARÁ 153
Figura 140 - Modalidades das línguas orais e de sinais 212
Figura 141 - Espaço de articulação dos sinais 215
Figura 142 - Ilustração das orientações da palma da mão 218
Figura 143 - Sinal de CALA A BOCA em Libras 219
Figura 144 - Sinal de SILÊNCIO em Libras 219
Figura 145 - Principais áreas de locação no espaço de enunciação da LICLAS 222
Figura 146 - Sentença - PINTAR-CABELO NÃO, HOMOSSEXUAL, ESTOU-FORA (Não vou pintar o cabelo, isso é coisa de homossexual, estou fora) 230
Figura 147 - MOTO||IR-EMBORA (Vou embora de moto) 231
Figura 148 - COBRA (Cobra) 231
Figura 149 - AVIÃO (Avião) 241
Figura 150 - Sinal de PEDRA em Libras 243
Figura 151 - Sinal de QUEIJO em Libras 243
Figura 152 - PIRULITO (Pirulito) 245
Figura 153 - ANZOL (Anzol) 245
Figura 154 - TRÊS TARTARUGA ANZOL IR-EMBORA (Três tartarugas morderam o anzol foram embora) 246
Figura 155 - Ivan desenhando a tartaruga 246
Figura 156 - Desenho da tartaruga 246
Figura 157 - BOMBOM (Bombom) 247
Figura 158 - REGISTRO-DE-IDENTIDADE (Registro de identidade) 247
Figura 159 - ESTRADA RUIM (A estrada está em más condições para trafegar) 248
Figura 160 - COBRA (Cobra) 248
Figura 161 - POUCO (Pouco) 249

Figura 162 - OURO (Ouro) 249
Figura 163 - Sinal de CASA em Libras 253
Figura 164 - Sinal de ESTUDAR em Libras 253
Figura 165 - Sinal de ESCOLA em Libras 253
Figura 166 - Sinal de TIO em Libras 254
Figura 167 - Sinal de TIA em Libras 254
Figura 168 - Sinal de costureira em Libras 255
Figura 169 - Sinal de CEMITÉRIO em Libras 255
Figura 170 - Sinal de PAPELARIA em Libras 256
Figura 171 - Sinal de ZEBRA em Libras 257
Figura 172 - Sinal de ALFINETE em Libras 258
Figura 173 - Sinal de AGULHA em Libras 258
Figura 174 - Sinal de HOTEL em Libras 260
Figura 175 - Sinal de SEXO em Libras 260
Figura 176 - Sinal de MOTEL em Libras 260
Figura 177 - Sinal de BOLA na LTS 261
Figura 178 - Ação de chutar a bola na LTS 261
Figura 179 - GROSSO (Espessura grossa) 262
Figura 180 - COBRA (Cobra) 262
Figura 181 - COBRA^GROSSO = SUCURI (Cobra Sucuri) 262
Figura 182 - COMER (Comer) 263
Figura 183 - DOR-DE-ESTÔMAGO (Dor de estômago) 263
Figura 184 - DOR-DE-ESTÔMAGO^COMER=FOME (Fome) 263
Figura 185 - PESSOA-DO-SEXO-MASCULINO (Pessoa do sexo masculino) 264
Figura 186 - ESTUDAR (Estudar) 264
Figura 187 - PESSOA-DO-SEXO-MASCULINO ^ESTUDAR=PROFESSOR (Professor) .265
Figura 188 - Sinal de ÁRVORE em Libras.....268
Figura 189 - Exemplo de CL especificador de forma e tamanho em Libras - MESA 271
Figura 190 - CM para o CL semântico para pessoa andando ou em pé 271
Figura 191 - Exemplo de CL corporal em Libras - CACHORRO ORELHA 272
Figura 192 - Exemplo de CL instrumental em Libras - FOTOGRAFIA 272
Figura 193 - COCO-DE-TUCUMÃ (Coco de tucumã) 273
Figura 194 - COCO-VERDE (Coco verde) 274
Figura 195 - CARÁ (Cará) 275

Figura 196 - MANDIOCA (Mandioca) 275
Figura 197 - CORTAR-CABEÇA (Cortar a cabeça) 276
Figura 198 - CL semântico para veículos 277
Figura 199 - OMBROS REMAR (Meus ombros estão doendo de tanto remar) 278
Figura 200 - Irene manipulando o instrumento para produzir a matéria prima 279
Figura 201 - PRODUZIR-ARTESANATO (Produzir artesanato) 279
Figura 202 - Sinal SENTAR e CADEIRA em Libras 281
Figura 203 - Sinal CAMA, Parte I, Parte II, Parte III, Parte IV e Parte V.....282
Figura 204 - NAMORAR/NAMORAD@ (Namorar/namorado(a)) 283
Figura 205 - BEIJAR (Beijar).....284
Figura 206 - VENTO CHOVER DAQUI-A-POUCO (Está ventando, daqui a pouco irá chover 285
Figura 207 - CHOVER/CHUVA (Chover/chuva) 285
Figura 208 - Sinal de GOSTAR e NÃO-GOSTAR em Libras 287
Figura 209 - Sinal de CONHECER-NÃO em Libras 288
Figura 210 - Sinal TER e NÃO TER em Libras 288
Figura 211 - Sinal SABER em Libras 289
Figura 212 - Sinal NÃO em Libras 289
Figura 213 - Sinal de GOSTAR na LTS 290
Figura 214 - Sinal de NÃO-GOSTAR na LTS (parte I, II, III, IV) 290
Figura 215 - Sinal de NÃO-SABER na LTS 290
Figura 216 - SER/SABER/TER (Sou/sei/tenho) 291
Figura 217 - SER-NÃO/SABER-NÃO/ TER-NÃO (Não sou/não sei/não tenho) 291
Figura 218 - EU SABER-NÃO ELA SABER (Eu não sei, ela (mãe) sabe) 292
Figura 219 - EU SABER-NÃO (Eu não sei) 293
Figura 220 - VOCÊ CASAD@? (Você é casada?) 293
Figura 221 - EU CASAD@ SER-NÃO (Eu não sou casada) 293
Figura 222 - NAMORAD@ TER-NÃO (Não tenho namorado) 294
Figura 223 - ALVO-ACERTAR (Acertei o alvo) 295
Figura 224 - ALVO-ACERTAR-NÃO (Não acertei o alvo) 295
Figura 225 - COMER (Comer) 295
Figura 226 - COMER-NÃO (Não quero comer) 295
Figura 227 - INJEÇÃO (Injeção) 296
Figura 228 - INJEÇÃO E INJEÇÃO-NÃO (Não quero tomar injeção) 296

Figura 229 - IR-EMBORA-NÃO VÁRIOS-DIAS CONTINUAR AQUI (Não vai embora, vai ficar aqui por vários dias) 297
Figura 230 - IR-EMBORA (Ir embora) 297
Figura 231 - PINTAR-CABELO (Pintar o cabelo) 298
Figura 232 - PINTAR-CABELO NÃO (Não vou pintar o cabelo) 298
Figura 233 - CHORAR (Chorou) 299
Figura 234 - CHORAR-NÃO (Não chorou) 299
Figura 235 - Ilustração do espaço de sinalização tridimensional.....302
Figura 236 - Planos de sinalização frente ao corpo do sinalizante.....302
Figura 237 - Surdo Cena utilizando outras partes do corpo (perna e pé) na sinalização.....303
Figura 238 - Sinal de BERMUDA em Libras.....304
Figura 239 - Sinal de CALCINHA em Libras.....304
Figura 240 - PÁSSARO||VOAR (Pássaro voando) 305
Figura 241 - ORAR (Orar) 305
Figura 242 - COBRA ENROLAR-PÉS (A cobra enrolou perto dos meus pés) 306
Figura 243 - PESSOA-DO-SEXO-MASCULINO (Pessoa do sexo masculino) 306
Figura 244 - Pronomes singulares em Libras.....308
Figura 245 - Forma pronominal com referentes presentes.....308
Figura 246 - Sinal EU na LTS.....309
Figura 247 - Forma pronominal com referentes ausentes.....310
Figura 248 - EL@VOCÊ (Ele(a)/você) 312
Figura 249 - EU (Eu) 312
Figura 250 - EU SABER-NÃO ELA SABER (Eu não sei, ela (apontando para mãe) sabe) 313
Figura 251 - ELE IR-EMBORA (Ele foi embora (fugir)) 313
Figura 252 - Frase em Libras “Porque encontrava com surdo(a)(s)” 317
Figura 253 - Números cardinais representativos em Libras.....319
Figura 254 - Números cardinais representativos em Libras.....320
Figura 255 - Números cardinais quantitativos em Libras.....320
Figura 256 - Números cardinais quantitativos em Libras.....320
Figura 257 - DOIS PÁSSARO||VOAR-EMBORA UM (Havia dois pássaros, um voou, foi embora) 323
Figura 258 - DOIS PIRULITO (Dois pirulitos) 324
Figura 259 - TRÊS (Numeral 3) 324

Figura 260 - BEBER^LITRO=REFRIGERANTE-DE-DOIS LITROS UM (Um refrigerante de 2 litros) 324
Figura 261 - LÁ (ALDEIA ROOSEVELT) HOMOSSEXUAL DOIS (Lá, na aldeia Roosevelt, tem dois homossexuais) 325
Figura 262 - CINQUENTA-REAIS (Cinquenta reais) 326
Figura 263 - DEZ (Dez reais) 326
Figura 264 - DINHEIRO (Dinheiro) 326
Figura 265 - ESTUDAR TRÊS (Estudo na terceira sala) 327
Figura 266 - DOIS CELULAR (Dois celulares) 327
Figura 267 - TRÊS (Numeral três) 328
Figura 268 - CARRO QUATRO (Quatro carros) 328
Figura 269 - MOTO DOIS (Duas motos) 328
Figura 270 - VÁRIOS-DIAS CONTINUAR (Por vários dias) 329
Figura 271 - CINCO-MESES/MÊS-DE-MAIO (Cinco meses/ mês de maio) 330
Figura 272 - CHUVA ACABAR (Acabar o período chuvoso) 330
Figura 273 - Sinalização de 1 a 4 meses em Libras.....331
Figura 274 - Sistema dos 5 termos básicos para cores da LK.....334
Figura 275 - Sinal COR na LSK.....335
Figura 276 - Gesto COR NO DENTE na LSK.....335
Figura 277 - Sinal da cor MARROM na LTS.....336
Figura 278 - Sinal da cor BRANCA na LTS.....336

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Sistema de Patrônimos Cinta Larga 40
Quadro 2 - Tipos de comunidade surdas 79
Quadro 3 - As LSE no mundo 80
Quadro 4 - Pesquisas com indígenas surdos no território brasileiro 84
Quadro 5 - Convenções para a transcrição e anotação dos sinais 152
Quadro 6 - Registros de sinais do campo lexical... (nome do campo lexical) da LICLAS 154
Quadro 7 - Registros dos sinais do campo lexical verbos da LICLAS 157
Quadro 8 - Registros dos sinais do campo lexical animais da LICLAS 165
Quadro 9 - Registros do campo lexical pronomes e designações para pessoas da LICLAS ..170
Quadro 10 - Registros dos sinais do campo lexical representações numéricas e monetárias da LICLAS 176
Quadro 11 - Registros de sinais do campo lexical meios de transporte da LICLAS 182
Quadro 12 - Registros de sinais do campo lexical alimentos e frutos da LICLAS 183
Quadro 13 - Registros de sinais do campo lexical objetos da LICLAS 187
Quadro 14 - Registros de sinais do campo lexical nomes e diversos da LICLAS 190
Quadro 15 - Registros das sentenças da LICLAS 195
Quadro 16 - Parâmetros Fonológicos da Libras 213
Quadro 17 - CM da Libras apresentadas por Ferreira e Langevin em 213
Quadro 18 - CM da Libras divulgada em 2005 (INES) 214
Quadro 19 - CM da Libras divulgada em 2022 214
Quadro 20 - Quadro de CM da Língua de Sinais Mundurukun 215
Quadro 21 - Locações da Libras 216
Quadro 22 - Categorias do parâmetro movimento 217
Quadro 23 - Expressões não-manuais da Libras 219
Quadro 24 - Configurações de mão da LICLAS 221
Quadro 25 - Locações da LICLAS 223
Quadro 26 - Parâmetro movimento da LICLAS 228
Quadro 27 - Orientação da palma da mão da LICLAS 232
Quadro 28 - Expressões faciais da LICLAS 236
Quadro 29 - Pares mínimos na Língua Terena de Sinais 244
Quadro 30 - Sinal ÀRVORE em cinco etnias 267
Quadro 31 - Estratégias sintáticas e morfológicas na categoria números 319

Quadro 32 - Sinalizações dos valores monetários na Língua de Sinais Pataxó 221
Quadro 33 - Números na LTS 322

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Estratégias para a manifestação do número plural 318
Tabela 2 - Análise descritiva do sinal COR na LSK 336

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 26

2 PANORAMA SOCIAL, GEOGRÁFICO, HISTÓRICO E CULTURAL DO POVO INDÍGENA CINTA LARGA 31

2.1 DENOMINAÇÃO E HISTÓRIA DO CONTATO 31

2.2 DEMOGRAFIA E POPULAÇÃO 34

2.3 PATRIMÔNIO CULTURAL INDÍGENA: CONCEITO DE MATERIAL E IMATERIAL 35

2.4 RECORTES DO PATRIMÔNIO CULTURAL DO POVO INDÍGENA CINTA LARGA NA ATUALIDADE 38

2.4.1 Língua e divisão social e política 38

2.4.2 Economia, alimentação e divisão de trabalho 42

2.4.3 Misticismo 46

2.5 DEMOGRAFIA DOS AMBIENTES DA PESQUISA 47

2.5.1 Aldeia Ponte 48

2.5.2 Aldeia Asanuééj 56

2.5.3 Aldeia Tenente Marques 62

3 O POVO SURDO E OS EFEITOS DOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS AO RECONHECIMENTO DA DIVERSIDADE DAS LÍNGUAS DE SINAIS 66

3.1 SÍNTESE DA TRAJETÓRIA HISTÓRICA DO POVO SURDO E AS LÍNGUAS DE SINAIS 66

3.1.1 Considerações sobre o histórico do povo surdo 72

3.2 ESTUDOS LINGUÍSTICOS DAS LÍNGUAS DE SINAIS 74

3.2.1 Efeitos dos estudos sobre as Línguas de Sinais 75

3.3 AS LÍNGUAS DE SINAIS EMERGENTES E A TIPOLOGIA DAS LÍNGUAS DE SINAIS 77

3.4 PESQUISAS NA ÁREA DAS LÍNGUAS INDÍGENAS DE SINAIS BRASILEIRAS 83

3.4.1 Língua de Sinais Ka'apor e Língua Terena de Sinais 87

4 PERCURSO METODOLÓGICO 93

4.1 ARGUMENTAÇÃO METODOLÓGICA 93

4.2 CONHECENDO OS PARTICIPANTES DA PESQUISA: OS INDÍGENAS CINTA LARGA SURDOS 94

4.2.1 Guma Cinta Larga 94

4.2.2 Irene Cinta Larga 96

4.2.3 Ivan Ximipuy Cinta Larga 98
4.3 PROCEDIMENTOS ÉTICOS 100
4.4 TÉCNICAS DE COLETA DOS DADOS 106
4.5 IDAS A CAMPO 111
4.5.1 A realidade do trabalho de campo 143
4.6 TRATAMENTO E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISES DOS DADOS 146
5 ASPECTOS FONOLÓGICOS DA LÍNGUA INDÍGENA CINTA LARGA DE SINAIS: REGISTROS, DESCRIÇÃO E ANÁLISE 156
5.1 REGISTROS DA LÍNGUA INDÍGENA CINTA LARGA DE SINAIS 156
5.2 CONCEITO DOS PARÂMETROS FONOLÓGICOS NAS LÍNGUAS DE SINAIS 211
5.2.1 Parâmetros fonológicos na Língua Indígena Cinta Larga de Sinais 221
5.3 CONCEITO DE PARES MÍNIMOS NAS LÍNGUAS DE SINAIS 242
5.3.1 Pares mínimos na Língua Indígena Cinta Larga de Sinais 245
6 ASPECTOS MORFOLÓGICOS DA LÍNGUA INDÍGENA CINTA LARGA DE SINAIS: DESCRIÇÃO E ANÁLISE 250
6.1 PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS/SINAIS 251
6.2 PROCESSO DE COMPOSIÇÃO NAS LÍNGUAS DE SINAIS 252
6.2.1 Análise morfológica: apresentação dos sinais compostos na Língua Indígena Cinta Larga de Sinais 262
6.3 CLASSIFICADORES COMO UM ELEMENTO FORMADOR DE SINAIS 265
6.3.1 Manifestação de classificadores na comunicação dos indígenas Cinta Larga surdos 273
6.4 PROCESSO DE DERIVAÇÃO MORFOLÓGICA NAS LÍNGUAS DE SINAIS 280
6.4.1 A derivação zero na Língua Indígena Cinta Larga de Sinais 283
6.5 PROCESSO DE INCORPORAÇÃO NAS LÍNGUAS DE SINAIS 285
6.5.1 Incorporação da negação 286
6.5.2 A expressão da negação na sinalização dos indígenas Cinta Larga surdos 291
7 ASPECTOS SINTÁTICOS DA LÍNGUA INDÍGENA CINTA LARGA DE SINAIS: DESCRIÇÃO E ANÁLISE 300
7.1 O ESPAÇO DE SINALIZAÇÃO NAS LINGUAS DE SINAIS 301
7.1.1 O uso do espaço de sinalização pelos indígenas Cinta Larga surdos 305
7.2 MECANISMO DE APONTAÇÃO PRONOMINAL NA SINTAXE ESPACIAL DAS LINGUAS DE SINAIS 307
7.2.1 Mecanismo de apontação pronominal na sintaxe espacial na Língua Indígena Cinta Larga de Sinais 312
8 MANIFESTAÇÕES DE NÚMEROS E CORES NAS LÍNGUAS DE SINAIS 315

8.1 MANIFESTAÇÃO DOS NÚMEROS NAS LÍNGUAS DE SINAIS 315
8.1.1 Manifestação de números na comunicação dos indígenas Cinta Larga surdos 322
8.2 LÉXICO: CORES NAS LÍNGUAS DE SINAIS 332
8.2.1 A expressão das cores pelos indígenas Cinta Larga surdos 337
9 PARA FINS DE FECHAMENTO E OUTROS RECOMEÇOS 340
REFERÊNCIAS.....343
APÊNDICE A - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA LIDERANÇA INDÍGENA 356
APÊNDICE B - TERMO DE TRABALHO VOLUNTÁRIO 361
APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 363
APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS FAMILIARES DOS SURDOS (ENTREVISTA) 367
APÊNDICE E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO RESPONSÁVEL PELO PARTICIPDANTE CRIANÇA/ADOLESCENTE 371
APÊNDICE F - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ PARA FINS DE PESQUISA 375
APÊNDICE G - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 376
APÊNDICE H - ROTEIRO DE ENTREVISTA 379
ANEXO A - AUTORIZAÇÃO DA FUNAI 380
ANEXO B - PARECER DO CONEP 381

1 INTRODUÇÃO

Antes de apresentar essa pesquisa a você, meu caro leitor, apresento brevemente o meu percurso e envolvimento com a temática aqui tratada.

Conheci a Língua Brasileira de Sinais (Libras) no ano de 2009, por meio de uma amiga surda, Letícia Preato, à época, minha cunhada. Na necessidade de me comunicar com ela, intercalei os estudos da faculdade de Letras na Faculdade Integradas de Cacoal (UNESC) com o curso Básico de Libras, aos sábados. Identifiquei-me com a Libras e desde que conclui a graduação só atuei em trabalhos de interpretação e ensino de Libras, inclusive na minha posição atual, como docente da disciplina de Libras da Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

Depois de cerca de cinco anos de atuação na área da Libras, adentrei nos estudos das Línguas Indígenas de Sinais (LIS)[1] por meio do ingresso no Mestrado Acadêmico em Letras (ML), que culminou na pesquisa apresentada na dissertação *Mapeando os sinais dos surdos Paiter Suruí no contexto da comunidade* (Coladine, 2017), adaptada para o *e-book* intitulado *Sinais Paiter Suruí: um mapeamento no contexto da comunidade* (Coladine, 2023).

Por me encantar com os sujeitos indígenas surdos e suas particularidades, mantive o interesse e vínculo com os estudos na área das LIS, sendo o ingresso ao Programa Pós-Graduação em Linguística (PPGL) conquistado por meio de um projeto de pesquisa que objetivava aprofundar nos dados da pesquisa realizada anteriormente com os surdos Paiter Suruí.

A mudança da temática desta pesquisa ocorreu quando, em um momento informal entre amigos e familiares, conheci o casal Marcos Cinta Larga e Márcia Dias da Silva Cinta Larga, membros da comunidade indígena Cinta Larga[2]. Entre nossas conversas, relataram-me a existência de indígenas surdos em aldeias de seu povo. Tal afirmação despertou ainda mais o meu interesse ao ser relatado que a comunicação entre os surdos e seus parentes ocorriam, em sua maioria, por meio de gestos[3].

Levantei a hipótese de que os indígenas Cinta Larga surdos se comunicariam por meio de sinais criados a partir de sua cultura indígena, com grande possibilidade de haver ali uma LIS. Conversei com Marcos e Márcia sobre a minha experiência com registro de sinais com os surdos Paiter Suruí, explicando sobre o que seriam esses gestos e eles entenderam que seria

[1] Utilizamos em toda a tese essa sigla, corroborando com pesquisadores nessa área, conforme utilizado no evento *I Seminário Nacional de Língua Indígena de Sinais - SENLIS* e em Santos (2024).
[2] Povo indígena da etnia Cinta Larga que reside no território do Parque Indígena do Aripuanã.
[3] *Gestos* foi a denominação dada por Marcos e Márcia aos sinais realizados pelos surdos.

interessante a realização de uma pesquisa para registrar essa, até aquele momento, uma possível LIS. Confiante nas informações ditas por Marcos e Márcia, parei a temática inicial de pesquisa e dediquei-me a esta, dada a necessidade de expandir a constatação de que o povo surdo do mundo não se restringe apenas a surdos de áreas urbanas, e que há necessidade de mapeamento, pesquisas, debates, sobre os povos surdos indígenas (Vilhalva, 2012).

Várias pesquisas efetivaram-se como incentivadoras na busca de novos estudos e visões sobre as Línguas de Sinais (LS) em contextos indígenas: Vilhalva (2012), realizou o mapeamento das LIS dos Guarani Kaiowá no Estado do Mato Grosso do Sul; Sumaio (2014)/Soares (2018) com a identificação e descrição dos sinais construídos pela comunidade surda dos Terena na região de São Paulo; Azevedo (2015), em Parintins, no Amazonas, realizou o mapeamento e registros das contribuições linguísticas dos professores surdos na etnia Sateré-Mawé; entre outras pesquisas.

Nesse viés, pode-se dizer que as contribuições das pesquisas no âmbito dos indígenas surdos adentram tanto nas áreas educacionais, quanto sociais, promovendo registros, teorias, conceitos, que amparam e permitem que novos estudos surjam, cada vez mais aprofundados, partindo do mapeamento e registros dos sinais, para os estudos mais específicos na linguística das LS. Todo esse processo viabiliza a preservação, não somente das línguas, como também da cultura e identidade dos povos surdos indígenas presente nos sinais estudados.

É notório que as abordagens científicas sobre as particularidades dos sujeitos surdos (aspectos da língua, cultura e identidade) estão recorrentes e em estado de expansão, ocasionando o surgimento de novos, impactantes, aprofundados, esclarecedores e incentivadores estudos nesse campo.

Nesse contexto, os estudos direcionados às LS atuam como um arcabouço teórico que possibilita pesquisas mais aprofundadas sobre as variadas formas de comunicação e expressão dos diversos grupos étnicos que se comunicam por meio de sinais. Assim, as comunidades indígenas que possuem sujeitos surdos se configuram em um campo de pesquisa que fomenta os Estudos Surdos, por trazer à tona a diversidade de línguas de sinais existentes no Brasil.

> Os futuros linguistas surdos poderão registrar a Língua de Sinais Brasileira e as Línguas de Sinais indígenas, pois, embora o Brasil conte com 225 etnias indígenas, que falam 170 línguas orais, há apenas uma Língua de Sinais registrada – a LSK Língua de Sinais Kaapor) – cuja existência é mencionada apenas em dicionários ou mesmo em sites (Vilhalva, 2012, p. 29).

Desse modo, saber da existência de indígenas Cinta Larga surdos me levou a desejar pesquisá-los, surtindo nessa pesquisa que tem como objetivo geral o registro da Língua Indígena Cinta Larga de Sinais (LICLAS) utilizados por surdos pertencentes à etnia Cinta Larga

residentes no Parque Indígena (PI) Aripuanã no território de Vilhena, Rondônia e Juína, Mato Grosso.

Saliento que nessa tese criei a denominação da língua como Língua Indígena Cinta Larga de Sinais (LICLAS[4]). Esta sigla segue uma nova perspectiva sobre as nomenclaturas na área das LIS, que defendem que a etnia seja inserida antes da modalidade da língua, conforme utilizado pelo pesquisador indígena Santos (2024), como forma de valorização e reconhecimento da identidade indígena surda.

Como objetivos específicos, buscou-se realizar uma análise preliminar linguístico descritiva embasando-se em aspectos linguísticos das LS nos níveis: **fonológico**, para identificar e analisar os parâmetros fonológicos (configuração de mão, locação, movimento, orientação da palma da mão e expressões não manuais) e os pares mínimos; **morfológico**, para identificar e analisar como ocorre os processos de composição, classificadores como formadores de sinais, derivação e incorporação da negação; e **sintático**, para averiguar como ocorre o uso do espaço de sinalização e os mecanismos de apontação pronominal. Ainda, demonstrar e analisar os a manifestação dos números e a expressão das cores.

Analisar esses três níveis linguísticos corroboram para a afirmação da existência de uma LS, pois "busca uma correlação com a descrição da estrutura da forma de uma língua" (Silva, 2021, p. 61). Desse modo, para realizar as análises preliminares da LICLAS, os estudos linguísticos das LS, com ênfase na Libras, nas LIS brasileiras e em LS não urbanas serviram de base teórica e inspiração.

Cabe salientar que, neste estudo, língua é entendida como uma atividade social, que age como um instrumento de interação entre sujeitos no contexto social de comunicação. Seguindo a mesma concepção de Val (2005, p. 26) pensamos em "[...] língua como sistema maleável, sujeito à ação dos falantes, ou mesmo, um sistema que prevê a atividade produtiva e interpretativa dos seus usuários."

Assim, por meio dos registros obtidos ao observar, elicitar e participar da interação comunicativa realizada pelos indígenas surdos em variados contextos, bem como as análises linguística descritivas dos sinais e sentenças, foi possível afirmar a existência da LICLAS e que se mostra relevantemente corroborando para o aumento das produções científicas que tratem, por meio de parâmetros de conceitos linguísticos, de registro e análise do sistema linguístico de indígenas surdos.

Além de cumprido com a obrigação de uma tese de doutorado ao se demonstrar inédita

[4] A vogal "A", na sigla LICLAS, refere-se ao nome **La**rga e permaneceu junto a consoante "L" para facilitar a pronúncia.

por revelar, registrar e analisar uma LIS nunca estudada, a metodologia utilizada se mostrou adequada ao contexto dos indígenas surdos, pois seguiu os trâmites/preceitos éticos que permeiam uma pesquisa científica com seres humanos, bem como se preocupou em propiciar aos indígenas surdos participantes o real entendimento quanto a sua participação. Além disso, priorizei uma abordagem de campo que intencionou ser o mais natural possível, para o registro de uma língua em contexto de uso.

A apresentação de um novo registro de uma LIS impulsiona os Estudos Surdos no contexto amazônico, possibilitando novos rumos e referenciais para o reconhecimento e ampliação dos registros das LIS, apontando e evidenciando a diversidade linguística do povo surdo, no qual, por anos, se pautou quase que exclusivamente, como um povo único e igual, sem influências culturais e linguísticas independente da cultura na qual está inserido. Em busca de apresentar, nesta pesquisa, informações e resultados que caminham para obtenção dos objetivos propostos, a tese apresenta outras oito seções, para além desta introdução.

Na **segunda seção**, objetivando que o leitor se contextualize com a etnia pesquisada, conhecendo algumas de suas peculiaridades, apresento informações sobre o povo indígena Cinta Larga, de forma geral, quanto dos próprios ambientes pesquisados, as aldeias Ponte, Asanuééj e Tenente Marques. Enfatizo sua história, a qual envolve sua denominação, contato com os não-indígenas, sua trajetória demográfica e populacional, aspectos da cultura, língua, divisão social e política, economia, alimentação, divisão de trabalho e misticismo, realizando recortes de sua história passada e de sua atualidade.

A **terceira seção** foi destinada a discorrer, resumidamente, sobre a história do povo surdo, mais direcionada à língua. Destaco, em variados períodos históricos, como os surdos eram compreendidos, devido a se comunicarem por uma modalidade diferente de língua, bem como a trajetória dos estudos linguísticos que impulsionaram a conscientização de que essa comunicação se tratava de línguas genuínas, inserindo-as no campo dos estudos linguísticos assim como as Línguas Orais (LO). Ainda, abordo a área da Língua de Sinais Emergentes (LSE), conceituando e destacando as tipologias e, em seguida, as LIS brasileiras, com ênfase nas Língua de Sinais Ka'apor (LSK) e Língua Terena de Sinais (LTS), e na difusão das pesquisas com indígenas surdos no Brasil.

Na **quarta seção,** apresento a metodologia utilizada nessa pesquisa, conceitualizando a pesquisa etnográfica e descrevendo sobre o percurso percorrido para a realização da pesquisa em campo, desde os procedimentos éticos, as etapas de coleta dos dados, aos procedimentos adotados para o tratamento e análise deles. Aqui também há uma breve biografia sobre os principais sujeitos desta pesquisa. Considero todas as informações e descrições relatadas nessa

seção como necessárias para se mostrar ao leitor, com riqueza de detalhes, o processo necessário percorrido para a realização de uma pesquisa etnográfica com indígenas.

A partir da **quinta seção** inicia-se a análise dos dados. Desta, até a sétima seção, optou-se por discorrer sobre a teoria linguística de cada elemento linguístico aprofundado em cada um dos três níveis (fonológico, morfológico e sintático) das LS e/ou LSE e/ou LIS e, seguidamente é apresentada a análise da LICLAS. Essa mesma organização teórica e análise dos dados ocorre na oitava seção. Possivelmente, a quinta seção seja a mais almejada pelo leitor, pois apresento os registros da LICLAS distribuídos em oito quadros contendo os sinais do campo lexical, verbo, pronomes e designação para pessoas, representações numéricas e monetárias, meios de transportes, alimentos e frutos, objetos, nomes e diversos, seguido de um quadro com sentenças. Por conseguinte, abordo alguns aspectos da teoria fonológica das LS (Cinco parâmetros fonológicos e os pares mínimos), identificando e analisando essa teoria nos registros da LICLAS.

A **sexta seção** traz abordagens sobre a morfologia nas LS, ao passo que são postos os conceitos teóricos de formação de sinais por composição, por classificadores, processo de derivação e incorporação da negação nas LS, com ênfase na Libras, são elencados e analisados os sinais e sentenças que apresentam em sua formação tais conceitos.

A **sétima seção** discorre sobre a sintaxe das LS, especificamente, os mecanismos da sintaxe espacial como o uso do espaço de sinalização e o mecanismo de apontação pronominal. Tais especificidades são observadas nos sinais e nas sentenças, demonstrando como essas se posicionam e agem no processo de interação comunicativa dos indígenas Cinta Larga surdos.

Obtendo um vasto registro de sinais e sentenças, a **oitava seção** de explora, ainda mais, o léxico dos indígenas Cinta Larga surdos. Neste, são analisados como se manifestam o léxico dos números e das cores, utilizando estudos já realizados com outras LIS como fonte de análise investigativa dessas manifestações.

Na última e **nona seção**, retomo os resultados das análises, os quais caminharam para a consolidação dos objetivos propostos, corroborando com a defesa de que se trata de uma LIS. Posteriormente, constam as referências, apêndices e anexos.

Por fim, leva-se em consideração que a comunicação sinalizada das comunidades indígenas surdas precisa ser respeitada e reconhecida como estrutura linguística, sendo essa uma preocupação que instiga a urgência de registro a fim de evitar a extinção e/ou abafamento dessas possíveis línguas.

2 PANORAMA SOCIAL, GEOGRÁFICO, HISTÓRICO E CULTURAL DO POVO INDÍGENA CINTA LARGA

Entendemos ser essencial conhecer o povo participante desta pesquisa no âmbito do trabalho de campo, mas, sobretudo, é relevante conhecermos sua história, pois esse retorno ao passado nos traz reflexão e entendimento de como se apresentam na atualidade.

Ainda, abordar sobre o povo indígena Cinta Larga possibilita a compreensão, nem sempre tão explicita aos olhos, da motivação ou referente utilizado na formação dos sinais e sentenças da LICLAS que estão apresentados na seção 5, propriamente na subseção *5.1 Registros da Língua Indígena Cinta Larga de Sinai.*

Portanto, corroboramos com Gregianini (2023, p. 120) em que, ao mapear e analisar a cultura presente nos Sinais Paiter Suruí (SPS), afirma que a cultura indígena a qual o indígena surdo está inserido interfere, naturalmente, na formação dos sinais, pois "os indígenas surdos, a partir da sua cultura visual, apropriam-se do significado que ora foi coletivo e, por sua visualidade individual, criam novos significados de acordo com a sua visão e sua relação com o meio em que estão inseridos, ou seja, a sua relação com o mundo".

Neste viés, entendemos ser necessária a abordagem histórica e cultural do povo indígena Cinta Larga, tanto para propiciar uma visão geral desse povo, que favorece o conhecimento e entendimento sobre a organização estrutural e sociocultural das três aldeias as quais foram os campos de pesquisa nesse estudo, como para possibilitar que o leitor faça correlação dos aspectos culturais deste povo na formação dos sinais. Assim, pontuamos que os aspectos culturais do povo indígena Cinta Larga trazem o entendimento para o leitor do porquê tal sinal é sinalizado daquela forma e não de outra, o que, aos nossos olhos, surte mais sentindo.

Para isso, buscamos informações registradas nas literaturas, nos trabalhos de historiadores, antropólogos, em sites, para abordar nessa seção valiosas informações sobre este povo.

2.1 DENOMINAÇÃO E HISTÓRIA DO CONTATO

Apesar de ser comum a autodenominação entre os povos indígenas utilizando expressões genéricas como "nós", "nós mesmos", "nossa gente", existem versões sobre a autodenominação do povo indígena Cinta Larga. Como nosso objetivo não é designar esse povo, muitos menos apontar o certo ou errado em suas histórias e concepções, abordaremos o que se disse e tem dito, respeitando a história e identidade deles.

Na primeira versão, segundo o ISA (2003, n.p.), eles se eximem da atribuição de se autonomearem e deixam evidente o desejo de serem nomeados, sendo enfáticos ao dizerem que "a gente não chama, nome quem dá é os outros". Assim, os regionais, motivados pelo cinturão feito de entrecasca da árvore Tauari, o qual era usado constantemente utilizado na cintura dos indígenas, atribuíram a eles o nome de Cinta Larga e, posteriormente, foi adotado pela Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI).

A segunda versão nega a primeira, na qual Edir Cinta Larga (2016, p.) em seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) afirma a autodenominação como *Panderééj*. O autor, como indígena desse povo, rebate e se recusa a usar o nome Cinta Larga, afirmando se tratar de um nome antigo posto pelos não indígenas durante a invasão do território indígena. Ainda, o autor coloca a necessidade de reconhecimento de seu povo sob aquele etnônimo.

Não é novidade que o contato entre povos não indígena e indígena gerou muitas perdas, desde as próprias vidas ceifadas, às culturais e linguísticas. Não diferentemente dos outros povos indígenas, digamos que até de modo mais agressivo, o povo indígena Cinta Larga teve sua vida violentamente invadida e modificada após o contato com os não indígenas (Dal Poz Neto, 1991).

Existe uma certa dúvida sobre o primeiro contato, visto a diversidade de povos indígenas avistados pelos não indígenas durante o "desbravamento" territorial. Segundo ISA (2003), há indícios de que o primeiro contato ocorreu em 1727, quando o bandeirante Antônio Pires de Campos se deparou com a Nação Cavihis ao atravessar a Chapada dos Parecis. Acredita-se, que a Nação Cavihis, na verdade, sejam os Cinta Larga, devido à localização geográfica e os dados etnográficos.

O dia mais certeiro do primeiro contato entre os não indígenas e os Cinta Larga ocorreu em maio de 1915, durante a travessia realizada pela equipe da Comissão Rondon, do atual Parque Aripuanã para efetuar a exploração do rio Ananaz. Ao acampar próximo ao ribeirão dos Perdidos, a equipe sofreu um ataque de indígenas que, após inquérito realizado pela Comissão de Linhas Telegráficas, foram denominados de "araras" devido ao uso de penas, relacionado às características de vestimentas dos Cinta Larga. Neste confronto, foram mortos o chefe, tenente Marques de Souza e o canoeiro Tertuliano (ISA, 2003).

Dal Poz Neto (1991) evidencia que devido aos grupos linguísticos Tupi Mondé estarem situados distantes da linha telegráfica, eles conseguiram se manter isolados até a década de 50, década que marcou o início dos embates entre eles e os seringueiros e garimpeiros, que vieram em busca de usufruir da abundância de riquezas naturais nas terras habitadas pelos indígenas.

Além disso, os conflitos se intensificaram e se agravaram em 1960 com a inauguração da estrada Cuiabá-Porto Velho (BR 364).

Sentindo-se constantemente ameaçados e reagindo em defesa, o povo indígena Cinta Larga foi considerado hostil, sendo vistos como entrave à expansão e modernização idealizada pelo governo. A história dos Cinta Larga é composta por muitos conflitos, de ordem política, extrativista, disputa de território, entre outros. Nisso, sua história ficou manchada de sangue, com massacres que ceifaram não indígenas e indígenas. Neste segmento, o Massacre do Paralelo 11foi o que tomou proporção internacional pelo nível de crueldade.

> Trata-se de um crime com um conteúdo de violência que chocou o mundo e ficou internacionalmente conhecido como Massacre do Paralelo 11. [...] Esse assassinato em massa de cintas-largas foi cometido por pistoleiros a soldo de empresários sem nenhum escrúpulo, com cobertura de funcionários oficiais, entre eles o próprio diretor do SPI, o major da Aeronáutica Luiz Vinhas Neves, em meados dos anos 60 (Capozzoli, 2004, n.p).

Entre os vários entraves, antes houve tentativas de "pacificação" provocadas pelos Cinta Larga, todavia, pode-se dizer que esse fato aconteceu no ano de 1974, quando um grupo foi até a cidade em busca de ferramentas (ISA, 2003).

Atualmente, os conflitos ainda acontecem, agora ocasionados pela extração ilegal da madeira e, principalmente, pela extração ilegal de pedras preciosas (diamante e ouro). Segundo a Revista Época (2009), em meados da década de 70, os Cinta Larga decidiram realizar acordos com os extrativistas ilegais. Tal atitude foi otimizada pela tentativa de acabar e/ou minimizar os conflitos com os garimpeiros, bem como a negligência do governo com seu povo, pois propostas governamentais são oferecidas em troca do fechamento do extrativismo ilegal, porém, como o governo não cumpre como o prometido, o acesso ao garimpo é novamente permitido, devido a necessidade de fonte de sustento.

> O lucro é dividido entre os garimpeiros proprietários das máquinas e os caciques. Cerca de 6% são distribuídos entre os garimpeiros pobres, índios mais jovens e as cozinheiras dos acampamentos. A matemática seria boa, mas os índios alegam ter sido roubados com freqüência por atravessadores de diamantes (Revista Época, 2009, n.p.).

Na busca de uma solução que trouxesse benefícios para o povo e, desse modo, acabar com os conflitos referentes à ilegalidade de madeira e pedras preciosas, a Coordenação das Organizações Indígenas do Povo Cinta Larga (PATJAMAAJ) atua na luta pela concessão de

direito aos indígenas de comercializar livremente todos os produtos de extrativistas que estejam em seu território. Tal direito resultaria em benefícios diretos aos indígenas, legalidade dos seus produtos, valores reais, pois dispensa atravessadores, culminando assim, numa melhor condição de vida às comunidades (Cardozo, 2016).

Enquanto a luta da PATJAMAAJ não é alcançada, tentativas de acordos legais e ilegais ocorrem e os conflitos perduram, mesmo que em menor teor de crueldade. As comunidades continuam necessitando de recursos, a degradação de seus territórios continua ocorrendo ilegalmente, e os indígenas se veem sem saída, a não ser, serem complacentes com o extrativismo ilegal, tirando o máximo possível de dinheiro dos atravessadores.

A vista do disposto, regularizar a extrativismo de pedras preciosas e madeira seria uma tentativa de acabar com os conflitos e, ao mesmo tempo, proporcionar uma vida digna aos indígenas Cinta Larga, em conformidade com as mudanças culturais sofridas durante todo esse conturbado e cruel histórico desse povo.

2.2 DEMOGRAFIA E POPULAÇÃO

Segundo dados do Siasi/Sesai (2014), os Cinta Larga têm uma população estimada de 1954 indígenas, distribuída em quatro Terras indígenas (TIs) que somam um total de 2.732.561 hectares. Segue, segundo Cardozo (2016, p.15), as quatro TI, suas localizações e quantidade territorial individual:

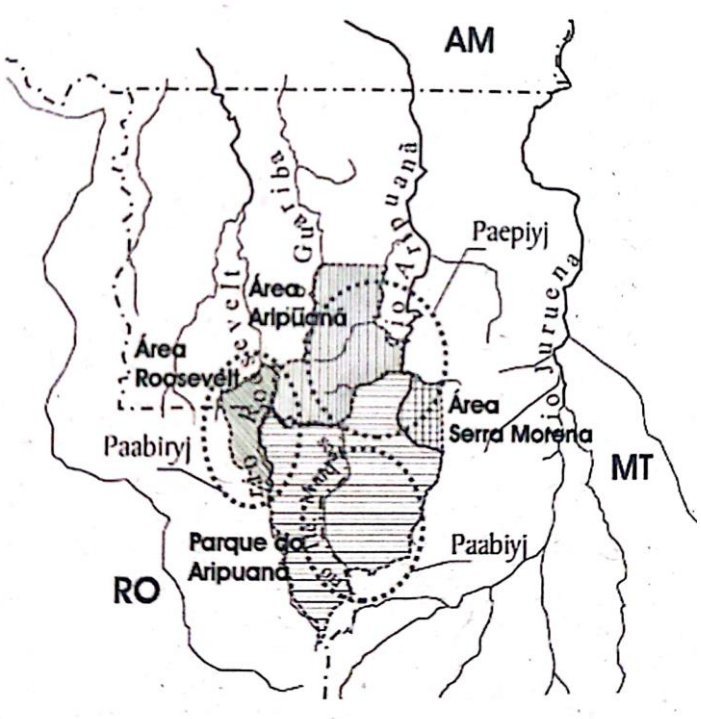
- TI Roosevelt, com 230.826 hectares, localizada nos Municípios de Espigão D' Oeste/RO e Rondolândia/MT;
- TI Aripuanã, com 750.649 hectares localizada nos Municípios de Aripuanã e Rondolândia/MT;
- PI Parque Indígena Aripuanã, com 1.603.250 hectares, localizada nos Municípios de Juína/MT e Vilhena/RO; e
- TI Serra Morena, com 147. 863 hectares, localizada nos Municípios de Aripuanã e Juína/MT.

Dentro dessas TIs estão as 27 aldeias deste povo, sendo sete na TI Roosevelt, nove na TI Aripuanã, sete na PI Aripuanã e quatro na TI Serra Morena (Cardozo, 2016). Portanto, o território tradicional dos Cinta Larga ocupa parte do Estado de Rondônia e Mato Grosso. Cardozo (2016, p. 14) afirma que esse povo tem os rios como referência para a distribuição espacial dos seus agrupamentos, cujos territórios ocupam as imediações dos rios, se estendendo da:

> [...] margem do rio esquerda do rio Jurema, junto ao rio Vermelho, até a altura das cabeceiras do rio Juína Mirim; das cachoeiras do Rio Aripuanã até o salto de Dardanelos; nas cabeceiras do rio Tenente Marques e Capitão Cardoso e as cercanias dos rios Eugênia, Amarelo, Amarelinho, Guariba, Branco do Aripuanã e Roosevelt.

São três os grandes agrupamentos populacionais formados nesse território tradicional: ao sul, se localizam os Paábiey (“os de cima”), ou também chamado de Obiey (“das cabeceiras”), nas proximidades do rio Tenente Marques e Eugênia, e os Pabirey (“os do meio”), que se situam nas confluências do Capitão Cardoso com o Roosevelt; ao norte, estão os Paepiey (“os de baixo”), instalados nos rios Vermelho, Amarelo e Branco (Cardozo, 2016).

Figura 1 - Agrupamentos e áreas Cinta Larga



Fonte: Dal Poz Neto (2004, p. 89).

A vista disso, os rios desse território possuem, além da funcionalidade de obtenção de água, alimento e via de acesso, sendo um recurso de referência de demarcação e nomeação territorial de seu povo.

2.3 PATRIMÔNIO CULTURAL INDÍGENA: CONCEITO DE MATERIAL E IMATERIAL

No Artigo 216 da Constituição Federal (Brasil, 1988), patrimônio cultural é conceituado como sendo os bens "[...] de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira". Como posto, o patrimônio cultural é composto por bens materiais e imateriais de grupos sociais. Cabe, portanto, inserirmos os conceitos dessas divisões já direcionadas para os povos indígenas. Assim, agregamos a figura a seguir objetivando trazer esses conceitos de modo ilustrativo, como um complemento para diferenciá-los.

Figura 2 - Representação do patrimônio material e imaterial indígena



Fonte: Ilustrado por Justino Tiriyo, disponibilizada em Gallois (2006, p. 8).

A figura posterior foi utilizada por João Asiwefo Tiriyó durante uma apresentação no 2º Seminário Regional do Iepé em São José de Macapá/Fortaleza que ocorreu entre os dias 7 e 11 de novembro de 2005. Nessa ocasião, João completou dizendo que, mesmo sendo conceitos diferentes, a "mistura" deles é que favorece a riqueza patrimonial indígena, afirmando:

> Todos nós sabemos que o imaterial é a fonte do patrimônio material. Para nós, é *entu*, fonte. Está na cabeça desse rapaz que desenhamos, está no pensamento dele. Se ele não tiver esse conhecimento dentro dele, como é que ele vai fazer os enfeites que ele está usando aqui, como é que ele vai poder repassar para os filhos dele? O patrimônio imaterial é o conhecimento que foi repassado para esse rapaz. É o invisível que está dentro, que comanda tudo. O

> conhecimento que ele tem para fazer os adornos que ele vai tecendo. Isso quer dizer que ele não deixou acabar o conhecimento (Gallois, 2006, p. 8).

Por meio da descrição analítica da figura criada por João Asiwefo Tiriyó, fica evidenciado que é por meio do patrimônio imaterial (práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas), enfim, todo conhecimento repassado de geração em geração, que então se concretiza o patrimônio material, sendo este a criação/produção de algo concreto a partir dos conhecimentos (cocares, redes, brincos, músicas, danças etc.).

Queremos frisar que os patrimônios culturais indígenas existem, são importantes, não são estáticos, mudam, assim como em qualquer cultura. Esse é um grande dilema que, com ênfase, os povos indígenas sofrem. Erroneamente, há uma ideia de que seus patrimônios culturais não podem sofrer alterações, a eles não são permitidas mudanças. Esse processo não é algo aceito de uma forma natural e dinâmica assim como em outras culturas.

> Etnicizar o patrimônio cultural imaterial é uma tendência que resulta de intervenções mal-informadas a respeito dos processos de apropriação e valorização cultural em curso há séculos, através de redes de troca que não reconhecem fronteiras étnicas. A própria noção de grupo étnico também é questionável, pelas mesmas razões. A cultura de grupos particulares, da região do Amapá e norte do Pará como de outras partes do mundo, não pode ser abordada como um conjunto fixo de elementos, que resistiriam inertes ao passar do tempo. O processo inclui perdas, mas também acréscimos. E a incorporação de elementos novos ilustra exatamente a vitalidade de uma cultura, como explica João Tiriyó, ao falar das miçangas. É o que dizem também os Wajãpi, para quem todos os importantes saberes veiculados até hoje e, especialmente cantos e danças, foram literalmente "roubados" de outros, sejam eles animais, inimigos, ou grupos vizinhos. É essa interpretação a respeito da origem de saberes e fazeres dos mais diversos, rememorada por meio de narrativas e constantemente atualizada nas práticas específicas dos Wajãpi, que constitui, justamente, seu patrimônio cultural imaterial (Gallois, 2006, p. 24).

Indígena tem que ser índio, iguais àqueles relatados nos livros de história, sem roupas, morar em grandes malocas, usar arco e flecha para caçar seu alimento, falar somente a língua indígena, ou seja, aquele ser que um dia, antes do contato com o não indígena, sobreviveu única e exclusivamente dos recursos naturais.

Poucos são os grupos indígenas que hoje se mantêm totalmente isolados, sendo incoerente até mesmo enumerar e classificar quem são, pois as informações sobre eles são advindas apenas de indícios, e, "de acordo com os dados do ISA e de seus colaboradores, há na

Amazônia brasileira mais de 70 evidências de índios isolados, mas não se sabe ao certo quem são, onde estão, quantos são e que línguas falam" (ISA, 2023, n.p.).

2.4 RECORTES DO PATRIMÔNIO CULTURAL DO POVO INDÍGENA CINTA LARGA NA ATUALIDADE

As mudanças culturais e seus impactos são uma temática muito debatida e que resulta, na maioria das vezes, preocupação por parte dos próprios indígenas, dos indigenistas, dos órgãos e autoridades competentes que objetivam a defesa e zelo pelos povos indígenas. Destacamos que as informações apresentadas nesta subseção e suas subdivisões são advindas de pesquisa bibliográfica sobre o povo indígena Cinta Larga em conjuntura com informações obtidas e observadas durante a coleta de dados, ou seja, são dados para além do corpus linguístico.

Apresentaremos, sem distingui-los entre material e imaterial, alguns patrimônios culturais do povo indígena Cinta Larga, ressaltando que, nessas textos se faz uma relação entre as informações advindas das literaturas sobre o povo indígena Cinta Larga e informações que são resultados do observado na vivência e pelos diálogos informais com os membros da comunidade das três aldeias pesquisadas.

Desse modo, não iremos afirmar, de modo generalista a todo povo indígena em questão, mas podemos inferir as mudanças ocorridas em comparação a literatura e a atualidade, e que existe uma grande possibilidade de estar ocorrendo em todo o povo.

2.4.1 Língua e divisão social e política

Seguindo nesse prisma de quebra de paradigmas sobre os povos indígenas, não podemos ainda persistir na estimação comum de que eles utilizam no processo de interação comunicativa, apenas a sua língua natural.

O Censo de 2010 aponta para o quantitativo de 274 línguas indígenas brasileiras faladas por 305 etnias. Dentre esses indivíduos, 37,4% (considerando a faixa etária de 5 anos ou mais) falavam a língua indígena e 17,5% não falavam a Língua Portuguesa (LP) e 76,9% falavam. Verificamos, portanto, que há um considerável número de indígenas bilíngues. Até o momento, o Censo de 2022 não divulgou o levantamento sobre as LIS, no entanto, ao abordar os dados de 2010, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2023, p. 7) denotou "[...] uma

ampla diversidade étnico-linguística desses povos, a qual também foi considerada nos desenhos operacional e metodológico do Censo Demográfico 2022".

Desse modo, houve a constatação do bilinguismo[5] dentro das aldeias pesquisadas, pois os Cinta Larga se comunicam prioritariamente por meio da sua língua materna denominada de Língua Cinta Larga, a qual advém da família linguística Tupi Mondé, tronco Tupi, como também alguns membros da comunidade utilizam a LP.

Contudo, eles estipularam uma "regra interna" para o uso dessas duas línguas. Entre eles, os parentes, sempre é utilizada a língua materna, não tendo sido presenciada, em campo, alguma conversa entre eles em outra língua. Funciona como se a LP fosse unicamente utilizada com os não indígenas, seja por professores da aldeia, visitantes indígenas de outras etnias e não indígenas, equipe de órgãos governamentais, entre outros.

A mistura dessas duas línguas, num mesmo momento, sucede quando interlocutores indígenas estão participando de um mesmo diálogo com não indígenas. O uso da Língua Cinta Larga ocorre quando a fala é direcionada aos parentes, e em LP quando se destina ao não indígena. Vemos, portanto, que ainda em meio a pessoas que não falam a língua Cinta Larga, a utilização dessa entre os parentes é priorizada.

Percebemos que as crianças com idade entre 2 e 4 anos somente entendem comando e se comunicam por meio da língua materna. Esse é um indício de que a língua Cinta Larga se mantém firme como um patrimônio cultural, pois segue sendo a primeira língua e passada de geração em geração. Assim como os pais, a escola também age como preservadora da língua, tendo em seu quadro de professores, um professor indígena morador da própria aldeia que cumpre com o objetivo de oficializar esse ensino e completar os ensinamentos dos pais. Em consonância, a LP é ensinada como segunda língua.

Em conversas informais, eles veem como necessário o aprendizado dessa segunda língua, como forma de se protegerem de enganações dos não indígenas. Inclusive, houve muitas reclamações sobre terem sido enganados por não saberem ler o que estavam assinando e serem financeiramente lesados por isso.

Com relação às divisões sociais e políticas, seguem os mesmos grupos mencionados por Dal Poz Neto (1991), os *Mân* (com várias subdivisões), *Kakín* (com subdivisões) e *Kabân* (sem subdivisões) em sua organização social. No quadro a seguir, são apresentadas as subdivisões e a descrição de cada clã.

[5] Esse termo é aqui utilizado no sentido de que há comunicação verbal em outra língua além da materna, neste caso, na Língua Portuguesa.

Quadro 1 - Sistema de Patrônimos Cinta Larga

PATRÔNIMO	SUBDIVISÃO E DESCRIÇÃO
KABAN	Kabanyj - Árvore conhecida regionalmente como “mirindiba”, cujo fruto possui sabor azedo, de cor amarela, como uma uva, mais fina e comprida.
MAM	Mamderyj - Castanheira de ouriço maior e redondo Mamdolyj - Castanheira alta Mamjipoapyj - Castanheira de ouriço com extremidade saliente Mamjipyj - Castanheira baixa
KAKIN	Kakinderyj - Cipó grosso tem fruto semelhante a uma cabaça akingipyj - Fruteira abi, conhecida regionalmente como pama; também denominada “dabevyryj” Kakin va´apterryj - Taboca usada para fabricar clarinetas

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Cardozo (2016, p. 13).

Como visto, esse povo se distingue por agrupamentos que são estabelecidos de acordo com a posição geográfica que dominam. Essa distribuição espacial é realizada com base na direção que correm as águas dos rios Aripuanã e Roosevelt (neste trecho, seguem quase que paralelos). Estima-se que antes da instalação do posto da FUNAI, esses grupos possuíam a seguinte distribuição: os *Kabân* ao norte, na região dos rios Branco e Vermelho, os *Mâmderey* no meio, e os *Mâmjiwáp* nas cabeceiras dos rios Tenente Marques e Eugênia (ISA, 2003, n.p).

Ainda, Dal Poz Neto (1991) afirma que a essas divisões são atribuídas características específicas que se referem a traços fenotípicos e diversidade linguística. Diferenças nos traços do rosto e cor de pele foram bastante notórios, sobretudo, com os indígenas do território do Mato Grosso.

Em visita à aldeia Tenente Marques-MT, nos deparamos com crianças indígenas com cabelos num tom entre loiro e ruivo. Ao nos surpreendemos com a tonalidade incomum naquela região, Márcia nos alertou para não comentar em alto tom, pois naquela comunidade, principalmente as mães, sentiam-se desconfortáveis com essas características das crianças, devido aos falatórios sobre elas não serem filhos de seus pais indígenas. Márcia nos explicou que eles possuem essa característica por serem de outro clã, os Kakin, tendo, assim como suas tias, os cabelos avermelhados.

Segundo Dal Poz Neto (1991) era característico desse povo a formação de várias aldeias de pequeno porte, comportando entre cinquenta e cem pessoas, porém, essa dinâmica social foi se modificando com o tempo, principalmente, devido a influência da FUNAI:

> Ainda em fins da década de 60 os cinta larga mantinham talvez mais de trinta aldeias, geralmente situadas junto a pequenos córregos, segundo testemunharam sertanistas e missionários que sobrevoaram o território banhado pelos rios Roosevelt, Aripuanã e afluentes. Poucos anos depois, em 1976, um mapa elaborado pelo fotógrafo Jesco Von Puttkamer (reproduzido adiante) assinala com precisão dezesseis aldeias Cinta Larga e dois postos da FUNAI. Nos anos seguintes de a população e a atração que os postos da FUNAI exerceram, concentrando ali a população indígena, reduziu substancialmente o número de aldeias (Dal Poz Neto, 1991, p. 38).

Essas aldeias são criadas pelo homem indígena que se dispõe a realizar atividades em prol de um coletivo, que entre outros feitos, inicia uma plantação, constrói uma nova casa, propicia festas, recebendo o título de “chefe da casa” - zápiway. Neste contexto, as aldeias possuem uma organização social pautada na família nuclear, na qual é quase que autossuficiente e possui liberdade de mudar de uma aldeia para outra. Nas aldeias mais extensas, verificou-se a convivência de três a cinco famílias dentro de uma única grande casa, sendo alguns relacionamentos tão complexos a seus olhos, na tangente de parentesco, que se tornou difícil identificá-los (Dal Poz Neto, 1991).

Informações mais detalhadas sobre as aldeias visitadas estão relatadas a seguir nesta seção, precisamente na subseção 2.5 a 2.5.3. Mas, de forma geral, podemos descrever que as aldeias mais antigas variam de grande a médio porte, exceto aquelas formadas recentemente.

Cardozo (2016) relata que após o contato com os não indígenas, os Cinta Larga passaram a ter novas necessidades como, por exemplo, a busca de atendimento à saúde por conta das novas doenças trazidas pelos não indígenas e o desejo e atração pelos bens de consumo, como ferramentas, alimentos, entre outros. Assim, ouvimos relatos da comunidade de que essas novas necessidades foram as principais motivações para a formação de aldeias mais próximas ao centro urbano.

Um fato novo percebido com relação a essa dinâmica na formação das aldeias, é que a necessidade de privacidade foi citada como motivação para formação de novas aldeias. Os argumentos principais se pautam na dificuldade para alguns se estabelecerem financeiramente em um ambiente comunitário em que não se objetiva os mesmos desejos e não há esforço mútuo. Seria uma mudança na dinâmica social desse povo? Pode ser que sim, ou pode ser algo muito restrito a alguns e pare nestes. O tempo irá trazer essa resposta.

Como posto, há indícios que a coletividade que um dia foi bastante forte e empregada, atualmente, tende a individualidade. Vivem lado a lado, mas cada família tem sua casa, os núcleos familiares ficaram mais restritos a consanguinidade e, as decisões, comando e controle de suas famílias mais individualizados, assim como o parentesco mais claramente definido.

Com relação ao casamento, Dal Poz Neto (1991, p.48) observou um emaranhado de formas de matrimônio que, em muitos casos, depois de analisados, contrapõem-se ao observado e interrogado pelo autor. Por fim, ele afirma que "[...] a aliança formula-se através da regra avuncular, mecanismo primário do sistema matrimonial, preferência que os dados empíricos também evidenciam". Ainda nesse tocante, a poligamia é praticada por esse povo, não sendo algo exclusivo dos chefes ou "donos da casa" (*zápiway)*.

Não iremos garantir que não existam casamento avuncular[6] e que as meninas não mais se casam com idade entre oito e dez anos, mas podemos afirmar que esse tipo de matrimônio não é mais o mecanismo primário do sistema matrimonial. Atualmente, os casamentos ocorrem essencialmente através da aceitação da família e dos pretendentes, e as moças se casam com idade superior a quatorze anos.

A poligamia é existente nas três aldeias pesquisadas, porém, tem sido uma questão geradora de desacordos matrimoniais. Não há mais unanimidade de aceitação desse tipo de matrimonio entre as mulheres indígenas. Conhecemos um caso em que a mulher se separou do marido por não se aceitar outro casamento, assim como seus filhos não aceitaram essa outra união. Dentre os fatores que não podem ser observados (por ser algo íntimo a cada indivíduo) sobre a causa da resistência à poligamia, mas supomos estar relacionado à influência conjugal dos não indígenas.

2.4.2 Economia, alimentação e divisão de trabalho

Quanto à economia do povo indígena em questão, segundo ISA (2003, n.p.) de forma geral "[...] organiza-se segundo três eixos: divisão sexual do trabalho, oposição entre aldeia e floresta, e alternância das estações", que se perpetuam, mas modificados e não exclusivos.

O recebimento de aposentadorias, bolsas do governo federal e a prática da pecuária, acoplaram-se às atividades que antes eram praticadas como essenciais à sobrevivência. Dentre essas práticas estão a caça e pesca, que hoje se mostram como um momento de lazer. A caça exibe também uma competitividade entre os praticantes. É muito comum que essas duas

[6] Casamento da filha com o irmão da mãe.

atividades sejam realizadas em consonância, aproveitando um mesmo momento para realizá-las. A preferência na caça é por paca, mutum, queixada e jacaré; já a pesca se baseia em peixes de acordo com a biodiversidade dos rios mais próximos, no caso, peixes de menor tamanho, independentemente se são de escamas ou couro.

O cultivo da roça é outra atividade econômica, sendo praticada por quase todas as famílias, através de um trabalho cooperativo, em que continua sendo conforme descrito por Dal Poz Neto (1991, p. 14): “faz-se, pode-se dizer, o estritamente necessário: derrubadas e queimadas pelos homens, mas plantadas com a ajuda das mulheres [...]”. O autor ainda menciona que as roças não recebem limpeza, dificultando a colheita, e essa característica pode ser vista perpetuando, conforme figura posterior.

Figura 3 - Colheita de cará



Fonte: Do acervo da autora (2023).

Suas roças se localizam em meio a mata, distantes das aldeias, sendo mudada de local a cada ano. Esses indígenas são bastante conhecedores e atentos ao período de cultivo e colheita de cada alimento e, dentre eles, estão os de principais cultivo: mandioca, cará, batata doce, milho. É muito comum o dono da roça permitir que outros membros da comunidade colham os alimentos cultivados. Neste tocante, não há como falar de alimentação cultural indígena e não falar sobre a chicha. Dal Poz Neto (1991, p. 144) relata que:

> A chicha “é um alimento cotidiano: de mandioca, cará, milho ou batata-doce, tem a consistência de um mingau, e é reputada por sua qualidade nutritiva, pois, dizem, fortalece e “engorda” os consumidores. Nesta culinária pouco

> refinada, tem-se ao menos uma receita mais elaborada: as mulheres cozinham os pedaços, socam, mastigam e acrescentam temperos.

Existe apenas uma diferença na produção da chicha para os dias atuais que, conforme relatos das mulheres, o tubérculo escolhido é socado e não mais mastigado. É comum fazer esse alimento no dia a dia, porém, hoje ele é indispensável em festividades, possuindo um valor simbólico cultural.

Figura 4 - Chicha de cará



Fonte: Do acervo da autora (2023).

Outra prática alimentar que se sustenta é o moquém, também realizado pelas mulheres. Segundo Dal Poz Neto (1991, p. 144), “ao moquém recorrem, para assar a caça ou o peixe, apenas quando obtidos em grandes quantidades, com a finalidade evidente de conservação”. Apesar de ter eletricidade em algumas aldeias, muitas famílias não possuem geladeira ou freezer, recorrendo a essa forma de conservação. Contudo, mesmo os que possuem eletroeletrônicos, optam muitas vezes por moquear, pois o gosto pelo alimento moqueado é apreciado, como uma iguaria.

Figura 5 - Peixe moqueado



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Desse modo, observamos que a alimentação é baseada em insumos adquiridos nas cidades, agregados a caça e pesca, e cultivados nas roças pelas famílias. Destacamos que alimentos antes não consumidos, atualmente, são apreciados há muito tempo pelos indígenas Cinta Larga, tais como doces, bolachas e refrigerantes.

Perpetua-se a divisão de trabalho baseada nas funções dos homens e das mulheres. As mulheres realizam tarefas domésticas, cuidam dos filhos e atividades de plantio e colheita das roças. Em outra parte de seu tempo, dedicam-se à produção de artesanatos como redes, brincos, anéis, pulseiras e colares.

Figura 6 - Brincos de penas produzidos por Guma e Cibita



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Figura 7 - Produção de colares



Fonte: Do acervo da autora (2022).

As atividades destinadas aos homens, assim como relata Cardozo (2016, p. 50), são “a caça, a derrubada das árvores e o preparo para o cultivo, a confecção de arcos, flechas, flautas, adornos plumários, extração de borracha, pesca, construção da casa e limpeza do mato próximo a aldeia.” A essas atividades citadas, excluímos a extração de borracha e acrescentamos a lida com a pecuária.

Em Cardozo (2016) já é relatado que as atividades de produção de artefatos culturais materiais, tanto de responsabilidade masculinas quanto femininas, estão em declínio, pois a nova geração, em grande maioria, não domina os conhecimentos e técnicas de confecções. Essa foi uma constatação nas aldeias pesquisadas, em que foi percebido o distanciamento dos mais jovens aos aprendizados culturais.

2.4.3 Misticismo

Os Cinta Larga são um povo que tem suas histórias baseadas no misticismo, para a explicação de vários fenômenos, como a criação do mundo e acontecimentos do dia a dia. Aspectos da natureza e animais são peças essenciais em seus mitos, sendo os animais os preferidos na temática de seus cantos. Essas características podem ser facilmente percebidas nos relatos de Pichuvy Cinta Larga (1988) registrados no livro *Mantére ma kwé tinhin: histórias de maloca antigamente*.

Apesar da mudança na dinâmica social dos Cinta Larga, essas histórias são comumente recontadas com valia, aos mais novos e aos visitantes. Um fato interessante de ressaltar é que ao que nos parece, as crenças pelo divino, pelos sonhos, não só são recontadas, mas produzidas conforme o que vivem hoje.

Um indício dessa crença nos foi contado sobre o livramento do povo indígena Cinta Larga do coronavírus que, possivelmente, será recontada e fará parte das histórias desse povo, sobre esse período tão catastrófico. Na ocasião, João Cinta Larga [7]contou que, em seu sonho, Deus veio até ele e disse para que não se preocupasse que em seu povo não haveria morte por esse vírus. Ressaltou que estava apreensivo, mas, depois desse sonho, não se preocupou mais. Conforme ele, povos vizinhos como os Paiter Suruí foram afetados e houve mortes, mas com base em sua fé, ninguém de seu povo faleceu desse vírus. Assim, podemos dizer que as histórias

[7] Dado o reconhecimento de João Cinta Larga, tanto por ele mesmo, quanto de seus parentes, população não indígena e autoridades, como João Bravo, iremos utilizar essa nomeação daqui em diante.

e crenças não são as mesmas, elas continuam sendo produzidas à medida que novos fatos vão acontecendo em suas vidas.

Salientamos que nessas subseções anteriores exploramos apenas recortes da cultura do povo indígena Cinta Larga, e muito há o que aprofundar e apresentar. Caberia uma tese somente para essa temática diante da complexidade e exuberância cultural indígena, que se mesclou, e exibe suas transformações mantendo sua essência.

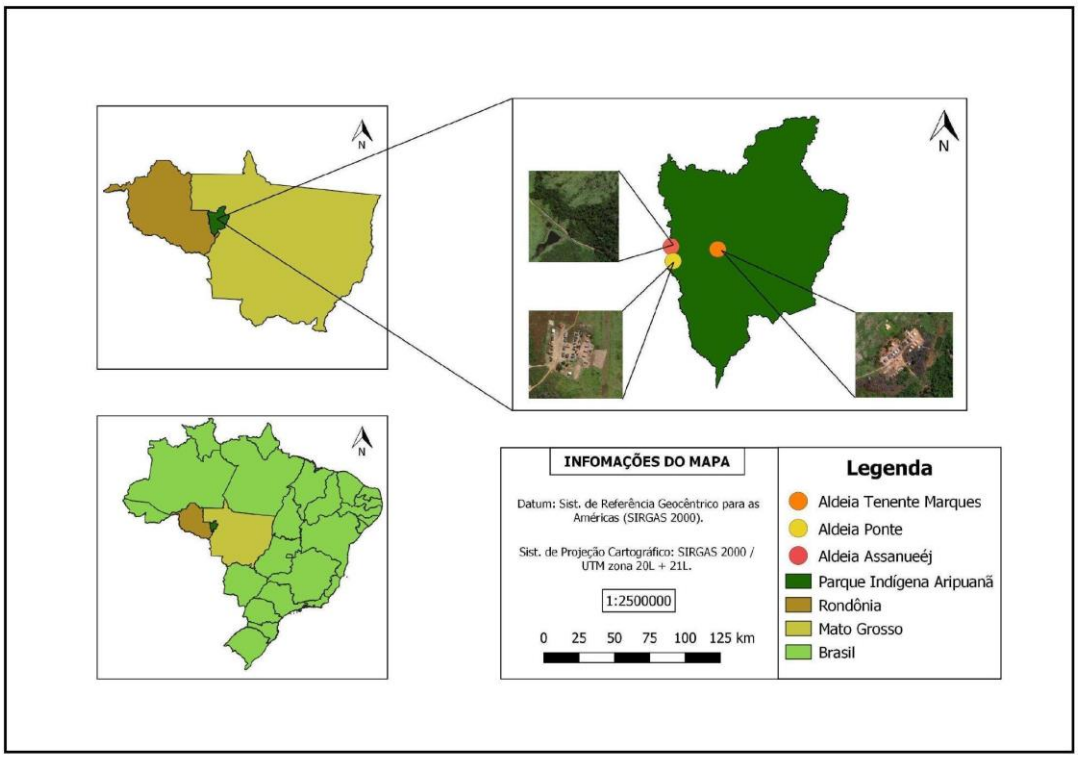
2.5 DEMOGRAFIA DOS AMBIENTES DA PESQUISA

Inicialmente, durante a elaboração do projeto desta tese, tínhamos a informação de que as aldeias Ponte, Asanuééj e Tenente Marques, pesquisadas, pertenciam ao TI Roosevelt. No entanto, ao solicitar a elaboração do mapa de localização das aldeias utilizando o *Google Maps* averiguamos que não pertencem à TI Roosevelt e sim ao PI Aripuanã.

A fim de averiguar a veracidade das localidades das aldeias, entramos em contato com a FUNAI de Cacoal, Rondônia e, quando já iniciado o trabalho de campo, questionamos alguns membros da comunidade indígena Cinta Larga. Possivelmente essa confusão quanto a qual área pertencem das aldeias é motivada pela proximidade das aldeias Ponte e Asanuééj da fronteira entre a TI Roosevelt e o PI Aripuanã.

Assim, como demonstrado no mapa a seguir, é no Parque Aripuanã é o território onde estão localizadas as aldeias que são o ambiente dessa pesquisa, sendo que as aldeias Ponte e Asanuééj pertencem ao município de Vilhena (RO) e a Tenente Marques a Juína (MT).

Figura 8 - Mapa das três aldeias pesquisadas no PI Aripuanã



Fonte: Elaborado por Rafael Souza da Silva (2022).

2.5.1 Aldeia Ponte

Pelo Estado de Rondônia, a principal via de acesso às aldeias pesquisadas se dá pela cidade de Espigão do Oeste. Desta cidade até a aldeia Ponte é um percurso de 87 km de estrada de chão muito empoeirada no período da seca e, em certos pontos, quase intransitável por alguns automóveis no período das águas. O caminho é bastante sinuoso, com muitos morros, curvas e pedras.

Figura 9 - Imagem via satélite da aldeia Ponte



Fonte: Google Earth (2022).

Segundo Marcos Cinta Larga, a denominação oficial como Aldeia Ponte foi motivada pela ponte do rio Roosevelt que dá acesso à aldeia e fica a aproximadamente 300 metros. Além desse nome, ela é popularmente conhecida como aldeia do João Bravo, por ele ser o fundador, cacique por longos anos e residir nesta aldeia, como liderança indígena do povo indígena Cinta Larga. Atualmente, essa aldeia possui como cacique o indígena Raimundo Cinta Larga. No entanto, João Bravo também exerce autonomia e liderança nessa aldeia.

Figura 10 - Cacique Raimundo Cinta Larga



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Figura 11 - Entrada da aldeia Ponte



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Figura 12 - Ponte sob o rio Roosevelt



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Segundo Marcos, a Aldeia Ponte foi fundada por seu pai, João Bravo, no ano de 1994, quando ele, com sua esposa e seus filhos, deixou a aldeia Tenente Marques devido às dificuldades de acesso até a cidade. Marcos relata que construíram uma grande maloca e, aos poucos, outros parentes se mudaram e foram construindo outras malocas em volta da de sua família.

Desde então, João Bravo reside nessa aldeia, no limite da aldeia Asanuééj. No início dessa pesquisa, ele morava na casa apresentada na figura posterior, porém, no início de 2023, ele estava em um projeto de construção de uma casa e residindo em outra junto com sua atual esposa.

Figura 13 - Casa do João Bravo



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Em busca de informações mais recentes sobre o quantitativo populacional das aldeias, entramos em contato com a FUNAI e nos encaminharam para o setor responsável, o Serviço de

Promoção dos Direitos Sociais e Cidadania (SEDISC), o qual nos informou que ainda não foram realizados os levantamentos populacionais de cada aldeia em 2023. A vista disso, disponibilizou os dados do levantamento realizado em 2022.

Segundo o SEDISC, na aldeia Ponte foram contabilizadas 180 pessoas que se dividem em 53 famílias. Ainda, segundo eles, são consideradas famílias quando há a união de um casal, portanto, se um homem vive em uma mesma casa com mais de uma esposa, essa casa possui o quantitativo de famílias conforme o número de esposas. Essa população vive em casas que variam entre alvenaria e madeira, as quais, no geral, são grandes, principalmente as de madeira, e são organizadas em fileiras.

Figura 14 - Casas de madeira



Fonte: Do acervo da autora (2022)

Figura 15 - Casas de alvenaria



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Ao não avistarmos nenhuma moradia coberta por folhagens ou maloca, comentamos com Márcia e explicou que devido aos recorrentes incêndios nas casas desse material, a população optou por não construir habitações desse modo.

Dentre os ambientes sociais da aldeia, está a escola IEEFM Rosana Cinta Larga, nome este destinado a homenagear a filha do João Bravo, que veio a falecer depois de sofrer um acidente no pátio da escola. Atende os discentes indígenas da aldeia Ponte e Asanuééj, e oferece ensino do nível fundamental (modalidade presencial) ao médio (modalidade a distância).

No final de 2022, uma nova estrutura escolar foi construída, e a estrutura antiga não foi demolida, permanecendo a cozinha para preparação da merenda escolar e servindo de ambiente para guarda de materiais e utensílios escolares.

Figura 16 - Estrutura antiga da Escola Rosana Cinta Larga



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Figura 17 - Atual estrutura da Escola Rosana Cinta Larga



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Apesar da nova estrutura, ainda não há espaço suficiente, por isso, uma sala de aula que fica em outro ambiente continuava sendo utilizada. Nessa mesma estrutura, ao lado dessa sala, ficam alojados nesse único quarto, todos os professores (variam entre 8 e 12) que residem na cidade geralmente permanecem na aldeia de segunda a sexta-feira.

Figura 18 - Sala de aula e alojamento dos professores



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Ao lado da escola há um posto de saúde que promove atendimentos emergenciais e outros atendimentos periódicos, como o odontológico, e serve de base para campanha de vacinação. Todos os procedimentos básicos relacionados à saúde indígena, como também os encaminhamentos para atendimentos mais especializados nos hospitais do município de Cacoal partem desse posto de saúde.

Figura 19 - Posto de saúde



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Ainda no ambiente da aldeia Ponte, está a igreja Assembleia Madureira e o barracão para eventos religiosos. Nela, os cultos são celebrados por um pastor (morador da aldeia) que dirige o culto intercalando as línguas indígena Cinta Larga e a LP. Na maioria das vezes, os cultos ocorrem nas quintas, sábados e domingos.

Figura 20 - Barracão comunitário



Fonte: Do acervo da autora (2022).

No centro da aldeia está localizado um barracão comunitário. Esse é um ambiente destinado a realizações de reuniões e eventos comunitários, contudo, vem sendo utilizado como casa temporária para aqueles que não possuem casa própria, e para os que veem de aldeias vizinhas que ficam interditadas no período de fortes chuvas.

Figura 21 - Igreja Assembleia Madureira



Fonte: Do acervo da autora (2022)

Como lazer, é recorrente a prática de esporte e banho de rio. Assim, em suas mediações, existem dois campos de futebol e um local para o vôlei. Esses ambientes são utilizados ao entardecer e, principalmente, aos finais de semana, tanto por adultos homens e mulheres, quanto

por crianças. O campo de futebol também é utilizado para o treinamento do time oficial denominado de Nativos.

Figura 22 - Campo de futebol



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Figura 23 - Jogo de vôlei



Fonte: Do acervo da autora (2022).

O banho no rio é uma prática apreciada, mesmo nas casas que possuem água encanada. Assim, permanece tanto como uma necessidade diária de higienização, como um momento de diversão e lazer com a família e os parentes. Há dois lugares específicos destinados ao banho (conforme figuras 24 e 25), sendo também utilizado para a lavagem de louças e roupas.

Figura 24 - Rio Roosevelt (local de banho e lavagens de roupas e louças) 1



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Figura 25 - Rio Roosevelt (local de banho e lavagens de roupas e louças) 2



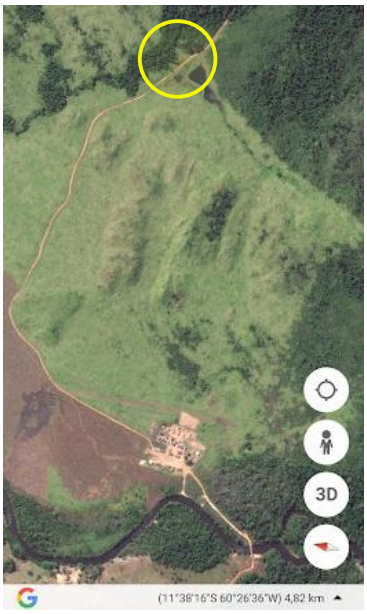
Fonte: Do acervo da autora (2022).

Esta é uma aldeia muito conhecida na região, ocasionado principalmente pela presença e esforço de seu fundador João Bravo que, ao desejar melhoria de vida para a população residente, buscou e continua buscando recursos tidos por ele como necessários à melhoria de vida dos indígenas de sua comunidade. Esse anseio persistente de João Bravo, tornou essa aldeia um ponto de apoio para aldeias ao redor que não possuem os mesmos recursos.

2.5.2 Aldeia Asanuééj

A aldeia Asanuééj foi fundada no ano de 2016 pelos irmãos Marcos Cinta Larga e Marcelo Cinta Larga, que são os atuais caciques. A irmandade foi o que motivou a denominação da aldeia, visto que na língua indígena Cinta Larga, Asanuééj significa “irmão”. Localiza-se bem próximo da aldeia Ponte, a aproximadamente 3 quilômetros, sendo o trajeto de fácil locomoção.

Figura 26 - Visualização da aérea onde atualmente se situa a aldeia Asanuéé j



Fonte: Google Earth (2022).

A imagem anterior ainda não foi atualizada e, por isso, não aparecem as construções que existem nessa aldeia, no entanto, podemos descrever onde elas se localizam e, assim, visualizarmos a distância entre ela e a aldeia Ponte.

Na parte inferior da imagem, está o rio Roosevelt e a poucos metros, a aldeia Ponte. Seguindo a estrada de terra, na parte superior da imagem, há uma represa e é exatamente nos arredores dela (demarcação em amarelo) que, atualmente, localizam-se as estruturas que compõe essa aldeia.

Figura 27 - Marcelo Cinta Larga e Marcos Cinta Larga



Fonte: Do acervo da autora (2023).

Figura 28 - Entrada da aldeia Asanuééj



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Segundo dados da SEDISC (2022), essa aldeia possui o quantitativo de 19 pessoas que se dividem em 7 famílias que residem em três casas, sendo uma de lona e duas de madeira, conforme figuras posteriores.

Figura 29 - Casa de madeira e outra de lona



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Figura 30 - Casa de madeira



Fonte: Do acervo da autora (2022).

A casa da figura 30 pertence a Marcelo e sua família, sendo essa área cercada por arame, composta por uma represa, um campo de futebol, um barracão comunitário e outro para a guarda de utensílios, uma pequena loja de venda de artesanatos tradicionais e a instalação provisória da igreja. Essa área foi destinada a Marcelo, no entanto, é permitido o uso de alguns ambientes pela comunidade.

A represa fica ao lado da casa do Marcelo e serve tanto para a criação de peixes quanto para divertidos banhos e competição de remo nas gincanas culturais. Logo ao lado, há o barracão para guarda de utensílios.

Figura 31 - Barracão e represa



Fonte: Do acervo da autora (2023).

A frente da casa está a pequena loja de venda de artesanatos tradicionais e uma instalação provisória da igreja denominada de Igreja Pentecostal Ministério Água Viva (IPMAV), cuja estrutura definitiva está sendo construída no ambiente social da aldeia, entre as três casas, ao lado da estrada. Essa igreja possui como presidente um pastor não indígena,

residente em Espigão do Oeste e tem Marcelo Cinta Larga como dirigente. Os cultos são realizados às quintas-feiras e domingos e, nesses momentos de oração, a língua indígena Cinta Larga e a Portuguesa são intercaladas.

Figura 32 - Atual instalação da igreja IPMAV



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Figura 33 - Banner da igreja IPMAV



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Figura 34 - Futura instalação da igreja IPMAV



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Na entrada do ambiente da casa do Marcelo, entre a casa e a provisória instalação da igreja, está a maloca comunitária (figura posterior), sendo essa destinada tanto a realização de reuniões com a comunidade ou com representantes de diversas áreas sociais, como um ambiente que representa sua cultura e, assim, funciona como um ponto propício para as atividades e encontros festivos que buscam além da diversão, o fortalecimento e demonstração da cultura indígena Cinta Larga.

Figura 35 - Maloca comunitária



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Embaixo dessa maloca são preparados e servidos os alimentos e bebidas, apresentadas danças e músicas da cultura indígena Cinta Larga, bem como a exposição e venda de assessórios produzidos pelas indígenas da comunidade. Os eventos e atividades realizados debaixo da maloca que registramos são apresentadas mais adiante, na subseção 4.5.

O campo de futebol (figura 36) é um espaço muito apreciado por indígenas homens e mulheres, como também serve de local para a realização de atividades culturais nas festas, como o concurso de vestimentas típicas e competição de flecha ao alvo.

Figura 36 - Campo de futebol



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Ainda que bastante próxima da aldeia Pontes e com poucos moradores, os caciques Marcos e Marcelo demostram empenho em ampliá-la e buscam recursos para a melhoria da vida de seus moradores, além do desejo de mantê-la ativa quanto à exaltação da sua cultura indígena.

2.5.3 Aldeia Tenente Marques

Seguindo uma ordem de trajeto entre as três aldeias, essa é a última. Localiza-se a distância aproximada de 50 km da aldeia Ponte, e está dentro dos limites do PI Aripuanã, pertencente ao Estado do Mato Grosso. Em meio a mata e cerrado, o trajeto é bastante difícil de percorrer, devido a boa parte da estrada ser estreita, pedregosa e com alta camada de poeira no período da seca e barroso no período chuvoso.

Figura 37 - Imagem via satélite da aldeia Tenente Marques



Fonte: Google Earth (2022).

Marcos relata que no período de fortes chuvas, a comunidade fica praticamente isolada, por causa do barro que se forma nas estradas, tornando-a muito escorregadia e com vários pontos de atoleiros. Por conta disso, a maioria dos moradores opta por residir na aldeia Ponte durante esse período. Ocupam casas abandonadas, ficam hospedados nas casas dos parentes familiares e se agrupam no barracão comunitário e só retornam para suas casas ao fim do período chuvoso.

Segundo dados do SEDISC (2022), habitam nessa aldeia seis famílias que totalizam 30 pessoas. O entorno dessa aldeia é composto por uma escola, um banheiro comunitário e casas de madeira e de alvenaria.

A primeira construção que se avista ao chegar na aldeia é a escola, conforme figura posterior. Ela possui uma boa estrutura, no entanto, se encontra abandonada. Márcia relata que a dificuldade de acesso a aldeia impossibilitou a continuidade do ensino.

Figura 38 - Escola da aldeia Tenente Marques



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Adentrando-a, avista-se um banheiro comunitário e em torno de onze casas. Algumas casas foram construídas de madeira e outras de alvenaria, distribuídas aleatoriamente no ambiente da aldeia. Muitas delas encontravam-se inabitadas.

Figura 39 - Entrada da aldeia Tenente Marques



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Figura 40 - Mediações da aldeia Tenente Marques



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Figura 41 - Saída da aldeia Tenente Marques



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Como não possui posto de saúde e escola em funcionamento, a comunidade se locomove até a aldeia Ponte em busca desses atendimentos. As atividades econômicas baseiam-se em aposentadorias, pecuária, plantação de roças, caça e pesca para o consumo familiar. Assim como nas outras aldeias, essa é comandada por um cacique, o senhor Firmino Cinta Larga. Contudo, segundo Marcos, ela foi fundada por João Bravo que, em busca de um local de mais fácil acesso, percorreu mais 50 km a frente da aldeia Tenente Marques e fundou a aldeia Ponte.

Já haviam nos informado que a aparência física dos indígenas Cinta Larga dessa aldeia seria diferente das demais, bem como muitos não se comunicam na LP. Essas informações são verídicas, tanto que avistamos duas meninas indígenas de cabelo ruivo.

Locomovemo-nos apenas uma vez para essa aldeia, numa passagem rápida, e seguimos as orientações da Márcia e Marcos para ficarmos mais distantes, deixando que eles viessem até nós. Também para sermos cautelosos quanto aos registros das imagens. Tal aconselhamento e

apenas uma rápida visita justifica não apresentarmos mais informações baseadas nas experiências vividas nessa aldeia.

Diante dessa breve observação da aldeia e das informações advindas do Marcos e Márcia, podemos afirmar que essa aldeia é a que mais se encontra afastada de centros urbanos e apresenta maior necessidade de recursos. Os moradores dessa comunidade ficaram bastante curiosos com a nossa visita, aproximando-se e observando, sem muito dizer.

3 O POVO SURDO E OS EFEITOS DOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS AO RECONHECIMENTO DA DIVERSIDADE DAS LÍNGUAS DE SINAIS

Introduzir a história dos surdos, num panorama mundial, não é visto aqui como uma discrepância quanto aos objetivos propostos nesta pesquisa, pois levamos em consideração que, para relatarmos a história de uma língua, não podemos negligenciar o povo que a exterioriza. Corroborando, Deuchar (1984) *apud* Ferreira ([1995] 2010, p. 12) afirma que "os linguistas devem reconhecer que é impossível considerar uma pesquisa linguística como uma atividade neutra, pois, justamente porque a língua está inserida em um contexto social e político [...]".

Assim, os textos de início dessa seção até a subseção 3.2.2, intencionam destacar a importância dos estudos sobre as LS tanto para as comunidades surdas quanto para diversas áreas do conhecimento científico.

De antemão, evidenciamos que os primeiros estudos sobre a língua dos surdos estão entremeados entre educar os surdos, torná-los capazes de falar e ouvir, compreender e ser compreendido por meio da oralidade. Traçar um breve panorama histórico sobre a posição que se encontrava o povo surdo em variadas épocas nos conduz ao entendimento de pontos e acontecimentos importantes que fomentaram o reconhecimento das LS. Em seguida, direcionamos o texto para a linguística das LS, abordando sobre o conceito e tipologia das LSE, incluindo e dando ênfase as LIS brasileiras.

3.1 SÍNTESE DA TRAJETÓRIA HISTÓRICA DO POVO SURDO E AS LÍNGUAS DE SINAIS

É inegável que, na atualidade, o povo surdo vem se destacando frente à validação efetiva de seus direitos na sociedade, conquistando espaços que lhes foram megadose posicionando-se contra qualquer represália linguística e social. No entanto, para tanto, houve momentos históricos nos quais a discriminação e o menosprezo foram constantes contra a população surda. Conforme Strobel (2008, p. 42) "a presença do povo surdo é tão antiga quanto à humanidade. Sempre existiram surdos. O que acontece, porém, é que nos diferentes momentos históricos nem sempre eles foram respeitados em suas diferenças ou mesmo reconhecidos como seres humanos".

A trajetória do povo surdo é fortemente marcada pelo menosprezo social tanto ao próprio sujeito quanto a sua LS. Da Idade Antiga, Strobel (2008, p. 18-19) apresenta as ideias expressadas por alguns filósofos:

> 500 a.C.
> O filósofo Hipócrates associou a clareza da palavra com a mobilidade da língua, mas nada falou sobre a audição
> 470 a.C.
> O filósofo heródoto classificava os surdos como "Seres castigados pelos deuses". O filósofo grego Sócrates perguntou ao seu discípulo Hermógenes: "Suponha que nós não tenhamos voz ou língua, e queiramos indicar objetos um ao outro. Não deveríamos nós, como os surdos-mudos, fazer sinais com as mãos, a cabeça e o resto do corpo?" Hermógenes respondeu: "Como poderia ser de outra maneira, Sócrates?" (Cratylus de Plato, discípulo e cronista, 368 a.C.).
> 355 a.C.
> O filósofo Aristóteles (384 – 322 a.C.) acreditava que quando não se falavam, consequentemente não possuíam linguagem e tampouco pensamento, dizia que: "... de todas as sensações, é a audição que contribuiu mais para a inteligência e o conhecimento..., portanto, os nascidos surdo-mudo se tornam insensatos e naturalmente incapazes de razão", ele achava absurdo a intenção de ensinar o surdo a falar.

Na Idade Média, o menosprezo e brutalidade com os surdos continuaram. A autora Costa (2010) afirma que, apesar da falta de registro, esse período carrega o início da historicidade das LS. Essa afirmação se pauta na ideia de que a adoção de surdos pelas congregações religiosas de monges, os quais se comunicavam através dos sinais monásticos dada a regra do silêncio de Saint Benoit, possibilitou o contato entre eles e fomentou a comunicação através dos sinais. Outro acontecimento importante, foi a criação do Código Justiniano: através dele começou a ser distinguido os graus de surdez e mudez e a separação dos surdos dos demais deficientes (Strobel, 2009).

A Idade Moderna é considerada o período inicial das transformações na vida do povo surdo. Novas vertentes começaram a ser apresentadas e defendidas por aqueles que conseguiam enxergar os surdos como humanos, mesmo que ainda longe do ideal. A ideia central desse período era a educação escolar dos surdos, defendendo a capacidade de aprendizagem da leitura e escrita. Nesse cenário da Idade Moderna, destacam-se Pedro Ponce de León e Juan Pablo Bonet, considerados os precursores na instrução dos surdos, ambos da Espanha (Strobel, 2008).

León foi um monge beneditino que se tornou o primeiro professor de surdo e formou a primeira escola para surdos no Monastério de Valladolid e sua metodologia se baseava no alfabeto manual usado por monges, a língua espanhola oral e escrita. Bonet obteve sucesso ao utilizar o método de ensino que utilizava os sinais, o treinamento da fala e o alfabeto datilológico com um membro da família Velasco, o D. Luís.

Conforme a concepção sobre o sujeito surdo iam mudando e alcançando a temática do estudo de sua língua natural, iniciava-se uma fase de percepção da existência de uma língua natural e eficaz na vida educacional e social dos surdos. Nesse prisma, segundo Silva (2021, p.

40) o médico britânico Jonh Bulwer surge “afirmando e corroborando a ideia de que a língua de sinais era tão completa e servia plenamente aos propósitos de comunicação humana assim como as línguas orais”, por meio do seu livro *Philocopus*, (publicado em 1648) e em *Chirologia and Natural Language of the Hand* (publicado em 1644), onde defende a utilização de alfabeto manual, LS e leitura labial. O autor se posicionou na crença da universalidade e na iconicidade das LS (Strobel, 2009).

É perceptível que a maioria dos envolvidos na temática dos surdos persistiam nos métodos que objetivavam a oralização, que ora se mistura aos sinais e alfabeto manual, ao mesmo tempo que surgiam singelos indícios da percepção das LS como o caminho mais justo e adequado.

Entre os opositores das LS destaca-se Samuel Heinicke (1729-1790) conhecido como o Pai do Método Alemão, que publicou a obra *Observações sobre os Mudos e sobre a Palavra* e foi o fundador da primeira escola de Oralismo Puro, em Leipzig, no ano de 1778. Suas conquistas e reconhecimento deram-se pelo sucesso que obteve ao ensinar um surdo a falar, escrever e realizar leitura labial.

Do outro lado, como defensor das LS, destaca-se o francês Charles Michel L’Epée, um dos nomes mais conhecidos na história da educação dos surdos, tanto que foi denominado como pai dos surdos. Tal referência paterna se deu por seu envolvimento com o povo surdo devido a seu interesse em conhecer duas irmãs surdas e indo às ruas de Paris em busca de contato, objetivando o conhecimento social do povo surdo, mas, principalmente, entender e aprender a forma de comunicação deles. Seus contatos reais com o povo surdo fizeram-no defender “[...] que as línguas de sinais constituem a linguagem natural dos surdos e que é um verdadeiro meio de comunicação e de desenvolvimento do pensamento” (Veloso; Maia Filho, 2015, p. 33).

No trabalho de ensino da escrita com os surdos, L’Epée fez a junção dos sinais utilizados pelos surdos de Paris, com alguns sinais criados por ele, formando assim os chamados Sinais Metódicos (Sacks, 2010). Esses sinais foram publicados em seu livro chamado de *A verdadeira maneira de instruir os surdos-mudos*, contento também em seu conteúdo, regras sintáticas e o alfabeto manual criado por Bonet. Ignorando as críticas vindas principalmente de educadores de cunho oralista, L'Epée fundou na França e Espanha, 21 escolas para surdos, e deixou discípulos como o francês Abade Roch Sicard (1742 - 1822) e o romano Tommaso Silvestri (1744 - 1789).

Aparentemente, uma ação valorosa, porém, Quadros e Karnopp (2004, p. 35) afirmam que, no decorrer da história, o campo educacional foi o principal fomentador do menosprezo das LS: “a alegação de empobrecimento lexical nas línguas de sinais surgiu a partir de uma

situação sociolinguística marcada pela proibição e intolerância em relação aos sinais na sociedade e, em especial, na educação."

A Idade Contemporânea foi marcada pela crença na cura da surdez e no método de oralização, como o caso do médico e psiquiatra Jean Marc Itard que realizou experimentos dolorosos, prejudiciais e abusivos em surdos, e até mesmo, levando-os à morte, a fim de provar que a surdez era uma doença curável (Strobel, 2009).

As tentativas frustradas do método de oralização levaram alguns estudiosos a mudarem de opinião e aceitarem a eficácia das LS para o povo surdo. Tomemos por exemplo Itard que, diante do fracasso no trabalho que consistiu em educar e socializar por meio da fala um garoto surdo (que, possivelmente, foi vítima de uma tentativa de assassinato, ficando com danos mentais irreversíveis e foi abandonado na floresta de Aveyron, no sul da França), "influenciou na educação especial com o seu programa de adaptação do ambiente; afirmava que o ensino de língua de sinais implicava o estímulo de percepção de memória, de atenção e dos sentidos" (Strobel, 2009, n.p).

O mesmo ocorreu com o diretor do Instituto Nacional de Surdos de Paris, Joseph Marie Baron de Gérando (1772 - 1842), que inseriu os primeiros métodos de Itard na escola, proibiu o uso de sinais e substituiu os professores surdos por ouvintes. Os resultados foram negativos e ele passou a utilizar a LS.

O americano Thomas Hopkins Gallaudet (1787-1851) saiu em viagem a fim de criar a primeira escola para surdos nos Estados Unidos. Depois da recusa de apoio da escola Watson's Asylum, na Inglaterra, ele partiu para a França, onde se encantou com a LS usada pelo abade Sicard. Gallaudet conseguiu levar o professor surdo Laurent Clerc para a América do Norte e, juntos, se tornaram os pioneiros ao fundarem e obterem sucesso com a primeira escola para surdos dos Estados Unidos, em Hartford.

Um dos métodos de destaque nesse período que persistiam em ensinar o surdo a falar, está no código de símbolos chamado *Fala visível* ou *Linguagem visível*, criado pelo professor de surdos e especialista em estudos do ouvido, Alexander Melville Bell (1819-1905). Na aplicação do código, os surdos eram motivados a repetir os movimentos e os sons representados através dos desenhos dos lábios, garganta, língua, dentes e palato.

O Brasil somente é posto nesse cenário mundial das LS quando o professor francês e surdo Eduard Huet (1822 - 1882), sob a aprovação do imperador D. Pedro II, veio para o Brasil intencionado a abrir uma escola para surdos. Seus planos se realizaram e, no dia 26 de setembro de 1857, foi fundado o Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, atualmente denominado como

Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), com sede no Rio de Janeiro (Strobel, 2009). O uso das LS era considerado substancial.

Nesta fase, havia experiências na educação dos surdos que provavam que a comunicação através dos sinais refletia em um ensino mais eficiente. Contudo, o método educacional se pautava, em sua maioria, na combinação entre LS e oralismo. Esse método combinado foi constatado por Edward Miner Gallaudet (1837-1917) em uma investigação as escolas de 14 países da Europa. Edward, era pedagogo e ganhou prestígio ao fundar a Universidade Gallaudet, em Washington, nos Estados Unidos da América (EUA), a primeira universidade para surdos (Veloso; Maia Filho, 2015).

Os políticos e filantropólogos Horance Mann (1796-1859) e Samuel Home (1801-1876) foram defensores do oralismo puro, alegando que o fracasso do ensino aos surdos era pela predominância do método de combinação, que o sucesso viria com uso unicamente do oralismo puro. Assim, são considerados influenciadores da abolição das LS nos EUA.

Strobel (2009, n.p.) descreve Alexander Grahan Bell (1847-1922) como um influenciador e defensor do oralismo puro, pois alegava que o método combinado prejudicava a fala. Ele se apresentou e dedicou a escrever artigos que criticava tanto as escolas para surdos, quanto as questões culturais do povo surdo. Em 1872, publicou o livro que dava seguimento ao trabalho de seu pai, intitulado *O pioneiro da fala visível* e criou, em Boston, uma escola objetivando treinar os professores de surdos.

Nesse período, apesar dos contra as LS, elas estavam se expandindo, dados os trabalhos realizados por aqueles que as apoiavam e as utilizavam. No entanto, a corrente oralista ainda era predominante, mesmo sabendo dos benefícios alcançados com o uso das LS. Um marco nesse período, especificamente em 1875, foi o lançamento do primeiro dicionário de LS no Brasil, pelo ex-aluno do INES, Flausino José da Gama.

Como forma de unificar as várias vertentes educacionais existentes, em 1880 foi realizado o Congresso Internacional de Surdo-Mudez, em Milão, Itália. Nesse evento, houve uma votação se seria mundialmente utilizado o oralismo, a LS ou as práticas que utilizavam ambos.

Esse congresso transformou o cenário educacional dos surdos, como também ocasionou uma lacuna nos estudos linguísticos das LS, pois, após ele, houve quase um século sem enfoque nesses estudos. Imensuráveis foram os danos causados. Com a proibição das LS nas escolas, e pelo receio de uma manifestação contra o oralismo, os professores surdos perderam seus cargos, e tudo o que haviam conquistado se perdeu. Sacks (2010, p. 35) aponta algumas das perdas:

> Nada disso teria importância se o oralismo funcionasse. Mas o efeito, infelizmente, foi contrário ao desejado - pagou-se um preço intolerável pela aquisição da fala. Os alunos surdos da década de 1850 que haviam passado pelo Asilo Hartford ou por outras escolas desse tipo tinham um alto nível de alfabetização e instrução - plenamente equiparável aos de seus equivalentes ouvintes. Hoje em dia ocorre o inverso. O oralismo e a supressão da língua de sinais acarretaram uma deterioração marcante no aproveitamento educacional das crianças surdas e na instrução dos surdos em geral.

Imprescindível destacar que não foi possível proibir os surdos de utilizarem as LS fora da sala de aula, continuando, portanto, a se comunicarem por meio de sinais em outros ambientes da escola, mesmo sofrendo punições, como relata Strobel (2008, p.47).

> Ocorria que alguns professores achavam que era sensato e direito punir as crianças surdas por usarem a língua de sinais, era muito comum isto acontecer. Na época, houve muitos relatos de surdos que sofreram estas punições, os professores batiam ou amarravam suas mãos. Para que os leitores tenham uma ideia da humilhação de que estes sujeitos surdos experimentaram, é só comparar isto no bater na boca dos sujeitos que ouvem, fazendo com que eles sejam proibidos de falar.

Em meio às advertências humilhantes, os surdos continuaram a utilizar as LS em ambientes fora da escola. Contudo, a vida social dos surdos foi impactada diretamente, pois depois do congresso, eles foram novamente estereotipados como sem inteligência, pela falta da língua; preguiçosos, por não conseguirem falar; e caracterizados como “deficientes”, que necessitava ser tratado e curado; ou seja, um retrocesso.

Na fase em que o método oralista perdia força, surgiu Willian Stokoe (1919- 2000), com produções como *Language Structure: An outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf* (1960) e como coautor do *A Dictionary of American Sign Language* (1965) e por meio de experiências comparativa entre surdos filhos de pais surdos e surdos filhos de pais ouvintes, as quais comprovaram que os primeiros se sobressaiam no desenvolvimento escolar, sem qualquer prejuízo no desenvolvimento da fala e leitura orofacial realizados na escola, na época.

Ferreira ([1995] 2010) revela os trabalhos de Carrick Mallery, em 1882, como os primeiros estudos sobre as LS, onde o pesquisador sobre as Línguas Indígenas de Sinais (LIS) das Américas e Austrália. Contudo, Klima e Bellugi (1979), apontam Stokoe (1960), através de seus estudos e comprovações, revolucionou mundialmente as percepções sobre as LS, ao comprovar que elas possuem aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos, sendo uma língua tão genuína quanto as LO. Foi além, apresentou e afirmou como equivalente ao fonema da fala os parâmetros: localização, configuração de mão e movimento.

Portanto, “embora se encontrem registros de que já no século XVIII se reconhecia a importância da língua de sinais, foi somente no século XX, nos anos 60, é que tiveram o início os primeiros estudos linguísticos sobre ela” (Strobel, 2008, p. 61). A autora ainda afirma que, foi a partir dessa década que houve a ascensão das LS, surgindo a Comunicação Total, conceituada por Santos e Goes (2016, p. 76) como “o uso simultâneo da língua de sinais, língua falada, imagens, escritas, mímicas etc.

Porém, uma problemática quanto à incapacidade humana ao uso bimodal destas línguas foi verificada, conforme explica Goldfeld (2002, p. 41): “A língua de sinais não pode ser utilizada simultaneamente com o português, pois não temos capacidades neurológicas de processar simultaneamente duas línguas com estruturas diferentes”. Posto e afirmado o problema, na década de 1980, surge o Bilinguismo, o qual “considera as línguas de sinais como língua natural e parte desse pressuposto para o ensino da língua escrita” (Quadros, 1997, p. 27), como uma proposta a nível mundial de educação. Assim, a LS é considerada a língua de instrução. Conforme discute Strobel,

> Agora que estamos na fase do ‘despertar cultural surda’ - após dois séculos da fase do ‘isolamento cultural surda’ do povo surdo em consequência da proibição de língua de sinais a partir do congresso de Milão – o povo surdo está conquistando várias propostas políticas públicas ajustadas às suas necessidades linguísticas culturais na sociedade atual. Strobel (2008, p. 56)

É importantíssimo conhecermos a história dos surdos e tudo que é intrínseco a eles, para que possamos quebrar o estigma de deficiência, o qual nem deveria existir: aceitarmos e sermos incentivadores da sua identidade linguística, a qual, de forma natural, é produtora de conhecimento e propicia transformação ao povo surdo. Sem considerar que as lutas se cessaram, muito pelo contrário, mas no panorama até o momento atual, os surdos possuem dados científicos e referências de pessoas surdas que comprovam que as LS é um meio de garantia de liberdade de ser surdo, abrindo espaço para ser quem é e oportuniza análise sobre si mesmo, sobre o outro e sobre o mundo.

3.1.1 Considerações sobre o histórico do povo surdo

Resumimos o percurso do povo surdo percorrido até a atualidade, que nos mostra que as mudanças linguísticas e culturais ocorreram de modo não linear, tendo episódios de regressos, isso dada ao desprezo e ao raso conhecimento sobre o sujeito surdo. Houve

momentos em que as LS foram consideradas fator de exclusão, em outros, estagnou e/ou retrocedeu, e agora, estão instauradas como línguas.

Muito extenso ficaria esse texto se aqui fossem inseridas todas as conquistas, nomes e obras em torno dessa temática na atualidade. São tantos os feitos que dão visibilidade ao povo surdo por meio de seus artefatos culturais, instituições específicas para os surdos, leis, e, principalmente, o protagonismo surdo na sociedade.

Destarte, questionamo-nos: seria capaz uma língua ser alvo de investigação e reconhecimento, sendo que o próprio povo que a exterioriza não era considerado e respeitado como um ser humano? Uma pergunta impactante, mas que se apresenta como uma das respostas para o retardo dos estudos linguísticos destinados às LS. No entanto, após apresentarmos um pouco da história, não se torna difícil entendermos que não havia como considerar as LS como língua natural, se a história nos revela que o próprio povo foi desconsiderado como humano, detentor de sabedoria, língua, cultura e razão.

Os estudos linguísticos das LS não foram estabelecidos em paralelo aos das LO, sendo um dos fatores dessa "exclusão", pelas discussões sobre a língua serem centralizadas no som, e consequentemente na produção sonora (Câmara Junior, 1973). Desse modo, qualquer outra forma de linguagem (gestual ou corporal), ocupava um lugar secundário, e por longo período, inexistente.

Ainda que houvesse uma negação quanto a potencialidade e eficácia dos sinais nos processos de interação pelos surdos, sendo esses rebaixados a gestos e mímicas sem nexo e aleatórios, não podiam negar a existência de pessoas surdas. Assim, seria provável considerar que, apesar de não constar registros científicos dessa evolução por não ter sido considerada por muito tempo como línguas, o cenário linguístico atual nos leva a pensar que as LS se desenvolviam em consonância com as LO, seguindo, portanto, o percurso natural de estar em constante modificação (Silva, 2021).

Estudiosos linguistas se posicionaram contra este lugar (secundário/inexistente) e abrangeram os campos de estudos das LS, apresentando ao mundo as possibilidades da existência de variadas formas de linguagem e a afirmando como uma língua se apresenta de forma visual/gestual, composta por parâmetros linguísticos iguais e/ou semelhantes aos das LO, que seguem o princípio de universalidade dos parâmetros linguísticos, como também apresenta novos fenômenos da linguagem humana.

Assim, destacamos que existe uma lacuna na história da ciência da linguagem pelo fato de, a muito tempo atrás, não ter se considerado a comunicação sinalizada realizada pelos surdos como uma língua natural, porém, essa lacuna não impediu que essa língua representasse uma

comunidade linguística em que a cultura surda é exteriorizada. E, corroborando com a relevância dos estudos sobre as LS para o povo surdos, Ferreira ([1995] 2010, p. 13) afirma que "mudar a história das comunidades para melhor pode parecer uma postura onipotente, porém é um fato que, após os primeiros estudos sobre línguas de sinais, as comunidades surdas passaram a ser mais respeitadas e sua língua valorizada".

3.2 ESTUDOS LINGUÍSTICOS DAS LÍNGUAS DE SINAIS

Como posto nos textos anteriores sobre o historicismo do povo surdo, depois de anos em discussão sobre a comunicação sinalizada realizada pelos surdos, as LS foram entendidas como sua língua natural [8]. Atualmente, elas estão no seio das pesquisas linguísticas, ampliando e delineando novos paradigmas linguísticos.

Estudos realizados por diversos pesquisadores, principalmente por Stokoe (1965), Klima e Bellugi (1979), apresentaram novas concepções sobre a linguagem e a surdez. Tais pesquisas foram responsáveis por desmistificar que a comunicação sinalizada não passava de gestos soltos e aleatórios, e, portanto, universal, limitada e inferior às LO (Quadros; Karnopp, 2004).

Quadros e Karnopp (2004, p. 30) afirmam como sendo os estudos de Stokoe (1960) que fomentaram os estudos linguísticos das LS, pois ele "[...] observou que os sinais não eram imagens, mas símbolos abstratos complexos, com uma complexa estrutura interior. Ele foi o primeiro, portanto, a procurar uma estrutura, a analisar os sinais, dissecá-los e a pesquisar suas partes constituintes."

Nesse ato de perceber e analisar as unidades mínimas do sinal, Stokoe deu início aos estudos fonológicos das LS, ao apontar, analogicamente aos fenômenos da fala, que os sinais eram estruturados sistematicamente pela localização, configuração de mão e movimento. Essa afirmação estrutural com base na linguística, legitimou o status de língua para as LS.

Stokoe publicou duas obras que revolucionaram e impulsionam os estudos linguísticos das LS, são elas: *Sign Language Structure* (1960), apresentando dezenove configurações de mão e localizações e vinte quatro tipos de movimentos, como também, inventou um sistema de anotação para esses elementos identificados; *Dictionary of American Sign Language* (1965)

[8] Quadros e Karnopp (2004, p. 30) apresentam a definição de língua natural empregada por Chomsky (1957) como "um conjunto (finito ou infinito) de sentenças, cada uma finita em comprimento e construída a partir de um conjunto finito de elementos".

diferenciou dos demais dicionários ao apresentar os sinais de acordo com as suas partes constituintes, sistemicamente (Quadros; Karnopp, 2004).

Após a divulgação de suas descobertas e com o passar dos anos, outros estudos surgiram contribuindo para afirmar, com base nas vertentes da linguística, que as LS são línguas legítimas por serem compostas pelos níveis linguísticos: fonológico, o morfológico, o sintático e o semântico. Assim, demonstrou-se uma modalidade de língua, rica em esquemas e combinações, natural do povo surdo.

3.2.1 Efeitos dos estudos sobre as Línguas de Sinais

O fato de as LS serem produzidas por meio do canal visuoespacial causou estranhamento à vertente de estudos linguísticos que se instalavam, até então, em línguas de canal oral-auditivo, as LO. Como poderia existir uma comunicação efetiva, estruturada e ilimitada fora dos padrões de produção e receptação das LO? Foi comprovado que é totalmente possível.

Essa comprovação que veio a somar com as evidências da capacidade humana para o desenvolvimento da linguagem, como algo inevitável e natural, que pode se manifestar em circunstâncias inusitadas, divergentes da maioria. Dessa forma, seria inviável se a linguística ignorasse as LS, visto que, apesar de suas variadas divisões, ela se propõe a investigar as manifestações da linguagem realizando a descrição e explicação científica, numa forte vertente para encontrar os universais linguísticos[9].

Neste contexto, Ferreira ([1995] 2010) aponta quatro pontos que os estudos sobre essa nova modalidade de língua podem afetar e contribuir nas teorias linguísticas:

> a) aos preceitos teóricos que definem a *linguagem* ou capacidade linguística; b) à concepção atual de gramática de uma língua [...]; c) à reunião dos universais linguísticos no tratamento das línguas de sinais enquanto manifestações da capacidade linguística do homem, através de uma modalidade distinta daquela que habitualmente tem sido considerada o canal da comunicação linguística humana; d) à mudança de atitude do linguista frente à pesquisa linguística.

[9] Para Chomsky (1995) os universais linguísticos não sugerem regras definidas para todas as línguas, mas fornecem princípios e parâmetros, em relação aos quais cada língua particular se forma como uma seleção específica dentre as possíveis combinações disponíveis.

Através desse novo panorama dos estudos da linguagem humana, para além da linguística, apontou-se algumas disciplinas que se interrelacionam com as pesquisas sobre as LS, quais são essas áreas, bem como os pontos marcantes de cada. De antemão, afirmamos ser um fator positivo, pois várias foram as contribuições em diversas áreas da ciência.

Neste cunho, para a Sociologia e a Antropologia, as contribuições se pautam na mudança de percepção sobre o sujeito surdo e suas particularidades, pois a partir da revalidação da língua, "revalida-se também a cultura surda e isto permite ao surdo melhor desempenho da sua função enquanto cidadão" (Ferreira, [1995] 2010, p. 13).

Na Neurologia, mais especificamente na área da neurolinguística, defende-se que o hemisfério esquerdo do cérebro é responsável pela linguagem, e o direito pelo processamento de informação espacial. Tendo essa premissa neurológica e uma comunicação de modalidade visual-espacial, Bellugi e Klima (1990) realizaram pesquisas com surdos a fim de verificar o uso do cérebro no ato comunicativo. Os resultados somaram na afirmação da comunicação visual-espacial como uma língua, pois indicaram que o lado esquerdo é o responsável pelo processamento linguístico, assim como nas LO (Quadros; Karnopp, 2004).

No campo da Psicologia (áreas da Psicolinguística e Aquisição da Linguagem) as contribuições adentraram na defesa de que o não desenvolvimento de uma linguagem efetiva e satisfatória pelos surdos, o mais cedo possível, acarreta "problemas de ordem emocional que perdurarão durante toda a vida do surdo e que resultarão, muitas vezes, no delineamento de perfis psicológicos não realistas da comunidade surda" (Ferreira, [1995] 2010, p. 14). Portanto, o desenvolvimento linguístico tardio, além de prejudicar a cognição e linguagem, pode causar prejuízos irreparáveis na integridade do sujeito surdo. Corroborando, Sacks (2010, p. 19):

> E ser deficiente na linguagem, para um ser humano, é uma das calamidades mais terríveis, porque é apenas por meio da língua que entramos plenamente em nosso estado e cultura humano, que nos comunicamos livremente com nossos semelhantes, adquirimos e compartilhamos informações. Se não fizermos isso, ficaremos incapacitados e isolados, de um modo bizarro [...].

Com a área da Epistemologia, e, considerando a LS como forma natural de aquisição de linguagem, Ferreira ([1995] 2010, p. 14) relata que os estudos sobre linguagem e surdez, subsidiam "as hipóteses relativas à correlação existente entre linguagem e pensamento e linguagem e pensamento objetivo." Tais estudos epistemológicos sobre os surdos, também levam a discussões sobre a constituição do Ser surdo a partir de línguas sinalizadas, das práticas simbólicas nessa constituição, bem como se essas práticas possibilitam renovadas concepções. Logo, o posicionamento do Ser surdo no mundo, que se sustenta através de sua forma de pensar,

que eclode, fundamentalmente, através das LS. No seguimento da produção científica, segundo De Clerck (2010), as epistemologias surdas surgem e são essenciais para uma ciência não colonial[10], de múltiplas perspectivas.

Por fim, na área da Educação, as pesquisas sobre as LS, auxiliam outros profissionais envolvidos na temática em questão, ao propiciar conhecimento sobre a melhor forma de comunicação com o povo surdo, além da formulação de métodos e materiais mais adequados para o ensino linguístico dos surdos. Ferreira ([1995] 2010, p. 15) destaca ainda que, por meio dos descobrimentos e desdobramentos das especificidades das LS, esse ensino da LS, ultrapassa o indivíduo surdo, podendo atingir os ouvintes que desejam fazer parte da comunidade surda.

Explicitamos que as interrelações dos estudos na área das LS não se limitam às seis áreas inseridas neste texto, pois muitos são os desdobramentos dentro dessas mesmas áreas, como também em outras áreas aqui não citadas. Isto posto, esse texto serve como uma pequena amostra da grandiosidade de temáticas que podem e devem ser abordadas sobre o sujeito surdo e seu mundo.

Contudo, por meio dessa amostra de interrelações, afirmamos que a LS é o canal viável de comunicação e expressão que leva o surdo a seu empoderamento frente a ser tido como diferente e não como deficiente. Essa afirmação leva-nos a inferir que possa “a problemática global do surdo como intimamente dependente de seu desenvolvimento linguístico" (Ferreira, [1995] 2010, p. 16).

3.3 AS LÍNGUAS DE SINAIS EMERGENTES E A TIPOLOGIA DAS LÍNGUAS DE SINAIS

Posta a importância do reconhecimento das LS como línguas e as áreas afetadas positivamente por onde elas circulam, adentraremos nas especificidades das LSE[11].

Inicialmente, devemos saber que as LSE estão presentes ao redor do mundo, como por exemplo, na África, Américas, Ásia, Caribe, Médio Leste, Austrália e Oceania, locais em que foram encontradas LSE sendo utilizadas por várias comunidades surdas (NONAKA, 2012 *apud* SILVA, 2021). Essa vasta presença no mundo corrobora com a afirmação de que o ato de

[10] Nos referimos à ciência colonial, cujas produções eram marcadas por uma ideologia ouvintista e pela atuaçãode pesquisadores não membros da comunidade surda.

[11] Ponderamos que, atualmente, há controvérsias na aceitação conceitual desse termo. Dentre os fatores dessa não aceitação está a possibilidade real de que a presença de pessoas surdas nessas comunidades possa ser antiga e, portanto, essas línguas podem estar sendo sinalizadas há muito tempo. Neste contexto, o que emergem são os estudos sobre essas línguas, não as línguas.

comunicar é essencial ao ser humano e que, dada a necessidade de comunicação, o ser humano cria sistemas de linguagem, composto de signos e significados, que o possibilita expressar-se de diversas maneiras (Passerino *et al*., 2013).

De acordo com Fusellier-Souza (2004) as LSEMG[12] são línguas utilizadas por pequenos grupos e comunidades de surdos imersos em ambientes sociais em que há a predominância de ouvintes e que, geralmente, residem distantes dos grandes centros urbanos. Ainda segundo a autora, o termo "emergente" utilizado na classificação das LSE possui seu sentido no tocante ao surgimento das primeiras estruturas linguísticas, visto essas constituírem a primeira etapa do processo de evolução semiogenética de uma língua de modalidade viso-gestuais que levará à formação de uma LS, institucionalizada ou não.

Corroborando com autora citada anteriormente, Vilhalva (2012,) afirma que as LSE são línguas em desenvolvimento, criadas conforme a necessidade individual de comunicação. Vilhalva (2012, p. 10) pontua que, em sua pesquisa "[...] sinais emergentes referem-se aqui a uma Língua de Sinais em desenvolvimento, a questão da nomeação das línguas".

Observemos que, além das LSE estarem como base, como o início da formação de uma LS, elas possuem um valor pessoal (ao enunciador) e social, em que indivíduos surdos que não fazem parte de uma comunidade surda e vivem em meio a ouvintes, criam sinais para promoverem a comunicação e interação entre seus familiares e a comunidade.

> Essas línguas de sinais emergentes são estruturadas a partir de intenção semiótica de comunicação e baseia-se na modalidade visuo-gestual. Neste contexto, as pessoas surdas e ouvintes são protagonistas na co-construção de dizer a partir do corpo, ou seja, assim como na maioria das línguas, as representações linguísticas surgem a partir das próprias experiências sejam elas corporais, visuais e culturais.
> Nesta perspectiva, essa língua visuo-gestual, criativa e emergente, permite aos seus falantes que eles se encaixem o ambiente em que vivem e ouvem as pessoas se adaptarem ao seu modo de falar sua linguagem de sinais (Silva, 2021, p. 84).

É diante da predisposição e da necessidade de comunicação do ser humano, que as LSE se situam. Nelas, existe um rico processo de interação comunicativo, realizado por meio de sinais que são criados continua e gradualmente de uma maneira natural e espontânea.

No entanto, os sinais emergentes que compõem as LSE podem extinguir-se sem nem mesmo serem documentados, não restando nenhum relato da sua existência. Também há o risco de que as criações sejam interrompidas, principalmente pelo colonialismo linguístico, em que

[12] Denominação utilizada pela autora para se referir a LSE.

uma LS considerada de maior prestígio seja posta como a verdadeira LS e os sinais emergentes sejam substituídos por ela.

A não documentação das LSE e o menosprezo com estas sendo línguas são as principais preocupações dos pesquisadores dessa área como fatores que causam a extinção delas. Por isso, as pesquisas, sejam de qual área for, são as principais vias existentes para a visibilidade dos sujeitos surdos, registros e descrição são comprovações de que se trata de línguas genuínas.

Quanto à tipologia, existe uma variedade que, conforme Senghas (2005), justifica-se pela variedade de LS, de países e localidades em que as características linguísticas se relacionam e dependem da origem e o contexto geográfico, dentre outros fatores como a quantidade de línguas em contato e de sinalizantes, a idade da língua etc.

Neste contexto tipológico, apresentamos a seguir um quadro elaborado por Silva (2021) com base nos estudos de Pereira (2013) e Zeshan (2006), contendo seis tipos de comunidades surdas, exemplificado com alguns autores e o local da pesquisa.

Quadro 2 - Tipos de comunidade surdas

Tipo	**Autores**	**Local da Pesquisa**
Indígenas	Kakamasu (1968) e Ferreira-Brito (1984)	Aldeia Urubu-kaapor (Brasil)
Centros Urbanos	Ferreira - Brito (1984)	Grandes Centros urbanos do Brasil
Ilhas	Martinod (2013); Formigosa (2015) e Fusilier (2016)	Ilha do Marajó (Pará – Brasil)
Vilas	Groce (1985)	Martha's Vyneyard (USA)
Zona Rural	Pereira (2013) e Almeida-Silva e Nevis (2020)	Cena (Piauí-Brasil)
Fronteiras	Figueira (2016)	Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai)

Fonte: Silva (2021, p. 104).

Um modelo das tipologias é apresentado por Woodward (1996 *apud* Nonaka, 2004), que se divide em: línguas de sinais nacionais, essas são reconhecidas e/ou amparadas por políticas linguísticas, consideradas as LS oficiais de seu país de origem; as línguas de sinais nativas, existentes em geral nas pequenas comunidades afastadas dos centros urbanos e apresentam alto quantitativo de indivíduos surdos; por último, as línguas de sinais originárias, também existente em pequenas comunidades, classificadas como línguas de sinais já existentes antes da instauração de uma LS nacional.

Apresentadas algumas das tipologias que se destacam na literatura, inserimos o quadro posterior com as LSE no mundo elaborado por Silva (2021).

Quadro 3 - As LSE no mundo

LÍNGUA DE SINAIS EMERGENTE	LOCALIDADE	REFERÊNCIA	LISTAGEM FEITA POR:
LS Adamorobe	Gana	David *et al*. (1971) Nyst (2007a, 2007b, 2008)	De Vos; Pfau (2015)
LS Al-Sayid Beduína	Israel	Aronoff *et al*. (2005, 2008); Kisch (2008, 2012); Sandler *et al*. (2005, 2011)	
LS de Judeus Algerianos	Originalmente Algeria, agora França e Israel	Lanesman e Meir (2012)	
LS Alipur	India	Panda (2012), Zeshan *et al*. (2013)	
LS Ban Khor	Tailândia	Woodward (2003); Nonaka (2004, 2009, 2011, 2012)	
LS Maia Yucatec	México	Shuman (1980); Johnson (1991); Fox Tree (2009); Escobedo Delgado (2012); Le Guen (2012): Zeshan *et al*. (2013)	
LS Kata Kolok	Bali, Indonésia	Branson et al. (1996, 1999); Marsaja (2008); Perniss, Zeshan (2008); de Vos (2011, 2012a)	
LS Koinchri Sain	Jamaica	Dolman (1986); Adone *et al*. (2012)	
LS Inuit	Nunavut, Canadá	MacDougall (2001); Schuit *et* al. (2011); Schuit (2012, 2013)	
Ls Mardin	Turquia	Dikyuva (2012), Zeshan *et al*., (2013)	
LS de Martha's Vineyard	Nordeste dos Estados Unidos	Groce (1985)	
LS das Ilhas de Providência	Colômbia	Washabaugh *et al*. (1978); Washabaugh (1979, 1980, 1986); Woodward (1978, 1982)	
LS K'aapor	Brasil	Kakumasu (1968), Brito (1983), Godoy (2020)	
LS de Sateré-Waré	Parintins – Manaus – Brasil	Azevedo (2015)	Silva; Quadros, 2019
LS Kaingang	Xanxerê – Santa Catarina – Brasil	Giroletti (2008)	
LS Terena	Mato Grosso do Sul – Brasil	Vilhalva, (2012); Sumaio (2014)	
LS Guarani Kaiowá	Mato Grosso do Sul – Brasil	Coelho (2011); Vilhalva (2012); Lima (2013)	

LS Pataxó	Aldeia Coroa Vermelha – Bahia – Brasil	Damasceno (2017)	
Cena	Várzea Queimada – Piauí – Brasil	Pereira (2013)	
Acenos	Cruzeiro do Sul – Acre – Brasil	Cerqueira e Teixeira (2016)	
LS da Fortalezinha	Pará – Brasil	Charlize, Formigosa e Cruz (2016)	
LS da Ilha de Marajó	Ilha de Marajó (Ilha de Soure) – Pará – Brasil	Martinod (2013); Formigosa (2015); Fusilier (2016)	
LS de Porto de Galinhas	Porto de Galinhas (PE)	Charlize, Formigosa & Cruz (2016)	
LS de Caiçara	Sítio Caiçara – Várzea Alegre – Ceará – Brasil	Temoteo (2008)	
LS de San Juan Quiahije Chatino	México	Hou (2018)	Le Guen (2019)
Sinais de Zinacatan	Chiapas – México	Haviland (2011, 2013a, 2013b, 2015, 2016)	
Sinais de Nebaj	Guatemala	Le Guen (2019)	
LS K'iche de Naualá	Guatemala	Fox Tree (2009)	
LS das Ilhas da Baía	French Harbour /Jonesville – Honduras	Le Guen (2019)	
LS Brunca	Costa Rica	Woodward (1991)	
LS Bribri	Costa Rica	Woodward (1991)	
LS Central Taurus	Cadeias montanhosas no centro-sul da Turquia	Ergin (2017); Ergin *et al.* (2018)	Almeida-Silva & Nevis (2020)
Sinais Maxakalí	Minas Gerais	Stoianov, Nevins (2017)	
LS de São Tomé e Príncipe	São Tome e Príncipe	Mineiro, Carmo (2016)	
LS do único surdo da Ilha Rennel (compartilhada com os falantes ouvintes)	Ilha de Rennel – Ilhas Salomão – Polinésia	Kuschel (1973)	
Sinais dos surdos das ilhas Amami	Ilhas Amami – Japão	Osugi, Supalla e Webb (1999)	
LS Terena	Aldeia da Cachoeirinha – Miranda – MS	Soares (2018)	Silva (2021)

LS Akwê - Xerente.	Tocantins – Brasil	Barretos (2016)	
LS Compartilhadas na Fronteira	Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai)	Figueira (2016)	
LS Emergentes de São Gabriel da Cachoeira	São Gabriel da Cachoeira – AM – Brasil / Venezuela	Santos (2019)	
Língua de Sinais Macuxi	Uiramutã-RR	Oliveira (no prelo)	
Língua de Sinais Paiter Suruí	Aldeia Gapgir, (Terra Indígena Sete de Setembro) Cacoal - Rondônia.	Eler (2020)	
Língua Sinais Canauim	Comunidade indígena Canauim (Município de Cantá _Roraima)	Moura e Santos (2020)	

Fonte: Adaptado de Silva (2021, p. 87-90).

Para a exposição em sua tese, Silva (2021) realizou uma revisão na literatura, embasando-se nas listagens apresentadas por De Vos e Pfau (2015, p. 268), Silva e Quadros (2019, p. 22.118-22.121) e Le Guen (2019), Almeida-Silva e Nevins (2020). No decorrer de sua pesquisa, novos estudos emergiram e Silva (2021) listou e apresentou-as em um outro quadro, um complemento ao quadro principal referenciado de Almeida-Silva e Nevins (2020), que optamos por uni-los a fim de organizar e facilitar a visualização.

Silva listou mais seis LSE, divulgadas entre os anos 2018 e 2020. Diante desses dados, destacamos a difusão das pesquisas no âmbito dessa temática, e vemos como positivo, necessário e promissor.

Na subseção seguinte, é apresentado um outro quadro (quadro 4), direcionado para as pesquisas de LIS no Brasil. Neste, contém algumas pesquisas já listadas no quadro anterior, como também, algumas não listadas nos anos já citados, como outras que surgiram posterior ao estudo de Silva (2021).

Conforme Araújo e Oliveira (2021, p. 225) “a cada dia, novas pesquisas relatam a existência de línguas de sinais criadas em vilas, aldeias ou comunidades isoladas [...]”. Todas essas pesquisas fortalecem os estudos sobre as LS, bem como desafia as políticas linguísticas

ao demonstra-se um campo de estudo necessário, que urge por ações linguística principalmente na documentação e descrição.

3.4 PESQUISAS NA ÁREA DAS LÍNGUAS INDÍGENAS DE SINAIS BRASILEIRAS

É bastante recorrente a menção de que as LIS foram alvo de estudos posteriores às LS não indígenas, porém, Ferreira Brito (1993) relata que um dos primeiros estudos linguísticos neste cerne foi o realizado por Carrick Marllerrv em 1882, sobre as Línguas de Sinais Indígenas das Américas e Austrália.

Contudo, Ramos (s.d.) reconhece a importância desse estudo para as LS, e justifica que o devido reconhecimento não foi dado pelo fato de as LIS serem utilizadas na comunicação intertribal e não só pelos surdos. A vista disso, os estudos iniciados em 1957 por Stokoe com a *American Sign Language* (ASL) e publicada em 1960, é considerada e reconhecida como o início das análises linguísticas que impulsionaram os estudos nas LS.

No Brasil, em busca de se obter uma análise respaldada pela ciência, Lucinda Ferreira investigou com base na linguística e apresentou duas línguas de sinais brasileiras, conforme afirma Quadros (2012, p. 363).

> Esses estudos tiveram início na década de 80, com Lucinda Ferreira Brito (1984, 1990, 1993, 1995). Por exemplo, Ferreira Brito (1984, 1993) apresentou ao mundo duas línguas de sinais brasileiras, a língua de sinais dos centros urbanos brasileiros (atualmente referida como LIBRAS), focando na variante de São Paulo, e a língua de sinais Urubu - Kaapor, pertencente à família Tupi-Guarani, uma língua usada na comunidade indígena Urubu-Kaapor do interior do Maranhão (Quadros, 2012, p. 363).

Ferreira se tornou referência no Brasil nesse campo de estudo, bem como inovadora ao apresentar uma LIS e realizar comparação estrutural entre ambas as línguas, apontando traços similares e divergentes.

Ainda que Ferreira tivesse inserido e demonstrado a possibilidade de uma variedade de LS no Brasil, por um longo período, as pesquisas foram destinadas as LS de centros urbanos, bem direcionadas à Libras. Em 2009, surgiu Shirley Vilhalva, indígena surda que se percebeu intrigada com os seguintes questionamentos: “Onde estão os índios surdos? Como as línguas de sinais familiares estão emergindo no contexto plurilíngue das terras indígenas de Mato Grosso do Sul? (Vilhalva, 2009, p. 24).

A pesquisadora foi a campo e mapeou a LIS utilizada por surdos Guarani Kaiowá e Terena residentes nas aldeias Jaguapiru e Bororo pertencentes à Terra Indígena (TI) de Dourados, no Estado de Mato Grosso do Sul, que culminou na dissertação intitulada *Mapeamento das línguas de sinais emergentes: um estudo sobre as comunidades linguísticas indígenas de Mato Grosso do Sul* que, no ano de 2012, foi reestruturada em livro, nomeado *Índios surdos: Mapeamento das Línguas de Sinais do Mato Grosso do Sul*.

Ainda que a pesquisa de Vilhalva não buscasse a descrição linguística dos sinais mapeados, sua obra serviu de base e estímulo para novos estudos de mapeamento, cultura e linguística das LIS, como também Vilhalva se estabeleceu como referência e liderança no fomento e diálogo com novos pesquisadores para o fortalecimento das pesquisas já realizadas e apoio ao surgimento de novas. O quadro a seguir exibe algumas pesquisas direcionadas para as comunidades indígenas surdas no todo território brasileiro:

Quadro 4 - Pesquisas com indígenas surdos no território brasileiro

REGIÃO NORTE		
Estado	**Povo Indígena**	**Pesquisador (a) /Ano**
Amazonas	Santaré-Mawé	Azevedo (2015)
	Omágua-Kambeba	Santos; Vieira; Ferraz (2022)
Tocantins	Akwê-Xerente	Barretos (2016)
Rondônia	Paiter Suruí	Gregianini (2017)
		Costa (2017)
		Eler (2017); (2023)
		Ibobinha Suruí (2023)
Roraima	Macuxi	Araújo; Bentes (2018)
Pará	Munduruku	Ferreira (2021)
REGIÃO NORDESTE		
Bahia	Pataxó	Damasceno (2017) Jesus; Rahme; Ferrari (2018) Santos (2024)

Maranhão	Ka'apor	Kakumasu (1968)
		Ferreira Brito (1993)
		Godoy (2020)
Pernambuco	Xukucu do Ororubá	Silva de Moura; Gomes (2020)
REGIÃO CENTRO-OESTE		
Mato Grosso do Sul	Guarani-Kaiowá	Coelho (2011)
		Vilhalva (2009)
		Lima (2013)
	Terena	Vilhalva (2009)
		Sumaio (2014)
		Soares (2018)
		Mussato (2022)
REGIÃO SUDESTE		
Minas Gerais	Maxakali	Stoianov; Nevis (2017)
REGIÃO SUL		
Santa Catarina	Kaingang	Giroletti (2008)

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Através dessa seleção de pesquisas já realizadas que no território brasileiro é notório que existe uma diversidade linguística indígena muito maior do que relatado, pois as comunidades indígenas surdas praticamente não eram contabilizadas como detentores de uma comunicação própria e natural, sendo catalogadas apenas as línguas de modalidade oral.

Averiguamos, também, a expansão desses registros, contendo pelo menos um registro nas cinco regiões do Brasil. Esses dados nos levam a acreditar na existência de várias LIS no Brasil, e que essas pesquisas são apenas o início das descobertas linguísticas. Um campo que

se apresenta desafiador para o pesquisador, para o povo pesquisado, como também para as políticas linguísticas.

A maioria das pesquisas apresentadas no quadro 4 resultaram de programas de Pós-Graduação de mestrado e de doutorado, de modo que têm, dentre seus objetivos o mapeamento e registro de sinais, enfatizar o ser indígena surdo, seu ambiente, sua vida familiar e escolar, cultura, identidade etc.

Pontuamos que poucas são as pesquisas de caráter de descrição linguística dos sinais registrados, sendo esse um campo dentro dos estudos das LIS a ser mais explorado. Contudo, independentemente das abordagens de cada pesquisa, todas são essencialmente importantes, trazem contribuições para os Estudos Surdos e fomentam, auxiliam na difusão, reconhecimento e preservação das LIS. Ainda, muitas se apresentam como inovadoras por apresentarem a existência de uma comunicação sinalizada nunca registrada e conhecida apenas pela comunidade indígena que a sinaliza.

Diante desses novos rumos para as pesquisas nas LS, outros termos surgiram para designar as descobertas e inseri-las em um campo mais específico. Dessa forma, apesar de apresentar algumas diferenças entre autores da área, tem-se utilizado com ênfase os termos sinais emergentes e inseri-los no sistema denominado de Línguas Emergentes (LEs), mais especificamente de Línguas de Sinais Emergentes (LSE).

> Pesquisadores como Golden Meadow e Mylander (2009) afirmam que esses sinais caseiros e ainda os utilizados por uma comunidade isolada são altamente estruturados e como Fusellier-Souza (2006), que denomina sistemas como esses de línguas emergentes, assegurando que essa microlíngua familiar retoma as primeiras etapas de constituição das línguas de sinais propriamente ditas (Silva; Quadros, 2019, p. 22113).

Corroborando, Vilhalva (2012, p. 137) defende que os sinais emergentes são criados pelos seus sinalizantes devido a necessidade de comunicação e reforça, ainda, que esses sinais são totalmente passíveis de evolução: sinais caseiros -> sinais emergentes -> LSE. A autora afirma ainda serem os sinais emergentes o fulcro para as análises linguísticas “os estudos dos sinais emergentes mostraram que este é o ponto inicial das novas Línguas de Sinais que merecem ser aprofundadas”. Araújo e Oliveira (2021, p. 226) realizaram a tradução das características das LSE enumeradas por Le Guen, Coppola e Safar (2020, p. 4):

> (1) Elas são línguas com uma duração relativamente curta de existência (geralmente não mais que 2 ou 3 gerações, isto é, ligada com a presença de

> sinalizantes surdos). (2) Elas têm um número relativamente (inicial) pequeno de usuários primários, tão pequeno como o caso de um único sinalizante no caso de sistemas de sinais caseiros. (3) Elas não são línguas institucionalizadas, isto é, nenhuma instituição externa decide sobre a evolução da língua. (4) Devido a seu estatuto de emergentes, essas línguas de sinais exibem um alto grau de mudanças que não são observadas em línguas "consolidadas" que tenham existido por centenas de anos e utilizadas por uma comunidade extensa. (5) Em muitos casos, especialmente para as "línguas de sinais compartilhadas" (Nyst 2012), o número de sinalizantes ouvintes é maior que o de sinalizantes surdos, indicando que as práticas gestuais que foram/são usadas anteriormente ainda sejam visíveis para a língua de sinais.

Diante dessas características e antes de realizar a análise descritiva dos sinais e sentenças da LICLAS, podemos afirmar que se trata de uma LSE, sendo enriquecedor e necessário realizar análise linguística descritiva a fim de apresentar uma nova LIS.

3.4.1 Língua de Sinais Ka'apor e Língua Terena de Sinais

A literatura nos apresenta que no Brasil a LS do povo indígena Ka'apor conforme discutem Kakumasu (1968), Ferreira Brito (1983), Godoy, (2020)) e a LS do povo indígena Terena, como apontam Vilhalva (2009), Sumaio (2014), Fargetti e Soares (2016) e Soares (2018), são sistemas linguísticos que foram minimamente analisados estruturalmente e, por isso, são consideradas como línguas/LIS (Soares; Fargetti, 2022).

Destacamos que esse quantitativo de LIS minimamente analisados na perspectiva da linguística descritiva é passível de mudança repentina, a vista de outros registros já existentes, oportuniza análises descritivas capazes de comprovar a existência de novas LIS. Sem nos aprofundarmos demasiadamente, iremos discorrer sobre essas duas LIS citadas posteriormente, a fim de apresentarmos os pontos mais relevantes destas.

É muito comum, para não dizer sempre e assim inferir um "limite" nas nomenclaturas das LS, elas serem nomeadas com o nome do próprio povo que a utiliza ou a nação a qual pertencem, o mesmo também ocorre com as LIS. Dessa forma, a LSK é a língua natural dos indígenas surdos pertencentes ao povo Ka'apor conhecidos também por Urubu, Kambõ, UrubuCaápor, Urubu-Kaápor (Gomes, 2020).

Segundo o ISA (2021, n.p), "Ka'apor parece derivar de *Ka'a-pypor*, "pegadas na mata" ou "pegadas da mata". Outro significado aventado para Ka'apor é o de "moradores da mata". Contudo, a expressão "moradores da mata" na verdade exprime-se melhor pelo nome que os Ka'apor atribuem aos índios caçadores-coletores Guajá, seus vizinhos, *Ka'apehar*." Segundo

Gomes (2020), localizam-se ao norte do Estado do Maranhão, com dez aldeias distribuídas em uma extensão territorial de mais de 7168 km².

Com relação à língua desse povo, eles apresentam uma peculiaridade por terem uma língua de modalidade oral-auditiva e uma de modalidade gestual-visual. A língua oral é chamada de língua Ka'apor, está pertence à família Tupi-Guarani, não sendo falada como primeira língua por nenhum outro grupo. Já a LS apresenta variações de nomes nas literaturas, tais como: Urubú Sign Language (SL) (Kakumasu, 1968) Língua de Sinais Kaapor Brasileira - LSKB (Cristiano 2018), Língua de Sinais Ka'apor - LSK (Almeida-Silva; Nevins (2020), Araújo; Oliveira (2021), Gomes (2020), Soares; Fargetti (2022), Godoy (2020)) e Língua de Sinais de Urubu – Kaapor (Silva; Quadros 2019), ora nomenclaturas que se misturam em um mesmo texto. No entanto, a mais utilizada atualmente é a LSK.

O surgimento da LSK foi motivado pela alta incidência de surdos nesse povo, causada pela bouba neonatal e endêmica. Kakumasu (1968, p. 275, tradução nossa) apontou esse alto quantitativo, indicando haver "aproximadamente um mudo para cada 75 não mudos". Assim, essa LS ficou conhecida a partir da década de 60, sendo utilizada tanto entre os surdos, quanto pelos ouvintes com os surdos, estabelecendo-se como uma LS própria dos Ka'apor que efetiva a interação entre seus membros da comunidade. Ramos (s.d., p. 5) corrobora ao afirmar "que os ouvintes da aldeia "falam" a Língua de Sinais e a língua oral, evidentemente, enquanto os surdos se restringem à Língua de Sinais. Assim, os ouvintes da aldeia se tornam bilíngues, enquanto os surdos se mantêm monolíngues."

A pesquisadora e linguista Lucinda Ferreira Brito foi motivada, após leitura do artigo escrito por James Kakumasu, intitulado *Urubu-Kaapor Sign Language* (1968) a realizar uma pesquisa no ano de 1982 sobre as constatações indicadas pelo autor sobre os surdos Ka'apor. Na ocasião, Brito documentou em forma de filme seu convívio de um mês junto à comunidade Ka'apor, onde concluiu que não só se tratava de uma comunicação intratribal, como afirmado por Kakumasu, mas de ser verdadeiramente uma LS (Ramos, s.d.).

Em primeira instância em suas análises, Ferreira Brito (1984) realiza um processo comparativo em que assinala diferenças lexicais entre os dados de sua pesquisa com os Ka'apor e a chamada pela autora como língua de sinais dos centros urbanos brasileiros, a qual posteriormente foi denominada como Libras (Silva; Quadros, 2019). Silva (2022) faz um compilado das publicações nessa temática que Ferreira estava envolvida: Lucinda Ferreira (s.d; 1983 [1985]; 1984; Ferreira e Siqueira 1985 [1988]).

Após as pesquisas sobre a LSK citadas, muitos anos se passaram sem que os estudos tomassem maior proporção e aprofundamento. Em sua pesquisa realizada em 2009, Vilhalva

aponta a necessidade de pesquisas na área das LIS utilizando como exemplo a LSK, bem como atenta para a escassez de informações e materiais existentes sobre essa língua.

> Os futuros linguistas surdos poderão registrar a Língua de Sinais Brasileira e as Línguas de Sinais indígenas, pois, embora o Brasil conte com 225 etnias indígenas, que falam 170 línguas orais, há apenas uma Língua de Sinais registrada – a LSK (Língua de Sinais Kaapor) – cuja existência é mencionada apenas em dicionários ou mesmo em sites (Vilhalva, 2012, p. 29).

Somente no ano de 2015 surgiu uma nova publicação sobre a LSK, conforme Santos (2015), com artigo direcionado para a defesa da identidade linguística e cultural do povo Ka'apor nas políticas públicas de educação. Cinco anos após, surgiu a publicação da tese de doutorado de Godoy (2020), em que o autor abordou novas e relevantes informações linguísticas que põe novamente em evidência e impulsiona a retomada de estudos sobre a LSK. Sobre sua tese o próprio autor a resume, conforme Silva (2022, p. 2):

> Mais recentemente, em minha tese, tratei do perfil de alguns dos surdos do povo ka'apor, da sociologia da língua de sinais e das relações de transformação que os sinais mantêm com os gestos utilizados pelos ouvintes enquanto falam o ka'apor (Godoy 2020a). Ainda escrevi sobre a referência temporal nos gestos e sinais ka'apor, comparando-a com fenômenos similares em outras línguas sinalizadas e faladas (Godoy 2020b).

A temporalidade das LS é dita como algo difícil de se estabelecer devido à falta de registros. Nesse tocante, Godoy (2020, p. 66) descreve que, conforme o registro realizado por Ribeiro (1996) no qual afirma a existência da surda Inambu nascida na década de 90, e "se a LSK existisse nas gerações imediatamente anteriores à da surda Inambu, talvez tenha a mesma profundidade temporal da organização institucional da Libras, cujo polo educacional – o Instituto Imperial de Surdos Mudos – foi criado em 1856.

Sobre a LTS, os sinais terena foram inicialmente revelados por Vilhalva (2009), que mapeou a existência de surdos nessa etnia, bem como apresentou alguns sinais utilizados por eles. Posteriormente, Sumaio (2014), em sua dissertação de mestrado intitulada *Sinalizando com os Terena: um estudo do uso da LIBRAS e de sinais nativos por indígenas surdos* mapeou e registrou mais sinais e realizou uma análise preliminar estrutural, focalizando a morfologia no uso desses, a fim de confirmar se constituem realmente uma LIS.

Nesse estudo, foi inserida a possibilidade desses sinais serem uma variedade da Libras, realizando, assim, uma análise comparativa dos sinais mapeados com seu correspondente em Libras, apontando assim as diferenças entre eles. Além dessas abordagens de cunho linguística,

Sumaio adentrou nas questões culturais, de educação e cosmovisão terena e surda, descrevendo sobre as relações de interação dos surdos em suas esferas da vida. Sua pesquisa foi baseada nos seguintes questionamentos:

> Levantei essas, dentre outras questões: era necessário saber se os surdos terena estão, de fato, criando e utilizando sinais nativos. Se sim, como surgiram? Por influência da LIBRAS? Os pais conhecem um pouco sobre línguas de sinais? Os surdos terena sofrem preconceito? Na comunidade ou na cidade? (Sumaio, 2014, p.15)

Como resultado, Sumaio obteve registro de sinais que ela denominou de "sinais terena" e, em seu texto, apresenta evidências e contra evidências de aspectos linguísticos que os caracterizavam como uma LIS. Porém, a autora relata a necessidade de coleta de mais dados, para poder ampliar a análise de aspectos linguísticos e assim afirmar se se tratava de uma língua genuína ou não. Contudo, ressalta que os dados coletados e a análise realizada indicam se tratar de uma língua estruturada (Sumaio, 2014).

Utilizando o sobrenome Soares (2018), Sumaio realizou o prometido em 2014, ao dar seguimento aos estudos, ampliando os dados a fim de inserir ou não os sinais terena como pertencentes a LTS, com sua tese de doutorado intitulada *Língua Terena de Sinais: análise descritiva inicial da LS usada pelos terena da TI Cachoeirinha*.

Soares (2018) relata que pelo fato de muitos dos dados coletados na pesquisa de 2014 terem sido fornecidos por meio da LP ou da Libras (pois todos os surdos terena com os quais ela teve contato conheciam a Libras), foi uma problemática que tardou a afirmativa de que esses sinais faziam parte da LTS. Em sua tese, Soares (2018, p. 197) justifica que "com apenas 40 sinais, coletados em um contexto gramatical e lexical inadequado, em sua maioria (com léxico e gramática da LIBRAS), não foi possível concluir que faziam parte de uma língua autônoma".

Com dados advindos de surdos e ouvintes terena que não sabiam Libras, Soares (2018) apresentou cinquenta e cinco sinais terena e utiliza a comparação com seu correspondente em Libras para apontar, principalmente, as diferenças entre eles e, ao analisar alguns aspectos da sua estrutura fonológica, lexical, morfológica, sintática e semântica, a pesquisadora exclui as ideias aventadas na dissertação que apontavam a possibilidade de se tratar de uma variedade da Libras e/ou um sistema de sinais caseiros, e afirma que eles se tratam de uma língua autônoma.

Evidenciamos que a presença da Libras entre os surdos terena não excluiu o surgimento de uma LIS própria deste povo. Com isso, os estudos de Sumaio (2014), Soares 2018) nos revelam que a presença da Libras no ambiente pesquisado não deve ser fator excludente da existência de uma LS própria do povo pesquisado.

> No momento presente, portanto, não é mais necessário ter o cuidado de chamar essa língua de "sinais terena". Passo agora a chamar esse sistema de "língua terena de sinais", especificando que é a língua falada na TI Cachoeirinha, pois é possível que outros terena surdos falem uma língua diferente (surdos terena da TI Araribá, de Avaí-SP, por exemplo) (Soares, 2018, p. 197).

Como posto na citação, Soares só não diz claramente que seus dados constituem a LTS, como não descarta a possibilidade da existência de mais LIS em outras localidades pertencentes ao povo terena. Contudo, no dia 4 de abril de 2023, por meio de emenda aditiva, a Lei n. 1382 de 12 de abril de 2017, dispôs sobre a co-oficialização da Língua Terena (modalidade oral), acrescentando a LTS como uma língua cooficial, bem como estipula a garantia de um ensino escolar em LTS:

> Art. 1º A redação do art.1º e 3º da Lei n.1382 de 12 de Abril de 2017, passam a vigorar com a seguinte redação: Parágrafo Único – "Fica estabelecido que no município de Miranda, estado de Mato Grosso do Sul, passa a ter como línguas cooficiais: A Língua Terena, a Língua Brasileira de Sinais (Libras), a Língua Terena de Sinais (LTS) e a Língua Kinikinau, garantindo a equidade e igualdade enquanto política linguística municipal." Art. 2º Em nenhum caso poderá haver discriminação em razão da língua oficial ou co-oficiais que use: Parágrafo único - No caso dos estudantes que apresentem necessidades diferenciadas de comunicação, o acesso aos conteúdos deve ser garantido por meio da utilização de linguagens e códigos aplicáveis, como o sistema Braille e a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a Língua Terena de Sinais (LTS), sem prejuízo do aprendizado da língua portuguesa e da língua indígena, facultando-lhes e às suas famílias a opção pela abordagem pedagógica que julgarem adequada, ouvidos os profissionais especializados em cada caso voltada à garantia da educação de qualidade sociocultural como um direito dos povos indígenas (Miranda, p. 7, 2023).

Um fato histórico que repercute por toda comunidade brasileira surda e, principalmente para os pesquisadores das LIS, ao povo surdo Terena e, em especial, a comunidade de Miranda. Sem dúvidas foi uma conquista que incentiva e fortalece as pesquisas nessa área, comprovando que os registros realizados nesses estudos são cruciais para dar visibilidade e oficialização das LIS.

Assim, apresentamos abordagens que comprovam a diversidade linguística no Brasil, mas, especificamente, as LSE/LIS, as quais devem ser estudadas cientificamente com a mesma atenção que recebem as LO, observando que a qualquer campo que apresente a possibilidade de uma LS, esta "não devem ser consideradas um conjunto de sinais caseiros, quando se conhece apenas alguns de seus sinais, e nem uma língua autônoma, quando não existe certeza de que ela não constitui uma variedade de outra língua" (Soares, 2018, p. 50).

Também reforçamos as discussões nas subseções anteriores em que: os estudos puramente linguísticos das LSE se apresentam em menor quantidade, mas estão avançando, seguindo com grandes possibilidades de construção de arcabouço teórico específico que evidencie as peculiaridades das LIS. Enquanto isso, utilizamos a teoria linguística das LS, com enfoque na Libras, ou seja, são a base para análise que atenderá aos objetivos aqui propostos na análise dos sinais e sentenças registrados.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

O método de pesquisa utilizado nessa pesquisa foi algo inesperado, pois, a princípio, se pensava na escrita de uma tese cujo projeto seguia o método de cunho bibliográfico. A mudança repentina para um novo projeto, que necessitaria de idas à campo numa área indígena, aventou obstáculos: tanto de estadia nas aldeias, quanto nos documentos e autorizações necessárias.

Instigados pelos relatos sobre os indígenas Cinta Larga surdos, não era possível se desprender dessa possibilidade de pesquisa na qual, certamente, seria proporcionada uma rica experiência. Após pensarmos sobre as problemáticas relatadas anteriormente, sobretudo com relação ao tempo que se teria para a organização documental, tanto em iniciar um novo projeto, quanto as autorizações necessárias e as dificuldades para ir a campo, decidimos enfrentar esse desafio.

Apresentamos, nesta seção, as estratégias e técnicas metodológicas de coleta e análise dos dados. Conjuntamente, são expostas informações sobre os participantes dessa pesquisa, advindas de uma trajetória de trabalho de campo que contém, e foram descritos os fenômenos como também os percalços em que, principalmente o tempo cronológico e da natureza exerceram certo domínio aos meus desejos para essa pesquisa.

4.1 ARGUMENTAÇÃO METODOLÓGICA

Para atingimos os objetivos propostos, nos pautamos na pesquisa etnográfica qualitativa, pelo fato da necessária inserção na realidade do dia a dia do povo indígena Cinta Larga, logo, do povo indígena Cinta Larga surdo, pois é indispensável ter uma compreensão inicial geral, para depois afunilar o olhar.

Corroborando esse ponto, Severino (2008, p.119) afirma que esse tipo de pesquisa "[...] visa compreender, na sua cotidianidade, os processos do dia a dia em suas diversas modalidades. Trata-se de um mergulho no microssocial, olhando com uma lente de aumento. Aplica métodos e técnicas compatíveis com a abordagem qualitativa. Utiliza-se do *método etnográfico*, descritivo por excelência."

Para tanto, "mergulhar" no microssocial, requer dos pesquisadores o abandono de qualquer tipo de preconceito sobre o povo pesquisado, como também, deixar o mais distante possível os conhecimentos que possui sobre outras culturas, para que essas não se tornem uma tampa em seus olhos, e assim não consiga enxergá-la com profundidade, visto que, de acordo com Lüdke e André (2018, p. 8) a modalidade qualitativa "[...] têm forte dependência em

relação ao pesquisador, considerado seu principal instrumento. Sobre ele recai uma enorme responsabilidade em relação à qualidade de sua pesquisa, o que deixa em evidência a importância de sua qualificação e de seu próprio desempenho.”

4.2 CONHECENDO OS PARTICIPANTES DA PESQUISA: OS INDÍGENAS CINTA LARGA SURDOS

Cuxac (2000) afirma que, aos interessados em pesquisar as LSE, a observação dos fatos deve anteceder a teoria. Assim, entendemos que comprovar a existência de sujeitos surdos e observar a sua comunicação é o ponto inicial.

Neste segmento, entendemos que mesmo vivendo em constante contato, seja presencial ou via meios midiáticos, com as diversas culturas existentes no mundo, todas as pessoas possuem suas particularidades, um universo próprio e que, principalmente, por essa pesquisa ter cunho etnográfico, torna-se essencial conhecer a fundo esses sujeitos que, neste caso, misturam-se com a cultura surda e cultura ouvinte indígena Cinta Larga.

Para Andrade (2012), essa necessidade do pesquisador em conhecê-los profundamente, dada a imersão nos aspectos da vida dos sujeitos da pesquisa, favorece o conhecimento das relações históricas e socioculturais da realidade que será descrita e, consequentemente, ao conhecimento sobre a língua. Portanto, para descrever sobre quem são os indígenas Cinta Larga surdos que utilizam a LICLAS, além de relatar as informações com base nos familiares, insere-se a percepção obtida por mim mediante o contato com cada um.

A seguir, apresentamos dos três sujeitos indígenas Cinta Larga surdos participantes desta pesquisa, Guma Cinta Larga, Irene Cinta Larga e Ivan Ximipuy Cinta Larga. Pessoas que nos permitiram conhecê-los, observá-los, partilhar momentos e interagir concomitantemente aprendendo e registrando a sua língua.

4.2.1 Guma Cinta Larga

Guma Cinta Larga, de 52 anos, nasceu no dia 09 de novembro de 1970. No início da pesquisa, em setembro de 2022, ela vivia na aldeia Asanuééj, mudando-se no início de 2023 para casa de uma de suas filhas na aldeia Ponte. Seus familiares pouco sabem sobre a vida dela antes da vinda para a aldeia, mas acreditam que ela nasceu no Estado de Mato Grosso, foi

moradora da aldeia Tenente Marques/MT, onde era casada com um indígena morador de lá. Já na aldeia Asanuééj, era casada com seu falecido esposo.

Figura 42 - Guma Cinta Larga



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Figura 43 - Casa da Guma



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Essa união conjugal a tornou mãe de três filhos vivos, sendo duas do sexo feminino e um masculino, e uma filha falecida. Todos são ouvintes. Segundo sua filha Bruna Cinta Larga, sua mãe já nasceu surda e a comunicação com ela é realizada por meio de apontamentos e gestos com as mãos.

Guma também é conhecida por seus familiares pelo nome de Mariana e, para explicação dessa duplicidade de nome, Bruna relatou que o nome de Guma foi dado pela comunidade pela condição de mudez dela, pois Guma possui o significado de “muda” na língua indígena Cinta Larga. No entanto, no processo de regularização documental pessoal realizado pela FUNAI, consta o nome de Guma Cinta Larga, e assim ficou em seus documentos pessoais.

Durante o convívio com Guma, o que mais chama a atenção é o seu sorriso largo e constante em seu rosto. Talvez seja essa inevitável demonstração de seu sorriso, que provoque nela a vontade de realizar seu tratamento dentário, sendo isso algo sempre sinalizado por ela em nossas interações. Sempre muito prestativa e ativa, ela realiza qualquer tarefa doméstica, como também demonstra agilidade na colheita de alimentos na roça e na produção de artesanatos culturais como colares, brincos e piranhas para cabelo.

Sua fiel companheira é Aparecida Cinta Larga, conhecida como Cibita, filha de seu falecido esposo e mãe de Marcos. Na cultura não indígena ela é considerada a enteada da Guma, mas não costumam se referir dessa forma. É na varanda da casa da Cibita que elas comumente fazem artesanatos culturais. Guma se demonstra dedicada e orgulhosa das peças que produz.

Além da produção de artesanatos para a venda, Guma sobrevive da ajuda dos parentes e de sua aposentadoria.

Com relação à comunicação, Guma se demonstrou bastante contida, interagindo apenas quando alguém a instiga, aparentando não fazer questão ou fervoroso descontentamento quando o outro não a entende ou ela não entende o outro. Ela se apresentou sempre quietinha e calma, somente observando as interações.

Por fim, nesse resumo sobre a Guma, destacamos que nas nossas convivências, era inevitável não se encantar com a verdade e simplicidade que ela transparece, bem como eram constantes as reflexões sobre as formas de se viver. Há muito o que aprender com essa encantadora jovem senhora que muito já viveu e viu.

4.2.2 Irene Cinta Larga

Nascida no dia 30 de dezembro de 2009, Irene é uma menina de treze anos de idade que reside desde seu nascimento na aldeia Ponte. Apesar de seu pai Roberto Cinta Larga possuir outras esposas, ele reside na mesma casa que Irene, sua mãe Marlene Cinta Larga e o irmão.

Figura 44 - Irene Cinta Larga



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Figura 45 - Casa da Irene e sua família



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Segundo Marlene, Irene foi alfabetizada e frequenta a escola IEEFM Rosana Cinta Larga, situada na aldeia Ponte. Contudo, desistiu do ano letivo em 2022, no segundo semestre, quando seu pai sofreu um acidente de moto, sendo necessário ficar hospitalizado e,

posteriormente, continuar recebendo frequentes atendimentos médicos em Cacoal, por aproximadamente quatro meses. A fim de cuidar e acompanhar o Roberto, Marlene e os filhos foram para a cidade e, assim, Irene obteve muitas faltas e abandonou os estudos.

Durante nossos encontros espontâneos e planejados, notamos que Irene é uma menina de temperamento forte, exigente e destemida. Dialoga em sinais com seus familiares e com alguns membros da comunidade, porém, demonstrou impaciência e insatisfação quando sua comunicação não é entendida.

Ao perceber ou demostrar por meio de expressão facial, por apontamentos, balançar de cabeça que não era entendida, Irene realizava novamente a sinalização com mais ferocidade, aumentando o espaço de sinalização, de apontamentos, juntamente com a expressão de descontentamento (sobrancelhas franzidas, balançar negativo da cabeça e rebaixamento dos lábios ao final da sinalização), transparecendo uma intensidade grosseira nos sinais. Ora nem tenta se fazer entender e já se afasta realizando expressão de descontentamento.

Não podemos afirmar que Irene tem essa mesma reação ao não ser entendida pelos parentes, pois em todos os momentos de interação, a comunicação ocorreu sem essas marcas de ferocidade na sinalização.

Irene se comunica comumente da LICLAS com seus familiares, alguns membros da comunidade e, principalmente, com as crianças da aldeia. O uso da LICLAS não a impede de realizar tarefas cotidianas, passeios ou qualquer outra atividade. Inclusive, possui um histórico de vida escolar, mesmo não recebendo um atendimento especializado aos surdos.

Uma constatação da fluidez da LICLAS na vida da Irene, é o contato e liderança que ela exerce sobre as crianças, fato observado durante o trabalho de campo na aldeia, incluindo as participações nas festividades. Percebe-se que Irene possui uma forte ligação com as crianças da comunidade, pois sempre está demostrando afetividade, dando abraços, beijos e pegando no colo, transparecendo ser cuidadosa e brincalhona. Talvez essa afetividade explique a liderança que ela parece exercer com seus amigos, tanto no comando das brincadeiras, pois eles a seguem e ficam ao seu redor, quanto na divisão de algum alimento.

No primeiro dia de contato com Irene (23/09/22), ela se mostrou desconfiada e pouco aberta ao diálogo, o que nos levou a pensar que poderia não conseguir a confiança que se desejava e precisava para o registro de sinais no diálogo espontâneo ocasionado por meio de convivência. No entanto, nos próximos dias, nos surpreendemos com a aproximação espontânea dela até nós. Infelizmente, em algumas das idas a campo, não conseguimos encontrá-la.

Às vezes, era comunicado a nós que ela estava na cidade, na roça, ou em casas de familiares em outras localidades. Fomos informados pelos pais de que Irene gosta de passear e que tem o desejo de morar na cidade. As idas à roça são muito comuns para sua família, e como já é da cultura dos indígenas Cinta Larga que as roças sejam distantes da aldeia, eles se hospedam durante uma a duas semanas na roça, em uma casa feita de tronco de árvore e lona, para trabalhar a terra. Como o trajeto até a roça é bastante difícil e não tínhamos veículo adequado, não foi possível ir até a roça da família.

4.2.3 Ivan Ximipuy Cinta Larga

Ivan Ximipuy Cinta Larga, de 35 anos, nasceu no dia 13 de março de 1988, no município de Espigão do Oeste em Rondônia. Vive na aldeia Tenente Marques desde seu nascimento, onde constituiu sua família composta por sua esposa Elizete Cinta Larga e seus dois filhos, uma menina e um menino.

Figura 46 - Ivan Ximipuy Cinta Larga



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Figura 47 - Casa do Ivan



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Por meio das interações com Ivan, as quais ocorreram não somente na aldeia Tenente Marques, como também nas aldeias Ponte e Asanuééj, constatamos que ele é um homem muito ativo e comunicativo. Comunica-se prioritariamente por meio da LICLAS, o que não o impede de realizar suas tarefas e de interagir com ouvintes. Ficamos impressionados com tamanha habilidade e nenhuma de timidez quanto ao contato e diálogo conosco.

Durante a pescaria, ele demonstrou alta habilidade na caça, pesca, nado e conhecimento empírico da natureza como, por exemplo, adentrar em mata fechada e não se perder, utilizar o fogo para afastar os mosquitos e saber identificar bons lugares para caça e pesca. Esses fatos

foram contados por Marcos e os outros que acompanharam na caça e pesca, bem como alguns percebidos por mim durante a convivência na pescaria.

Ainda no contexto da pescaria, presenciamos Ivan cuidando de seus filhos, demonstrando que é um pai presente, colaborativo e amoroso, características notadas nos pais das aldeias Asanuééj e Pontes.

Bem-humorado e espontâneo, ele fez questão de sempre participar e interagir nas conversas. Quando percebe que não foi compreendido e não tem ninguém próximo que possa interpretar, pacientemente ele pede para esperar e escreve a palavra em LP que representa o sinal que não foi compreendido. Presenciamos Ivan escrevendo na sua palma da mão com o próprio dedo e na terra. Outra forma de se fazer entender é realizando o desenho (na palma da mão ou na terra) do que não foi compreendido.

Essa escrita com o alfabeto da LP utilizada por Ivan, caracterizada por nós como secundária, por consequência da pouca recorrência de utilização em comparação ao uso da LICLAS, foi observada por Silva (2021, p. 187) na língua de sinais Cena:

> Na Cena ocorre também a soletração, mas com um diferencial, esta é realizada mediante o uso do dedo indicador para desenho das letras do alfabeto da língua portuguesa na palma da mão ou no antebraço do receptor da mensagem, e até mesmo quando não há entendimento no chão seja de terra batida com um graveto ou com o dedo. Também há ocorrência de escrita das letras no ar.

Desse modo, observamos que Ivan possui a LICLAS como sua língua de instrução e a escrita na LP e desenho como alternativas/secundárias criadas para sanar ou minimizar os entraves na comunicação.

Além dos indígenas surdos citados, os familiares dos surdos também foram considerados como sujeitos dessa pesquisa, visto que as primeiras informações sobre a forma de vida dos surdos, os sinais que utilizam no dia a dia, são dados valiosos para serem analisados e inseridos na Tese. Desse modo, além das conversas informais, realizamos entrevistas com Bruna Cinta Larga (filha de Guma), Cibita (na posição de enteada de Guma), Marlene Cinta Larga (mãe de Irene) e Elizete Cinta Larga (esposa de Ivan).

Ao conviver com os sujeitos citados anteriormente e com seu povo, priorizando a observação da comunicação entre seus familiares e a comunidade indígena Cinta Larga, presenciamos intensa comunicação através da LICLAS. Não foi perceptível aos olhos que a surdez é vista como uma condição que anula o indivíduo na comunidade e no seio familiar.

Desse modo, a interação social e familiar através da LICLAS entre indígenas surdos e indígenas ouvintes, se apresenta como uma forma que mantém a vitalidade dessa LIS.

4.3 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

Inicialmente, realizamos a apresentação da proposta dessa pesquisa à liderança indígena do povo indígena Cinta Larga, o senhor João Bravo. Para chegarmos até ele, tivemos a necessária intermediação do casal Marcos Cinta Larga, que é filho do João Bravo, e de Márcia Dias da Silva Cinta Larga, que não é indígena, porém, por ser casada com Marcos há mais de vinte anos e residir na aldeia Ponte, é conhecedora da cultura indígena Cinta Larga, da TI e de seus moradores.

Neste prisma, Cruz Neto (2001, p. 54-55) corrobora dizendo ser importante essa intermediação em pesquisas etnográficas pelo fato que, “em primeiro lugar devemos buscar uma aproximação com as pessoas da área selecionada para o estudo. Essa aproximação pode ser facilitada através do conhecimento de moradores ou daqueles que mantêm sólidos laços de intercâmbio com os sujeitos a serem estudados.”

Figura 48 - Marcos Cinta Larga e Márcia Cinta Larga



Fonte: Do acervo da autora (2022).

O primeiro encontro com João Bravo foi realizado no dia 08 de fevereiro de 2022, na segunda casa dele, situada no Distrito de Riozinho, em Cacoal, sendo marcado e acompanhado por Marcos e Márcia. A ocasião foi previamente planejada para que eu pudesse me apresentar e apresentar a pesquisa, bem como solicitar a João Bravo a autorização para realizá-la.

Tendo exposto sobre a pesquisa, bem como a necessidade da aprovação dele, João Bravo se mostrou complacente e a assinatura do Termo de Autorização da Liderança Indígena (Apêndice A) ocorreu após a interpretação oral na língua Cinta Larga feita por Marcos. Em seguida, presenteou-me com um colar indígena. De acordo com Marcos e Márcia, João Bravo só presenteia a quem ele sente confiança e se afeiçoa, ou seja, não era apenas um colar, era a afirmação de um elo de confiança. Um momento único, de respeito pelo outro, alegria e emoção.

Figura 49 - Reunião de apresentação da pesquisadora e da pesquisa a João Bravo



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Figura 50 - Assinatura do Termo de Autorização da pesquisa por João Bravo



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Figura 51 - A pesquisadora recebendo o colar de João Bravo



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Posteriormente, o projeto de pesquisa foi submetido à Plataforma Brasil, junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da (CEP) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), que gerou o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) de número 56250222.6.0000.5166 (Anexo A). Devido a pesquisa se enquadrar no eixo de pesquisas com população indígena, o CEP, após se manifestar favoravelmente, encaminhou o projeto à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), que analisou e emitiu parecer favorável (Anexo B). Tais tramites foram iniciados no dia 10 de fevereiro de 2022 e foram concluídos no dia 16 de setembro de 2022.

Como posto, a condução deste estudo atentou ao que dispõem as Resoluções n.º 466/2015 (Brasil, 2015) e 510/2016 (Brasil, 2016) do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que tratam das normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, seguindo todos os procedimentos necessários.

Com a lentidão dos tramites do projeto junto ao CEP e CONEP, o tempo que já era curto, ficou ainda mais comprometido. Por isso, logo após a aprovação, estando em posse de todas as autorizações, corremos contra o período chuvoso, pois a seca estava se findando, o que dificultaria o trabalho de campo, conforme alertado por Marcos e Márcia.

Iniciando o trabalho de campo e, seguindo sugestão já aventada pela própria liderança indígena, contamos com os intermediadores, o casal Marcos e Márcia para a ida até as aldeias, a fim de que ocorresse a minha apresentação e da pesquisa aos participantes, e com o trabalho voluntário de interpretação oral da LP para a Língua Cinta Larga realizado por Marcos, a fim de nos comunicarmos de forma mais producente com os responsáveis e/ou participantes.

Marcos assinou um termo (Apêndice B) aceitando realizar voluntariamente a interpretação da LP para a Língua Cinta Larga, de todos os documentos destinados aos participantes desta pesquisa (Apêndice C), haja vista que contemplam em seu conteúdo os objetivos do estudo, a metodologia, os procedimentos a serem adotados, bem como, os riscos e benefícios.

Diante da presumida dificuldade de comunicação com os indígenas Cinta Larga surdos, constatando a não compreensão da escrita da LP por parte de alguns e de não se comunicarem em Libras, foi necessário que pessoas do círculo de convivência dos participantes surdos os auxiliassem quanto à compreensão do teor dos Termos a serem assinados, por meio da LICLAS, uma vez que que essa língua ainda não fazia parte do meu arcabouço linguístico.

Assim, para as assinaturas dos Termos pelos participantes indígenas surdos, mostrou-se mais adequada e funcional a intermediação por familiares ou responsáveis, como uma estratégia que mais lhes atendeu sobre a compreensão do cerne da pesquisa e de sua participação.

No dia 27 de setembro de 2022, fomos para as aldeias Ponte e Asanuééj para coletar as assinaturas dos participantes Guma e Irene e seus familiares. No período da manhã, fomos até a aldeia Asanuééj para que Guma e Cibita assinassem os documentos.

Figura 52 - Assinatura dos TCLE e afins pela Guma e familiares



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Relatamos que as participantes Guma, Cibita e Bruna (filha de Guma), não tiveram resistência quanto a aceitação e assinatura, no entanto, foi um momento tenso, pois vários outros familiares questionaram o porquê daqueles documentos, conversando com Cibita na língua Cinta Larga, mostrando-se bastante desconfiados. Ficamos aflitos com todas as pessoas em volta, conversando ao mesmo tempo e eu sem compreender as falas, só sentindo um clima de desconfiança. Marcos interveio, acalmando-os e esclarecendo a necessidade dos documentos para a pesquisa.

No período vespertino, fomos até a casa da família da Irene e houve uma resistência parecida com a descrita anteriormente. Alguns vizinhos e familiares vieram ver o que estava acontecendo e questionavam, na língua Cinta Larga, a Marlene Cinta Larga (mãe de Irene) quanto aos documentos. Novamente Marcos interveio a fim de deixá-los tranquilos e esclarecidos da necessidade das documentações.

Figura 53 - Apresentação da pesquisa e leitura e interpretação dos documentos (TCLE e afins) para Irene e família



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Figura 54 - Assinatura dos documentos (TCLE/TALE e afins) pela Irene e Marlene



Fonte: Do acervo da autora (2022)

Após cumprido o objetivo de coleta de assinaturas, Marcos nos relatou que eles se sentem desconfiados quando o assunto é assinar algo e apresentar documentos pessoais. A justificativa para esses sentimentos está ligada aos golpes que muitos parentes já sofreram ao mostrar os documentos ou assinar algum. Marcos nos disse que não era algo contra nós ou a pesquisa, mas o receio devido às anteriores experiências negativas de alguns. Afirmou ainda, que são comuns essas reações até mesmo com os órgãos governamentais, quando solicitam seus documentos pessoais e, em muitos casos, é preciso haver a intervenção dos caciques para dar credibilidade a solicitação.

Como a aldeia em que Ivan reside é mais distante, de difícil comunicação e acesso, tivemos que tornar nossa ida o mais aproveitável possível, diante das incertezas de retorno. Por

isso, no dia 30 de setembro de 2022, no ambiente de uma pescaria, houve nossa apresentação e da pesquisa, de modo que aceitaram participar e assinaram os documentos necessários.

Essa pescaria foi previamente planejada e intencionada, principalmente, para haver contato com Ivan e seus familiares, contudo, fomos sem saber se ele estaria em sua aldeia e se poderia nos acompanhar, pois não há comunicação à distância com essa comunidade. Já instalado o acampamento às margens do rio Eugênio, realizamos as assinaturas dos documentos necessários. Foi um momento tranquilo, Ivan e Elizete (esposa de Ivan) nos deixaram transparecer que estavam esclarecidos e confiantes.

Figura 55 - Apresentação da pesquisa e leitura e interpretação dos documentos (TCLE e afins) para Ivan e sua esposa Elizete



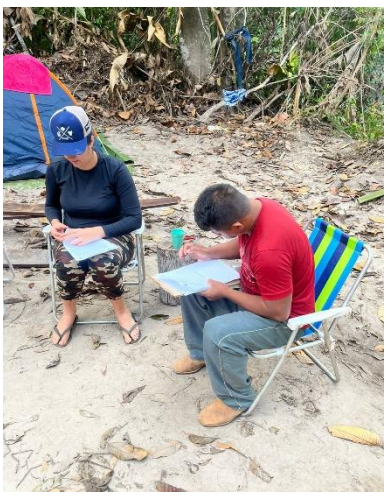
Fonte: Do acervo da autora (2022).

Figura 56 - Elizete assinando os documentos (TCLE e afins)



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Figura 57 - Ivan assinando os documentos (TCLE e afins)



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Um fato curioso nesse momento e que, além da interpretação na língua Cinta Larga para Elizete e a interpretação da LICLAS para Ivan, ele mostrou indícios de que leu o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), pois enquanto lia balançava afirmativamente a cabeça e, em certo momento, apontou para a sigla RG (Registro de Identidade) e sinalizou o sinal para RG da LICLAS seguido do apontamento em direção a sua casa.

4.4 TÉCNICAS DE COLETA DOS DADOS

Por se tratar de uma pesquisa etnográfica, ir a campo, observar, participar dentre outras ações que a caracteriza, dispensa um esquema rígido, já estruturado e inalterado, de técnicas de produção de dados, visto a maleabilidade necessária nesses casos (MINAYO, 2007). No entanto, existem técnicas que são mais adequadas e básicas num estudo um tanto quanto intempestivo.

Como técnicas de campo, utilizamos a observação participante, o diário de campo, a entrevista semiestruturada e a elicitação de dados. Para adentrar teoricamente na temática desta pesquisa, foi realizada revisão bibliográfica sobre os Cinta Larga, sobre as LS e a linguística delas, destacando as pesquisas sobre as LIS no Brasil, LSE e LS não urbanas.

Prevemos que a técnica de observação participante atenderia aos objetivos, visto que se fundamenta "[...] na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste" (Marconi; Lakatos, 2003, p.194).

A vivência ativa com o grupo pesquisado proporcionou a realização de uma descrição que intencionou ser o mais fidedigna possível da comunidade Cinta Larga surda, abarcando em detalhes o lugar onde vivem, os membros/comunidade, costumes, rotina, educação escolar, vivência na comunidade indígena, forma de comunicação sinalizada captada em sua espontaneidade, dentre outros aspectos socioculturais. Ou seja, informações dos participantes que não podem ser caracterizadas apenas como relatos curiosos, mas aspectos intrínsecos de seu povo e seu ser, visto que num trabalho etnográfico não somente se registra os dados, mas os descreve e aponta os significados (Mattos; Castro, 2011).

Neste prisma de observação participante, os sinais e sentenças que foram utilizados pela comunidade, familiares e responsáveis pelos surdos durante o nosso convívio, foram registrados como dados, pois, de acordo com Bauer e Gaskell (2002), as pesquisas sociais possuem forte interesse pela espontaneidade em que as pessoas se expressam sobre determinado tema.

Buscando o registro dos sinais de forma espontânea e dentro do contexto de uso, obtido com êxito pela possibilidade de observá-los no convívio, acrescentamos a essa técnica a elicitação dos dados, ou seja, através de interações provocadas. Para isso, realizamos atividades que são do agrado e cotidiano dos participantes, como: pescaria, colheita de alimentos e churrasco (esse a pedido deles mesmo).

Essas atividades resultaram em muitos sinais registrados em contexto específico de uso, como também nos possibilitou conhecer práticas culturais e as habilidades dos surdos. Foi uma técnica que trouxe resultados exuberantes e riquíssimos para esta pesquisa, num curto espaço de tempo e em bem maior número de sinais em comparação a técnica de observação do cotidiano.

Neste seguimento, o diário de campo se mostra como um instrumento essencial. Cruz Neto (2001) o coloca como o principal instrumento de trabalho numa pesquisa de observação.

> Como o próprio nome já diz, esse diário é um instrumento ao qual recorremos em qualquer momento da rotina do trabalho que estamos realizando. Ele, na verdade, é um "amigo silencioso" que não pode ser subestimado quanto à sua importância. Nele diariamente podemos colocar nossas percepções, angústias, questionamentos e informações que não são obtidas através da utilização de outras técnicas. O diário de campo é pessoal e intransferível. Sobre ele o pesquisador se debruça no intuito de construir detalhes que no seu somatório vai congregar os diferentes momentos da pesquisa (Cruz Neto, 2001, p. 63-64).

Corroborando com a autora supracitada, Triviños (1987) destaca que essa técnica possui natureza descritiva e reflexiva. A primeira envolve a descrição sobre o ambiente socioeconômico e físico, rotina do povo, aspectos culturais, atitudes, ações, momentos específicos, entre outros fatores que narram a essência do povo observado. A segunda tem como intuito a realização da reflexão dos aspectos registrados.

Desse modo, essa técnica de caráter tão pessoal serviu para o direcionamento da pesquisa, pois ao redigir sobre o observado, possibilitou refletir sobre traços da cultura indígena contidos nos sinais e sentenças e sobre como a elicitação de dados proporcionava mais registros, conhecimento e aproximação com a comunidade indígena surda Cinta Larga, levando-nos a identificar os efeitos de cada técnica de coleta de dados utilizado nesta pesquisa.

Ou seja, o diário de campo também se constitui numa ferramenta de intervenção, principalmente, pela possibilidade de registrar e concomitantemente refletir a partir da visão de detalhes que outras técnicas não alcançam.

Assim, essa técnica foi realizada, primeiramente, através de anotações em um caderno de campo e, muitas vezes, o celular teve o papel de caderno de campo[13], devido a facilidade de carregá-lo em meio a ambientes adversos como mata e roça. Ao final de cada dia, as informações anotadas eram redigidas no diário de campo, no arquivo do Word, no notebook[14].

Os sinais e sentenças da LICLAS registrados nesse caderno eram gravados por mim, com minha própria imagem, pois, tratando-se de uma pesquisa com surdos que utilizam uma comunicação gestual/visual, o uso de aparelhos para o registro visual dos dados é essencial. Corroborando, Ferreira ([1995] 2010, p. 203) afirma que "para se registrar uma língua de sinais é praticamente obrigatório registrar os dados em vídeo".

Figura 58 - Print do caderno de campo no celular



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Figura 59 - Print do vídeo da pesquisadora registrando o sinal REDE sinalizado por Ivan



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Contudo, devido a espontaneidade dos momentos de interação e convívio, como por exemplo, as idas as roças, em que no envolvimento nas atividades de colheitas, impossibilitava-me gravar a todo momento. A vista disso, essa forma de registro não pode se concretizar em

[13] Criei um grupo de WhatsApp contendo somente a mim como integrante e redigia as informações e ou sinais e sentenças da LICLAS sinalizados. Mesmo sem conexão com a internet, as informações ficavam armazenadas.

[14] Somente na pescaria essa ação não foi realizada diariamente. No entanto, foi redigido dia a dia após chegar em casa e ter acesso ao notebook.

todas as ocasiões, sendo mais viável recorrer ao registro no caderno de campo, os quais eram o mais brevemente possível, gravado em vídeo com a minha própria imagem, a fim de não se perder as articulações dos sinais produzidos.

Além do mais, mesmo tendo o conhecimento de que a gravação instantânea em vídeo das interações através da LICLAS seria a forma mais ideal de registro, os registros no caderno de campo se mostraram mais eficientes, dada a inibição dos indígenas surdos ao avistarem o celular apontado na direção deles, gravando. Fato alertado por Sousa e Barroso (2008) ao afirmarem que, principalmente no início da pesquisa, os aparelhos digitais devem ser usados com cautela e, percebendo a intimidação dos participantes, o uso do diário de campo é mais aconselhável.

Outra técnica utilizada foi a entrevista semiestruturada com os familiares/responsáveis pelos indígenas surdos. Essa técnica se fez necessária, pois pude, além de me inteirar com a família/responsáveis, buscar as primeiras informações sobre os surdos, como por exemplo: idade, vida escolar, social e familiar. Segundo Lüdke e André (2018, p. 39) uma das vantagens dessa técnica é que "[...] ela permite a captação imediata e coerente da informação desejada [...]", a vista que, muitas vezes, apenas as famílias/responsáveis são capazes de descrever com propriedade e detalhes.

Esse tipo de entrevista, conforme Lüdke e André (2018, p. 40) "[...] se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações." Dessa forma, através de questionamentos primários, é normal que outras questões surjam e façam parte, de forma complementar ou mesmo diretamente, dos resultados de uma pesquisa.

Marconi e Lakatos (2003) afirmam que essa técnica exige habilidade e sensibilidade, pois se o entrevistador conseguir estabelecer confiabilidade ao entrevistado, este momento poderá culminar em informações jamais coletadas com outras técnicas.

Para isso, foram esclarecidos os objetivos da pesquisa, relevância e a necessidade da colaboração aos participantes, através de numa conversa amistosa, em ambientes corriqueiros para que ficassem à vontade, proporcionando numa entrevista o mais espontânea e natural possível, as quais geraram dados sobre os surdos inseridos nas anteriores subseções 4.2 a 4.2.3.

Todas as entrevistas foram realizadas após a assinatura das devidas documentações, aproveitando a intermediação do Marcos para solicitar a disponibilidade e aceitação de participação na pesquisa. O registro foi realizado por gravação de voz, e os sinais utilizados entre os entrevistados e os surdos na comunicação no dia a dia foram anotados no caderno de campo e/ou gravados em vídeo.

Figura 60 - Entrevista com Cibita e Bruna, familiares da Guma



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Figura 61 - Entrevista com a Marlene, mãe de Irene



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Figura 62 - Entrevista com a Elizete, esposa de Ivan



Fonte: Do acervo da autora (2022).

A elicitação dos dados foi o método utilizado que visou propiciar momentos com contato direto com os surdos e seus familiares. Para isso, fomentamos atividades que são do agrado dos participantes, como churrascos, colheitas nas roças indígenas e pescaria.

Entendemos que todas as técnicas, direta ou indiretamente, buscaram informações e dados importantes para conhecer a comunidade e, principalmente, os indígenas Cinta Larga surdos, sendo isso, uma questão de consideração e respeito.

Para isso, foi necessário nos abrirmos para conhecer um novo sujeito, com cultura, história de vida, gostos até então desconhecidos por nós. Portanto, essa fase não foi apenas investigativa, mas uma busca em conhecer aquele que é o centro da pesquisa para, assim,

planejar as ações de proximidade que lhes proporcionasse o máximo de conforto e confiabilidade possível.

4.5 IDAS A CAMPO

Tratando-se de uma pesquisa etnográfica, descrever sobre as idas a campo é relevante, esclarecedor e informativo, permitindo o leitor conhecer os caminhos que foram percorridos nessa etapa, lendo e imaginando o percurso. Através dessa descrição diária (mesmo que de forma resumida) informações sobre os aspectos culturais, relatos de interações com os surdos, observações de rotina de vida dos surdos e momentos que resultaram em registros da LICLAS, podem ser apreciadas pelo leitor, bem como, são registros da história dessa pesquisa etnográfica.

Ainda, relatar resumidamente o diário de campo, permitirá ao leitor situar os sinais e sentenças da LICLAS no tempo da pesquisa, realizando correlações com a descrição do contexto dos registros inseridos nas seções de análises.

O início desse percurso ocorreu desde o dia que João Bravo concordou e autorizou a pesquisa, pelo contato com Marcos e Márcia e, principalmente, mantendo-os informados sobre o andamento do projeto de pesquisa junto ao CEP e CONEP. Foi um período de espera muito crítico e angustiante.

O longo tempo de espera da decisão do CEP e CONEP sobre a autorização desta pesquisa levou-nos a termos que modificar o cronograma inicial, principalmente, pela proximidade do período de fortes e intensas chuvas, fato que dificultou e até impossibilitou estadias na aldeia Tenente Marques. Nisso, a metodologia também teve que ser repensada, de forma que os resultados viessem mais rapidamente, pois estávamos numa corrida contra o tempo.

Seguindo a ordem cronológica das idas a campo, início os relatos das idas a campo e os detalhes das atividades desenvolvidas com membros das comunidades envolvidas e as participantes ocorreram entre setembro e novembro de 2022.

A primeira ida oficial a campo foi na aldeia Pontes, no dia 18 de setembro de 2022. Márcia pediu para que eu fosse conhecer o quarto onde se hospedaria e verificar quais utensílios/objetos precisaria levar para as estadias na aldeia. Aproveitando o ensejo, conversamos sobre o novo cronograma, o qual encurtaria o prazo de idas a campo, por conta da proximidade do período de fortes chuvas. Sensibilizados e entendo a necessidade urgente de contato com os sujeitos participantes, aventamos a possibilidade de haver um churrasco entre

as famílias dos surdos das aldeias Ponte e Asanuééj e Marcos, prontamente agendado para o dia 23 de setembro.

Ainda nesse encontro, enquanto conversávamos e tomávamos café na área da casa da Márcia e Marcos, João Bravo apareceu, nos cumprimentou e ficamos conversando. Foi nesse momento que vimos Ivan pela primeira vez. Quando Márcia disse: *Olha ali o Ivan!*, o meu coração disparou, pois a ansiedade em conhecer os indígenas surdos era grande. João Bravo olhou para Ivan e viu que ele estava machucado, apoiado em um galho de árvore, pulando em um pé só, vinha em direção ao posto de saúde. Márcia explicou que ele havia torcido o pé e que iria ser levado a cidade de Espigão do Oeste em Rondônia em busca de atendimento médico.

João Bravo foi ao encontro e conversou com ele, indicando perguntar o que havia acontecido, apontando para o pé do Ivan e estendendo as mãos abertas virada para cima juntamente com um inclinar de cabeça para cima. Ivan sinalizou que estava andando e caiu. Foi um momento incrível para mim! Senti emoção e entusiasmo em ver uma liderança indígena conversando em sinais com um surdo. Ali, imaginei o quanto poderia ser demonstrado durante a minha vivência nas aldeias, na espontaneidade dos diálogos.

Curiosos para conhecer a aldeia, Marcos e Márcia caminharam apresentando a aldeia Ponte para mim e meu esposo Vagner[15], em seguida, a aldeia Asanuééj, ocasião também aproveitada para registrar fotos desses ambientes. Em todas as idas a campo, a aldeia Pontes foi o local onde nos instalamos, tanto pela proximidade necessária com Márcia e Marcos, quanto da disponibilidade de aposento que atendesse a necessidade para o bom andamento da pesquisa, como por exemplo, energia elétrica e acesso à internet para o armazenamento dos dados coletados.

Figura 63 - Casa do Marcos e Márcia



Fonte: Do acervo da autora (2022).

[15] Acompanhou-me em quase todas as idas a campo, participando de todas as atividades durante nossa permanência na aldeia.

Figura 64 - Quarto de hospedagem da pesquisadora



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Todas as idas às aldeias foram combinadas e esquematizadas em conjuntura com o casal Márcia e Marcos, e o resultado disso foi o surgimento de uma amizade e laços de afetividade. Ficamos próximos e mesmo passado o período de trabalho de campo, mantemos contato e conversamos sobre diversos assuntos.

Atendendo a minha solicitação, Marcos conseguiu marcar o churrasco no dia 23 de setembro de 2022, destinado ao primeiro encontro entre mim, os surdos e seus familiares das aldeias Pontes e Asanuééj. Nesse ensejo, realizamos as apresentações necessárias, solicitando se havia a possibilidade de participação/autorização e houve concordância de ambas as famílias em participar.

Mesmo de posse da documentação devida, preferi não solicitar assinatura naquele momento, pois estávamos interagindo muito naturalmente, descontraídos e nos conhecendo, evitando, assim, um possível sentimento de pressão e pressa da pesquisa. Deixá-los à vontade e o mais seguros possível foi a prioridade naquele dia. Neste pensamento, realizei o registro desse encontro apenas no diário de campo, sem expô-los à câmera.

Foi um dia divertido, cheio de histórias e muitas risadas. Com relação às surdas Irene e Guma, não forcei aproximação, e fomos interagindo em poucos momentos, a fim de deixá-las tranquilas com nossa presença. Guma se mostrou receptiva, muito sorridente, quietinha, porém, atenta e sempre presente entre nós. Já Irene, ficou ressabiada, aproximando-se somente para pegar algum alimento e ligeiramente distanciava-se, indo brincar com as crianças.

No dia 27 de setembro de 2022 retornamos à aldeia Ponte para que os participantes e responsáveis/familiares assinassem os Termos, conforme previamente combinado. Pela manhã, fomos até a casa da Guma e, no período da tarde, fomos à casa da Irene. Os momentos de assinaturas foram relatados na subseção *Procedimentos éticos* (4.3). Após as assinaturas, foram realizadas as entrevistas com as famílias das indígenas surdas.

Aproveitei esses momentos de assinatura para interagir com Guma (período da manhã) e com Irene (período da tarde), resultando em diálogo por meio da LICLAS, cujos registros são apresentados na seção *5 - Aspectos Fonológicos da Língua Indígena Cinta Larga De Sinais: Registros, Descrição e Análise*.

Destacamos que nos surpreendemos com Irene, tinha considerávamos que demoraria um tempo maior para que ela interagisse comigo, visto que no dia do primeiro churrasco ela ficou bastante distante. Contudo, ela estava muito tranquila e comunicativa, e fiquei feliz em percebê-la acessível.

No dia 28 de setembro de 2022, inseri-me nas atividades cotidiana da comunidade. Pela manhã fomos até a aldeia Asanuééj para fazer sabão. Avistando Guma e Cibita na varanda da casa da Cibita, fui interagir com elas, sendo possível anotar vários sinais advindos dessa interação.

Figura 65 - Momento de interação



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Figura 66 - Guma sinalizando COMER



Fonte: Do acervo da autora (2022).

No período da tarde, juntamente com Guma, Cibita, Márcia, Marcelo fomos até a roça de um parente colher mandioca e cará. Guma e Cibita foram também e essa tarde rendeu muita interação com todos, em especial com a Guma. Além dos sinais registrados, conheci uma roça indígena dos Cinta Larga e recebi explicações com base na cultura sobre a formação e uso da

roça. Marcelo explicou que as roças sempre são formadas distantes da aldeia no intuito de evitar que os parentes peguem os alimentos desordenadamente e que, após as colheitas, as roças são abandonadas, sendo formadas em outro local, ano a ano.

Figura 67 - Cibita, Guma e a pesquisadora indo para roça



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Figura 68 - Adentrando na roça



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Figura 69 - Cibita e Márcia colhendo cará



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Figura 70 - Cará da terra



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Figura 71 - Guma sinalizando CARÁ



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Figura 72 - Barraco na roça



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Um fato que me chamou a atenção nessa ida a uma roça dos Cinta Larga foi a questão da colheita da mandioca. Os pés de mandioca estavam grandes e bonitos, aparentando terem muitas ramas. No entanto, Guma e Cibita adentraram a plantação e como demoraram para voltar, eu quis saber o motivo e disseram que não estavam achando.

Indagadas sobre os pés próximos, bem crescidos, informaram que aqueles já haviam sido colhidos. Quanto ao fato de os galhos não parecerem arrancados, Marcelo explicou que é da cultura deles arrancarem somente as ramas de mandioca, deixando os galhos de pé para que assim possam produzir o tubérculo novamente, além de funcionar como uma marca que, naquele local, já foi plantada uma roça. Para colher, cavoucam até as ramas e as destacam da raiz que as ligam ao caule.

Estávamos preocupados com o período das fortes chuvas e não conseguirmos realizar a pescaria que objetivava principalmente o contato com Ivan. Diante dessa problemática, Marcos disse que iria tentar organizar a pescaria para irmos na sexta feira (30/09/22). No dia 29, foi preciso voltar para casa às pressas para organizar os itens necessários para a pescaria e retornar para aldeia Ponte. Apesar das preocupações, foi possível organizar o necessário para a pescaria e ficar no aguardo da confirmação do Marcos. Na noite do dia 29, ele disse que a pescaria daria certo.

Vagner e eu saímos na madrugada do dia 30, pois o percurso até o rio Eugênio seria logo: um total de 285 km (185 km de estrada de chão e 100 de asfalto) de Ministro Andreazza (nossa residência) até o rio Eugênio. Passamos de aldeia em aldeia, parando na aldeia Ponte, depois na Asanuééj, na Tenente Marques e seguimos até o rio Eugênio.

Não havia como Marcos se comunicar com Ivan para perguntar se tinha disponibilidade de ir à pescaria no dia 30, pois não há qualquer tipo de comunicação a distância com a aldeia Tenente Marques. Diante disso, fomos sem saber se o encontraríamos bem como se poderia participar da pescaria. No entanto, fomos surpreendidos com a informação de que a Guma e a Cibita também iam, por isso, de toda forma seria um momento de convívio com algum surdo, como também, a probabilidade de presenciar e registrar o contato entre dois indígenas Cinta Larga surdos.

Foram aproximadamente 50 km da aldeia Ponte até a aldeia Tenente Marques, mais 50 km até o rio Eugênio, percorridos numa estrada de terra com muita poeira, buracos e obstáculos como pontes em estado precário e árvores caídas, impedindo o trajeto. Em contrapartida, fomos avistando as belezas da fauna e flora local.

Figura 73 - Ponte sobre o rio Tenente Marques



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Foram quilômetros sentindo aflição, pois era preciso encontrar o Ivan. Chegamos na aldeia Tenente Marques e, seguindo as orientações da Márcia, não adentramos na aldeia, ficamos esperando alguém vir nos receber. Logo vieram vários moradores e Márcia perguntou se Ivan estava. Confirmado que sim, foram chamá-lo.

Quando Ivan se aproximou de nós, Márcia sinalizou para ele quem éramos e que queríamos que ele fosse pescar conosco. Nesse momento ocorreu a primeira interação entre a Guma e Ivan, quando Guma reforçou reforçando o convite para ele nos acompanhar na pescaria. Ivan pediu para esperar e foi em direção a sua casa, demorou um pouco e voltou com uma

mochila, com sua esposa e filhos. A família dele foi conosco de caminhonete e Ivan foi de moto junto com seu amigo.

Figura 74 - Saída para a pescaria (Aldeia Ponte para a Tenente Marques)



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Figura 75 - Trajeto da pescaria (Aldeia Tenente Marques até o rio Eugênio)



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Figura 76 - Trajeto da aldeia Tenente Marques para o rio Eugênio



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Figura 77 - Árvore bloqueando a passagem



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Chegando no rio Eugênio, fomos montar o acampamento e, concluída essa tarefa, realizamos a assinatura do TCLE e afins por Ivan Cinta Larga e sua esposa, conforme explicado acerca dos procedimentos éticos na subseção 4.3.

Figura 78 - Acampamento às margens do rio Eugênio



Fonte: Do acervo da autora (2022).

A figura acima mostra o local do acampamento. Porém, Ivan juntamente com sua família e o amigo, não ficaram neste mesmo local, sendo algo que nos chamou atenção. Diante desse espaço de comum acampamento, Ivan preferiu montar acampamento em meio a mata, limpou um espaço, armou quatro redes e à noite fez uma fogueira no centro, que conforme ele mesmo, serviria para aquecê-los e afastar os mosquitos. Seu acampamento era somente para dormir, as outras atividades como conversas e alimentação, foram todas realizadas no acampamento conforme a imagem apresentada anteriormente.

Ficamos na pescaria do dia 30 de setembro até 01 de outubro de 2022. Durante esses dias, Ivan ficou envolvido com as pescarias, caças e banhos no rio e apresentou altas habilidades nessas atividades. Já Guma permaneceu no acampamento, pescando às margens do rio (próximo ao acampamento) e realizando atividades de cozinhar, guarda e conservação dos peixes, sempre na companhia de Cibita. Presenciamos apenas um contato entre o Ivan e a Guma, no acampamento. Contudo, quando avistei eles conversando, parei minha atividade de limpeza para chegar mais próximo para observá-los, em fração de segundos eles pararam o diálogo e não consegui registrar nenhuma sinalização. Pelo que pude perceber, foi um diálogo muito rápido.

Durante esses dias, as mulheres ficaram responsáveis por preparar a comida, arrumar o acampamento e depois disso, íamos pescar, colher sementes para fazer artesanato e conversávamos. Enquanto os homens pescavam e/ou caçavam.

Figura 79 - As mulheres coletando sementes



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Figura 80 - Márcia e Elizete pescando



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Figura 81 - Márcia e a pesquisadora descascando mandioca



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Figura 82 - Guma cozinhando



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Figura 83 - Peixe pescado pela pesquisadora



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Nos horários do café e ao anoitecer, nos reuníamos, compartilhávamos os alimentos e conversávamos. Nessas horas surgiram os principais diálogos com Ivan, e impressionava o quanto ele era comunicativo e desinibido. Era o nosso primeiro contato, e ele estava muito à vontade. Apesar de ser complicado gravar vídeos das interações com Ivan, dado o dinamismo da situação, ainda foi possível gravar algumas interações como, por exemplo, mostradas a seguir.

Figura 84 – Print do vídeo do Ivan sinalizando que iria cortar a cabeça do jacaré



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Figura 85 – Print do vídeo do Ivan sinalizando ISQUEIRO



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Na figura 85, Ivan estava procurando o isqueiro para colocar fogo no lixo antes de irmos embora. Na figura 84 ele procurava o machadinho e quando encontrou sinalizou conforme mostrado na imagem, dizendo: CORTAR-CABEÇA XI (MARGEM DO RIO EUGÊNIO).

Figura 86 - Compartilhando o jantar



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Figura 87 - Guma e Cibita à beira da fogueira



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Nas noites, Cibita e Guma acendia a fogueira para clarear o acampamento, e para assar cará. Interessante ver os indígenas reunirem-se em volta de algum alimento para comer. Na figura 86, eles estavam em volta de um caldeirão de peixe cozido apenas com água e sal.

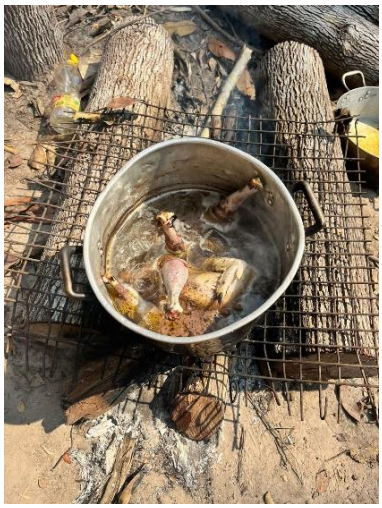
As caças e pesca renderam alguns peixes de porte pequeno, jacarés e mutuns. Como não tínhamos gelo para conservar esses animais, fomos comendo durante a estadia à beira do rio. Segundo Marcos, é necessário deixar o couro do jacaré a fim de preservar sua carne, assim, foram retiradas apenas as vísceras e a cabeça. Os peixes foram moqueados por Cibita, Guma e Elizete, também como forma de preservar para posterior consumo.

Figura 88 - Peixes sendo moqueados



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Figura 89 - Preparação do mutum



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Figura 90 - Ivan limpando os jacarés



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Na segunda noite, após o jantar, enquanto alguns já tinham se deitado, Márcia, Vagner e eu ficamos conversando à beira da fogueira. Marcos, Ivan e seu amigo estavam caçando e pescando. Até que ouvimos o barulho de algum bicho. Paramos e conversa e naquele silêncio, ouvimos novamente. Eu perguntei para Márcia se era onça, ela disse que sim, Vagner disse que não, e continuamos ouvindo o esturro.

Fomos até a barraca da Cibita para perguntar se era onça ou não. Cibita ouviu e disse que sim. Imediatamente acordou Guma, que estava dormindo na rede fora da barraca, e ficamos por um tempo ali, atentos aos barulhos e a escuridão da mata. O esturro parou, colocamos mais galhos na fogueira, Cibita colocou Guma para dormir na barraca junto com ela, Márcia foi dormir dentro da cabine da caminhonete e eu me recusei a dormir no chão e colocamos a barraca na carroceria da caminhonete.

Praticamente não dormi aquela noite. Já estava com muita dor de cabeça e no corpo e atenção da noite piorou meu quadro de saúde. No dia seguinte, não conseguia abaixar a cabeça de tanta dor. Desmontamos o acampamento e seguimos o mesmo trajeto da vinda, passando de aldeia em aldeia e cidade em cidade até chegarmos em casa.

Figura 91 - Saindo do acampamento



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Foram dias extremamente cansativos, mas fascinantes, pela oportunidade de conviver com os indígenas em meio a natureza, presenciando sua forma de viver entre a mata, reinventando objetos para a necessidade momentânea, bem como suas histórias contadas à beira da fogueira. Os diálogos do Ivan e a facilidade com que nos aproximamos foram impressionantes. Sem dúvidas, foram dias inesquecíveis, que renderam muito mais histórias e momento os quais não há como descrevê-los todos aqui, dado o objetivo deste trabalho.

Os registros dos sinais e sentenças durante a pescaria foram prioritariamente autorregravados, filmando-me, reproduzindo-os e/ou anotando-os no diário de campo. Poucos foram os registros em vídeos no momento real de sinalização do Ivan e nenhum da Guma, pois busquei deixá-los à vontade e viver esses momentos, pois notei a timidez ao avistarem a câmera. Houve momentos em que ao apontar a câmera para eles, cessaram instantaneamente o diálogo.

No dia 17 de outubro de 2022, fui sozinha à cidade de Espigão do Oeste para pernoitar e sair na madrugada do dia seguinte para a aldeia Ponte. Cheguei ainda bem cedo, no dia 18 e, após tomarmos café da manhã, auxiliei a Márcia com as atividades domésticas.

No período da tarde fui até à casa da Irene objetivando interagir com ela. De início ela estava um pouco tímida, fui conversando com sua mãe, inserindo a Irene na conversa e após de poucos minutos, ela já estava bem tranquila e bastante comunicativa.

Irene se interessou em ver o caderno de campo. Escrevi meu nome no caderno e solicitei que ela escrevesse o dela. Em seguida, folheando o caderno, ela viu uma rosa que eu havia desenhado, perguntou se era eu que tinha feito, respondi afirmativamente e ela, desconfiada, pediu para que desenhasse para ela ver. Assim fiz e, ela tentou desenhar igual, porém se irritou por não conseguir e apagou.

Figura 92 - Irene escrevendo seu nome



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Aproveitei essa interação e apontei para o colar que ela estava usando perguntando se ela havia feito, ela respondeu que não e apontou para sua mãe. Imediatamente, adentrou sua casa e voltou com várias peças, mostrou-me todas e em seguida me explicou como fazia a preparação da casca de coquinho de tucumã para fazer colares, porém afirmou que não conseguia fazer.

Figura 93 - Irene explicando como faz as miçangas de coquinho do tucumã



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Figura 94 - Print do vídeo de Irene sinalizando COCO-DE-TUCUMÃ



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Conforme os assuntos das conversas iam surtindo, eu fazia apontamentos para elementos concretos presentes no quintal de sua casa, como frutas e animais a fim de verificar se utilizava sinais específicos para tais elementos.

Nesse dia, percebi que não era só eu quem a queria conhecer, Irene não somente testou minhas habilidades com o desenho, como se interessou em saber sobre meus piercings. Destacando os que ela conseguia avistar e perguntando se tinha em outros locais do corpo. Foi um encontro que rendeu o registro de vários sinais e sentenças.

Por fim, até selfies tiramos, e esta ação foi para mim a comprovação de que Irene estava à vontade.

Figura 95 - Visita à casa da Irene



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Figura 96 - Selfie com a Irene



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Cabe ressaltar que a presença de Marlene, sua, foi de muita relevância, visto que, muitas vezes, recorri a ela para que traduzisse a comunicação da Irene.

Na manhã do dia seguinte, dia 19, fomos até à casa da Guma. Enquanto Cibita estava fazendo artesanato na área de sua casa, Guma estava varrendo a casa. Cumprimentei-as e iniciamos nossa interação. Guma terminou de varrer e eu apontei para uma fogueira em brasa, foi em direção a fogueira e eu fui atrás. Ao retirar o alimento em meio a brasa eu a questionei sobre o que era, ela apontou em direção a roça que tínhamos e repetiu o sinal CARÁ. Deu-me um pedaço para comer e guardou o restante.

Figura 97 - Cibita produzindo brincos de plumagem



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Figura 98 - Cará assado na fogueira



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Na estadia anterior a essa, Cibita havia me pedido um presente, que se eu desse um presente a ela, ela me daria um par de brincos feito por ela. Então, levei um presente para ela e outro para Guma, entreguei-os e Cibita me pediu que escolhesse o par de brincos de plumagens. No último dia dessa estadia (20 de outubro de 2022), não encontrei nenhum dos surdos, fui até a casa da Irene e ela não estava, tinha ido para a cidade com a família. Então, retornei para casa e realizei atividades domésticas. No período da tarde, fui andar pela comunidade fui até o rio, onde avistei as crianças pescando.

Figura 99 - Crianças pescando



Fonte: Do acervo da autora (2022)

As chuvas já estavam mais intensas e contínuas, tornando o trajeto até as aldeias dificultoso, sendo que na aldeia Tenente Marques já não conseguiríamos mais chegar. Então, dentre os cancelamentos das visitas devido as chuvas, conseguimos ir para as aldeias Pontes e Asanuééj no dia 12 de novembro de 2022 e, a pedido das famílias, realizamos novamente na aldeia Asanuééj, um outro churrasco para nos reunirmos, interagirmos e confraternizarmos. Infelizmente, a família de Irene teve um compromisso inesperado na cidade e não pode estar presente.

Figura 100 - Churrasco de confraternização



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Figura 101 - Atoleiro na estrada de acesso às aldeias



Fonte: Do acervo da autora (2022).

No dia seguinte, 13 de novembro, fiquei até o horário do almoço e fui embora, pois estava sozinha neste dia. Nessa estadia, enfrentei atoleiros e em alguns locais, a estrada estava muito escorregadia. Por essa dificuldade de acesso, bem como por Marcos e Márcia prioritariamente ficarem na cidade nesse período de chuvas intensas, decidimos pausar o trabalho de campo e retornar somente em 2023.

Neste dia, o carro atolou e graças a ajuda de pessoas que também precisavam acessar alguma cidade vizinha, fomos empurrados e conseguimos passar os atoleiros. Chegamos em casa somente de madrugada. Devido a precariedade das estradas por causa das fortes chuvas, dei por finalizado o trabalho de campo no ano de 2022, já intencionando retornar no ano de 2023 assim que as fortes chuvas sessassem.

Os relatos agora seguem trazendo informações sobre o trabalho de campo realizados no período de abril a maio de 2023. Iniciado o período de chuvas mais brandas, porém, com o trajeto ainda difícil devido às consequências do período chuvoso, mantive contato desde fevereiro a abril com Márcia e o Marcos para que eu fosse avisada quando estariam na aldeia. Como já mencionado, Marcos e principalmente Márcia prioritariamente passam o período de fortes chuvas em sua casa na cidade de Espigão do Oeste, indo aleatoriamente em sua casa na aldeia Pontes.

Não consegui retornar com o trabalho de campo antes de abril, pois Márcia e Marcos informaram que só foram até a casa na aldeia no surgimento de alguma emergência e não dava tempo de me avisar. Nas ocasiões de emergência, ia somente o Marcos e geralmente retornava

no mesmo dia, pois a Márcia aproveitou os meses na cidade para fazer um curso de cabeleireiro, impossibilitando-a de se ausentar da cidade por meses.

Em abril fui convidada para participar da 2ª Festa Cultural Indígena Asanuééj, destinada a comemoração do Dia Nacional dos Povos Indígenas, no dia 19 de abril de 2023. Fiquei muito feliz em receber o convite, bem como aliviada em poder retomar o trabalho de campo depois de tantos meses. Foi a segunda que pude participar dessa comemoração, pois tive a honra de prestigiar a 1ª Festa Cultural Indígena Asanuééj realizada no dia 19 de abril de 2022, no entanto, como a pesquisa não estava em andamento, não apresentarei registros. Ser convidada para a 2ª Festa me proporcionou a oportunidade de viver novamente esses momentos com eles, registrar e divulgar a cultura do povo indígena Cinta Larga, mesmo que brevemente, a vista das peculiaridades que aqui não há como serem esmiuçadas.

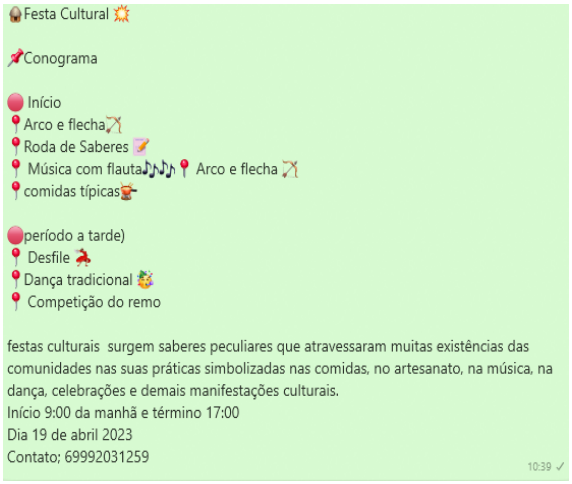
Essa festa é prestigiada pela comunidade indígena da aldeia Asanuééj, da aldeia Ponte e alguns convidados externos indígenas e não indígenas, dentre esses, representantes de órgãos públicos e políticos. É uma festa maravilhosa que, conforme Marcelo, seguirá acontecendo ano a ano como um momento de manifestação da cultura de seu povo.

Figura 102 - Convite virtual para a 2ª Festa Cultural Indígena Asanuééj



Fonte: Recebido via WhatsApp da autora (2023).

Figura 103 - Programação virtual da 2ª Festa Cultural Indígena Asanuééj



Fonte: Recebida via WhatsApp da autora (2023).

Vagner e eu saímos de madrugada de casa para conseguirmos chegar bem cedo para a festividade. Ao chegarmos na aldeia Pontes, paramos na casa Márcia e ficamos conversando, aguardando-os para irmos juntos a festa. Nessa ocasião, Ivan apareceu.

Fiquei extremamente animada e surpresa em vê-lo, pois não sabia que ele estava na aldeia Ponte. Ivan estava ainda mais comunicativo e desinibido em relação ao dia da pescaria. Aproveitei a sua presença inesperada e interagimos bastante. Ivan foi em nosso carro até a aldeia Asanuééj. Ele já havia feito o sinal DANÇA enquanto estávamos interagindo na casa da Márcia e, no momento que chegamos na festa e nos colocaram para dançar, eu aproveitei e chamei-o para dançar realizando o mesmo sinal de que ele havia feito minutos atrás. Prontamente ele adentrou o centro da maloca e dançou.

Figura 104 - Faixa da entrada da Festa Cultural Indígena Asanuééj



Fonte: Do acervo da autora (2023).

Figura 105 - 2ª Festa Cultural Indígena Asanuééj



Fonte: Do acervo da autora (2023).

Sobre essa dança, que é tradição nessa festa, todos os não indígenas que são convidados, assim que descem do carro, são recebidos por indígenas devidamente vestidos com roupas típicas e levados, já com cantos e gritos na língua Cinta Larga, para o meio da maloca de festas, onde de braços dados e se dividindo em duas fileiras, dançam e em seguida servem cuia ou copos de chicha para os convidados, devendo estes beber. Essa recepção aos visitantes com

chicha é descrita por Dal Poz Neto (2004, p. 168) tanto em festividades, como em hospedagem: “[...] deve o *zapivaj* zelar pela recepção aos visitantes, ao menos os mais destacados. As formalidades concentravam-se nos momentos iniciais: quem chegava era conduzido para uma das redes da família do dono-de-casa, e este oferecia-lhe chicha”.

Figura 106 - Indígenas indo receber os visitantes



Fonte: Do acervo da autora (2023).

Figura 107 - Dança de acolhimento aos visitantes



Fonte: Do acervo da autora (2023).

Terminada a receptividade, fui à procura de Guma e Irene, mas fui informada que nenhuma delas viria para a festa. Infelizmente, não houve a oportunidade de observar os três em um mesmo local, porém, ter a presença do Ivan foi sensacional, dada a impossibilidade de ir até ele nesse período.

O andamento da festa seguiu exatamente conforme o cronograma. Destaco, ainda, que a festa vai além de momentos de diversão e demonstrações culturais, permeia também na reflexão sobre as necessidades e desejos de seu povo, abarcando assim, no campo político. Neste contexto, autoridades de diversos órgãos foram convidadas e houve o momento de que as falas dos representantes indígenas foram ouvidas por estes e toda comunidade.

Figura 108 - Momento de fala do líder indígena Cinta Larga, João Bravo



Fonte: Do acervo da autora (2023).

Todos os indígenas que exercem algum cargo de confiabilidade se pronunciam, como também as autoridades governamentais têm o espaço de fala. Nessas falas, há pedidos de ajuda, solicitações de melhorias, colaboração, num tom de paz e harmonia entre indígenas e não indígenas. Após esses momentos, foi dado início às atividades de diversão e competição da festa. Alguns alimentos como a mandioca e cará, assim como a chicha são postos para consumo durante toda a festividade.

Figura 109 - Mandioca cozida e peixe moqueado



Fonte: Do acervo da autora

Figura 110 - Chicha de mandioca e de cará



Fonte: Do acervo da autora (2023).

Outros alimentos estavam em preparação, tanto na cozinha da casa do Marcelo, quanto debaixo da maloca de festa.

Figura 111 - Peixes (moqueado e assado), batata doce e porco assado



Fonte: Do acervo da autora (2023).

No decorrer das atividades da festa, artesanatos são exibidos e vendidos, além da realização de pintura corporal indígena a quem deseja.

Figura 112 - Utensílios para pintura corporal indígena



Fonte: Do acervo da autora (2023).

Figura 113 - Pintura corporal indígena



Fonte: Do acervo da autora (2023).

Figura 114 - Cibita expondo e vendendo seus artesanatos



Fonte: Do acervo da autora (2023).

Figura 115 - Cortina de miçangas de semente e rede



Fonte: Do acervo da autora (2023)

Foram realizadas apresentações de danças indígenas e de música instrumental com flauta feita de bambu.

Figura 116 - Apresentação musical com flauta feita de bambu



Fonte: Do acervo da autora (2023).

Figura 117 - Apresentação de dança indígena



Fonte: Do acervo da autora (2023).

Figura 118 - Momento do almoço



Fonte: Do acervo da autora (2023).

Figura 119 - A pesquisadora e o Vagner almoçando



Fonte: Do acervo da autora (2023).

Houve também atividades competitivas como tiro ao alvo, remo e desfile de mais bela roupa típica. Relatamos que não será apresentado registros da prova de remo, pois fomos embora antes pela iminente chuva.

Figura 120 - Competição de flexa ao alvo



Fonte: Do acervo da autora (2023).

A competição de tiro ao alvo foi dividida por grupos, onde homens competiam com homens, mulheres com mulheres e crianças com crianças.

Figura 121 - Mulher indígena competindo



Fonte: Do acervo da autora (2023).

Figura 122 - Competição de desfile de roupa típica



Fonte: Do acervo da autora (2023).

Figura 123 - Competidores do desfile de roupa típica



Fonte: Do acervo da autora (2023).

Na competição do desfile, somente os jovens e crianças participaram. Os participantes concorriam entre grupos: as jovens do sexo feminino, entre os jovens do sexo masculino e entre as crianças de ambos os sexos. Nesse dia, além do enriquecimento de conhecimento dado o convívio com a comunidade indígena, nesse ambiente de diversão e celebração da sua cultura, foi possível passar o dia inteiro interagindo com Ivan, resultando no registro de muitos sinais e sentenças. Ivan se mostrou participativo nas atividades e atento a registrar os momentos vividos.

Figura 124 - Ivan registrando as atividades da festa



Fonte: Do acervo da autora (2023)

É interessante conviver com Ivan e ver, aparentemente, a inexistência de timidez ao dialogar conosco, pessoas ouvintes e não indígenas. Apesar da minha imensa alegria em tê-lo presente naquele momento, contive-me, não o pressionei ou fiquei indo atrás dele o tempo todo. Contudo, sempre o buscava com o olhar, observando sua participação na festa e seus diálogos.

No entanto, com frequência, Ivan vinha até nós. Assistíamos as atividades da festa juntos e íamos interagindo sobre o que acontecia ao redor. Em meio a tanta gente e o dinamismo dos nossos diálogos, preferi não realizar gravações em vídeo, sobretudo, para evitar inibir a forma natural em que Ivan chegava até nós e ficávamos por horas juntos. O dia foi incrível.

Apesar de termos ido embora um pouco antes de terminar as atividades da festa, não conseguimos chegar em Espigão do Oeste antes da chuva, porém, conseguimos passar os trechos de atoleiros antes que chovesse e chegamos em casa em segurança. Depois da festa anteriormente relatada, Márcia só retornou na aldeia no dia 11 de maio de 2023, dia esse que fui convidada a participar da comemoração do Dia das Mães organizado pela comunidade escolar da aldeia Ponte. Passei na casa da Márcia em Espigão do Oeste para que ela fosse de carona comigo.

Em meio a tantas pessoas presentes e ocorrendo as apresentações de danças, bingos e sorteios, avistei Guma e Irene. Guma ficou mais distante, nos comunicamos rapidamente, já Irene se aproximou, porém, quando eu olhava para ela dialogando com as pessoas, ela parava. Senti que eu precisava chamar a atenção dela, ofereci um chiclete e fui tentando deixá-la à vontade. Depois ela se soltou, sentou-se do meu lado e ali ficamos por horas, conversando e assistindo as apresentações. Frequentemente avistava Guma observando as interações da Irene, tanto comigo quanto com os parentes.

Figura 125 - Painel do Dia das Mães



Fonte: Do acervo da autora (2023).

Figura 126 - Público aguardando as atividades do Dia das Mães



Fonte: Do acervo da autora (2023).

Figura 127 - Irene homenageando sua mãe com o presente sorteado



Fonte: Do acervo da autora (2023).

Foi uma noite muito especial por poder assistir as apresentações e ver as mães ali apreciando uma noite dedicada a elas. Também foi muito produtiva no quesito de registros de sinais/sentenças. Tanto registrei novos sinais, quanto pude utilizar aqueles que já conhecia, como também ver Irene repeti-los.

Foi nessa noite que algo até então não registrado aconteceu. Quando dei um chiclete da marca Trident para ela, Irene olhou para a embalagem do chiclete e realizou a datilologia T-R-I-D-E-N-T, conforme o alfabeto manual da Libras. Confesso que me surpreendi, pois, até então, não tinha registrado nada que apresentasse haver contato entre a LICLAS e a Libras. Logo depois, quando estava me mostrando às mães, seus filhos, entre outras, ela apontou para uma mulher, porém tinha várias mulheres e eu não consegui discernir de quem ela estava se referindo. Então, ela realizou a datilologia do nome da professora; como eu não sabia o nome dela, ela realizou o sinal que representa essa professora e só assim eu consegui identificá-la em meio a tantas mulheres. Confirmei ser mesmo a quem ela se referia apontando e repetindo o sinal e a datilologia do nome dela.

Até então, Márcia havia me informado que não ocorria o ensino da Libras em nenhuma das aldeias pesquisadas. Então, intrigada, fui perguntar para uma professora que mora na aldeia, e ela me informou que aquela professora de quem Irene realizara a datilologia de seu nome, ensinava alguns sinais para a menina. Contudo, somente pude notar algum contato entre essas duas línguas, nas duas datilologias de Irene, não identificando nenhum sinal da Libras no vocabulário da Irene.

No dia seguinte, 12 de maio de 2023, avistei Irene nos arredores da escola brincando com as crianças e, depois, entrou na sala de aula. Acredito que mesmo ela tendo desistido do ano letivo, ainda permitiam que ela frequentasse as aulas.

Guma já não estava mais morando na aldeia Asanuéé j, pois havia se mudado para casa de uma de suas filhas na aldeia Ponte. Considerei ser viável ir até a casa da sua filha para explicar sobre a pesquisa, mesmo Guma sendo de maior idade, como forma de respeito e inteirar a família, com quem atualmente ela reside. Aproveitei e entreguei uma lembrança para Guma pelo Dia das Mães, ela recebeu e ficou muito contente e, imediatamente, foi guardá-lo.

Sai da casa da Guma e fui à casa da Irene para interagirmos e entregar a lembrança do Dia das Mães para a sua mãe, Marlene. Irene não estava em casa, seus pais estavam em uma mesa debaixo das árvores preparando o casco de tatu para fazer colares. Conversei um pouco com eles, olhei os artesanatos e perguntei como estava a Irene. Entreguei a lembrança do dia das Mães para Marlene e ela se mostrou contente.

Voltei para casa da Márcia e enquanto ela fazia selagem no meu cabelo, João Bravo apareceu e disse na LP: “Eu já acostumar você.” Márcia disse que como eu tinha demorado retornar à aldeia, ele estava me dizendo que a minha demora em retornar causou estranhamento a ele, pois já estava acostumado com a minha presença. Parece simples, mas me trouxe um aconchego, pois sempre se mostrarem felizes com a minha presença. Um povo, de fato, muito atencioso e acolhedor.

Tínhamos a intenção de irmos em uma outra roça colher cará e mandioca, mas como era período de chuva, a estrada estava escorregadia e com atoleiros, só sendo possível o acesso com um carro traçado. Aguardamos um funcionário da Funai que estava atendendo a comunidade retornar para a aldeia e solicitamos que nos levasse. Como Márcia teve atendimento de cabeleireira a tarde toda, não conseguimos ir à roça.

Nesse dia não encontrei Irene e Guma. Fui informada de que Irene tinha ido para a roça com a família e por lá ficaria por alguns dias. Avistei Guma com um balde de roupa indo em direção ao rio. Sinalizei indicando o que ela iria fazer, balançou os ombros e apontou em direção ao rio. Peguei na blusa em que eu estava vestindo, com as mãos fechadas esfreguei uma sobre a outra, indicando perguntar se iria lavar roupas e ela balançou a cabeça de forma afirmativa.

À noite, Márcia, o funcionário da Funai e eu ficamos no pátio da escola conversando, cujo assuntos eram em sua maioria sobre os Cinta Larga, histórias sobre seus costumes, fatos ocorridos, alimentação, entre outros.

Logo pela manhã do dia 13 de maio, nos organizamos para irmos a roça. Cibita chegou na casa da Márcia e eu pedi para que ela chamasse a Guma. Pegamos sacos e água e o

funcionário da Funai nos levou à roça e Marcos também nos acompanhou. A estrada estava bastante ruim, porém conseguimos chegar com tranquilidade. Colhemos muito cará e só algumas ramas de mandioca. Após a colheita, fomos até o rio nos lavar.

Figura 128 - A caminho da roça



Fonte: Do acervo da autora (2023).

Nessa atividade, tanto no trajeto, quanto na colheita, pude registrar novos sinais/sentenças e confirmar alguns também. Guma não estava muito comunicativa, mas destinada a realizar a colheita, e, como nas colheitas anteriores, se mostrou muito habilidosa nessa atividade.

Figura 129 - Adentrando a roça



Fonte: Do acervo da autora (2023).

Figura 130 - Guma colhendo cará



Fonte: Do acervo da autora (2023).

Nesses três dias de estadia, pensei que encontraria Ivan, pois Márcia havia me dito que avistou sua família na aldeia Pontes. No entanto, quando cheguei na aldeia, fui informada que

ele tinha ido realizar um trabalho em outra aldeia e somente sua família permaneceu. Tinha intenção de retornar na expectativa de encontrar Ivan na aldeia Pontes, pois por estarmos no período de fortes chuvas, já não era mais possível acessar a aldeia Tenente Marques.

Por fim, relato que foi sempre prazeroso estar nas aldeias nessas oito viagens que renderam dezessete dias de permanência trabalho de campo, mesmo nos dias em que não encontrei algum surdo ou que não renderam muitos registros de sinais e sentenças. O simples fato de estar nas aldeias, presenciando o dia a dia, dialogando e ouvindo histórias antigas e atuais, participando de eventos da comunidade, culminou em conhecimentos sobre o povo indígena Cinta Larga e, sem dúvidas, proporcionou-me aprendizados e experiências inesquecíveis que me agregam cientifica e pessoalmente.

4.5.1 A realidade do trabalho de campo

A decisão de um pesquisador em realizar uma pesquisa que necessite de trabalho de campo é algo que exige um maior comprometimento, além do referencial teórico necessário para embasar seus textos, em dedicar-se a um planejamento de mudança da sua própria rotina de vida, entre tantas outras necessidades que são pontuadas a seguir.

Começo pelas dificuldades, sendo a maior delas, relacionada ao tempo (cronológico e climático). Como já exposto, a mudança repentina do projeto de pesquisa inicial de cunho bibliográfico para este, um projeto que necessita de aprovação do CEP e CONEP, tornou o tempo um fator de preocupação e redução do período de trabalho de campo. Esse tempo não era somente o meu tempo: o tempo que eu estava inteiramente disponível para a pesquisa, mas o tempo do PPGL e, principalmente, o tempo dos participantes da pesquisa.

Marcos e Márcia residem na aldeia e na cidade. Prioritariamente, permanecem na aldeia no período da seca e na cidade, no período das águas. Era necessária a presença do casal na aldeia para que eu pudesse ir a campo, tanto com relação ao aposento, quanto para me acompanhar em todos os momentos e eventos programados. Diante disso, dependia deles, principalmente da Márcia, pois ela quem comanda a casa e eu não me sentia confortável permanecer em sua casa sem a presença dela.

Assim, meu tempo não era o tempo do casal, e isso me gerou aflição. Tentando conciliar o meu limite de tempo para as idas a campo e o tempo do casal e dos participantes, tive que ser paciente e seguir conforme o tempo deles. Admito que foi agoniante não ter o controle das minhas idas à campo, não conseguir realizar as visitas e estadias conforme o meu cronograma

e desejo. Eu estava com a minha vida destinada ao trabalho de campo, e eles vivendo a rotina do dia a dia.

Não há possibilidade de ser tão invasivo ao ponto de controlar a vida dos participantes, pois isso vai totalmente contra a ética de uma pesquisa com seres humanos. O intuito foi sempre interferir o menos possível no cotidiano deles e me agregar em suas atividades, não os tirar delas.

Com relação ao tempo climático, como já relatado em vários trechos dessa tese, o período de fortes chuvas travou o trabalho de campo pelo fato dos atoleiros dificultarem o acesso às aldeias. Não podíamos estender esse trabalho pós-período chuvoso, por conta do prazo do PPGL. Reconhecemos que um período mais longo em campo traria mais dados e experiências e, tentando minimizar esse prejuízo, buscamos aproveitar ao máximo os dias a campo, registrando e interagindo com a comunidade e com os surdos.

Como já é sabido, estamos lidando com pessoas, dinâmicas, que vem e vão o tempo todo. Diante disso, os desencontros com os surdos aconteceram, ora um (a) surdo(a) não estava na aldeia, ora o(a) outro(a) que não estava. Em alguns momentos, havia a certeza de que encontraria todos nos eventos da aldeia, e acabava não encontrando nenhum, ora encontrava somente um, ora encontrava aquele que não imaginava e não encontrava quem eu pretendia.

Vários foram os encontros marcados que foram desmarcados de última hora. Era comum sermos surpreendidos com notícias boas ou não tão boas. Quando alguma ida ou atividade planejada era cancelada inesperadamente, esses momentos me traziam aflição, desânimo e preocupação, tanto pelo escasso tempo disponível para as idas a campo, quanto pelos pensamentos de preocupação em pensar que eu havia feito algo que os desagradou e não queriam mais minha presença nas aldeias, ou até mesmo, a desistência dos participantes.

Enfim, os comuns enfrentamentos que uma pesquisa com seres humanos, afinal, são vidas, e vidas não são instáveis. Por fim, a pesquisa de campo foi concluída com ótimos laços de amizade e respeito, descontruindo os pensamentos da minha não aceitação pela comunidade ou de desistência da pesquisa pelos participantes.

Ressalto que estar em um ambiente dinâmico e realizar os registros ao mesmo tempo, foi desafiador. Muitas vezes foi preciso optar por viver os momentos e deixar o registro para horas depois, diante da dificuldade de ser a responsável em registrar em vídeos, fotografar e anotar no diário de campo as atividades, vivencias e os diálogos que essas ações proporcionavam, ao mesmo tempo que também instigava as interações e praticava todas as atividades realizadas.

Tudo ocorre ao mesmo tempo nas atividades em campo, num dinamismo acelerado que posso dizer que me obrigou a viver o momento, participando efetivamente e deixando para depois as anotações. Tal dificuldade nessa minha múltipla funcionalidade poderia ter sido sanada se houvesse uma equipe de campo, cada um com uma função. No entanto, afirmar isso, também é pôr em risco a naturalidade que os dados foram enunciados se houvesse a presença de muitas pessoas e equipamentos. Por isso, optei, mesmo que desafiador, exercer essas múltiplas funções para conseguirmos adentrar e dialogar com os surdos e comunidade de uma maneira mais natural possível.

Diante da descrição das principais dificuldades, cabe pensarmos: houve facilidades? A resposta é sim! Seria muito injusto inserir apenas as dificuldades e não apresentar as facilidades, perante uma pesquisa tão rica.

Pelo conhecimento empírico que eu tinha sobre a liderança indígena João Bravo, pressupus que o acesso a ele seria demorado ou nem fosse possível, devido a importância de sua pessoa. No entanto, fui muito bem recebida por ele, se mostrando interessado e cativado pela causa. O único pedido feito por ele, é de que Marcos e Márcia fossem meus intermediadores junto à comunidade, nada mais.

O apoio da FUNAI também era algo praticamente impossível, baseado em conversas informais com outros pesquisadores da área indígena, que nem mesmo cogitavam contato com o órgão alegando negativa de apoio. Mesmo assim, fui até a FUNAI de Cacoal para me apresentar e apresentar a pesquisa e obtive apoio extraordinário, mostrando-se até mesmo preocupados com a minha ida e estadia nas aldeias.

Em seguida, encaminhei o projeto a Coordenadora da FUNAI, e os mantive informados sobre a tramitação do projeto no CEP e CONEP. Uma parceria que é vista por pesquisadores como algo quase que inalcançável, devido às exigências e negação das pesquisas em áreas indígenas e, neste caso, foi obtida com respeito e diálogo.

Foi muito fácil me inserir nas aldeias, pois permanecer no ambiente das aldeias, comer a mesma comida deles, realizar suas tarefas e frequentar eventos culturais, foi algo muito apreciado por mim. Nesses ambientes, mantive-me com cautela e respeito, não sendo intrusa, observando e me comportando até o limite que me permitiam. Ressalto que os ambientes das aldeias me traziam alegria, calma e me faziam refletir sobre as formas de se viver.

Os indígenas das aldeias Ponte e Asanuééj, nas quais eu realmente vivi nesses ambientes, são muito respeitosos e brincalhões, ficavam quietinhos até o momento que me aproximava deles, após poucas palavras, desinibiam-se. Portanto, relato que não tive dificuldade de aceitação da minha presença nessas aldeias.

Com relação aos indígenas Cinta Larga surdos, eu acreditava que teria dificuldade quanto a aproximação e estabelecimento de confiança, porém, somente Irene ficou um pouco distante e desconfiada somente no nosso primeiro encontro, já Guma e Ivan, foram inteiramente receptivos.

Todas as facilidades postas anteriormente eram inicialmente consideradas por mim como difíceis. Contendo meu receio, fui realizando etapa por etapa da pesquisa, e me surpreendendo com as conquistas. De fato, surpreender-me com as facilidades tidas como dificultosas favoreceu para um trabalho de campo mais produtivo e rendoso.

4.6 TRATAMENTO E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISES DOS DADOS

Com os dados coletados, registrados no diário de campo, entrevista semiestruturada, vídeos e anotações advindos da observação participante e elicitação dos dados, foi necessário organizá-los a fim de sistematizá-los para a análise.

As entrevistas realizadas com os familiares e amigos dos indígenas surdos trouxeram informações preliminares e relevantes sobre as particularidades desses sujeitos (nome completo, idade, história de vida, gostos, escolaridade etc.), porém não houve necessidade da transcrição de recortes. No entanto, os sinais e sentenças sinalizados nesses momentos foram anotados por mim e logo após a entrevista, gravados em vídeo para arquivamento, utilizando a minha própria imagem.

Leituras do diário de campo foram realizadas por três motivos: para resgatar e inserir na tese questões relacionadas ao povo indígena Cinta Larga e ao povo surdo, reflexões e experiências vividas neste campo de observação; para revisar se todos os sinais e as sentenças registradas durante as observações e interação, que não puderam ser filmadas no exato momento, foram percebidas; e para resgatar os momentos vividos dia a dia e resumi-los para apresentar nas descrições na subseção anterior (*4.5. Idas a campo).*

As experiências vividas em campo, as percepções, as reflexões desse contato com o povo indígena Cinta Larga e com o povo indígena Cinta Larga surdo, serviram de material para as análises. O ato de reouvir as entrevistas e reler o caderno de campo, provocaram a formulação de novas hipóteses, conceitos, esclarecimentos e dúvidas, que até então não haviam sido percebidas por mim em função dos envolvimentos emocionais que esses momentos vivos nas aldeias proporcionam, conforme afirma Queiroz (1983).

A execução de todas essas técnicas renderam registros que foram armazenados no *notebook* e em *pen drives*. Todos os registros fotográficos e por vídeos produzidos no trabalho

em campo (observações participantes e a elicitação de dados) foram salvos em uma pasta geral de fotos e vídeos da pesquisa composta por várias pastas contendo os registros de forma diária, datadas. Todas essas pastas totalizam 628 arquivos, incluindo, aqui, as gravações em áudio das entrevistas com os familiares dos indígenas surdos participantes, pois foram armazenadas como um registro/ação do dia em que aconteceram, com duração de: 05min05 com os familiares de Guma; 04min58 com a esposa do Ivan; e 07min11 com os familiares de Irene. Os registros do diário de campo também foram armazenados por data e totalizaram 27 páginas descritivas.

Com relação à forma de registros e apresentação da LICLAS na tese, inicialmente, tínhamos a pretensão de que os próprios indígenas surdos reproduzissem os sinais e sentenças para que pudéssemos fotografá-los, ou que fosse possível no próprio momento do registro. Porém, tanto os ambientes não propícios para esses registros minuciosos, quanto a dificuldade em realizar a interação com as mãos e ao mesmo tempo gravar, tornou inviável e dificultosa essa pretensão inicial, ainda mais, por perceber que eles ficavam inibidos ao notarem que as interações estavam sendo gravadas. A vista disso, priorizei viver o momento e depois anotar e regravar com minha própria imagem (somente para arquivar).

Dessa forma, decidimos por apresentar esses dados em forma de ilustração. Para isto, embasamos o trabalho em autores como Quadros e Karnopp (2004), Gregianini (2017), Costa (2017), Eler (2017) em que utilizam na apresentação de seus dados, ilustrações acompanhadas de setas para demonstrar os movimentos.

Figura 131 - Transcrição do sinal BONITO em Libras



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 41).

Destarte, optamos por construir a caricatura de cada um dos surdos a fim deixar o mais próximo a imagem do próprio participante e, assim, transparecendo a quem os sinalizou sem necessidade de nomear. Mesmo nos sinais que familiares/amigos tenham sinalizado em conversas com eles ou me informado como se realiza um certo sinal ou sentença, a caricatura do surdo envolvido foi a utilizada.

Para a elaboração dessas caricaturas e de todos os sinais e sentenças, contamos com o trabalho de Suzana Frota Alcântara[16]. A escolha por Suzana se deu por ela ser surda e utilizar a Libras como primeira língua e, por isso, é mais hábil em entender o processo de transformação dos sinais em vídeo para imagem fixa. Para a construção das caricaturas, encaminhei as fotos reais de Guma, Irene e Ivan e, assim, obtivemos, as seguintes caricaturas:

Figura 132 - Caricatura da Guma Cinta Larga



Fonte: Elaborado por Suzana Frota (2022).

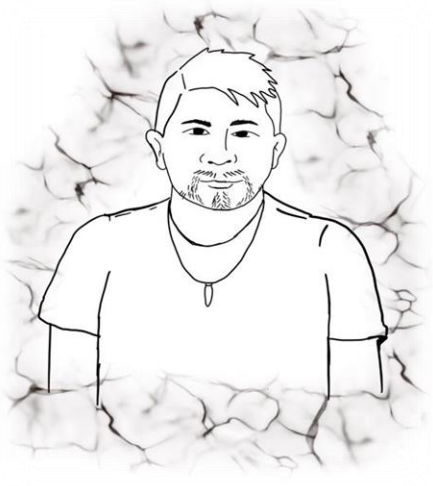
Figura 133 - Caricatura da Irene Cinta Larga



Fonte: Elaborado por Suzana Frota (2022).

[16] Reside em Palhoça/SC e cursa Tecnologia Produção Multimídia no Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC. Todas as imagens com estética semelhante, neste trabalho, foram feitas por Suzana, exclusivamente para este estudo.

Figura 134 - Caricatura do Ivan Ximipuv Cinta Larga



Fonte: Elaborado por Suzana Frota (2022).

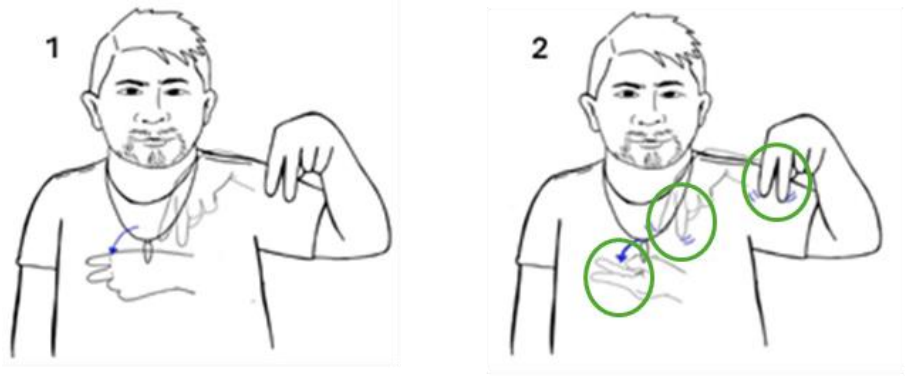
Consciente de que a transformação dos vídeos em imagens fixas seria demorada, a cada retorno das idas a campo, os registros eram revisados e listados e, em seguida, autorregravados por mim mesma em forma de vídeo um a um (sinais e sentenças) e enviados a Suzana. Pontuo que ocorreram outras sinalizações registradas que não foram apresentadas nessa tese. O critério de seleção dos dados para inseri-los na tese e enviá-los a Suzana foi o uso repetido das sinalizações pelos participantes ou quando replicado por mim, eram compreendidos. Assim que Suzana terminava a remeça (entre 20 e 30 dias), ela me encaminhava para revisão. Mesmo com a habilidade de Suzana, foram necessárias correções em várias imagens.

Figura 135 - Print do vídeo enviado para Suzana para a reprodução em forma de imagem fixa da Figura 124



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora. (2022)

Figura 136 - Correção na transformação de imagem de vídeo em imagem fixa da sentença da LICLAS: ANDAR CAIR (Eu estava andando e cai)



Fonte: Elaborado por Suzana Frota (2022).

A figura acima contém duas ilustrações produzidas por Suzana, sendo a de número 1 a primeira ilustração me encaminhada (primeira versão) e a de número 2, a mesma ilustração já com as correções necessárias (segunda versão). Os círculos verdes destacam as inserções/correções realizadas. Isso evidencia que o registro de sinais em forma de ilustração é algo complexo e muito minucioso, que necessita de muita atenção tanto de quem o encaminha em forma de vídeo, quanto para quem o transforma em formato de imagem.

Terminada a tarefa de ilustração dos sinais e sentenças, ocorreu a etapa de transcrição desses dados, que envolve o sistema de transcrição e anotação de sinais para formar as glosas[17], concomitantemente com a tradução para a LP. Essa tarefa é muito importante como também muito difícil, como alertado por Quadros e Karnopp (2004, p. 37) ao relatar que durante a organização dos dados para seu livro, essa etapa é muito complexa e foi a mais trabalhosa, pois "sabia-se o que deveria ser ilustrado em sinais, mas nem sempre se tinha certeza de como se poderia fazer a transcrição e tradução para o português."

Compartilho dessa mesma dificuldade, mas tendo como algo indispensável, busquei uma transcrição e tradução para a LP o máximo possível coerentemente com as sinalizações. Além, procurei formar glosas mais simplificadas e direta a(s) palavra(s) da LP que correspondessem a(aos) sinal(is), dado o ineditismo desses registros, sendo viável nomeá-los mais diretamente para que, principalmente a comunidade Cinta Larga, bem como os leitores

[17] Segundo Paiva *et. al.* (2016), os estudiosos Klima e Bellugi (1979) e, posteriormente, Liddell (1986, 2003), voltaram seus estudos para o estabelecimento de anotação por meio do sistema de transcrição por glosas vinculados a ASL. Esses autores denominaram por glosas a representação do sinal pela palavra em inglês toda em maiúscula.

que não tenha um conhecimento prévio sobre os sistemas existentes de transcrição e anotação dos sinais, consigam entender o significado final ou aproximado daquela sinalização.

Evidenciada a complexidade dessa etapa, as transcrições e traduções realizadas com os registros da LICLAS não estão livres de falhas e/ou lacunas, ainda mais por se tratar de registros inéditos. Existem muitas divergências entre os pesquisadores do campo das LS sobre a forma ideal do sistema de transcrição e anotação dos sinais, pois é uma tarefa um tanto quanto desafiadora, pela dificuldade de anotação de todos os aspectos envolvidos na sinalização de um único sinal, bem como ainda não há um sistema de escrita amplamente aceito (McCleary *et. al*, 2010).

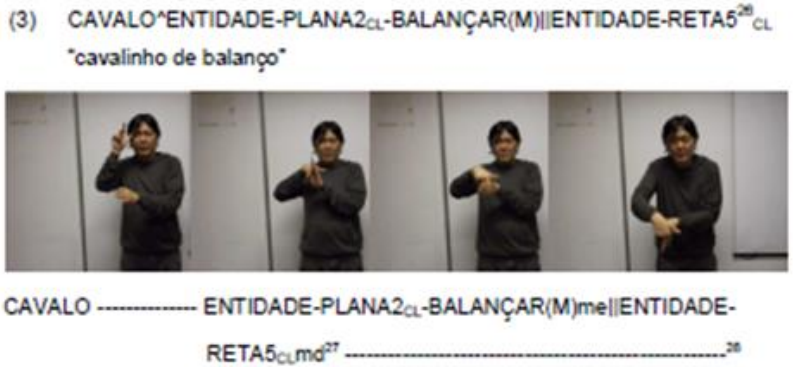
A vista disso, os autores que necessitam realizar a transcrição em seus trabalhos, utilizam regras existentes e procuram mais elementos que atendam a sua necessidade, sempre em busca de maior fidedignidade na transcrição de uma língua visual para a modalidade escrita. Adiante nas duas figuras, apresentamos dois modelos de transcrição e anotação de sinais, utilizado por Pizzio *et al*. (2023) e Rodero-Takahira (2015).

Figura 137- Exemplo 1 de transcrição e anotação de sinais



Fonte: Pizzio *et. al* (2023, p. 200).

Figura 138 - Exemplo 2 de transcrição e anotação de sinais



Fonte: Adaptado de Rodero-Takahira (2015, p. 11-15).

A fim de metodizar as regras da transcrição e anotação para a formação das glosas, fizemos a seleção de algumas regras básicas da transcrição e notação de sinais apresentadas no quadro de convenções para a transcrição e anotações dos sinais elaborado por Rodero-Takahira (2015) por esse se mostrar didático e conter regras comumente utilizadas por autores como Ferreira ([1995] 2010), Quadros e Karnopp (2004), Felipe (2006), Figueiredo-Silva & Sell (2009) entre outros. Acoplado a esse quadro, inseri alguns elementos e formas necessárias para apresentação da transcrição e anotação dos registros da LICLAS.

Quadro 5 - Convenções para a transcrição e anotação dos sinais[18]

ANOTAÇÃO PARA:	CONVENÇÃO:	EXEMPLO DE ANOTAÇÃO:
Um sinal da libras transcrito por uma palavra do português	Caixa alta	POEMA
Um sinal da libras transcrito por mais de uma palavra do português	Caixa alta e hífen	NÃO-GOSTAR
Um sinal da libras que é composto realizado sequencialmente	^	CASA cl^ESTUDO=ESCOLA[19]
Marcação de gênero	Substituir por @	AMIG@
Verbos	Infinitivo	GOSTAR
Um sinal da libras que é composto realizado simultaneamente	||	HOTEL||SEXOb “motel”
Apontação para referentes não-presentes	Símbolo IX[20] acompanhado do nome do referente não-presente entre parentes e em caixa alta	IX (PARÁ)

Fonte: Rodero-Takahira (2015, p. 9).

[18] Destacamos que este quadro pode conter alguma modificação de cunho organizacional (como proporção das imagens, espaçamento entre células, entre outros.) justificada pela indisponibilidade para copiar do arquivo original. Ressaltamos, também, que as notas de rodapé inseridas no arquivo original foram excluídas deste.

[19] Modifiquei de Takahira (2015): CASA cl^ESTUDO “escola” para $CASA_{CL}$^ESTUDO=ESCOLA, pois entendo que ocorre a formação de um outro sinal (novo significado) e esse deve ser representado em caixa alta.

[20] Essa regra não contém no quadro de Takahira (2015). Foi inserida embasando em Quadros e Karnopp (2004, p. 114), dados os recorrentes apontamentos para referências não-presentes na comunicação dos indígenas Cinta Larga surdos.

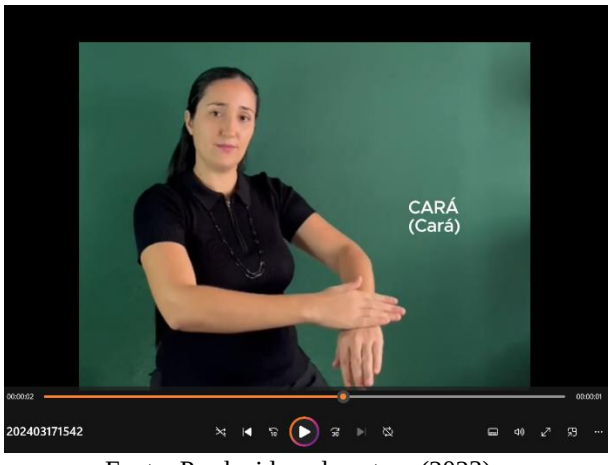
Pontuamos que não apresentaremos de forma escrita a transcrição e anotação das ENM, ficando a cargo das ilustrações dos sinais/sentenças e nos vídeos que as acompanham, demonstrá-las.

Por conseguinte, a fim de sustentar a fidedignidade na demonstração tanto da forma quanto dos movimentos e afins contidos na sinalização dos sinais e sentenças, além da imagem ilustrativa com setas indicando o movimento e direcionalidade da(s) mão(s), todos os registros foram filmados um a um.

Essas gravações foram realizadas em um estúdio improvisado em minha casa, sendo eu a modelo e o Vagner quem realizou as gravações. Realizamos uma primeira gravação geral de todos os sinais e sentenças e mais quatro momentos de regravação por conta de diversos tipos de erros, desde problemas técnicos como enquadramento à reprodução errônea de algum parâmetros dos sinais e sentenças. Antes mesmo de concluir permanentemente todos os vídeos, eu já havia criado um canal no *YouTube* a fim de teste.

Após todos os vídeos serem editados e legendados (seguindo igualmente consta na tese, a glosa e a tradução para a LP) por mim, inseri-os no canal, gerei os *links*, criei os QR Codes e os inseri em suas devidas ilustrações, conforme constam na seção 5, propriamente na subseção 5.1 *Registros da Língua Indígena Cinta Larga de Sinais*. Desse modo, o leitor poderá acessar os vídeos apontando a câmera do celular para o QR Code do sinal ou sentença desejados que o destinará ao vídeo do canal.

Figura 139 - Print do vídeo com o sinal da LICLAS CARÁ



Fonte: Produzido pela autora (2023).

Apesar de alguns autores criticarem o uso das glosas, como Leite *et al.* (2021), persistimos em utilizá-las, pois entendemos serem necessárias tanto pela justificativa posta acima, sobre o ineditismo, quanto como uma forma de nomear essas sinalizações. Aliás, os

próprios autores também reconhecem que elas tiveram “um papel crucial no desenvolvimento das pesquisas linguísticas das línguas de sinais e ainda se apresenta como uma estratégia metodológica útil e justificada em determinados contextos de pesquisa” (Leite *et al*, 2021, p. 20).

Apresentar em forma de vídeo os sinais e as sentenças ilustrados, destina-se a exibir o mais claramente possível, os movimentos e nuances dos riquíssimos registros, pois temos o entendimento que “[...] incorporar em nossas pesquisas recursos digitais tais como o desenho, a fotografia e o vídeo de modo mais sistemático, explorando as novas tecnologias de comunicação para a representação gráfica dos sinais” (Leite *et al*, 2021, p. 20-21) aprimora os estudos linguísticos das LS.

Com os dados ilustrados, transcritos e traduzidos, pensando em uma melhor exposição e organização desses, eles foram separados por campos lexicais e em sentenças. Para isso, elaborei oito quadros do campo lexical: verbos, animais, pronomes e designação para pessoas, representações numéricas e monetárias, meios de transporte, alimentos e frutos, objetos, nomes e diversos e, um quadro de sentenças, totalizando nove quadro com registros da LICLAS. Todas as ilustrações das sinalizações contidas nesses quadros são acompanhadas da transcrição e da tradução para a LP e, ao lado dessas informações, o QR Code.

Expostas e justificadas as ações tomadas com os dados, os quadros de organização e apresentação dos registros de sinais e sentenças da LICLAS apresentam a estrutura explicada a seguir.

Quadro 6 - Registros de sinais do campo lexical... (nome do campo lexical) da LICLAS

QUADRO DO CAMPO LEXICAL... (nome do campo lexical)	
SINAL TRANSCRIÇÃO (Tradução – LP)	QR CODE
(Ilustração do sinal) TRANSCRIÇÃO (Tradução - LP)	QR CODE

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Sobre a apresentação dos registros utilizados nas seções de análises (quinta a oitava), todas as figuras ilustrativas dos sinais e sentenças da LICLAS presentes nessas seções foram copiadas dos oito quadros de campos lexicais de sinais e do quadro de sentença. Essas figuras seguiram uma numeração de acordo com a ordem das figuras da tese e para nomeá-las foram

utilizadas as glosas seguidas da tradução na LP entre parênteses. Cabe salientar que nem todos os registros apresentados nos quadros de sinais e sentenças foram utilizados na análise, visto a grande quantidade de registros.

Ainda, todos os sinais e sentenças inseridos nas seções de análises, são acompanhadas do contexto de registro na convicção de que nomear e especificar o sinal conforme o contexto de uso (o que ele representa) também é importante neste trabalho, pois conforme Petter (2002, p. 17), "[...] ao observar a língua em uso, o linguista procura descrever e explicar os fatos: os padrões sonoros, gramaticais e lexicais que estão sendo usados, sem avaliar aquele uso em termos de um outro padrão: moral, estético ou crítico". Nesse sentido, é a função do linguista estudar qualquer tipo de expressão linguística e, assim, os sinais e sentenças contextualizadas no uso real foram descritos e analisados, pois segundo o autor supracitado, a metodologia da análise linguística tem como principal foco, a fala da comunidade, sendo a escrita, o segundo plano.

Diante das justificativas dos métodos selecionados para a apresentação dos registros da LICLAS, entendemos que esta pesquisa colabora para que os métodos das pesquisas nas LS alcancem em totalidade as análises baseadas unicamente em recursos gráficos, ou que fomente a criação de novos métodos mais tangíveis às LS.

A partir da próxima seção, iniciamos as análises descritivas da LICLAS, nas quais são tratados alguns aspectos da fonologia, morfologia, sintaxe e léxico das LS. Para essa apresentação, pensando numa forma de facilitar o acesso ao leitor da teoria de cada aspecto linguístico descrito, essas seções são teóricas analíticas, pois há a inserção da teoria do aspecto observado, seguida da análise desse aspecto da LICLAS. Essas análises com demonstração visual e análise teórica propiciam o início dos estudos sobre a LICLAS.

5 ASPECTOS FONOLÓGICOS DA LÍNGUA INDÍGENA CINTA LARGA DE SINAIS: REGISTROS, DESCRIÇÃO E ANÁLISE

Esta seção destina-se ao atendimento do objetivo específico em realizar uma análise descritiva embasando-se em aspectos do nível fonológico das LS, para identificar e analisar os parâmetros fonológicos (configuração de mão, locação, movimento, orientação da palma da mão e expressões não manuais) e os pares mínimos da LICLAS. Inicialmente, apresentamos os oito quadros contendo os sinais do campo lexical, verbo, pronomes e designação para pessoas, representações numéricas e monetárias, meios de transportes, alimentos e frutos, objetos, nomes e diversos, seguido de um quadro com sentenças.

Em seguida, abordamos sobre a teoria dos parâmetros fonológicos das LS, com ênfase nos estudos fonológicos da Libras. Tal abordagem é tida como essencial para buscarmos nos sinais aspectos desse nível linguístico. Desse modo, entendendo que as línguas naturais são constituídas por unidades menores, analisar fonologicamente os sinais e sentenças, apresentaremos essas unidades que os constituem, possibilitando assim, uma análise mais minuciosa, levando em consideração as peculiaridades da LIS dos indígenas Cinta Larga surdos.

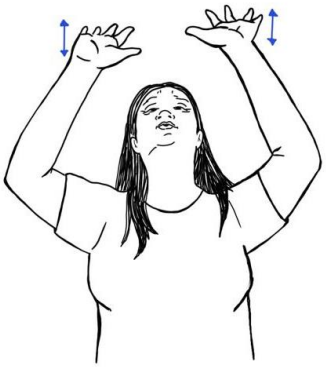
5.1 REGISTROS DA LÍNGUA INDÍGENA CINTA LARGA DE SINAIS

Nesta subseção exibimos os registros principais dessa pesquisa que, como já aventado, são advindos na espontaneidade comunicativa fomentada por momentos vividos e elicitados durante a pesquisa de campo.

Desse modo, apresentamos e divulgamos um arcabouço de sinais e sentenças da LICLAS e demonstrando a grandiosidade linguística presente nessa comunidade, buscando apontar os princípios para o reconhecimento linguístico por meio de uma análise descritiva que possibilitou identificarmos parâmetros linguísticos presentes nos sinais e nas sentenças.

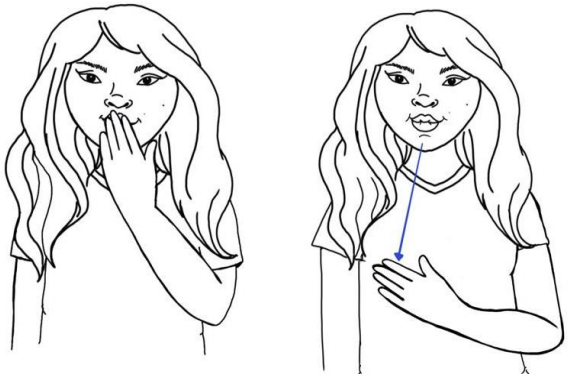
Apresentamos a seguir, os registros da LICLAS divididos nos seguintes quadros do campo lexical: verbos, animais pronomes e designação para pessoas, representação numérica e monetárias, meios de transporte, alimentos e frutos, objetos, nomes e diversos. E, por último, o quadro das sentenças. Esses quadros são compostos pela imagem do registro conforme a caricatura de quem os sinalizou, a transcrição, a tradução na LP e o QR Code.

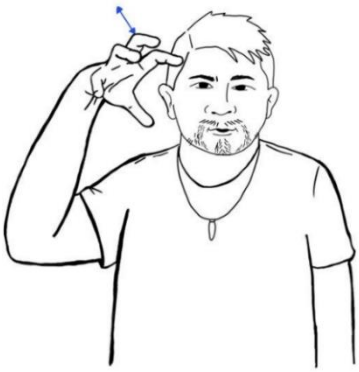
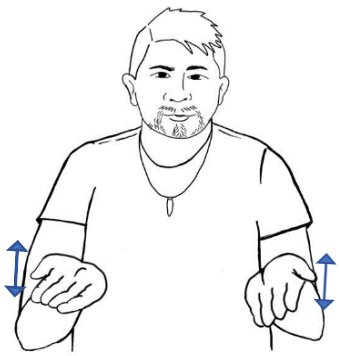
Quadro 7 - Registros dos sinais do campo lexical verbos da LICLAS

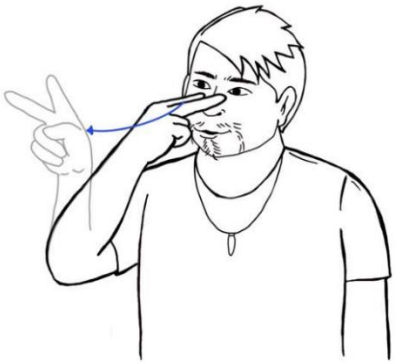
QUADRO DO CAMPO LEXICAL VERBO DA LICLAS	
SINAL TRANSCRIÇÃO (Tradução LP)	QR CODE
 COMER (Comer)	
 ORAR (Orar)	
 PESCAR (Pescar)	

 DORMIR (Dormir)	
 BATER (Bater)	
 SER-NÃO/SABER-NÃO/TER-NÃO/RUIM (Não sou/não sei/não tenho/ruim)	

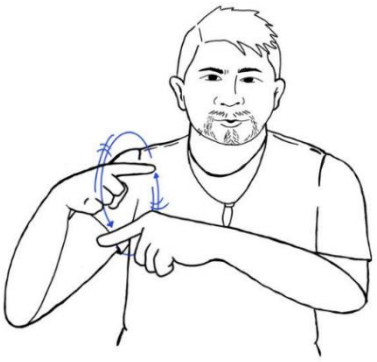
 SER/SABER/TER/BOM (Sou/sei/bom)	
 CORTAR (Cortar)	
 BEIJAR (Beijar)	

 NAMORAR/NAMORAD@ (Namorar/namorado(a))	
 ESTUDAR (Estudar)	
 CHORAR (Chorar)	

 CAÇAR (Caçar)	
 CHOVER/CHUVA (Chover/chuva)	
 GARIMPAR (Garimpar)	

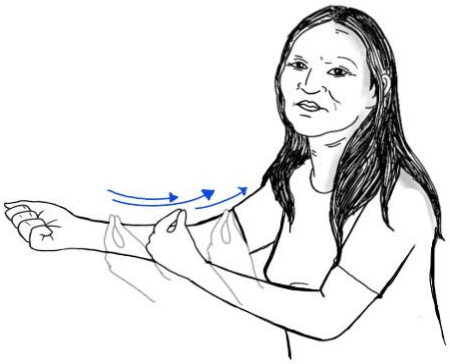
 TRAIR (Trair)	
 MORRER (Morrer)	
 OLHAR (Olhar)	

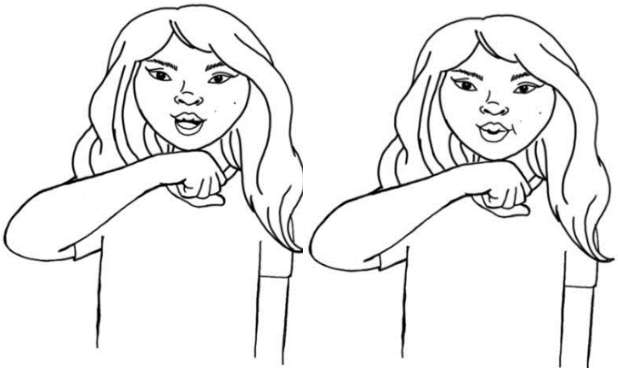
 VER (Ver)	
 DANÇAR (Dançar)	
 PESCAR (Pescar)	

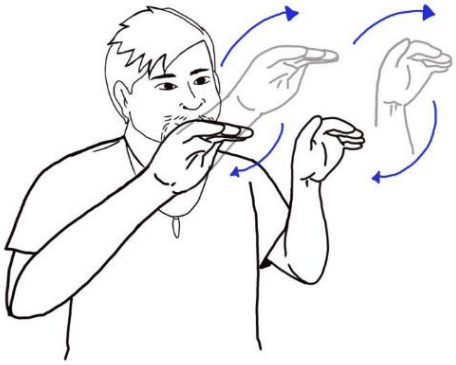
 DIGITAR-NO-CELULAR (Digitar no celular)	
 ESPERAR (Esperar)	
 ATOLAR (Atolar)	

 AFOGAR (Afogar)	

Quadro 8 - Registros dos sinais do campo lexical animais da LICLAS

QUADRO DO CAMPO LEXICAL ANIMAIS DA LICLAS	
SINAL TRANSCRIÇÃO (Tradução LP)	QR CODE
 GALINHA (Galinha)	
 ONÇA (Onça)	

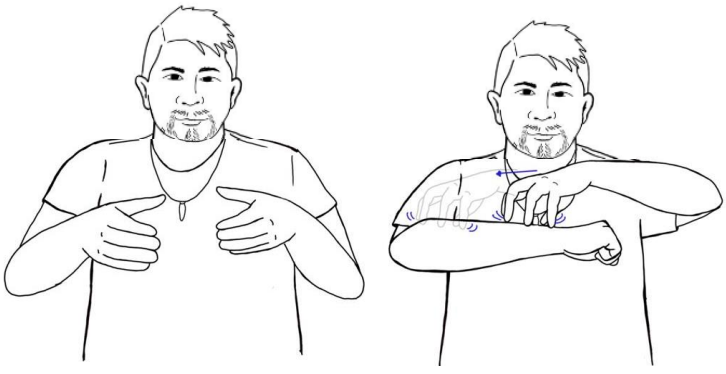
 PÁSSARO (Pássaro)	
 CACHORRO (Cachorro)	
 BOI (Boi)	



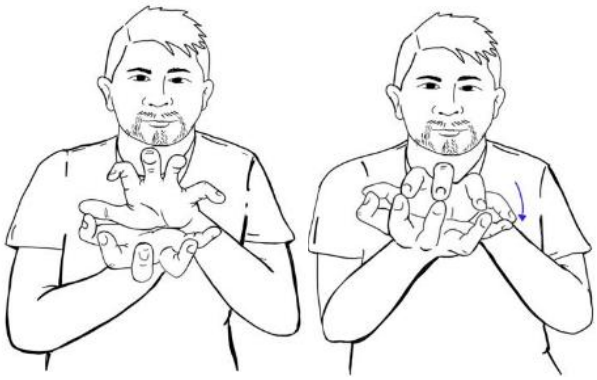
MACACO
(Macaco)



MUTUM
(Mutum)



TATU
(Tatu)

 JACARÉ (Jacaré)	
 ONÇA (Onça)	
 PEIXE (Peixe)	

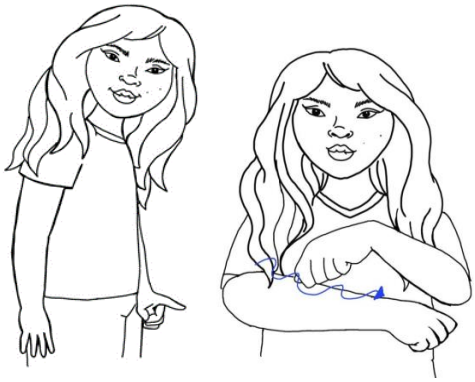
 COBRA (Cobra)	
 PACA (Paca)	
 COBRA^GROSSO=SUCURI (Cobra Sucuri)	

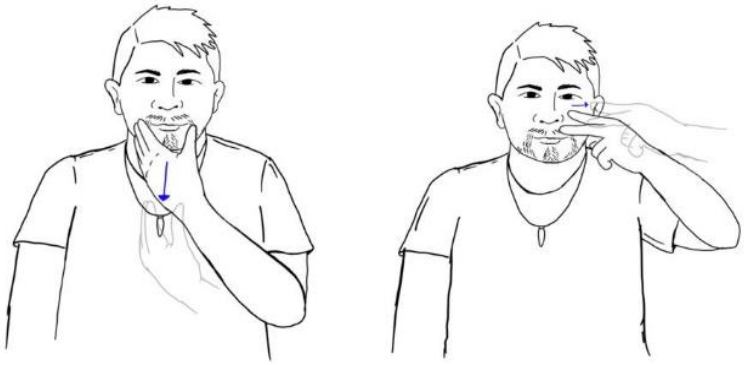
Quadro 9 - Registros do campo lexical pronomes e designações para pessoas da LICLAS

QUADRO DO CAMPO LEXICAL PRONOME E DESIGNAÇÕES PARA PESSOAS DA LICLAS	
SINAL TRANSCRIÇÃO (Tradução LP)	QR CODE
 EU (Eu)	
 El@/VOCÊ (Ele/ela/você)	
 EU (Eu)	

 MEU (Meu)	
 FILH@ (Filho(a))	
 BEBÊ (Bebê)	

 CASAD@/CASAMENTO (Casado(a)/Casamento)	
 (Sinal próprio de uma professora)	
 PESSOA-DO-SEXO-MASCULINO (Pessoa do sexo masculino)	

 PESSOA-DO-SEXO-MASCULINO^ESTUDAR=PROFESSOR (Professor)	
 EU (Eu)	
 EL@/VOCÊ (Ele(a)Você)	

 CRIANÇA/FILH@ (Criança/Filh@)	
 HOMEM (Homem não indígena)	
 HOMEM INDÍGENA (Homem indígena)	

 MULHER (Mulher não indígena)	
 MULHER INDÍGENA (Mulher indígena)	
 HOMOSSEXUAL (Homossexual)	

Quadro 10 - Registros dos sinais do campo lexical representações numéricas e monetárias da LICLAS

QUADRO DO CAMPO LEXICAL REPRESENTAÇÕES NUMÉRICAS E MONETÁRIAS DA LICLAS	
SINAL TRANSCRIÇÃO (Tradução LP)	QR CODE
 DINHEIRO (Dinheiro)	
 UM (Numeral 1)	
 DOIS (Numeral 2)	

 DINHEIRO (Dinheiro)	
 UM (Numeral 1)	
 DOIS (Numeral 2)	

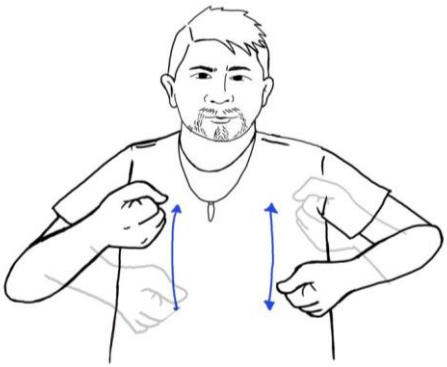
 TRÊS (Numeral 3)	
 TRÊS (Numeral 3)	
 CINCO (Numeral 5)	

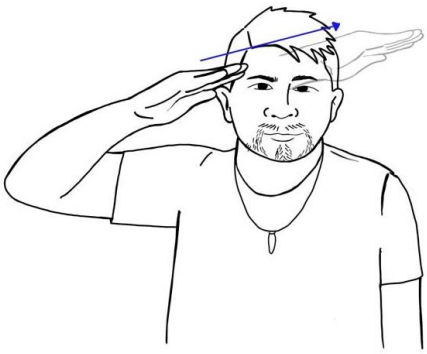
 SEIS (Numeral 6)	
 OITO (numeral 8)	
 DEZ (Numeral 10)	

 DINHEIRO (Dinheiro)	
 DOIS (Numeral 2)	
 DOIS (Numeral 2)	

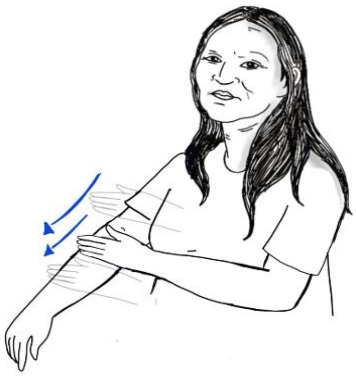
 DEZ (Numeral 10)	
 CINQUENTA-REAIS (Cinquenta reais)	
 CINCO-MESES/MÊS-DE-MAIO (Cinco meses/ mês de maio)	

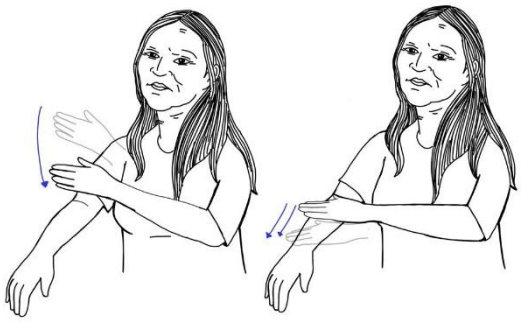
Quadro 11 - Registros de sinais do campo lexical meios de transporte da LICLAS

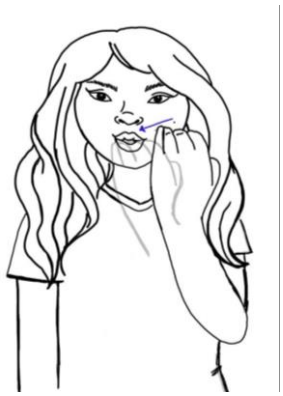
QUADRO DO CAMPO LEXICAL MEIOS DE TRANPORTES DA LICLAS	
SINAL TRANSCRIÇÃO (Tradução LP)	QR CODE
 CARRO (Carro)	
 MOTO (Moto)	
 TRATOR-ESTEIRA (Trator esteira)	

 HELICÓPTERO (Helicóptero)	
 AVIÃO (Avião)	

Quadro 12 - Registros de sinais do campo lexical alimentos e frutos da LICLAS

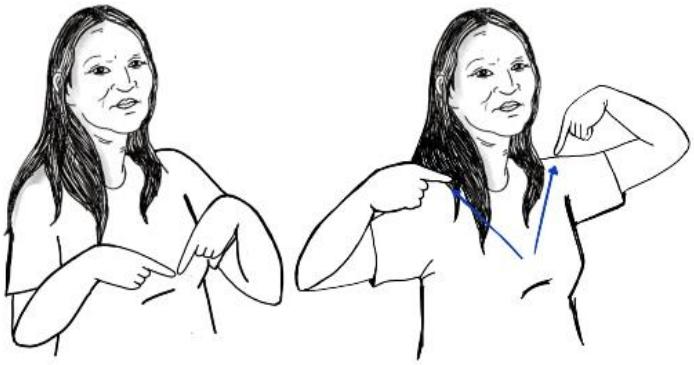
QUADRO DO CAMPO LEXICAL ALIMENTOS E FRUTOS DA LICLAS	
SINAL TRANSCRIÇÃO (Tradução LP)	QR CODE
 CARÁ (Cará)	

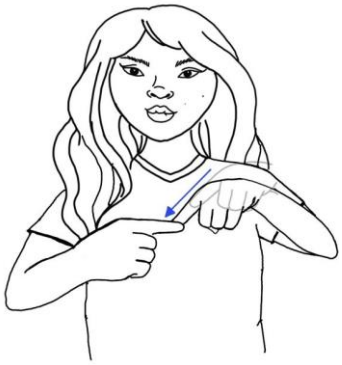
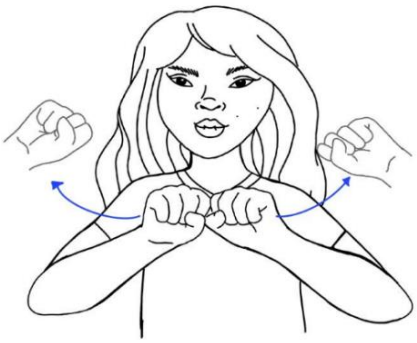
 MANDIOCA (Mandioca)	
 BOLINHO (Bolinho)	
 COCO-DE-TUCUMÃ (Coco de tucumã)	

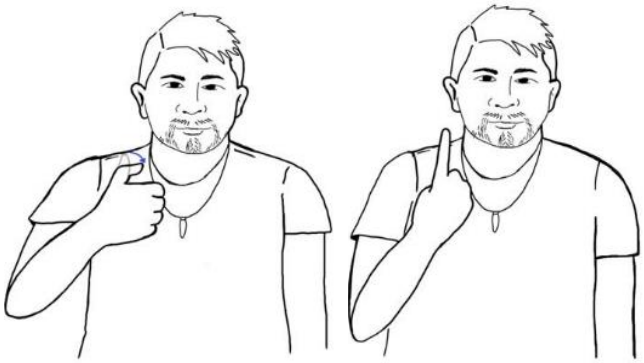
 COCO-VERDE (Coco verde)	
 BANANA (Banana)	
 PASTEL (Pastel)	

 PIRULITO (Pirulito)	
 PIRULITO (Pirulito)	
 BOMBOM (Bombom)	

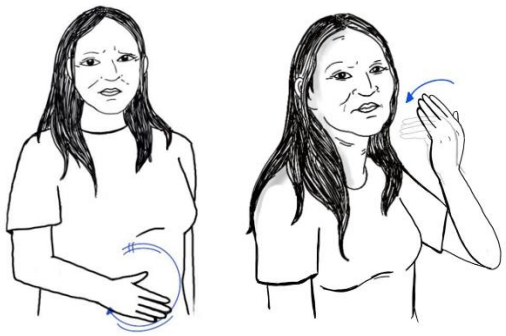
Quadro 13 - Registros de sinais do campo lexical objetos da LICLAS

QUADRO DO CAMPO LEXICAL OBJETOS DA LICLAS	
SINAL TRANSCRIÇÃO (Tradução LP)	QR CODE
 COLAR (Colar)	
 PIERCING-LÍNGUA (Piercing na língua)	
 CELULAR (Celular)	

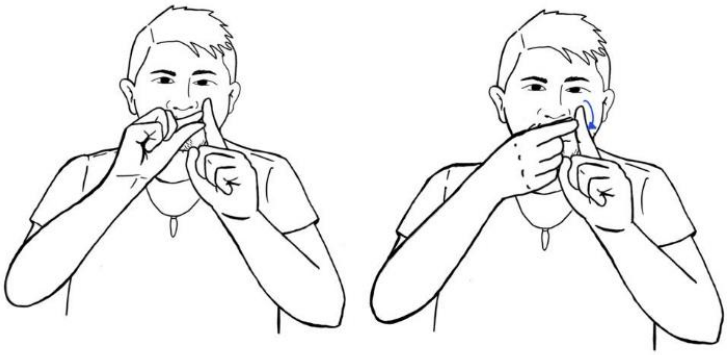
 BRINCO (Brinco)	
 AGULHA (Agulha)	
 REDE (Rede)	

 CELULAR (Celular)	
 ISQUEIRO (Isqueiro)	
 REDE (Rede)	

Quadro 14 - Registros de sinais do campo lexical nomes e diversos da LICLAS

QUADRO DO CAMPO LEXICAL NOMES E DIVERSOS DA LICLAS	
SINAL TRANSCRIÇÃO (Tradução LP)	QR CODE
 DOR-DE-ESTÔMAGO^COMER=FOME (Fome)	
 INJEÇÃO (Injeção)	
 EXAME-DE-SANGUE (Exame de sangue)	

 DENTES (Dentes)	
 DOR-DE-ESTÔMAGO (Dor de estômago)	
 DENTE (Dente)	

 ESPINHO (Espinho)	
 GROSSO (Espessura grossa)	
 RUIM (Ruim)	

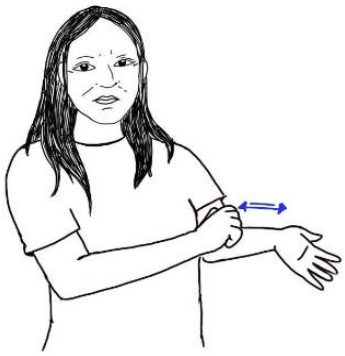
 ESTRADA (estrada)	
 NÃO (Não)	
 REGISTRO-DE-IDENTIDADE (Registro de identidade)	

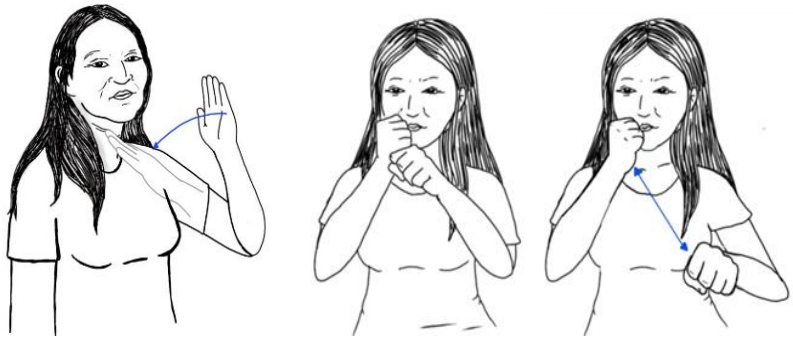
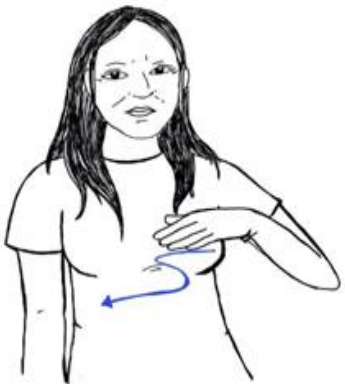
 MUITO (Muito)	
 POUCO (Pouco)	
 OURO (Ouro)	

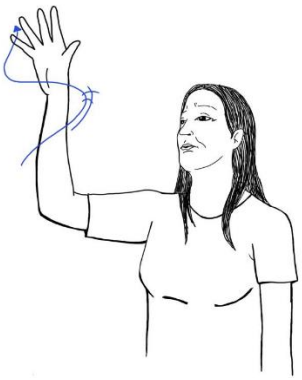
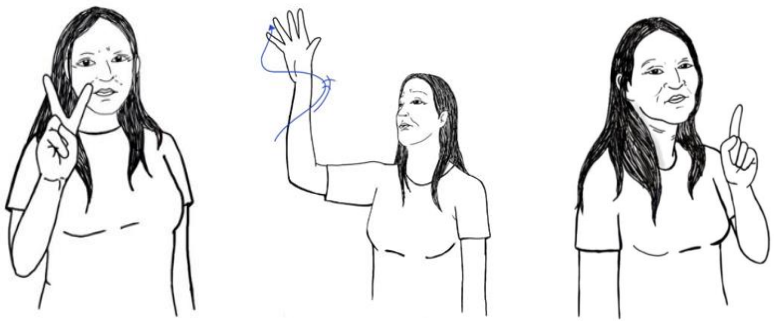
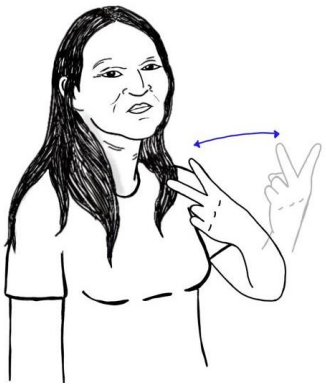
 PINTURA-INDÍGENA (Pintura indígena)	
 FOTO/FOTOGRAFAR (Foto/fotografar)	

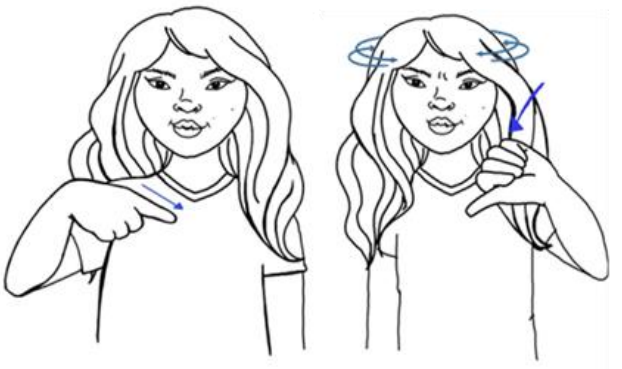
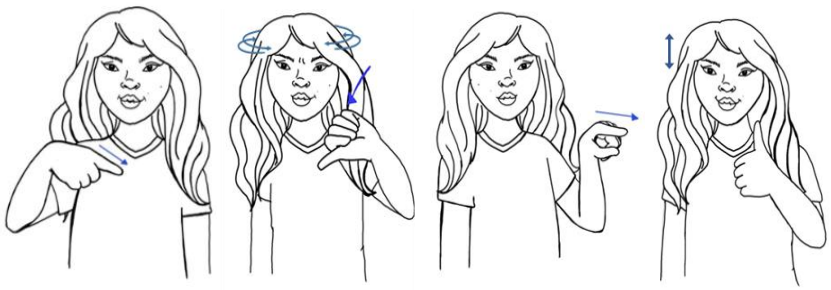
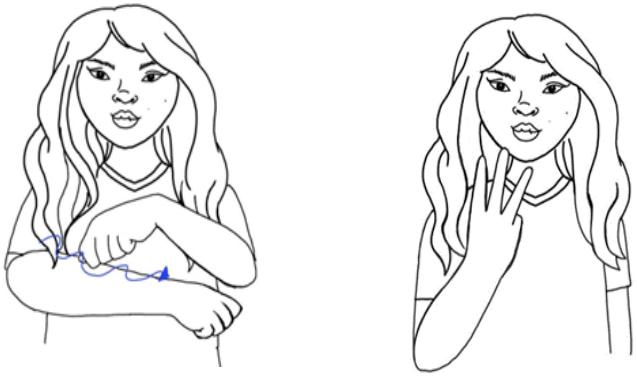
Quadro 15 - Registros das sentenças da LICLAS

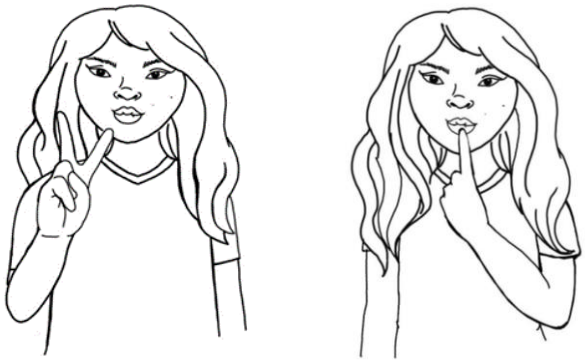
QUADRO DE SENTENÇAS DA LICLAS	
SENTENÇA TRANSCRIÇÃO (Tradução - LP)	QR CODE
 COMER-NÃO (Não quero comer)	

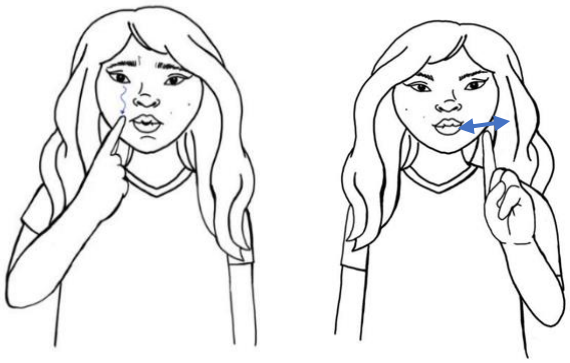
 INJEÇÃO-NÃO (Não quero tomar injeção)	
 TOMAR-BANHO-NO-RIO (Tomar banho no rio)	
 TOMAR-BANHO (Tomar banho(higienizar))	

 MUITO-TEMPO (Há muito tempo)	
 VAMOS PRODUZIR-ARTESANATO (Vamos produzir artesanato)	
 IR-CIDADE/ESTRADA (Ir à cidade/estrada)	

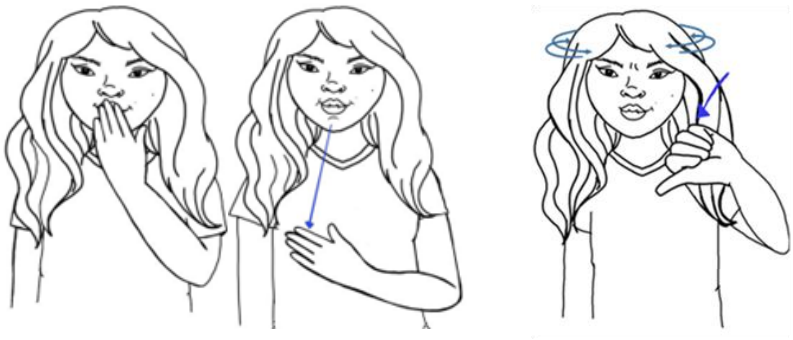
 PÁSSARO||VOAR-EMBORA (O pássaro voou, foi embora)	
 DOIS PÁSSARO||VOAR-EMBORA UM (Havia dois pássaros, um voou, foi embora)	
 NÓS-DUAS (Nós duas)	

 EU SABER-NÃO (Eu não sei)	
 EU SABER-NÃO ELA SABER (Eu não sei, ela sabe)	
 ESTUDAR TRÊS (Estudo na terceira sala)	

 BEBER^LITRO=REFRIGERANTE-DE-DOIS LITROS UM (Um refrigerante de 2 litros)	
 DOIS CELULAR (Dois celulares)	
 DOIS PIRULITOS (Dois pirulitos)	



CHORAR NÃO
(Não chorou)



NAMORAD@ TER-NÃO
(Não tenho namorado (a))



V
OCÊ CASAD@?
(Você é casada?)



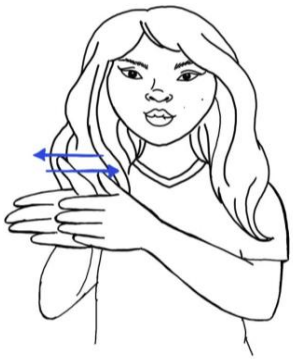
EU CASAD@ SER-NÃO
(Eu não sou casada)



MEU-PAI CASAMENTO SEPARAR
(Meu pai se separou)



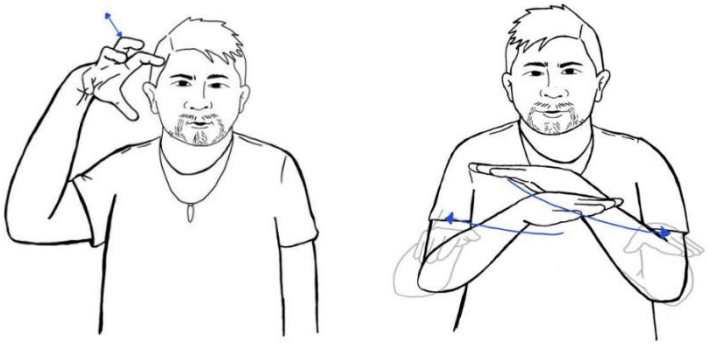
IR-EMBORA-NÃO VÁRIOS-DIAS FICAR AQUI
(Não vai embora, vai ficar aqui por vários dias)



PRODUZIR-ARTESANATO
(Produzir artesanato)



IX (ALDEIA ROOSEVELT) HOMOSSEXUAL DOIS
(Lá, na aldeia Roosevelt, tem dois homossexuais)



CHUVA ACABAR
(Acabar o período chuvoso)



PINTAR-CABELO
(Pintar o cabelo)



PINTAR-CABELO NÃO, HOMOSSEXUAL, ESTOU-FORA
(Não vou pintar o cabelo, isso é coisa de homossexual, estou fora)



VENTO, CHOVER DAQUI-A-POUCO
(Está ventando, daqui a pouco irá chover)



CAMINHÃO-BATER-TOMBAR
(O caminhão bateu e tombou)

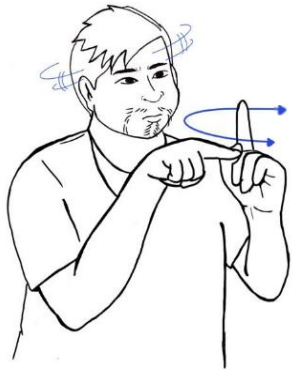


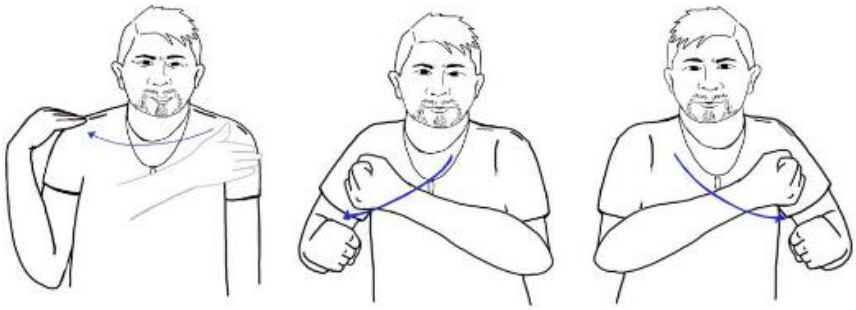
IX (SOL) CABEÇA LATEJAR
(Minha cabeça está latejando de dor por causa do sol)



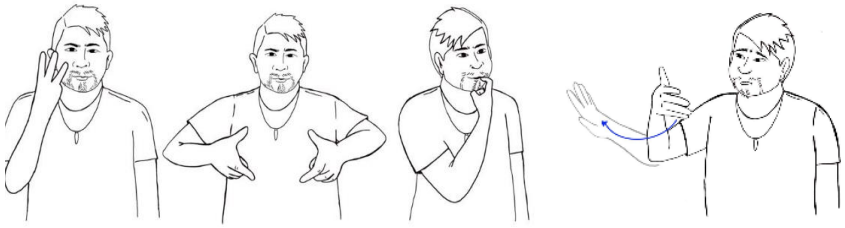
SOL-FORTE
(O sol está forte)

 CORTAR-CABEÇA (Cortar a cabeça)	
 CORTAR-CABELO (Cortar o cabelo)	
 ALVO-ACERTAR (Acertei o alvo)	

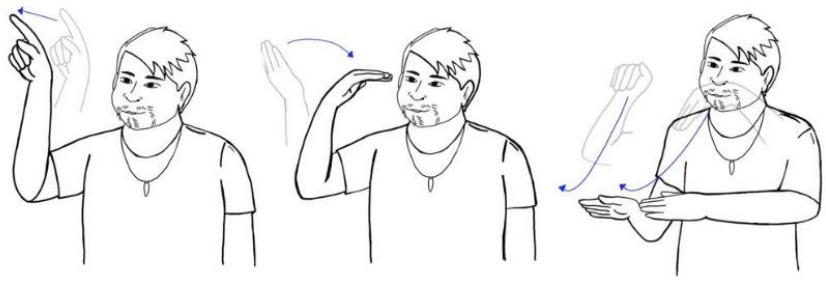
 ALVO-ACERTAR-NÃO (Não acertei o alvo)	
 MOTO||IR-EMBORA (Vou embora de moto)	
 CALOR IX (SOL) FRIO (Agora está calor, depois fará frio)	



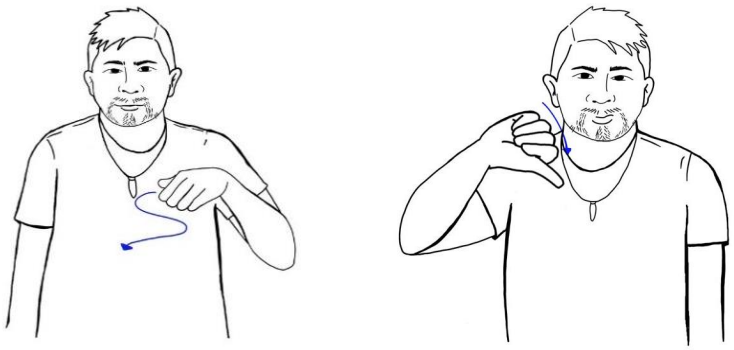
DOR-OMBROS REMAR
(Meus ombros estão doendo de tanto remar)



TRÊS TARTARUGA ANZOL IR-EMBORA
(Três tartarugas morderam o anzol e foram embora)



IX (RIO) VIR TOMAR-BANHO-NO-RIO
(Vamos tomar banho no rio)



ESTRADA RUIM
(A estrada está em más condições para trafegar)



CARRO QUATRO MOTO DOIS HELICÓPITERO
(Havia quatro carros, duas motos e um helicóptero)



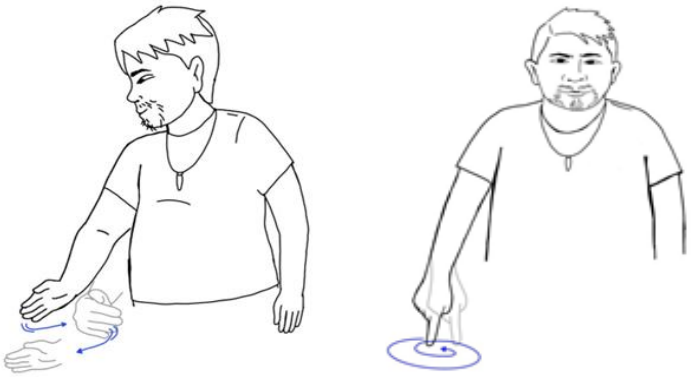
MUITO-PEIXE
(Muitos peixes)



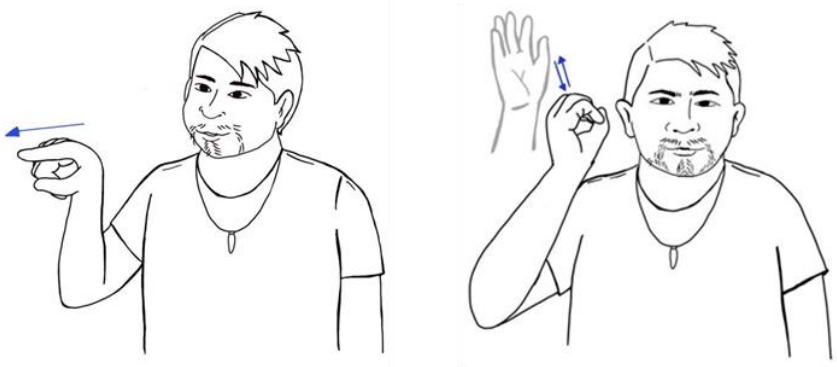
PÁSSARO||VOAR
(Pássaro voando)



ANDAR CAIR
(Eu estava andando e cai)



COBRA ENROLAR-PÉS
(A cobra enrolou perto dos meus pés)



ELE IR-EMBORA
(Ele foi embora (fugiu))

Como já posto, os registros apresentados nos nove quadros acima, fazem parte do léxico da LICLAS, a vista disso, são o ponto principal dessa pesquisa e são postos em análise linguística descritiva com base na teoria de diversas LS.

Os quadros acima são compostos por 163 registros (ilustrações) divididos em nove quadros: 24 do campo lexical verbo; 14 do campo lexical animais; 18 do campo lexical pronomes e designações para pessoas; 18 do campo lexical representações numéricas e monetárias; 5 do campo lexical meios de transporte; 10 do campo lexical alimentos e frutos; 9 do campo lexical objetos; 17 do campo lexical nomes e diversos; e 48 do quadro de sentenças. Observamos que nessa contagem consideramos as ilustrações. Ou seja, sem considerar que há casos em que uma ilustração tem vários significados, como no caso de SER/SABER/TER/BOM, este foi contabilizado como um registro. Assim como também, quando um mesmo léxico é sinalizado igualmente por dois ou pelos três surdos participantes, este é contabilizado conforme o número de sinalizantes que o realizou.

Todas as análises realizadas nesse capítulo em diante, possuem como material para análise, os registros apresentados nos nove quadros. A seguir, apresentamos o que diz a teoria das LS sobre os aspectos fonológicos e, posteriormente, buscamos nos quadros e inserimos na análise fonológica, sinais e sentenças que trazem em si elementos fonológicos da LICLAS.

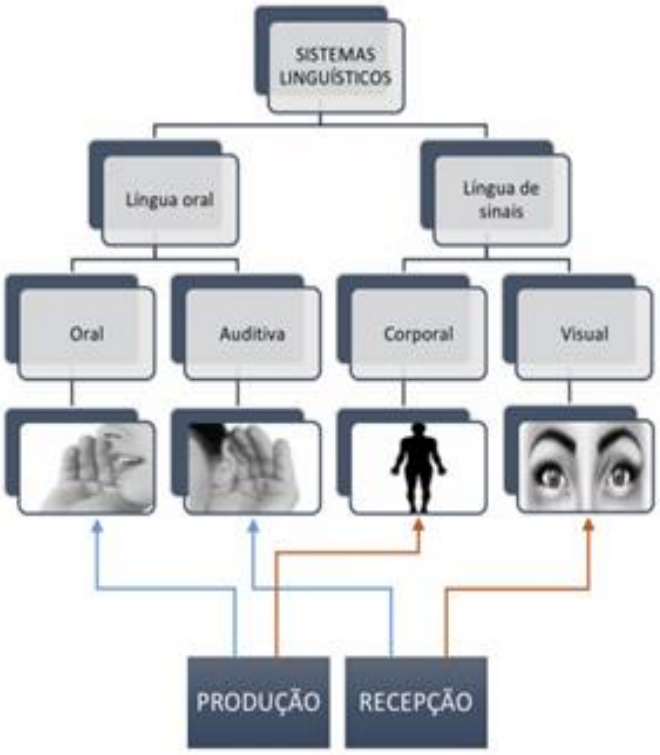
5.2 CONCEITO DOS PARÂMETROS FONOLÓGICOS NAS LÍNGUAS DE SINAIS

Stokoe (1965) deu início aos estudos fonológicos das LS ao segmentar os sinais. Nesse ensejo, propôs chamar de quirologia ao invés de fonologia, e quiremas ao invés de fonemas. Entretanto, a mudança terminológica não foi aceita por outros estudiosos como Crasborn (2012), Sandler (1989), Sandler e Lillo-Martin (2006), Battison (1978), pois, de acordo com Quadros (2019, p.42) “os pesquisadores entendem que os termos ‘fonética’ e ‘fonologia’ referem-se aqui a área de estudos da linguística que se ocupa da identificação e descrição das unidades e traços mínimos de uma língua que não apresentam significado autônomo".

Ainda nessa discussão terminológica, apesar da intensa propagação das LS, atualmente, ainda é espantoso, para os leigos nesse assunto, dizer que as LS possuem aspectos fonológicos, visto que a ideia primária que se tem é de que ela tem como objeto de estudo, os sons do ponto de vista funcional, e as LS são línguas de modalidade visual/espacial. Justamente por se manifestar pela referida modalidade, Quadros (2019, p.41) afirma que isso “[..] implica em uma estrutura fonética e fonológica pautada na articulação dos sinais, envolvendo braços, mãos, dedos, tronco e face.” Dessa forma, busca explicar e descrever como ocorre o processo de articulação do sinal.

Conforme Prometi (2020), observemos a modalidade do sistema linguístico das LO e das LS apresentado na figura a seguir.

Figura 140 - Modalidades das línguas orais e de sinais



Fonte: Prometi (2020, p. 68).

Como posto, em sua primeira proposta, Stokoe (1965) apresentou como modelo fonológico as unidades de configuração de mão, locação e movimento, tornando-se estas os principais parâmetros das LS, que instigaram novos estudos e pesquisadores como: Stokoe *et al*. (1965); Friednam (1977); Supalla e Newport (1978); Klima e Bellugi (1979); Mandel (1981); Ferreira ([1995] 2010). Posteriormente, ao perceber que o sinal mudava de significado a depender da direção da mão, Battison (1974) incluiu aos três parâmetros postos por Stokoe, a orientação da mão. O último parâmetro são expressões não-manuais, que apoiando no trabalho de Baker (1983), foram identificadas na Libras por Ferreira e Langevin ([1995] 2010).

Destarte, os cinco parâmetros são considerados as unidades mínimas (fonemas) que constituem os sinais, enquanto nas LO as unidades mínimas são os sons, representados graficamente pelas letras. É relevante apresentar com mais profundidade esses parâmetros. Assim sendo, apresentamos o quadro a seguir que contempla o nome do parâmetro e a sua correspondência baseado em Quadros e Karnopp (2004).

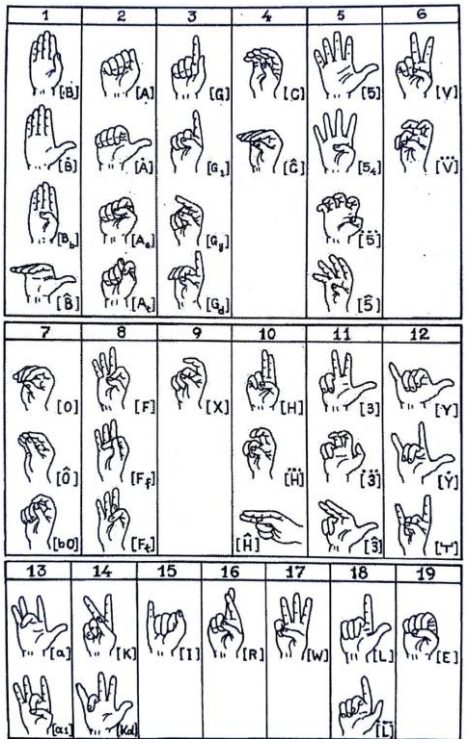
Quadro 16 - Parâmetros Fonológicos da Libras

PARÂMETROS FONOLÓGICOS NA LIBRAS	AO QUE CORRESPONDEM
Configuração de mão (CM)	Formato da mão
Locação (L)	Local onde o sinal é realizado
Movimento (M)	Ação dos articuladores
Orientação da mão (Or)	Direção para a qual a palma da mão aponta
Expressões não manuais (ENM)	São movimentos da face, da cabeça ou do tronco

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

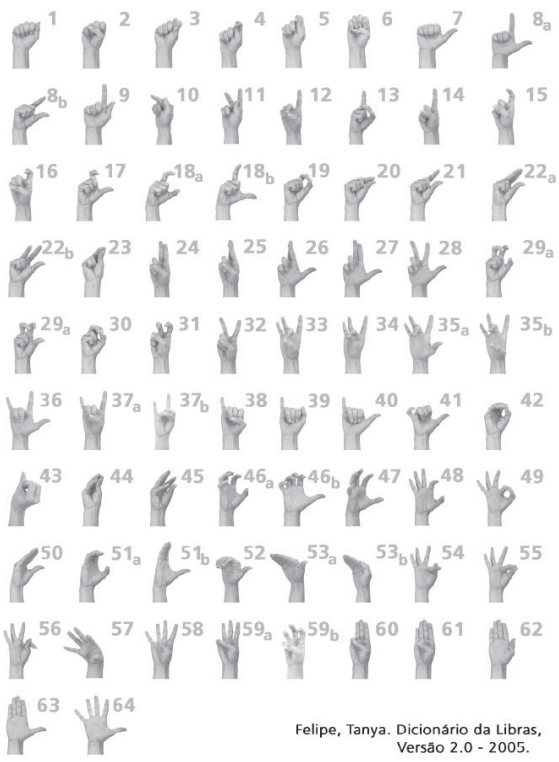
CM - Não cabe aqui uma preocupação em quantificar as configurações de mão existentes (CM), pois os estudos de Ferreira e Langevin ([1995] 2010), Felipe e Monteiro (2007) e Quadros (2019) comprovam a possibilidade de ocorrentes inserções de novas CM com o passar do tempo.

Quadro 17 - CM da Libras apresentadas por Ferreira e Langevin em 1995



Fonte: Ferreira e Langevin ([1995] 2010, p. 202).

Quadro 18 - CM da Libras divulgada em 2005 (INES)



Fonte: Felipe e Monteiro (2007, p. 28).

Quadro 19 - CM da Libras divulgada em 2022



Fonte: INES (2024).

Tendo em vista os três quadros de CM anteriores, entende-se por CM as várias formas que a/as mãos/mão assume na execução de um sinal, e que a seleção e configuração de dedos é fator determinante na escolha da CM (Crasborn, van der Hulst e van der Kooij, 2000). No tocante das LIS, Ferreira (2021), ao analisar fonologicamente os sinais-termos (assim chamado pelo autor) registrados em sua pesquisa para a criação do minidicionário digital da Língua de Sinais Mundurukun (LSM) percebeu diferentes CM afirmando que algumas são inéditas e especificas da LSM por ainda não serem identificadas em outras LS, sendo elas as de numeração 4, 7, 8, 9, 10, 11 e 16, do quadro de CM da LSM, conforme a seguir:

Quadro 20 - Quadro de CM da Língua de Sinais Mundurukun

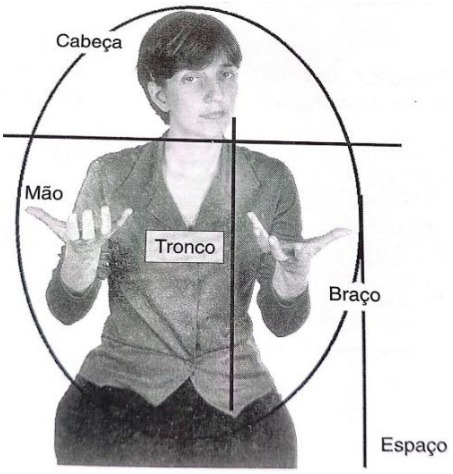


Fonte: Ferreira (2021, p. 95).

O registro das CM nas LIS são uma forma de identificar e apontar as especificidades desse grupo de LS, como realizado por Ferreira (2021).

L – O espaço de articulação dos sinais é o local onde ocorre um número finito de locações. Baseado em Battison (1978, p. 49), Quadros e Karnopp (2004, p. 57) demonstram de forma ilustrativa as quatro áreas de articulação dos sinais e caracterizam o espaço de enunciação das LS como “uma área que contém todos os pontos dentro do raio de alcance das mãos em que os sinais são articulados”.

Figura 141 - Espaço de articulação dos sinais



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 57).

Elaboramos um quadro com as quatro principais áreas de articulação da Libras, que segundo Quadros e Karnopp (2004), foram adaptadas dos estudos de Friedman (1977) por Ferreira e Langevin ([1995] 2010).

Quadro 21 - Locações da Libras

CABEÇA	Topo da cabeça, testa, rosto, parte superior do rosto, parte inferior do rosto, orelha, olhos, nariz, boca, bochechas, queixo.
TRONCO	Pescoço, ombro, busto, estômago, cintura, braços, braço, antebraço, cotovelo, pulso.
MÃO	Palma, costas das mãos, lado do indicador, lado do dedo mínimo, dedos, ponta dos dedos, dedo mínimo, anular, dedo médio, indicador, polegar.
ESPAÇO NEUTRO	Frente ao corpo.

Fonte: Adaptado de Quadros e Karnopp (2004, p. 58).

Devido a dinâmica de movimento na sinalização de sinais, sendo comum a realização de movimentos que vão de uma locação a outra, Quadros e Karnopp (2004), relatam que Kegl e Wilbur (1976), Battison (1978) e Sandler (1989), surpreenderam-se ao afirmar que cada sinal apresenta apenas uma locação específica. No entanto, essa afirmação se pautou na distinção entre locações principais e subespaços, que a primeira são as quatro áreas mencionadas no quadro 21, ou seja, mais abrangente, e a segunda é mais específica, como nariz, olhos, ouvido etc. Assim, os subespaços são uma subcategorização das locações principais, que, desse modo, mesmo que haja movimento de uma locação a outra (subespaços), essa será advinda de uma única locação principal (cabeça, tronco, mão ou espaço neutro).

M - Sobre esse parâmetro, Ferreira e Langevin ([1995] 2010) destacam que, para que se realize a ação do movimento, é necessário o objeto (mãos do enunciador) e o espaço de enunciação (em torno do corpo do enunciador).

Para Klima e Bellugi (1979), o parâmetro M é visto como complexo que poderá envolver uma grande gama de formas e direções, desde movimentos internos da mão, movimentos do pulso e movimentos direcionais no espaço.

Devido às diversificadas possibilidades de movimentos, certas variações são tidas como distintivas entre os sinais, as quais mudam de significado ao se alterar apenas o movimento,

como também para distinguir itens lexicais (nomes de verbos), direcionalidade e tempo do verbo.

O quadro a seguir apresenta as quatro categorias de movimento da Libras de Ferreira-Brito (1990) apresentado por Quadros e Karnopp (2004, p. 56), sendo: tipo, direcionalidade, maneira e frequência.

Quadro 22 - Categorias do parâmetro movimento

TIPO *Contorno ou forma geométrica:* retilíneo, helicoidal, circular, semicircular, sinuoso, angular, pontual *Interação:* alternado, de aproximação, de separação, de inserção, cruzado *Contato:* de ligação, de agarrar, de deslizamento, de toque, de esfregar, de riscar, de escovar ou pincelar *Torcedura de pulso:* rotação, com refreamento *Dobramento do pulso:* para cima, para baixo *Interno das mãos:* abertura, fechamento, curvamento e dobramento.
DIRECIONALIDADE Direcional - *Unidirecional:* para cima, para baixo, para direita, para esquerda, para dentro, para fora, para o centro, para lateral inferior esquerda, para lateral inferior direita, para lateral superior esquerda, para lateral superior direita, para específico ponto referencial - *Bidirecional:* para cima e baixo, para esquerda e para a direita, para dentro e fora, para laterais opostas - superior direita e inferior esquerda Não direcional
MANEIRA Qualidade, Tensão e Velocidade - contínuo - de retenção - refreado
FREQUÊNCIA Repetição - simples - repetido

Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 56).

Or – Define-se como a posição que a palma da mão se direciona na produção do sinal.

Estudos de Ferreira ([1995] 2010) e Marentette (1995), apontam seis tipos: virada para o corpo, para frente, para cima, para baixo, para o lado (contralateral e ipsilateral). A autora Quadros (2019) acrescenta a essas posições a Or em diagonal. Segue as ilustrações produzidas por mim baseada nas três autoras citadas anteriormente.

Figura 142 - Ilustração das orientações da palma da mão



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Esse parâmetro somente foi inserido nos estudos fonológicos das LS quando Battison (1974) e, posteriormente outros pesquisadores, foram incisivos na inclusão desse parâmetro ao afirmarem, com base na existência de pares mínimos, que a orientação da palma da mão é fator determinante de significado (Quadros; Karnopp, 2004).

ENM – Este é composto pelas expressões faciais e corporais. Existe uma ideia errônea desse parâmetro ser apenas um acréscimo aos demais, como algo que embeleza a comunicação sinalizada. No entanto, a não utilização ou uso inadequado pode trazer falhas e/ou distorções na comunicação. Para tratarmos sobre a importância igualitária desse parâmetro aos demais, apresentamos os dois sinais a seguir.

Figura 143 - Sinal de CALA A BOCA em Libras



Fonte: Silva (2021, p.57).

Figura 144 - Sinal de SILÊNCIO em Libras



Fonte: Silva (2021, p. 57).

Ao visualizarmos os dois sinais anteriores, identificamos que detêm significados diferentes ocasionados pelas ENM, pois os demais parâmetros que os compõem são exatamente iguais. Ou seja, um parâmetro com elemento diferenciador, não um acréscimo embelezador.

Durante uma conversa sinalizada, as ENM possuem a funcionalidade de indicar dúvida, exclamação/afirmação e pergunta. Essa funcionalidade numa conversa de modalidade oral, é exercida pela entonação da voz do enunciador. Corroborando, Silva (2021, p. 56) define sua relevância por "[...] elas revelam sentimentos e colocam mais sentido ao enunciado. Em muitos casos, a expressão facial determina o significado do sinal naquele contexto, podendo ainda expressar as diferenças entre sentenças afirmativas, interrogativas, exclamativas e negativas."

Embasando-se no trabalho de Baker (1983), Ferreira e Langevin ([1995] 2010) apontam as ENM da Libras, que se apresentam no rosto, cabeça e tronco, conforme quadro a seguir:

Quadro 23 - Expressões não-manuais da Libras

Expressões não-manuais da língua de sinais brasileira (Ferreira-Brito e Langevin, [1995] 2010)
Rosto *Parte superior*

sobrancelhas franzidas olhos arregalados lance de olhos sobrancelhas levantadas *Parte inferior* bochechas infladas bochechas contraídas lábios contraídos e projetados e sobrancelhas franzidas correr de língua contra a parte inferior interna da bochecha apenas bochecha direita inflada contração do lábio superior franzir do nariz
Cabeça balanceamento para frente e para trás (sim) balanceamento para os lados (não) inclinação para frente inclinação para o lado inclinação para trás
Rosto e cabeça cabeça projetada para a frente, olhos levemente cerrados, sobrancelhas franzidas cabeça projetada para trás e olhos arregalados
Tronco para frente para trás balanceamento alternado dos ombros balanceamento simultâneo dos ombros balanceamento de um único ombro

Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 61).

Ferreira ([1995] 2010) trata este parâmetro como um componente, ressaltando a possibilidade de que também seja um parâmetro, por observar e compreender a importância deste para distinguir significados, ou seja, um elemento diferenciador. Conseguinte, a autora descreve a relevância de todos os parâmetros citados na organização do sinal, ressaltando:

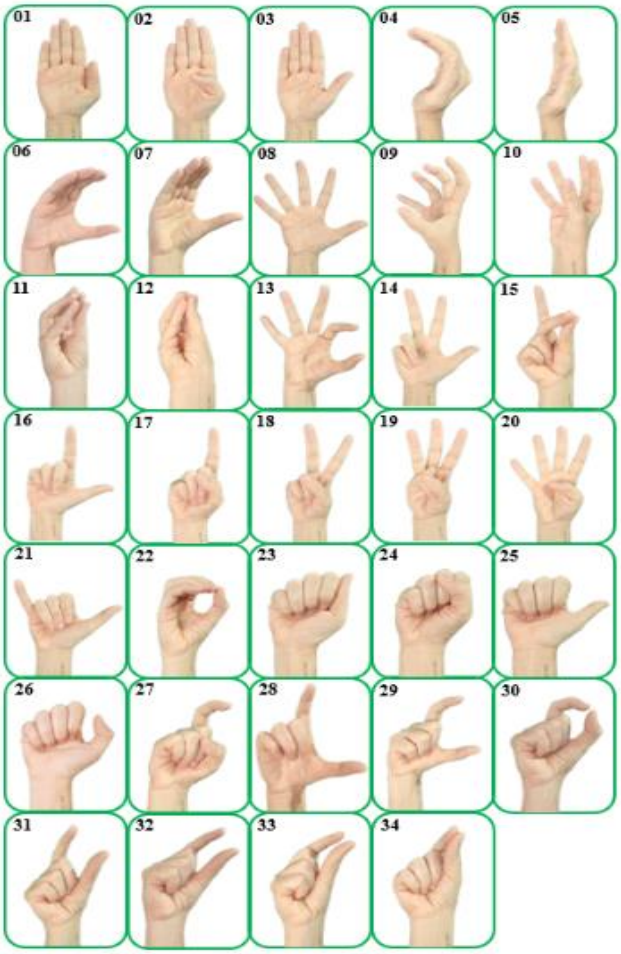
> É importante notar que, tanto os parâmetros primários, como os secundários e os componentes não-manuais podem estar presentes simultaneamente na organização do sinal. O sinal se realiza multidimensionalmente e não linearmente, como acontece, em geral, com as palavras orais, e a sua realização necessita da presença simultânea de seus parâmetros (Ferreira, [1995] 2010, p. 41).

Assim, os sinais da LICLAS serão analisados com base nos cinco parâmetros fonológicos aqui abordados, a fim de verificarmos sua composição e como se organizam no espaço de sinalização.

5.2.1 Parâmetros fonológicos na Língua Indígena Cinta Larga de Sinais

Entendidos de que a formação e sinalização de sinais se dá através da articulação dos parâmetros fonológicos explicado anteriormente, a seguir, expomos e analisamos se estes mesmos parâmetros ocorrem da LICLAS. *Parâmetro Configuração de mão da LICLAS* - Para identificar e especificar as CM utilizadas na composição dos sinais e as sentenças, elaboramos um quadro contendo as imagens das CM juntamente com a enumeração de cada uma. Esse quadro servirá de base para as análises sobre a LICLAS que demandem a identificação das CM, como é o caso da análise dos pares mínimos, mais adiante.

Quadro 24 – Configurações de mão da LICLAS

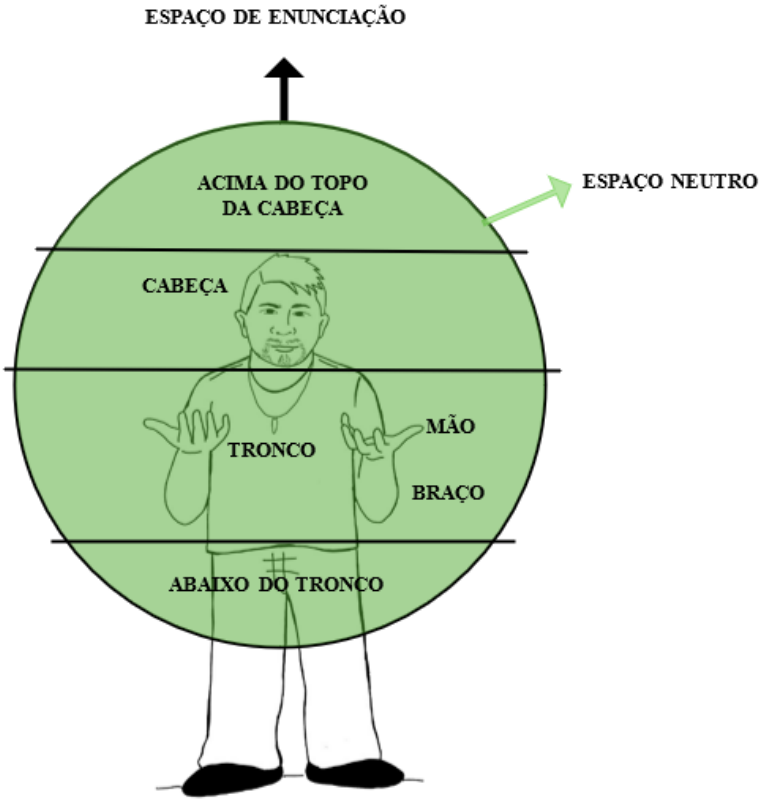


Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Foram registradas 34 CM. Dentre elas, as CM de número 01 e 17 são as que mais aparecem na composição dos sinais e sentenças demonstrados nos quadros de registros da LICLAS. Salientamos que esse quantitativo de CM é dado inicial com base nos registros desta pesquisa, podendo haver inclusões em pesquisas posteriores, assim como nos outros parâmetros analisados adiante.

Parâmetro Locação da LICLAS – No tocante do espaço de sinalização, essa temática é trabalhada com mais profundidade na seção sobre a sintaxe da LICLAS. O que a figura 145 nos adianta é que ocorre na sinalização dos indígenas Cinta Larga surdos uma extensão desse espaço em consideração ao relatado nas LS urbanas. Nos atentaremos aqui nos principais pontos de locação específicos: cabeça, tronco, mão e espaço neutro.

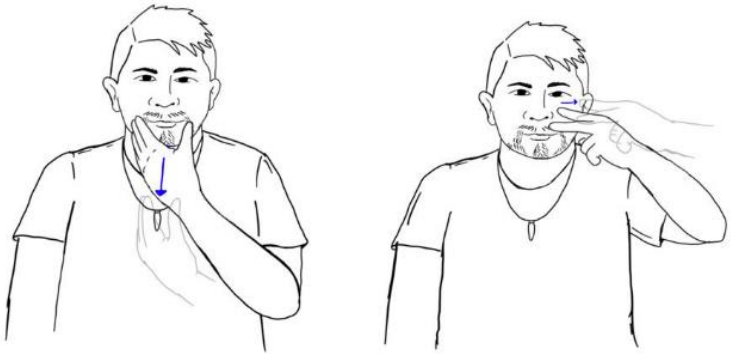
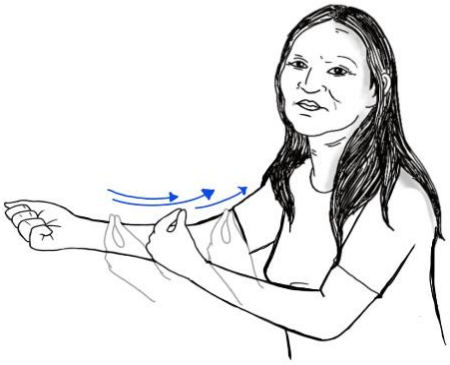
Figura 145 - Principais áreas de locação no espaço de enunciação da LICLAS

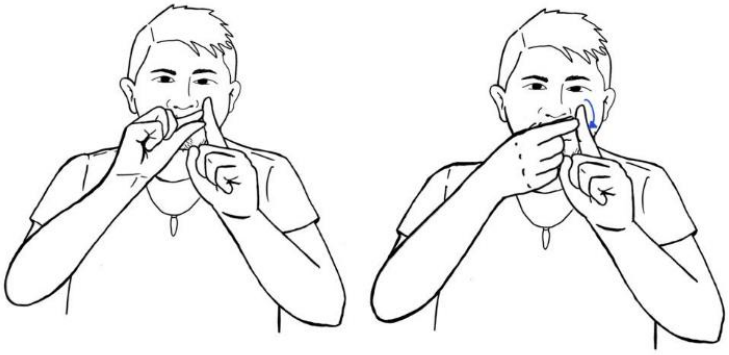


Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Para a análise desse parâmetro, apresentamos a seguir um quadro contendo dois exemplos de sinais para cada principal locação.

Quadro 25 – Locações da LICLAS

<table>
<tr><th colspan="2">QUADRO DE LOCAÇÕES DA LICLAS</th></tr>
<tr><td>PRINCIPAIS
LOCAÇÕES</td><td>EXEMPLOS DE SINAIS DA LICLAS
TRANSCRIÇÃO
(Tradução LP)</td></tr>
<tr><td rowspan="2">CABEÇA</td><td> 
DORMIR
(Dormir)</td></tr>
<tr><td> 
HOMEM INDÍGENA
(Homem indígena)</td></tr>
<tr><td>TRONCO</td><td> 
GALINHA
(Galinha)</td></tr>
</table>

	 FILH@ (Filho(a))
MÃO	 DINHEIRO (Dinheiro)
	 ESPINHO (Espinho)

<table>
<tr><td rowspan="2">ESPAÇO NEUTRO</td><td> 
ONÇA
(Onça)</td></tr>
<tr><td> 
REDE
(Rede)</td></tr>
</table>

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Selecionados os exemplos de cada locação principal, seguiremos com a análise deles por ponto de locação, apresentando o contexto de registro de cada um e as configurações de mão usada conforme a enumeração constante no quadro 24: *Configuração de Mão da LICLAS*. Reiteramos que esses são apenas alguns exemplos a fim de demonstrar as locações utilizadas da LICLAS, pois vários outros sinais apresentam essas mesmas locações, entre outros subespaços não citados nesse momento de análise.

Cabeça – Os exemplos selecionados foram os sinais DORMIR e HOMEM INDÍGENA. O primeiro foi registrado durante uma conversa na área da casa da Cibita. Cibita disse que Guma morava na casa ao lado. Instigando a comunicação com a Guma, apontei para ela e depois para a casa buscando a confirmação de que aquela era sua moradia. Ela sinalizou DORMIR e Cibita completou dizendo que ela só dormia naquela casa, pois o restante do dia e atividades

corriqueiras elas realizavam juntas, na casa da Cibita. Neste sinal a mão na configuração de número 08 é colocada na bochecha (subespaço).

O sinal HOMEM INDÍGENA foi registrado durante um diálogo na pescaria. Ao Ivan realizar a primeira parte (HOMEM), percebi a semelhança com o Libras e perguntei para Marco o que significava. Ele afirmou se tratar do sinal para homem não indígena, que fazia referência à barba. Apontei para o Vagner e repeti a sinalização HOMEM; apontei para Marcos e Ivan sinalizou HOMEM INDÍGENA. Observamos que o traço diferenciador entre homem indígena e não indígena está presente na segunda parte do sinal que remete à pintura indígena. Dado ser um sinal composto por duas sinalizações, a primeira é realizada com a CM 07 no queixo (subespaço) e a segunda parte com a CM 18 no lado do rosto (bochecha).

Tronco – Os sinais GALINHA e FILH@ foram os selecionados para análise dessa locação. O registro do sinal GALINHA ocorreu durante uma visita à casa da Cibita, onde ela e Guma estavam na varanda da casa fazendo artesanatos. As galinhas estavam entrando na varanda e Cibita solicitou a Guma que batesse nelas para afastá-las, realizando apenas a apontação para as galinhas e o sinal BATER. Perguntei a Cibita se havia alguma sinalização para galinha e ela sinalizou conforme apresentado. Guma repetiu o sinal e apontou para uma galinha. Para formar esse sinal as duas mãos são utilizadas, uma na CM 23 com o antebraço (subespaço) estendido para a reprodução do retirar as penas utilizando a CM 33.

O sinal FILH@ foi registrado enquanto estávamos no quintal da casa da Irene. Ao avistar seu irmão vindo em direção a nós, Irene apontou para ele, realizou o sinal e apontou para sua mãe (Marlene). Não compreendi e perguntei a Marlene o que Irene estava querendo dizer. Ela me respondeu que Irene estava dizendo que ele era filho dela, aquele sinal significava filho. A CM presente nesse sinal é a 09 e o ponto de locação é o busto (subespaço).

Mão – Para essa locação principal, selecionei os sinais DINHEIRO e ESPINHO. O sinal DINHEIRO foi realizado pela Irene enquanto Marcos brincava com ela, interagindo em sinais, ele disse que iria se casar com ela. Irene sinalizou DINHEIRO. Marcos disse que ela estava informando que ele teria que dar dinheiro a ela para se casar. Na realização desse sinal é utilizada a CM 34 em que as pontas dos dedos (subespaço) se tocam.

Ivan realizou o sinal ESPINHO quando estávamos assistindo ao tiro de arco e flecha durante a 2ª. Festa Cultural Indígena Asanuééj. Ao observar as tatuagens minha e de Vagner, Ivan apontou em direção a uma plantação de limoeiro e sinalizou ESPINHO, e em seguida imitando a ação de tatuar, dando vários furos em seu braço com o espinho. Esse sinal é realizado com as duas mãos. A CM 34 é posicionada na lateral do dedo indicador (subespaço) da outra mão na CM 17.

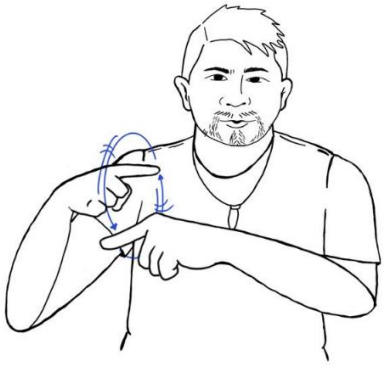
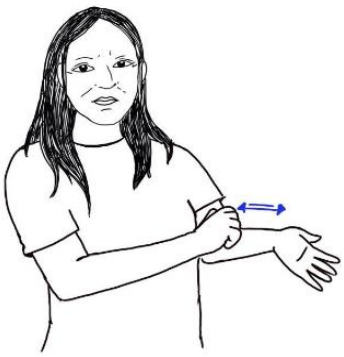
Espaço neutro – Para exemplificar essa locação, selecionamos os sinais ONÇA e REDE. O sinal ONÇA foi sinalizado pela primeira vez durante a entrevista com a Guma e seus familiares (Cibita e Bruna). Perguntei para Bruna que mostrasse sinais utilizados na comunicação com Guma e ela sinalizou ONÇA. Nesse exato momento, Guma prontamente olhou e apontou em direção a mata balançando a cabeça afirmativamente. Repeti o sinal e ela novamente apontou para mata. Para compor esse sinal a mão assume a CM 09, no espaço frente e relativamente distante do corpo, portanto, no espaço neutro.

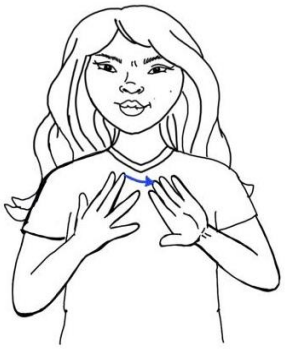
O sinal REDE sinalizado por Ivan foi registrado durante a pescaria no rio Eugênio. Ao ouvir barulhos de corte e quebra de galhos na mata, foi verificar o que estava acontecendo. Fiz uma expressão de não entender o que ele estava fazendo e, nesse momento, Ivan sinalizou o sinal REDE e indicou quantas e onde iria amarrar as redes. A CM 17 é a utilizada percorrendo de uma extremidade a outra no espaço frente ao corpo do Ivan.

Diante dos exemplos inseridos no quadro de locação da LICLAS e da análise enriquecida com o contexto de registro, afirmamos que as locações principais estão presentes da LICLAS, como também apontamos alguns subespaços conforme o quadro de locações da Libras. Entendemos que uma análise mais detalhada dos subespaços seja valorosa, podendo especificar semelhanças com outras LS como também apresentar novas evidências sob as LIS.

Parâmetro Movimento da LICLAS – Ao observarmos os quadros de sinais e sentenças da LICLAS é de fácil percepção que esses registros variam entre sinais com e sem movimento. Por esse parâmetro ser considerado complexo, apresentando vasta formas e direções de movimentos, nos atentamos em evidenciar as variedades de formas e direções dos movimentos que contém da LICLAS apresentando um exemplo de cada tipo de movimento, bem como a identificação da direcionalidade, maneira e frequência conforme o quadro “Categorias do parâmetro movimento na língua de sinais brasileira (Ferreira- Brito, 1990)”. Além, analisaremos um exemplo que mostra que o movimento pode também ser um traço distintivo da LICLAS.

Quadro 26 – Parâmetro movimento da LICLAS

QUADRO DO PARÂMETRO MOVIMENTO DA LICLASDA LICLAS	
SINAL/SENTENÇA TRANSCRIÇÃO (Tradução LP)	CATEGORIAS DO PARÂMETRO MOVIMENTO
 ATOLAR (Atolar)	TIPO: Contorno ou forma geométrica (Circular) DIRECIONALIDADE: Direcional (unidirecional) MANEIRA: Contínua FREQUÊNCIA: Repetido
 HOMOSSEXUAL (Homossexual)	TIPO: Dobramento de pulso (para baixo) DIRECIONALIDADE: Direcional (unidirecional) MANEIRA: refreado FREQUÊNCIA: Simples
 TOMAR-BANHO (Tomar banho(higienizar))	TIPO: Contato (de esfregar) DIRECIONALIDADE: Direcional (Bidirecional) MANEIRA: Contínuo FREQUÊNCIA: Repetido

 SEPARAR[21] (Separou)	TIPO: Interação (de separação) DIRECIONALIDADE: Direcional (Unidirecional para fora) MANEIRA: Refreado FREQUÊNCIA: Simples
 BOLINHO (Bolinho)	TIPO: Torcedura de pulso (rotação) DIRECIONALIDADE: Direcional (Unidirecional para baixo) MANEIRA: Contínuo FREQUÊNCIA: Repetido
 MUITO (Muito)	TIPO: Interno das mãos (abertura e fechamento dos dedos) DIRECIONALIDADE: Bidirecional (para dentro e para fora) MANEIRA: Contínuo FREQUÊNCIA: Repetido

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

[21] Esse sinal foi recortado da sentença: MEU-PAI CASAMENTO SEPARAR (Meu pai se separou).

O sinal ATOLAR foi registrado ao final da 2ª. Festa Cultural Indígena Asanuééj. Ivan nos alertou que iria chover, e por isso era melhor irmos embora, evitando que o carro atolasse. O sinal de HOMOSSEXUAL foi sinalizado por Ivan no mesmo dia citado acima, antes de chegarmos à festa, ainda na casa da Márcia. Ela estava pintando o cabelo de uma parente, quando Ivan chegou, nos cumprimentou com aperto de mão, apontou para a parente e fez o sinal PINTAR-CABELO. Sentou-se próximo a nós, e o Vagner apontou para ele e repetiu o sinal PINTAR-CABELO. Ivan, sorrindo sinalizou "PINTAR-CABELO NÃO, HOMOSSEXUAL, ESTOU-FORA."

Figura 146 - Sentença – PINTAR-CABELO NÃO, HOMOSSEXUAL, ESTOU-FORA (Não vou pintar o cabelo, isso é coisa de homossexual, estou fora)



O registro do sinal TOMAR-BANHO realizado por Guma, ocorreu durante a pescaria. Quando ofereci repelente, ela apontou para o rio e fez a sinalização, dizendo que iria primeiro tomar banho e depois passaria o repelente.

O sinal DIVORCIAR foi registrado em uma conversa na casa da Irene, em que ela me disse que seu pai havia se divorciado de sua mãe. Após interpretar para mim o que Irene disse, Marlene explicou que ela estava brava, pois seu esposo havia assumido uma nova esposa, mas que ainda continuavam juntos.

O sinal BOLINHO foi registrado em uma visita à casa da Guma e Cibita. Enquanto elas produziam artesanato na varanda da casa da Cibita, uma neta dela chegou e pediu-lhe que

fizesse o bolinho frito. Cibita solicitou que Guma fosse fazer, sinalizando conforme apresentado anteriormente.

O registro do sinal MUITO ocorreu durante a pescaria. Ao contar sobre a época em que trabalhava no garimpo, Ivan apontou em direção a estrada e sinalizou MUITO, dizendo que naquela direção havia muita cassiterita.

Descrito os contextos dos sinais, destacamos que os exemplos inseridos no quadro 26 são apenas uma pequena especificação de formas e modos de movimentos na LICLAS, havendo muitos outros sinais com movimentos nos quadros de sinais e sentenças.

Adiante, apresentamos nas figuras posteriores, dois sinais que demonstram que o parâmetro movimento pode ser fator de distinção entre sinais e/ou sentenças.

Figura 147 - MOTO||IR-EMBORA (Vou embora de moto)



Figura 148 - COBRA (Cobra)



A sentença MOTO||IR-EMBORA foi registrada no momento da saída do acampamento da pescaria. Ivan me cumprimentou e sinalizou essa sentença, dizendo que já iria embora, que neste caso, ele estava de moto. O sinal COBRA foi sinalizado por Ivan no ambiente do

acampamento da pescaria, quando nos informou que abaixo do rio (apontou para a direção) tinha muita cobra.

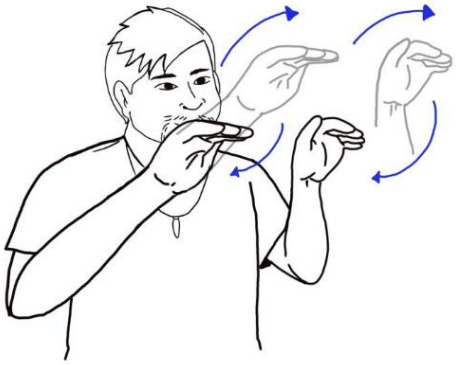
Nas figuras anteriores são apresentados dois sinais com o mesma CM de número 01, locação no espaço neutro, Or da mão para o lado (contralateral) e M do tipo contorno ou forma geométrica (sinuoso). Existe uma mudança na ENM na sentença MOTO||IR-EMBORA, em que ocorre um encolhimento labial que simula o barulho da moto (ENM). Porém, neste caso, não configura como um traço distintivo entre os dois sinais, até mesmo pelo Ivan ter realizado esse mesmo sinal em outros momentos e não ter apresentado essa ENM.

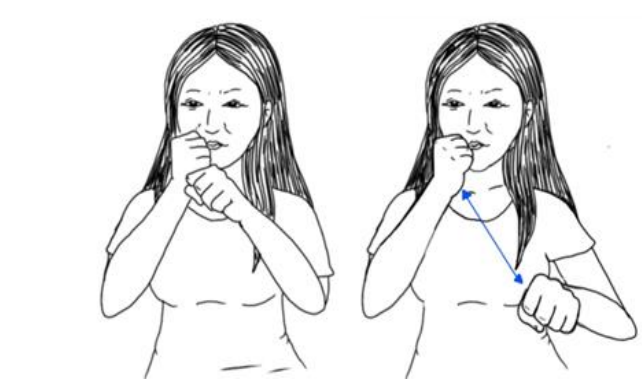
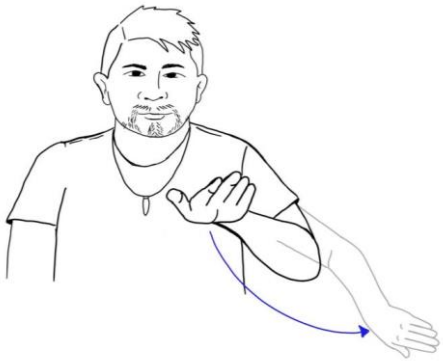
A distinção entre esses sinais recai sobre o M. O sinal COBRA possui um M sinuoso mais breve, enquanto na sinalização da sentença MOTO||IR-EMBORA, o M se estende. Portanto, ocorre uma alteração no M, e isso muda o significado do sinal, distinguindo os itens lexicais.

Parâmetro Orientação da palma da mão da LICLAS – no quadro a seguir exibiremos os tipos de Or da palma da mão identificados na composição dos sinais da LICLAS.

Quadro 27 - Orientação da palma da mão da LICLAS

QUADRO DE TIPOS DE ORIENTAÇÃO DA PALMA DA MÃO DA LICLAS	
TIPO	SINAL/SENTENÇA TRANSCRIÇÃO (Tradução LP)
VIRADA PARA O CORPO	 DIGITAR-NO-CELULAR (Digitar no celular)

VIRADA PARA FRENTE	 MACACO (Macaco)
VIRADA PARA CIMA	 BEBÊ (Bebê)
VIRADA PARA BAIXO	 CRIANÇA/FILH@ (Criança/Filh@)

<table>
<tr><td rowspan="2">VIRADA PARA O LADO (CONTRALATERAL E IPSILATERAL)</td><td>CONTRALATERAL
 
PRODUZIR-ARTESANATO[22]
(Vamos produzir artesanato)</td></tr>
<tr><td>IPSILATERAL
 
ESTOU-FORA[23]
(Estou fora)</td></tr>
<tr><td>NA DIAGONAL</td><td> 
BATER
(Bater)</td></tr>
</table>

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

[22] Sinalização presente na sentença “VAMOS PRODUZIR-ARTESANATO”.
[23] Esse sinal foi retirado da sentença: “PINTAR||CABELO NÃO, HOMOSSEXUAL, ESTOU FORA” apresentada na Quadro de sentenças.

Apresentados os registros no quadro anterior, seguiremos com os contextos de registro de cada sinalização.

O sinal DIGITAR-NO-CELULAR foi registrado durante a pescaria. Ao me ver com frequência digitando no celular (essa foi uma das formas em que eu registrava os sinais e contextos durante a pescaria), Ivan apontou para mim e fez o sinal, e em seguida, aproximou-se pelas minhas costas para ver o que eu estava digitando. O sinal MACACO também foi registrado durante a pescaria. Ivan avistou alguns macacos nos topos das árvores, apontou para eles e realizou o sinal.

O registro do sinal BEBÊ foi realizado durante a comemoração do dia das mães, quando Irene apontou para uma de suas professoras e disse que ela havia se divorciado e que tinha um bebê.

O sinal CRIANÇA/FILH@ foi registrado durante a pescaria. Ivan fez o sinal e apontou para cada um dos seus filhos. Durante a 2ª. Festa Cultural Indígena Asanuééj, eu sinalizei CRIANÇA/FILH@ perguntando onde estavam os filhos dele, Ivan procurou-os com o olhar e disse que estavam por aí. Horas depois, enquanto chovia, várias crianças tomavam banho de chuva, Ivan fez o sinal e apontou para elas.

O contexto de registro de ESTOU-FORA é o mesmo de HOMOSSEXUAL descrito na página 325. Já o sinal BATER ocorreu durante uma visita para Guma, em que Cibita e ela estavam na varanda da casa da Cibita fazendo artesanato, algumas galinhas entravam na varanda e Cibita sinalizou para Guma bater nas galinhas.

Inseridos os contextos de registros e diante dos sinais inseridos no quadro acima, verificamos que a LICLAS apresenta os sete tipos de Or da palma da mão. Na subseção *Pares mínimos da LICLAS* são apresentados dois sinais em que a Or da palma da mão é fator distintivo entre os dois. Essas variedades de Or da palma da mão, e a possibilidade de atuar com fator distintivo, comprava, mais uma vez, o dinamismo da LICLAS.

Parâmetro Expressões não manuais da LICLAS – Diferente dos parâmetros anteriores, os quais a LICLAS apresenta muitas similaridades com outras LS, destacamos nesse a diferença com relação a intensidade das ENM[24].

Durante as interações com os indígenas Cinta Larga surdos, percebi sutileza quanto ao uso das ENM, principalmente nas expressões faciais. Mesmo quando são utilizadas as expressões faciais, essas são sutis, algo muito compatível com o tom de voz da LO Cinta Larga.

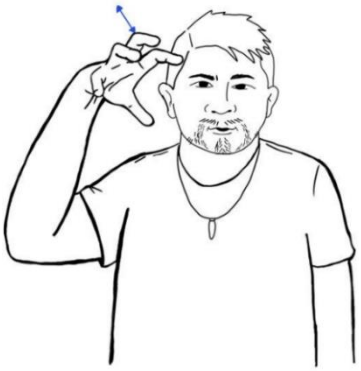
[24] Devido às minúcias contidas nas ENM, orientamos que você, leitor, assista aos vídeos dos sinais para obter uma melhor percepção das ENM.

Interessante observar que tal característica das expressões faciais tem uma marcação mais sutil nessa LS, algo diferente das LS de centros urbanos as quais apresentam forte marcação das ENM na sinalização, principalmente em momentos enunciativos. Portanto, essa é uma característica da LICLAS que pode estar presente em outras LIS. Um aspecto interessante a ser aprofundado.

Quadro 28 - Expressões faciais da LICLAS

QUADRO DE EXPRESSÕES FACIAIS DA LICLAS	
TIPO DE EXPRESSÃO	SINAL TRANSCRIÇÃO (Tradução LP)
Sobrancelhas franzidas – com ou sem boca arredondada (expressão de dor ou medo)	 DOR-DE-ESTÔMAGO (Dor de estômago)
Olhos arregalados e sobrancelhas levantadas	 CINQUENTA-REAIS (Cinquenta reais)

<table>
<tr><td rowspan="3">Modificação no contorno da boca:</td><td>Apertamento do lábio superior sob o inferior
 
CAÇAR
(Caçar)</td></tr>
<tr><td>Abrir e fechar dos lábios (Devagar ou rápido)
 
HELICÓPTERO
(Helicóptero)</td></tr>
<tr><td>Levantamento dos cantos dos lábios para os lados
 
TRAIR
(Trair)</td></tr>
</table>

<table>
<tr><td rowspan="2"></td><td>Abaixamento dos cantos dos lábios
 
RUIM
(Ruim)</td></tr>
<tr><td>Boca arredondada
 
CHOVER/CHUVA
(Chover/chuva)</td></tr>
<tr><td>Balançar da cabeça para frente e para trás (afirmativa)</td><td> 
SER/SABER/TER/BOM
(Ser/saber/ter/bom)</td></tr>
</table>

Balançar da cabeça para os lados (com ou sem franzimento das sobrancelhas)	 INJEÇÃO-NÃO (Não quero tomar injeção)

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Antes de seguir com a análise, apresentamos o contexto de registro de cada sinal ou sentença inseridos no quadro anterior. Iniciemos com o sinal DOR-DE-ESTÔMAGO. Este foi registrado em um almoço (churrasco) e, enquanto todos estavam se servindo, avistei Guma quietinha e apontei para a churrasqueira e fiz o gesto comer, indicando para ela ir comer. Guma sinalizou que não iria, pois estava com dor de estômago, sendo o esfregar da mão na região do estômago, juntamente com a expressão de dor, o sinal DOR-DE-ESTOMAGO. Cibita complementou dizendo que Guma estava tendo constante dores no estômago.

Os registros dos sinais CINQUENTA-REAIS, CAÇAR, HELICÓPTERO, TRAIR e RUIM foram realizados no dia da 2ª. Festa Cultural Indígena Asanuééj. Enquanto estávamos conversando e esperando Márcia terminar seu trabalho de cabelereira em uma parente para irmos à festa, realizamos vários diálogos com o Ivan.

O uso do sinal CINQUENTA-REAIS será descrito com mais detalhes de registro, pelo contexto se mostrar mais importante para análise da subseção sobre a manifestação dos números da LICLAS.

Posteriormente, começou o assunto de caça e pesca e no diálogo entre Marcos e Ivan, em que o próprio Marcos interpretava para nós, ele apontou em direção a mata e o rio Roosevelt fez para Ivan o sinal CAÇAR. Nessa ocasião chegou um amigo em comum de Ivan e Marcos, e Ivan começou a relembrar e contar quando esse amigo fugiu da polícia, relatando que nessa operação havia também um helicóptero, sinalizando HELICÓPTERO conforme no quadro.

Depois de várias conversas, os homens se afastaram das mulheres e ficaram conversando, eles riam muito e fui ver o que estava acontecendo. Perguntei-lhes e me disseram que Ivan estava falando sobre traição, contando uma história passada de que um amigo traiu sua companheira e identificando outros casais que também teve traição. Perguntei como ele

sinalizou trair e fizeram conforme consta no quadro. Ao me ver repetindo o sinal TRAIR, Ivan sorriu.

No período vespertino, nesse dia, estávamos na festa e começou a chover e fomos (Ivan, Vagner e eu) para varanda da casa do Marcelo nos proteger da chuva. Foi nesse momento que Ivan sinalizou o sinal RUIM ao dizer que a estrada até sua aldeia está em más condições para trafegar (ESTRADA RUIM). Não apresento neste momento detalhes do contexto do sinal CHOVER/CHUVA, pois é essencial inserir o contexto de registro junto a análise sobre a desinência zero da LICLAS.

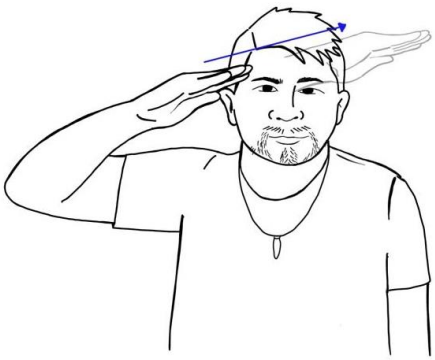
Priorizamos inserir os contextos de registros do sinal/sentença para SER/SABER/TER/BOM e INJEÇÃO-NÃO na subseção *6.5.2 A expressão da negação na sinalização dos indígenas Cinta Larga Surdos*", por ser essencial o contexto de registros dessas sinalizações a fim de identificação e descrição de suas contrapartes negativas.

Os dados inseridos no quadro 28 nos evidencia que há uma relação de coerência entre os sinais e a expressões faciais, pois as expressões são utilizadas de forma adequada ao contexto e simultaneamente corroborando com o sinal. E expressão de dor e realizada concomitantemente com o sinal para dor de estomago; desproporcional seria se na face de Guma houvesse uma expressão feliz. Por isso, dizemos que os indígenas Cinta Larga surdos estabelecem uma relação semântica entre o sinal base e as expressões faciais.

Quanto à funcionalidade das ENM indicarem dúvida, exclamação/afirmação, negação e pergunta, podemos afirmar que a afirmação, acompanhada de algum sinal ou sozinha, é realizada pelo balançar da cabeça para frente e para trás. Já a negação também pode vir sozinha ou acompanhada de um sinal, sendo marcada pelo balançar da cabeça para os lados.

Com relação à pergunta, nenhuma expressão facial era realizada, algo que dificultava o nosso diálogo. Quando eu estava sozinha com algum dos surdos, sem pronome interrogativo e sem expressão fácil que evidenciasse uma pergunta, o contexto era a única forma de entender que estavam me fazendo alguma pergunta. As vezes as perguntas iniciavam com o apontamento para mim (dedo indicador na minha direção), seguido do restante da sentença, por exemplo:

Figura 149 - AVIÃO (Avião)



O registro do sinal AVIÃO foi realizado no dia da 2ª. Festa Cultural Indígena Asanuééj. Enquanto estávamos na varanda da casa do Marcelo esperando a chuva cessar. Ao eu demonstrar a imagem de um helicóptero para verificar se ele iria reproduzir igualmente horas antes, Ivan reproduziu igual anteriormente o sinal HELICÓPTERO e, em seguida, fez o sinal AVIÃO, entendi pelo contexto do diálogo, relacionando com o movimento para cima, que se tratava de um avião.

Ivan ficou olhando para mim e eu sem entender o que ele queria dizer sobre o avião. Em seguida, apontou para mim e repetiu a sinalização. Esse apontamento me fez entender que ele estava perguntando a mim, se eu já havia voado de avião. Sinalizei que sim (balançando afirmativamente a cabeça) e devolvi-lhe a pergunta utilizando a mesma sinalização feita por ele.

Esse dado é apenas um dos exemplos que indicam que não foram avistadas expressões faciais com a funcionalidade de distinguir as perguntas, pois Ivan não realizou nenhuma ENM que indicasse tratar de uma pergunta. Destacamos que o apontamento para o indivíduo a quem se deseja resposta e o contexto enunciativo foram observados como fatores distintivos. Algo de nem sempre fácil percepção, pois se confunde com afirmação.

Quanto à funcionalidade de ser um parâmetro distintivo, essa característica foi identificada nos sinais OURO e POUCO. A análise dessa distinção encontra-se na subseção “Pares mínimos da LICLAS” na p. 239. As informações e dados analisados sobre as ENM evidenciam que esse parâmetro, com sutiliza em sua manifestação, está presente simultaneamente na organização dos sinais, corroborando para processos enunciativos coesos, bem como apresentamos evidência de que se trata de um parâmetro que se apresenta como elemento diferenciador de significado da LICLAS.

5.3 CONCEITO DE PARES MÍNIMOS NAS LÍNGUAS DE SINAIS

Dentro da fonologia, a busca de pares mínimos e análogos é um fator de alta relevância em uma análise descritiva, e podem ser encontrados em qualquer língua, independente da modalidade.

Em uma análise fonológica estrutural, o fonema é a unidade mínima de análise, e nesta, deve-se observar a oposição fonológica dos sons (PEDROSA e LUCENA, 2017). Pfau (2010, p. 64), corrobora sobre a importância de se buscar os pares mínimos de uma língua afirmando ser essa "uma maneira de determinar o inventário de fonemas (ou segmentos)" (tradução nossa).

Nas LS os fonemas (unidade mínimas dos sinais) são os parâmetros (apresentados na seção), e de acordo com Pfau (2010, p.64), "os signos podem diferir uns dos outros em apenas um desses parâmetros; em outras palavras: esses componentes funcionam como fonemas." (tradução nossa). Ou seja, no segmento de uma análise fonológica, esses fonemas devem ser identificados e descritos a fim de estabelecer os traços distintivos de significado, que poderá acarretar a identificação de pares mínimos e análogos.

> Uma das tarefas de um investigador de uma determinada língua de sinais é identificar as configurações de mão, as locações e os movimentos que têm um carácter distintivo. Isso pode ser feito comparando pares de sinais que contrastam minimamente, um método utilizado na análise tradicional de fones distintivos das línguas naturais (Quadros; Karnopp, 2004, p. 51).

Apesar de as autoras citarem apenas três parâmetros como fonemas a serem observados como traços distintivos, tomaremos na análise dos sinais da LICLAS como de igual valor os outros dois (Or e ENM) por serem considerados parâmetros, e assim, serem fonemas capazes de apresentar traços distintivos, conforme comprovado e amparado na discussão teórica posta no início desta seção (subseção 5.2).

Conseguinte, os pares mínimos são sequências fônicas que se distinguem por um fonema. Nas LO, eles se apresentam da seguinte forma: Mata ['ma.tɐ] e Pata ['pa.tɐ]. Vemos que o traço distintivo são os sons iniciais dessas palavras, pois mudam o significado dela. Em uma LS, apresenta-se da seguinte forma:

Figura 150 - Sinal de PEDRA em Libras



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 52).

Figura 151 - Sinal de QUEIJO em Libras



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 52).

Ao compararmos os sinais das duas figuras anteriores, constatamos que apenas um dos parâmetros distingue os sinais PEDRA e QUEIJO. Nos dois a L é no queixo, o M é realizado de forma unidirecional para dentro por repetição (duas vezes) tocando levemente no queixo, e ENM igualmente neutra, a Or é com a palma da mão virada para frente do corpo do enunciador e, apenas a CM se distingue um do outro. Portanto, o traço distintivo desse par mínimo é o parâmetro CM, sendo essas duas CM, fonemas da Libras.

No quadro a seguir, apresentamos os sinais na LTS que foram analisados por Soares (2018) como sendo pares mínimos, onde a autora identifica e apresenta os fonemas responsáveis pela distinção.

Quadro 29 - Pares mínimos na Língua Terena de Sinais

QUADRO DE PARES MÍNIMOS DA LTS		
PARES MÍNIMOS		FONEMA DE DISTINÇÃO
 VACA	 TRAIR	ENM (facial): sobrancelhas e lábios contraídos em VACA e neutra (podendo mudar de acordo com o contexto) em TRAIR.
 MEU	 EU	CM: dedo indicador estendido em MEU e com todos os dedos estendidos em EU.
 CAFÉ	 CHÁ[25]	*Mouthing*[26]*:* A ausência do mouthing em CAFÉ e a presença em CHÁ.
 ONDE?	 POR QUE?	M: Presença do movimento de cabeça em ONDE e ausência em POR QUE.

Fonte: Elaborado pela autora. Imagens e análises de Soares (2018, p. 86-90).

[25] Soares (2018) apresenta os sinais CHÁ, ONDE e POR QUE divididos em partes (Parte I e Parte II), optei por uni-los lado a lado para uma visualização sequencial horizontal.

[26] Segundo Soares (2018, p. 82) "geralmente são articulações silenciosas que correspondem a palavras da língua oral mais próxima daquela língua de sinais, ou, quando feita em uma sílaba, geralmente ocorre na primeira sílaba".

Conceituado sobre os pares mínimos e apresentado o registro e análise de pares mínimos em uma LIS brasileira, a LTS, apresentamos, em seguida, a identificação e análise dos pares mínimos da LICLAS.

5.3.1 Pares mínimos na Língua Indígena Cinta Larga de Sinais

A identificação dos pares mínimos da LICLAS reforça a ideia preliminar de que se trata de uma LIS, visto que conforme Quadros (2019, p. 62) “a identificação de traços distintivos nos sinais visa a atingir o mesmo nível de adequação descritiva atualmente disponível para as línguas orais.”

Exibiremos a seguir os sinais da LICLAS que são pares mínimos e seu contexto de registros, acompanhado da análise.

Figura 152 - PIRULITO (Pirulito)



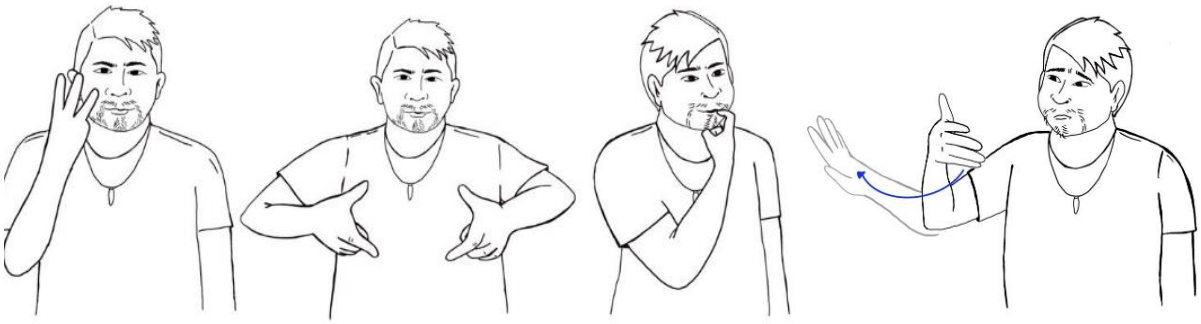
Figura 153 - ANZOL (Anzol)



Contextualizando, o sinal PIRULITO foi sinalizado por Ivan durante o acampamento da pescaria. Enquanto estávamos conversando, ele disse que sua filha sempre pede para ele comprar alguns doces e, dentre esses, está o pirulito. Foi um momento de muitas risadas, pois Ivan relatou que a filha exige os doces ameaçando cortar suas partes íntimas se não os trouxesse.

O sinal ANZOL também foi sinalizado no contexto da pescaria. Ao retornar para o acampamento depois de uma pescaria, o sinal em questão foi sinalizado ao contar que três tartarugas cortaram o anzol da linha e foram embora.

Figura 154 - TRÊS TARTARUGA ANZOL IR-EMBORA (Três tartarugas morderam o anzol e foram embora)



Quando ele sinalizou esse fato, entendi que algum animal havia escapado do anzol, não ficando claro para mim, qual animal específico, devida a neutralidade do sinal que se refere ao animal (segundo sinal da sentença acima). Repeti apenas o sinal que eu não havia entendido juntamente com a expressão de dúvida e ele pediu para eu esperar. Abaixou-se e, com o próprio dedo, desenhou na terra uma tartaruga.

Figura 155 - Ivan desenhando a tartaruga



Fonte: Do acervo da pesquisadora (2022).

Figura 156 - Desenho da tartaruga



Fonte: Do acervo da pesquisadora (2022).

Diante dos sinais PIRULITO E ANZOL podemos identificar visualmente o que as diferencia e apontar o que se assemelha. Observamos que apresenta igualdades nos parâmetros: L - boca, ENM - neutra, Or - palma da mão virada para o corpo do enunciador, e M - estático. Constatamos que apenas a CM de mão é distinta: no sinal PIRULITO temos a CM 49 (mão fechada com o indicador estendido) e no sinal ANZOL a CM 45 (mão fechada e dedo indicador

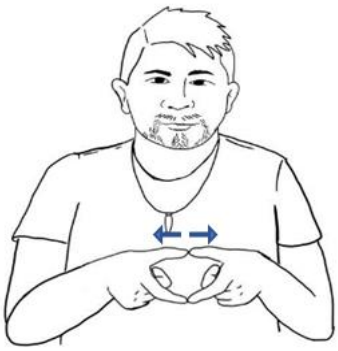
flexionado). Assim, temos esses pares mínimos, que apresentam essas duas CM, sendo essas, fonemas dos sinais da LICLAS.

Abaixo estão os sinais BOMBOM e REGISTRO-DE-IDENTIDADE. O primeiro foi registrado no mesmo momento de PIRULITO e, por isso, contém o mesmo contexto. Já o segundo, foi registrado quando estávamos nos organizando para ir embora do acampamento da pescaria. Ivan me viu com a pasta de documentos na mão, chegou até mim, apontou em direção a sua aldeia e fez o sinal. Eu não entendi de imediato, então, pegou minha caneta e escreveu RG na palma de sua mão, repetindo o sinal. Assim que chegamos em sua aldeia, ele repetiu o sinal e apontou para sua casa e disse para eu esperar.

Figura 157 - BOMBOM (Bombom)



Figura 158 - REGISTRO-DE-IDENTIDADE (Registro de identidade)



Os sinais BOMBOM e REGISTRO-DE-DENTIDADE são compostos igualmente pela mesma CM - 43 (dedo indicador e polegar em formato arredondado), PA - frente ao corpo (espaço neutro), Or - palma da mão virada para o corpo, ENM - neutra, sendo o M o traço distintivo entre eles, pois em REGISTRO-DE-IDENTIDADE temos um movimento curto

retilíneo de separação bidirecional para laterais opostas, enquanto em BOMBOM o M é estático. Portanto, o M é o fonema que causa distinção entre esses dois sinais.

O sinal utilizado por Ivan para se referir à estrada era recorrente em nossos diálogos. Dentre os momentos, o utilizado na sentença ESTRADA RUIM (A estrada está em más condições para trafegar) já descrito. O contexto de registro da sinalização para COBRA foi descrito e consta na página 231.

Figura 159 - ESTRADA RUIM (A estrada está em más condições para trafegar)

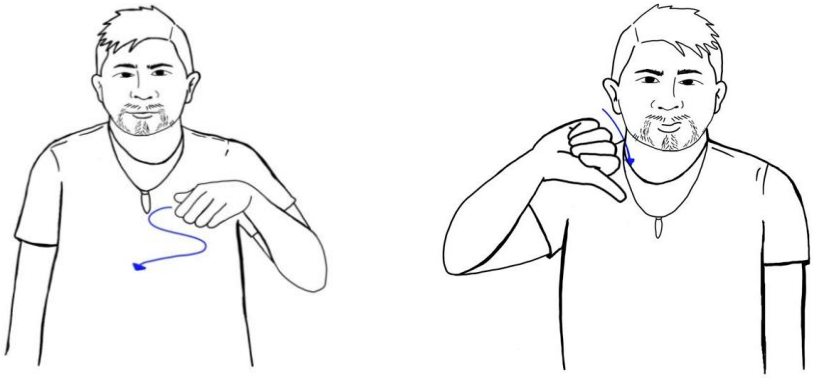


Figura 160 - COBRA (Cobra)



Considerando que os sinais ESTRADA e COBRA são compostos pela CM - 01 (dedos estendidos e unidos), L - em frente ao corpo (espaço neutro), ENM - neutra, M - sinuoso para frente (realizando curva), a Or é o traço distintivo, visto em ESTRADA a palma da mão está virada para baixo e em COBRA a palma está virada para o lado (contralateral). Portanto, esses dois sinais não são somente uma demonstração da existência de sinais da LICLAS pares mínimos, como também reforça e comprova que o parâmetro Or, deve ser visto como um elemento distintivo de significado.

Os sinais POUCO e OURO foram registrados em um mesmo momento. Estávamos sentados nos bancos improvisados do acampamento, quando surgiu o assunto das riquezas minerais da região. Marcos disse que Ivan conhecia lugares que tinha cassiterita. Ivan, sempre muito participativo nas conversas, começou a contar que já trabalhou em garimpo relatando experiências e assim fez o sinal OURO. O sinal POUCO foi realizado quando apontou em uma certa direção para a mata e disse que tinha pouco, no sentido de pouco ouro. Eu perguntei se ele não garimpava mais, ele disse que não e repetiu POUCO e fez dinheiro, dizendo que o lucro era pouco.

Outro momento de uso do sinal para pouco ocorreu depois de uma noite de pescaria. Fui ver o resultado da pescaria e havia poucos peixes, olhei par ele e fiz uma expressão de interrogação, indicando "cadê?", e ele respondeu sinalizando POUCO.

Figura 161 - POUCO (Pouco)



Figura 162 - OURO (Ouro)



Ao analisarmos os sinais anteriores, concluímos que o traço que os distingue é a ENM. Enquanto em OURO a expressão facial é neutra, em POUCO ocorre um leve franzir de sobrancelhas e contração dos lábios no formato redondo com uma pequena abertura. Os demais parâmetros são idênticos: CM - 38 (dedos indicador e polegar em formato de pinça), L - em frente ao corpo (espaço neutro), M - estático, e Or - para o lado (contralateral).

Ao segmentar os sinais apresentados acima, analisando-os fonologicamente, alcançamos o objetivo de trazer mais detalhamentos linguísticos descritivos da forma de comunicação dos indígenas Cinta Larga surdos, evidenciamos que esses sinais são formados pelos mesmos parâmetros fonológicos das LS.

6 ASPECTOS MORFOLÓGICOS DA LÍNGUA INDÍGENA CINTA LARGA DE SINAIS: DESCRIÇÃO E ANÁLISE

O termo morfologia é formado pelos elementos [morf(o), do grego *morphé* que significa “forma”, e [logia], do grego *logía* que significa “estudo”. Esse "desmembramento" do termo, explicita a relação direta com a forma.

Segundo Gonçalves (2019, p. 14), “[...] é a área que estuda a forma das palavras em diferentes usos e construções”. O autor complementa que são estudos morfológicos “[...](a) a análise da estrutura interna das palavras em seus constituintes menores dotados de expressão e conteúdo, chamados **morfemas**, (b) as diferentes funções dessas unidades e (c) os vários mecanismos responsáveis pela criação de novas unidades”. O centro de estudo da morfologia das LO é a palavra e nas LS são os sinais.

> Assim como as palavras em todas as línguas humanas, mas diferentemente dos gestos, os sinais pertencem a categorias lexicais ou a classe de palavras tais como nome, verbo, adjetivo, advérbio, etc. As línguas de sinais têm um léxico e um sistema de criação de novos sinais em que as unidades mínimas com significados (morfemas) são combinadas (Quadros; Karnopp, 2004, p.87).

Como posto pelas autoras, os sinais equivalem às palavras/itens lexicais, que possuem unidades mínimas com significados (os morfemas), que se movem, igualmente nas LO, enquanto elemento vivo de uma língua. Existem morfemas que por si só são palavras, chamado de morfema livre, como também outros que nunca formam palavras, sendo apenas parte dela, estes chamados de morfemas presos (sufixos e prefixos).

Desse modo, o processo de combinação de morfemas para a criação de novas palavras/sinais é também realizado nas LS. Contudo, Quadros e Karnopp (2004) fazem uma observação quando há uma diferença nos processos combinatórios na formação de palavras/sinais complexos, afirmando que enquanto nas LO são adicionados prefixos e/ou sufixos, nas LS “[...] essas formas resultam frequentemente de processos não concatenativos em que uma raiz é enriquecida com vários movimentos e contornos no espaço de sinalização.” (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 87). Essa diferença da modalidade das LS é, portanto, uma particularidade.

Essas autoras realizam um adendo com relação aos estudos da morfologia das LS, citando como critérios/problemáticas a serem refletidas quanto a esse estudo, como: tradição decorrente do estudo das línguas orais - em que a busca pelos universais linguísticos com base

nas LO dificulta assumir novas posições de análises, bem como o acervo de bibliografias acerca das LS são limitados; Omissão - apontam a carência de evidências empíricas e teóricas e a abrangência de aspectos a serem analisados; Pesquisa - necessidade de desprendimento das pesquisas linguísticas sobre o cunho pedagógico, intensificando na explicação e descrição de elementos linguísticos; e nomenclaturas - inserir nomenclaturas universais linguísticas com certa maleabilidade, possibilitando novas nomenclaturas para a Libras (Quadros; Karnopp, 2004).

Portanto, ainda há grandes dificuldades e temas a serem definidos e analisados sobre a morfologia das LS. Entendemos essa necessidade, pois, realizar uma análise descritiva do léxico de uma língua é buscar entendê-la em partes mínimas, sua estrutura, formação e particularidades.

É no pensamento anterior que nos propomos a analisar morfologicamente a LICLAS, em encontrar e apresentar as unidades mínimas repletas de significados que se formaram em sua construção. Assim, esta seção destina-se ao atendimento do objetivo específico em realizar uma análise descritiva da LICLAS embasando-se em aspectos teóricos do nível morfológico das LS, como o processo de composição, os classificadores como formadores de sinais, a derivação e a incorporação.

6.1 PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS/SINAIS

Em meio a outras formas que podem criar as palavras (abreviação, reduplicação, hibridismo, combinação e intensificação), a morfologia tradicional apresenta os processos de derivação e composição como as principais. Portanto, iremos adentrar nestas como inicialmente mais relevantes para esse estudo e, em igual importância, também descreveremos o processo de incorporação, visto esse ser um fenômeno recorrente na formação dos sinais.

Seguindo a morfologia tradicional das LO, os afixos são predominantes no processo de derivação, no qual se classifica-os em prefixal, sufixal, parassintética regressiva e imprópria. Quando uma dessas classificações age em uma palavra primitiva, formando uma nova, tem-se o processo de derivação. No processo de composição, uma nova palavra se forma através da junção de duas bases (palavras ou radicais neoclássicos), podendo ser por justaposição (não ocorre mudanças sonoras ou gráficas em nenhuma das palavras) ou aglutinação (ocorre alteração de elementos formadores) (Gonçalves, 2019). Já no processo de incorporação nas LS, a união de morfemas resulta em um único sinal, sendo essa união desenvolvida ao mesmo tempo, formando um novo item lexical.

Na subseções subsequentes dessa seção, aprofundaremos e analisaremos como ocorre esses três processos na formação dos sinais nas LS, visto que são meios muito produtivos na construção de novos vocábulos (Meier, 2006).

6.2 PROCESSO DE COMPOSIÇÃO NAS LÍNGUAS DE SINAIS

Toda língua natural apresenta processo de formação de palavras e, entendê-lo, possibilita um maior conhecimento e compreensão da língua em questão. A literatura que aborda sobre esse processo preconiza que ele seja universal, ou seja, que suas regras sejam aplicáveis a todas as línguas naturais.

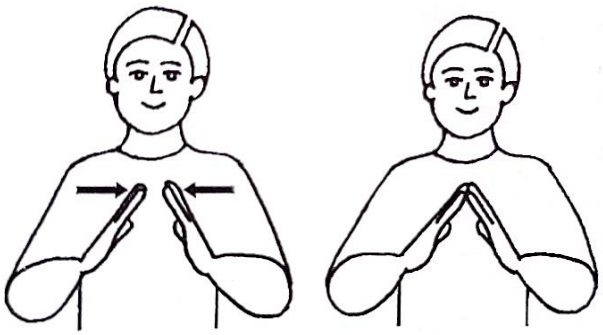
Dentre essas línguas naturais, estão as LS, as quais, como já mencionado, possuem modalidade diferente das LO, que reflete em diferenças estruturais, dada as particularidades possibilitadas pela produção visual/espacial. Rodero-Takahira e Scher (2020, p. 153) apontam as construções simultâneas como uma característica que incide no sistema de formação de palavras, são as construções simultâneas, por estas construções “[...] possibilitarem a realização de construções simultâneas em que informações diferentes podem ser sinalizadas por cada mão", o que, segundo os autores, possibilita a formação de compostos simultâneos.

Ainda que escassos, os estudos sobre os compostos em Libras são tratados por autores como Quadros e Karnopp (2004), Felipe (2006), Figueiredo-Silva e Sell (2009), Rodero-Takahira (2015), Rodero-Takahira e Scher (2020) e Strobel e Fernandes (1998). Estes autores apresentam e defendem a importância desse processo de formação do léxico na Libras, mas divergem e/ou se assemelham nas questões de como ele se constitui, quais elementos são necessários para compor um composto.

Quadros e Karnopp (2004) se espelham nos estudos pioneiros sobre essa temática, estudados a partir da ASL, afirmando que os compostos são formados sequencialmente, sendo a redução fonológica e a assimilação das bases, características desse processo (Klima e Bellugi (1979); Liddell (1984); Liddell e Johnson (1986). Dessa forma, as autoras aplicam em alguns sinais da Libras (ACREDITAR, PAIS, ACIDENTE, entre outros) as regras do contato, da sequência única e da antecipação da mão dominante, usadas para criar compostos na ASL.

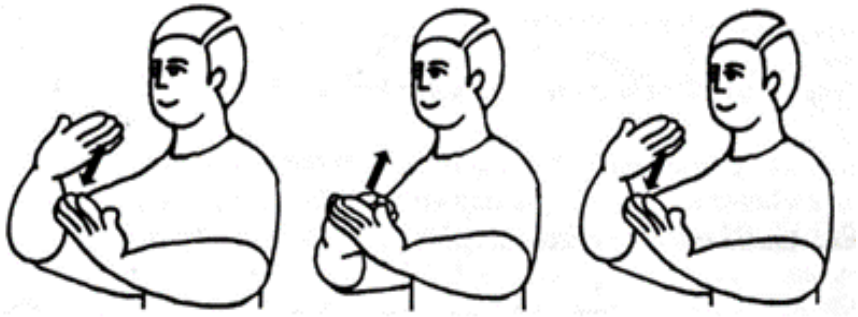
Diante dessa análise, Quadros e Karnopp (2004, 106) chegaram na conclusão de que, na Libras, "quando dois sinais aparecem juntos para formar um composto, mudanças predicáveis na estrutura do sinal se manifestam”. Destacamos que, na visão das autoras, há necessidade de haver mudanças nas bases para que seja considerado um sinal composto da Libras, conforme exemplificado na figura a seguir.

Figura 163 - Sinal de CASA em Libras



Fonte: Capovilla *et al.* (2019, v. 1, p. 590).

Figura 164 - Sinal de ESTUDAR em Libras



Fonte: Capovilla *et al.* (2019, v. 2 p. 1210).

Figura 165 - Sinal de ESCOLA em Libras



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 103).

No sinal de ESCOLA, Quadros e Karnopp (2004, p. 103) aplicam a regra do contato, em que “o primeiro, o segundo ou o único contato é mantido”. Esse sinal é composto pelo sinal CASA+ESTUDAR. Isolado, o sinal ESTUDAR possui duplo contato, porém, essa duplicidade desaparece quando ele se une ao sinal CASA (que também possui contato). Ocorrendo mudança

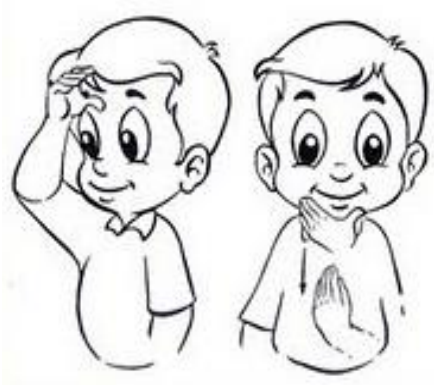
na base de um dos sinais, que Rodero-Takahira (2015) denomina ser uma formação de sinais compostos por aglutinação, porém isso não é especificado pelas autoras Quadros e Karnopp (2004). Strobel e Fernandes (1998, p. 31) conceituam que:

> [...] na LIBRAS os sinais são formados a partir de parâmetros principais e secundários e através de alguns componentes não-manuais. Há, também, uma série de outros sinais que são formados por processos de derivação, composição ou empréstimos do português. [...] da mesma forma que no português, teremos compostos de palavras no qual um elemento será o principal- o núcleo - e um elemento o especificador- o adjunto. É interessante observar, que na LIBRAS a estrutura não será apenas binária e, neste caso, teremos dois ou mais elementos especificadores de uma palavra-núcleo. Ex: "açougueiro": HOMEM^VENDER^CARNE.

Acima, as autoras descrevem que o processo de composição ocorre quando da junção de um ou mais sinais, resulta na formação de um outro sinal, um novo item lexical. Neste mesmo prisma, Figueiredo Silva e Sell (2009), classificam os compostos em:

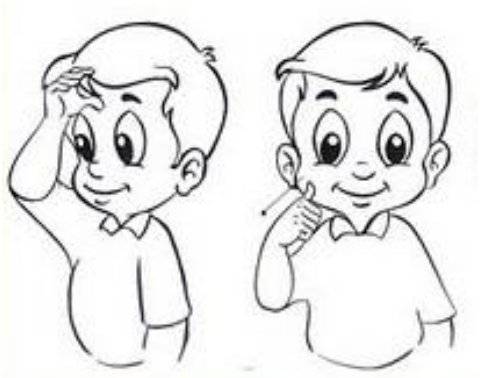
1 - Compostos aparentes - Neste, a composição do sinal pode se dar isoladamente e a ordem é variável. Vejamos o exemplo ilustrado de um dos exemplos dado por Figueiredo e Sell (2009, p. 17-18) para os sinais TIO e TIA, cuja composição é dita pelas autoras como: "TI@^HOMEM / TI@^MULHER [tio / tia]".

Figura 166 - Sinal de TIO em Libras



Fonte: Unknown (2018).

Figura 167 - Sinal de TIA em Libras



Fonte: Unknown (2018).

2 - Compostos verdadeiros - Nesses, a ordem dos sinais que o compõem é fixa e geralmente o sinal HOMEM ou MULHER é obrigatório. Como na composição descrita pela autora do sinal para COSTUREIRA, cuja composição é realizada pela justaposição "MULHER^COSTURAR [costureira]" (Figueiredo Silva; Sell, 2009, p. 21).

Figura 168 - Sinal de COSTUREIRA em Libras



Fonte: Teixeira (2014, p. 16).

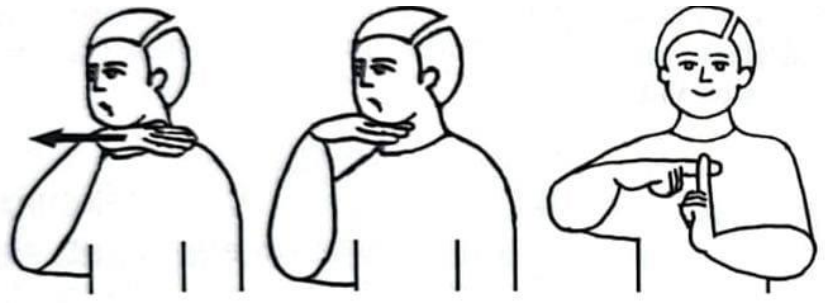
Dentro dos compostos verdadeiros, as autoras abordam os compostos por justaposição que designam lugares/locais e suas três estruturas. Antes de apresentá-las é importante elencar que todos os compostos dessas estruturas que são postas abaixo, a ordem é fixa e há obrigatoriedade de todos os sinais, os quais existem como independentes na língua. As estruturas são:

- CASA + N (nome) - O sinal de ESCOLA é utilizado para exemplificar essa estrutura seguindo a seguinte composição: “CASA^ESTUDAR [escola]” (Figueiredo Silva; Sell, 2009, p. 22).

Vemos aqui, que Figueiredo e Sell, classificam o sinal ESCOLA como um sinal composto por justaposição, ao contrário das ideias de Quadros e Karnopp, que apontam mudança na base do sinal ESTUDAR, indicando assim, ser um sinal composto por aglutinação.

- N + N - Neste, segue-se a mesma ordem básica para indicar lugares/locais, porém, com outros sinais, como no exemplo de CEMITÉRIO formado por “MORTE^CRUZ [cemitério]” (Figueiredo Silva; Sell, 2009, p. 22):

Figura 169 - Sinal de CEMITÉRIO em Libras



Fonte: Capovilla *et al.* (2019, v. 1 p. 619).

- CASA + N + N - Um dos exemplos citados pelas autoras Figueiredo e Sell (2009, p. 22) é o sinal para PAPELARIA que se forma da seguinte forma: “CASA^VENDA^PAPEL [papelaria]”.

Figura 170 - Sinal de PAPELARIA em Libras



Fonte: Teixeira (2014, p. 18).

Com esse último exemplo, destacamos que não há a obrigatoriedade desses sinais destinados a lugares/locais serem compostos de apenas dois sinais.

Sobre o processo de composição por aglutinação, sem afirmar, mas indicando a possibilidade desse processo quando na composição de um sinal houver um elemento prototípico do grupo que se deseja classificar, citando como exemplo o sinal de FRUTAS formado por MAÇÃ^DIVERSO, sinal de ANIMAIS formado por LEÃO^DIVERSO, e VESTUÁRIO formado por ROUPA^DIVERSO.

A justificativa se dá pelo fato de que, mesmo contendo o mesmo significado semântico na forma isolada ou numa composição, o sinal DIVERSOS (Que as autoras também se referenciam como COISAS), quando usado para quantificação genérica ocorre mudança de quantidade de mãos, apenas uma é utilizada, e o movimento é simples, não duplo como ocorre em seu uso isolado, ou seja, ocorre modificação. Ainda sob essa perspectiva, Figueiredo e Sell (2009) dizem que não há sinais independentes que se justapõem, sendo esse outro fator causador de dúvidas.

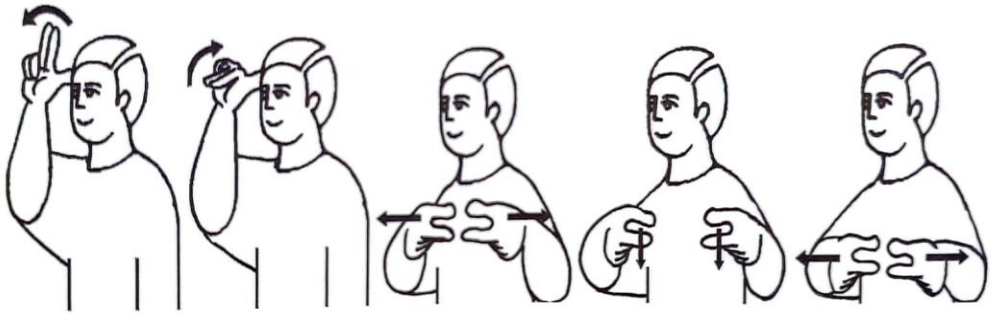
Felipe (2006) afirma que o processo de formação de palavras é realizado por meio da justaposição ou aglutinação de morfemas livres, surgindo um novo item lexical. Apesar da autora citar o processo de aglutinação, com relação a Libras, ela aborda somente o processo de justaposição, no qual se divide em três formas especificadas a seguir:

> a) Justaposição de dois itens lexicais, ou seja, dois sinais que formam uma terceira

> forma livre como, por exemplo, nos itens lexicais CAVALO^LISTRA-PELO-CORPO (CAVALO + LISTRA-PELO-CORPO = “zebra”); MULHER^BEIJO-NA-MÃO (MULHER + BEIJO-NA MÃO = “mãe”); CASA^ESTUDAR (CASA + ESTUDAR “escola”). ASSINAR^SEPARAR (ASSINAR + SEPARAR = “divórcio”); COMER^MEIO-DIA (COMER + MEIO-DIA = “almoço”).
> b) Justaposição de um classificador com um item lexical. Esse processo foi encontrado quando da realização da pesquisa para o Dicionário da Libras (2005). Nesse processo o classificador não é uma marca de gênero e funciona como um clítico. São exemplos desse processo os sinais: coisa-pequena^PERFURAR “alfinete”; coisa-pequena^APLICAR-NO-BRAÇO “agulha”; DORMIR^pessoa + “alojamento”.
> c) Justaposição da datilologia da palavra, em português, com o sinal que representa a ação realizada pelo substantivo que, na sede semântica da ação verbal, seria seu caso instrumental. Exemplo: COSTURAR-COM-AGULHA^ A-G-U-L-H-A “agulha” (FELIPE, 2006, p. 207).

Analisemos sobre a citação. Em “a)” um terceiro sinal (forma livre) é formado da união de dois sinais. Segue abaixo um exemplo citado pela autora, de forma ilustrada:

Figura 171 - Sinal de ZEBRA em Libras



Fonte: Capovilla *et al.* (2019, v. 3 p. 2910).

O sinal ilustrado é formado pela junção dos sinais de CAVALO + LISTRA-PELO-CORPO, forma o item lexical ZEBRA, sem nenhuma alteração nas bases, visto essa ser uma característica do processo de justaposição. No entanto, assim como Felipe (2006), traz também como exemplo o sinal de ESCOLA, o qual é citado por Quadros e Karnopp (2004) como um sinal que sofre alteração em uma das bases de sua formação, sendo essa alteração classificada por Rodero-Takahira (2015) como a ocorrência do processo de aglutinação. Isto posto, podemos observar divergências de formação dos compostos entre os autores.

Em “b)” o classificador (CL) funciona como um clítico, não sendo uma marca de gênero. Segue exemplo ilustrado citado pela autora:

Figura 172 - Sinal de ALFINETE em Libras



Fonte: Teixeira (2014, p. 20).

Vemos que a autora considera os CL como parte capaz de formar um sinal composto. Neste exemplo anterior, a sua formação é composta por coisa-pequena^PERFURAR.

Por último, em “c)” ocorre a representação da ação do substantivo acompanhada da datilologia da palavra em português, COSTURAR + A-G-U-L-H-A. Exemplo ilustrado:

Figura 173 - Sinal de AGULHA em Libras



Fonte: Teixeira (2014, p. 20).

Ao realizar uma análise sobre o que apresenta a literatura sobre a concepção do processo de composição da Libras descrita por Quadros e Karnopp (2004), Felipe (2006) e Figueiredo e Sell (2009), Rodero-Takahira (2012) afirma que são dados iniciais, que não são capazes de responder todas as questões.

Averiguando ser um campo ainda muito vago, Rodero-Takahira (2015) adentrou numa abordagem sobre os CL na formação de compostos, bem como a possibilidade desses CL serem simultâneos, dado que as mãos são os articuladores primários das LS, portanto, possuem dois articuladores. Ainda, segundo a autora, nenhum outro estudo anterior sobre os compostos na Libras trouxe essas questões acima.

Antes de trazer os resultados das análises de Rodero-Takahira (2015), cabe salientar que a autora considera como composição por aglutinação quando ocorre mudanças no aspecto fonológico em algum dos sinais, alegando que isso não está presente no processo de justaposição, pois este é tido como a união de sinais que são realizados em sua totalidade, sem mudanças fonológicas.

Os resultados das análises literárias sobre os compostos realizadas por Rodero-Takahira (2015), fizeram com que ela dividisse os compostos da Libras em três grupos principais: sequenciais, simultâneos e simultâneos-sequenciais, sendo o grupo de compostos simultâneos, o foco principal de sua pesquisa. Sobre a formação dos sequenciais e simultâneos a autora descreve que:

> Sempre que um **composto sequencial** é formado, as duas bases que formam esse composto envolvem sinais simples e/ou sinais CLs do tipo semântico ou do tipo SASS de traço. Já quando um **composto simultâneo** é formado temos sempre um predicado CL (sinal CL com verbo de M) ou um CL do tipo base (ENTIDADE-PLANA1CL) mais um outro CL de qualquer tipo: ou temos um sinal boca com um sinal simples ou com um sinal CL (Rodero-Takahira 2015, p.136, “grifo nosso”).

Rodero-Takahira (2015) explica quais os elementos devem conter um sinal composto para que seja considerado um composto simultâneo, inserindo os sinais boca como elemento presente na formação de compostos. Em todo seu estudo, a autora defende os sinais boca como principais elementos que comprovam esse tipo de composto, afirmando que, mesmo para aqueles linguistas que não admitem ocorrer simultaneidade nos compostos, pois analisam os CL como gestos, classificadores predicados, entre outras construções, os compostos com sinais boca pode ser compreendidos como compostos simultâneos verdadeiros.

As possíveis construções em cada grupo afirmada por Rodero-Takahira (2015, p. 23) são as seguintes:

> i) sequenciais com:
> a) dois sinais simples (sinal> sinal);
> b) um sinal simples e um sinal CL (sinal> sinal CL);
> c) dois sinais CLs (sinal CL> sinal CL);
> d) três ou mais sinais.
>
> ii) simultâneas com:
> a) um sinal boca e um sinal simples (sinal boca||sinal);
> b) um sinal boca e um sinal CL (sinal boca||sinal CL);
> c) um sinal CL (mão base) e um sinal CL (sinal CL base||sinal CL);
> d) um sinal CL (com verbo) e um sinal CL (sinal CL-verbo||sinal CL).

> iii) simultâneo-sequenciais com: a) um sinal e, na sequência, dois sinais CLs - não necessariamente nessa ordem.

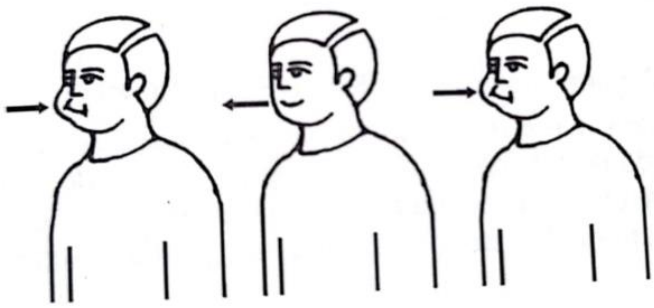
Na próxima figura, apresentamos um dos exemplos citados pela autora como uma construção composta simultânea, cuja composição ocorre pela junção dos sinais "SEXOb||HOTEL" formando o sinal MOTEL na Libras (Rodero-Takahira, 2015, p.144).

Figura 174 - Sinal de HOTEL em Libras



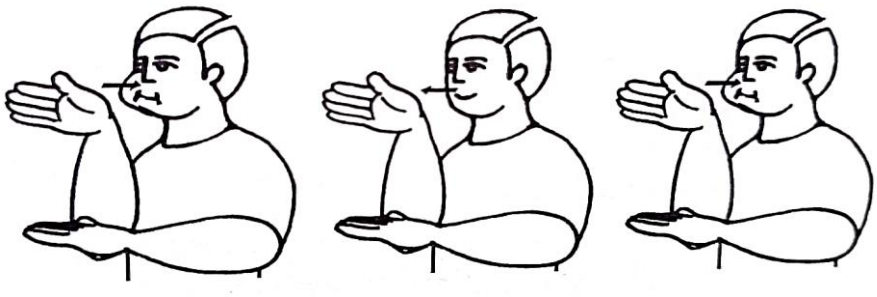
Fonte: Capovilla *et al.* (2019, v. 3, p. 2577).

Figura 175 - Sinal de SEXO em Libras



Fonte: Capovilla *et al.* (2019, v. 3, p. 2577).

Figura 176 - Sinal de MOTEL em Libras



Fonte: Capovilla *et al.* (2019, v. 2, p.1896)

Notamos que, na formação do sinal MOTEL ocorre de forma simultânea a sinalização do sinal HOTEL (sem o inflar das bochechas) com o sinal de SEXO, no qual o sinal boca SEXO, configura-se tanto de forma isolada como em sua forma composta, pelo inflar e desinflar rapidamente de uma das bochechas. Portanto, o sinal MOTEL é classificado como um sinal composto formado por um sinal boca e um sinal simples (sinal boca||sinal).

Seguindo para as análises de sinais compostos nas LIS, podemos citar aqui os registrados e analisados por Soares (2018) e Silva (2021). A primeira apresenta o sinal de FUTEBOL na LTS, afirmando ser um sinal formado pelo processo de composição devido a união do sinal BOLA e a ação de chutar a bola: BOLA^CHUTAR/CHUTE, como ilustrado abaixo.

Figura 177 - Sinal de BOLA na LTS



Fonte: Soares (2018, p. 149).

Figura 178 - Ação de chutar a bola na LTS



Fonte: Soares (2018, p. 149).

De acordo com Soares (2018, p. 149) “esse último sinal, FUTEBOL, ao que tudo indica, é formado a partir de composição, pois a primeira parte do sinal tem significado isoladamente (significa “bola”) e a segunda parte também (significa “chutar” ou “chute”, de acordo com o contexto). Já a segunda autora, entre seus registros, afirma a presença desse processo no sinal ANO na LSKB: “[...] ANO, em LSKB, é um sinal composto, organizado a partir dos sinais SOL-VERÃO[27].” (Silva, 2021, p. 97).

Nesta subseção sobre os sinais compostos, pudemos observar que os CL são citados como um elemento frequentemente utilizado na construção de sinais compostos. Assim sendo, cabe adentrarmos mais detalhadamente sobre os CL evidenciando seu conceito, função e como se manifesta na formação dos sinais compostos.

[27] A autora não apresenta a ilustração desse sinal.

6.2.1 Análise morfológica: apresentação dos sinais compostos na Língua Indígena Cinta Larga de Sinais

Tomaremos para análise dos sinais da LICLAS, as variadas formas de entendimento sobre o processo de composição descrito, seguindo primordialmente, o conceito geral acertado por todos os autores referenciados, em que corroboram o conceito de composição no qual resulta na criação de um novo significado, concebido por meio da junção de um ou mais sinais.

Apresentamos sequencialmente dois sinais e suas descrições, como uma ideia inicial de que se trataria de sinais formados pelo processo de composição. Iniciemos o sinal SUCURI, conforme figuras seguintes.

Figura 179 - GROSSO (Espessura grossa)



Figura 180 - COBRA (Cobra)



Figura 181 - COBRA^GROSSO = SUCURI (Cobra Sucuri)



O sinal SUCURI foi registrado quando em um momento de interação no acampamento da pescaria, ele disse que numa região, descendo o rio (realizou o apontamento para a região) tinha muita COBRA seguido da sinalização GROSSO. Entendi pelo contexto, e logo depois foi

também confirmado por Marcos, de que se tratava da cobra sucuri. Esse sinal para espessura grossa também foi realizado quando fomos ver os jacarés que haviam matado durante a pescaria, e ele apontou para o maior jacaré e sinalizou GROSSO.

Com base no descrito, podemos afirmar que o sinal para SUCURI é composto por dois sinais que isoladamente possuem significados independentes e que conforme posto na seção teórico. O sinal SUCURI é um sinal composto formado por justaposição, seguindo a estrutura substantivo (núcleo) + substantivo (especificador) e um elemento o especificador- o adjunto.

Outro exemplo da presença do processo de composição na sinalização dos indígenas Cinta Larga surdos pode ser observado no sinal para FOME. Vejamos as sinalizações e descrições envolvidas.

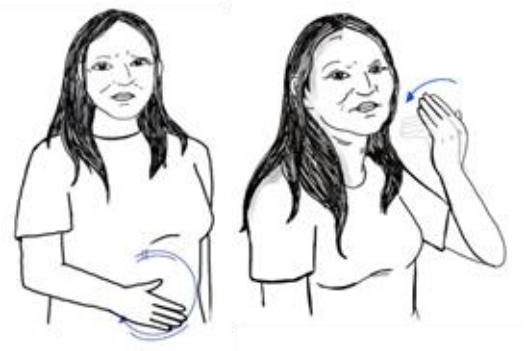
Figura 182 - COMER (Comer)



Figura 183 - DOR-DE-ESTÔMAGO (Dor de estômago)



Figura 184 - DOR-DE-ESTÔMAGO^COMER=FOME (Fome)



O contexto de registro de DOR-DE-ESTÔMAGO foi descrito anteriormente, na página 239. O sinal COMER é sinalizado comumente e frequentemente por todos os participantes desta pesquisa, sendo o primeiro registro realizado durante a primeira visita realizada na casa da

Guma e Cibita, onde perguntei para Cibita como ela fazia para chamar a Guma para se alimentar.

Quanto ao contexto de registo do sinal FOME, este ocorreu dentro do carro, quando estávamos voltando de uma colheita na roça. Nesse período (maio de 2023), Guma já não estava mais morando na aldeia Asanuéé̱j com a Cibita, havia se mudado para casa da sua filha na aldeia Pontes.

Decidimos primeiro levar a Cibita e sua colheita e depois irmos para a aldeia Pontes. Ao perceber que não iriamos parar primeiro na aldeia Pontes, Guma começou a sinalizar indicando estar preocupada do porquê não a deixar em sua nova casa. Foi motivo de risos, pois comentava-se que ela havia gostado da mudança e estava com medo de que a deixássemos na aldeia Asanuéé̱j.

Márcia apontou em direção a aldeia Asanuéé̱j e, sequencialmente, apontou o dedo em direção a aldeia Pontes, indicando para ela que depois voltaríamos. Ela sorriu e entendeu, repetindo a sinalização da Márcia. Foi nesse momento que Guma sinalizou FOME, no qual foi traduzido pela Cibita, ficando entendido que ela estava querendo chegar com rapidez em sua casa, pois estava com fome.

Portanto, a formação do sinal FOME ocorre através do processo de composição por justaposição, pois dois sinais (FOME e COMER) que isoladamente possui significados independentes, unem-se para formar um novo item lexical.

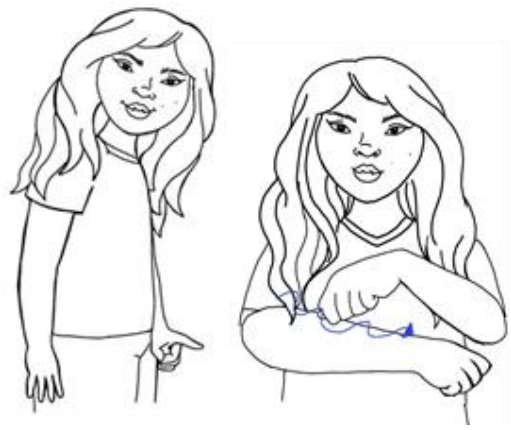
Figura 185 - PESSOA-DO-SEXO-MASCULINO (Pessoa do sexo masculino)



Figura 186 - ESTUDAR (Estudar)



Figura 187 - PESSOA-DO-SEXO-MASCULINO ^ESTUDAR=PROFESSOR (Professor)



O sinal PESSOA-DO-SEXO-MASCULINO foi sinalizado por Irene para especificar o gênero masculino. A primeira vez dessa sinalização ocorreu na noite em que ela e seus amigos foram até à casa da Márcia comprar refrigerante. Em nossa interação, ela fez o sinal e foi apontando para os meninos. Fiquei em dúvida se era uma especificação de gênero. No entanto, na noite de comemoração do Dia das Mães, ela apontou para um homem, fez o mesmo sinal juntamente com o sinal ESTUDAR. Como eu já conhecia aquele homem, sabia que ele era o professor dela. Tentei induzi-la a especificar o gênero feminino, mas não obtive resultado.

Podemos então inferir que a formação do sinal PROFESSOR ocorre por meio do processo de composição por justaposição, havendo a junção dos sinais PESSOA-DO-SEXO-MASCULINO e ESTUDAR, os quais isolados, apresentam significados independentes.

6.3 CLASSIFICADORES COMO UM ELEMENTO FORMADOR DE SINAIS

Partindo do princípio de que “os classificadores são formados por morfemas constituídos por configurações de mãos que indicam classes específicas (portanto, morfemas) associadas a movimentos e representações motivadas iconicamente” (Quadros 2019, p.67), é relevante abordar sobre o conceito de iconicidade nos estudos linguísticos, haja vista que os classificadores são também chamados de descrições imagéticas ou descrições visuais dada a representação do mundo real. De antemão, cabe inferir que apesar da iconicidade se manifestar com mais abundância nas LS, visto a viabilização propiciada pela sua modalidade, ela não é um elemento restrito às LS, pois existe em todos os tipos de língua (Taub, 2012).

Já é sabido que houve resistência em considerar as LS como línguas e segundo, Taub (2012), a iconicidade foi um dos elementos que causava a impressão de que essa forma de comunicar não se passava apenas de gestos e mímicas. A fim de comprovar que as LS eram

línguas de fato, os primeiros linguistas se empenharam em apresentar os fenômenos linguísticos presentes nas LS, suprimindo assim, a iconicidade. Quadros (2019, p.113) afirma que mediante os estudos ocorridos principalmente nos últimos anos, foi reconhecida a presença e função da iconicidade nas LS:

> A iconicidade faz parte das línguas de sinais e permeia todos os níveis linguísticos de seu estudo. Mesmo reconhecendo que ela se manifesta convencionalmente nas diferentes línguas de sinais, ainda assim, percebemos tratar-se de um fenômeno bastante produtivo, que evoca os eventos de forma altamente motivada.

Ou seja, as manifestações icônicas das LS passaram do conceito de apenas cópia do real, gestos aleatórios, para o entendimento de se tratar de um fenômeno abrangente, dinâmico e criador que, segundo Quadros (2019, p. 115) seguindo as ideias de van der Kooij e Zwitserlood (2016) "a iconicidade parece motivar, pelos menos inicialmente, a formação de vários sinais".

De um modo mais disseminado, o conceito predominante de iconicidade está ligado à reprodução do real, da imagem real no mundo. No entanto, Taub (2012) explora esse fenômeno com mais profundidade o que o leva a afirmar que a "transparência" não é uma regra adequada para se dizer que um dado sinal é icônico, justificado pelo fato de poder haver sinais icônicos sem uma relação de transparência com seus referentes. Se a transparência fosse regra, todas as pessoas, inclusive as não conhecedoras de alguma LS, saberiam identificá-los, fato que não ocorre.

Neste prisma, Quadros (2019, p.113) corrobora dizendo que "parece ser mais apropriado reconhecer que as formas dos sinais possam 'lembrar' algo, incluindo informações de ordem mais conceituais e culturais". Assim, podemos dizer que a produção de um sinal icônico é realizada a partir da reprodução de traços que lembram a imagem real da coisa no mundo, associado ao significado/sentido a depender da cultura de quem o produz.

> [...] a iconicidade e a arbitrariedade sempre existiram na Língua de Sinais da Comunidade Surda e é impossível separar ou excluir as características próprias e geradas dentro da percepção cognitiva dos sujeitos Surdos. A percepção visual cria novo signo de acordo com o mundo que se vê (Campello; Luchi, 2023 p. 308).

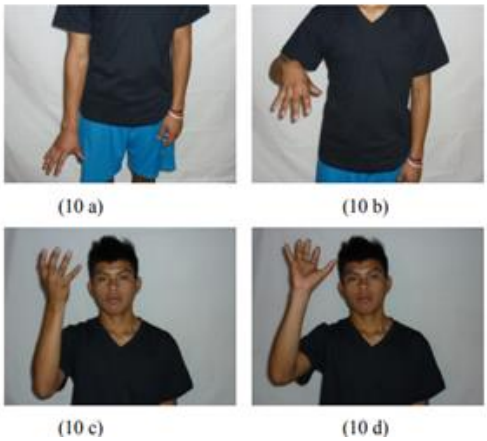
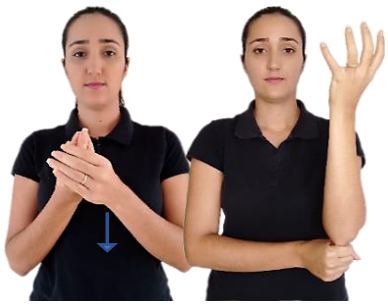
Contudo, não devemos entender que se a cultura reflete na produção das representações icônicas, todas as LS devem apresentar diferentes sinais icônicos para um mesmo conceito/referente. Pelo contrário, é muito comum haver igualdade (Meier, 2006), como também, deve ser visto como comum, apresentar diferenças e ou similaridades de

representações icônicas para um mesmo conceito/referente, afinal, trata-se de línguas naturais, que são vivas e se transformam constantemente.

O quadro posterior abrange um compilado de sinais para ÁRVORE registrados em cinco etnias que, apesar de diferentes, em todas as sinalizações, há referência à copa e tronco da árvore, sendo isto um ponto comum entre essas LIS.

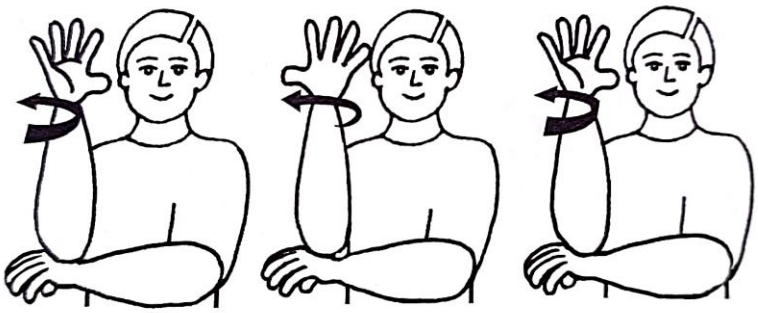
Quadro 30 - Sinal de ÁRVORE em cinco etnias

SINAL ÁRVORE	ETNIA	FONTE
	Kaingang	Giroletti (2008, p. 114)
	Guarani	Vilhalva (2012, p. 141)
	Pataxó	Damasceno (2017, p. 157)

	Terena	Sumaio (2014, p. 84)
28 	Paiter Suruí	Gregianini (2017, p.157)

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Figura 188 - Sinal de ÁRVORE em Libras



Fonte: Capovilla *et al.* (2019, v. 1, p. 279).

[28] Além desse sinal, Gregianini apresenta mais três. No entanto, todos apresentação relação icônica com o tronco da árvore. Os demais sinais podem ser acessados através do link: https://dlibras.unir.br/uploads/81818181/PUBLICACOES/DISSERTACAO%20MAPEANDO%20OS%20SINAIS%20PAITER%20SURUI%20NO%20CONTEXTO%20DA%20COMUNIDADE.pdf.

Soares (2018, p. 40) relaciona e compara as sinalizações para “árvore” na Libras e LTS, conceituadas por ela como sinalizações icônicas:

> Assim, tanto a LIBRAS quanto os sinais terena podem ter sinais icônicos para referenciar árvore, por exemplo (como de fato têm), porém com parâmetros diferentes na constituição do sinal (como de fato ocorre, com a localização e o movimento, nos dois sinais, mostrados em SUMAIO, 2014). Isso ocorre porque, apesar de serem ambos icônicos, os sinais pertencem a culturas diferentes, a visões de mundo diferentes.

Dizemos que em todas as sinalizações anteriores para ÁRVORE, as manifestações icônicas apresentam traços visíveis de assimilação com a imagem material, como também a imagem mental com base nas experiências culturais do sinalizante que a produz, pois, segundo Gregianini (2017) e Sumaio (2014), nessas sinalizações há também a reprodução da transformação da semente em árvore (nos sinais Terena e Paiter Suruí). Tal reprodução, pode ser visto como um traço cultural, já que, a cultura indígena possui proximidade com a natureza, com o plantar, com a terra. Esse fato distancia-se da ideia mais simplista da iconicidade ser uma reprodução manual da coisa como é no mundo, sem levar em consideração a visão de mundo e das coisas que cada cultura possui.

É nesse movimento natural das representações icônicas contidas nas LS que os CL surgem como uma ferramenta elementar, que através da CM realiza formas, movimentos, entre outros, na busca pela materialização pelas mãos de características (físicas ou conceituais) do que se quer enunciar.

> Os classificadores têm distintas propriedades morfológicas, são formas complexas em que a configuração de mão, o movimento e a locação podem especificar qualidades de um referente. Classificadores são geralmente usados para especificar o movimento e a posição de objetos e pessoas ou para descrever o tamanho e a forma de objetos (Quadros; Karnopp, 2004, p. 93).

Tomemos por análise dos CL os sinais de ÁRVORE apresentados para demonstrar a possibilidade de sinais icônicos de línguas diferentes para um mesmo referente, podem ser diferentes e mesmo assim possuírem CL iguais, como é o caso da representação do tronco da árvore realizada nos dois sinais pelo antebraço, sendo esse considerado um CL na Libras e apontada a possibilidade em ser também um CL da LTS (Sumaio, 2014).

Na tangente do processo de composição, Rodero-Takahira (2015, p.78) aponta os CL como um elemento fortemente presente nas três construções de composição (sequências, simultâneas e sequências-simultâneas), e, ao analisá-los nesse processo, ela afirma “[...] que

todos os tipos de sinais com CLs tem um significado mais geral de “entidade”, que poderia ser uma pessoa, animal ou objeto.” Eles são classificados pela autora como: CL SASS estáticos (para objetos - formato e tamanho); CL SASS de traço (para objeto - traço do formato); CL semânticos (para pessoas, animais e objetos - de forma mais icônica); CL corporais e de parte do corpo (remetem a entidade), os CL instrumento (manipulação de um instrumento), sendo que este último se utiliza de todos os CL anteriores para remeter ao manuseio de um instrumento. Isto posto, a autora assevera que:

> Consideraremos que todos os morfemas CLs se anexam a uma raiz com um significado bem geral de “entidade” e classificam essa entidade em um tipo específico (pessoa, animal ou objeto). Na falta de um CL para delimitar o tipo de entidade, a raiz ENTIDADE poderia ser preenchida por um IV mais específico como INDIVÍDUO ou PESSOA (“pessoa”), MATERIAL ou COISAS (“objeto”), ou ANIMAL (“animal”) dependendo do contexto. (Rodero-Takahira, 2015, p. 78).

Podemos verificar que a autora supracitada acima, utiliza na glosa o termo “entidade” ao invés de nomear o CL. Ela justifica que um mesmo CL pode ser usado para significados diferentes, citando o exemplo em que a ENTIDADE-RETA1cl (mão fechada com apenas o indicador estendido) pode significar ÁRVORE, POSTE, entre outros, a depender do contexto. Portanto, a autora argumenta que não o nominar de forma restrita a apenas um referente, utilizando uma forma mais neutra, viabiliza a interpretação e o estudo mais aprofundado.

Como já posto acima, é reconhecido o uso dos CL frequente nas comunicações dos surdos, bem como existe uma variedade de CL, haja vista que, conforme Quadros (2019, p. 22) eles “integram um componente instável do léxico porque são combinados a cada vez, de acordo com a referência ao mundo real [...]”. Tendo ciência da flexibilidade na manifestação dos CL nas LS, buscando identificar como se manifesta alguns tipos de CL na comunicação sinalizada dos indígenas Cinta Larga surdos, destaco aqui, os tipos mais elencados na literatura a fim de direcionar essa análise.

Observamos que existem na literatura várias subdivisões dos CL, a depender da concepção de cada autor, por isso, utilizaremos os grupos de CL mais referenciados nos estudos linguísticos das LS, o qual baseia-se nos estudos de Supalla (1986) sobre a ASL, tais como: especificadores de tamanho e forma, classificadores semânticos, classificadores corporais e classificadores instrumentais (Rabelo, 2020).

Os CL especificadores de forma e tamanho, também chamado de CL descritivo, subdivide-se em dois: de tamanho e forma estáticos de objetos longo, redondos, entre outros; e

de tamanho e forma em traço, como por exemplo quando a mão se move no espaço de sinalização e realiza traços de linhas, podendo ocorrer em até três dimensões (Rabelo, 2020). Assim, por meio das CM, são representados e descritos vários aspectos (tamanho, forma, textura, paladar, locação, ação, entre outros) do referente visual em mente.

Figura 189 - Exemplo de CL especificador de forma e tamanho em Libras - MESA



Fonte: Lira, et al (2021, p. 233).

Os CL semânticos, também chamados de CL de entidade (Sandler e Lillo, 2006; Rodero -Takahira, 2015) por esse ser “entendidos como configurações de mãos que representam os referentes como categorias semânticas” (Rabelo, 2020, p. 61). A autora exemplifica os CL de seres com pernas (pessoa, aranha, algum animal, entre outros) e a posição de objetos (Horizontal, vertical etc.) como categorias semânticas. Esse CL, diference dos outros pelas suas reproduções de objetos serem mais abstratas. Rabelo complementa, trazendo como exemplo o sinal de ÁRVORE citado por Supalla (1986), afirmando que o CL de ÀRVORE refere-se a uma categoria semântica desta, pois esse mesmo sinal pode significar vários tipos de formas, de espécies diferentes de árvores.

Figura 190 - CM para o CL semântico para pessoa andando ou em pé



Fonte: Elaborado pela autora baseado em Ferreira ([1995] 2010).

Os CL corporais podem ser usados pelo sinalizante no ato de representar com o corpo todo seres animados, “sendo está classe uma marca de concordância nominal” (Rabelo, 2020, p. 61). As partes do corpo do sinalizante também pode ser utilizada para representar a parte do corpo do referente, referenciando o tamanho, forma e a localização espacial da parte do corpo, conforme exemplificado na sequente figura:

Figura 191 - Exemplo de CL corporal em Libras - CACHORRO ORELHA



Fonte: Lira, et al (2021, p. 235).

Nos CL instrumentais as configurações de mãos incorporam o instrumento, representando visualmente a sua forma, bem como a ação gerada por ele, sem referi-lo diretamente. De acordo com Rabelo (2020, p. 62), este foi subdividido em:

> [...]classificador-mão como instrumento, que são usados para contrastar os vários meios que a mão interage com objetos sólidos de tamanho e formato diferentes. [...] se o agente estiver manipulando o objeto com uma ferramenta, um classificador de ferramenta referente às características visual-geométricas do instrumento será usado.

A figura consecutiva, é um exemplo de CL instrumental na Libras.

Figura 192 - Exemplo de CL instrumental em Libras - FOTOGRAFIA



Fonte: Lira, et al (2021, p. 236).

Apresentados e exemplificados os tipos de CL na Libras, a seguir apresento uma análise dos CL da LICLAS.

6.3.1 Manifestação de classificadores na comunicação dos indígenas Cinta Larga surdos

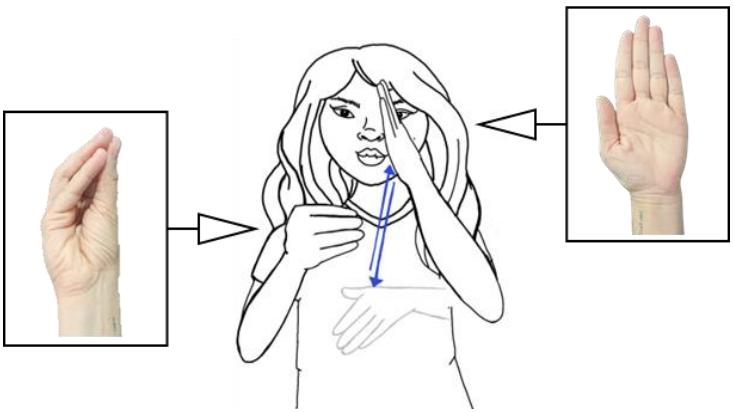
Diante das abordagens sobre os CL descritas anteriormente, as quais nos demonstraram que é um sistema "[...] utilizado densamente na formação de novos sinais" (Quadros; Karnopp 2004, p. 93), fazendo parte, portanto, de uma modalidade de léxico das línguas de sinais, e da evidente diversidade de CL que segundo Ferreira (1995 [2010], p. 102) ocorre devido a modalidade das LS as quais "[...] fazem uso frequente de vários tipos de CL, explorando também morfologicamente os espaços multidimensionais em que se realizam os sinais", apresentamos uma análise dessa ocorrência da LICLAS.

Pontuamos que, assim como já posto nessa seção, entendemos que as CM agem na representação do CL, por isso, juntamente com a imagem do sinal em análise, destacamos a(s) CM utilizadas. Todas as imagens das CM apresentadas nesta subseção, são de minha autoria e baseiam-se no quadro 24: *Configuração de Mão da LICLAS*. Assim sendo, exibiremos a análise de alguns exemplos de sinais que se enquadram no grupo dos CL semânticos.

Figura 193 - COCO-DE-TUCUMÃ (Coco de tucumã)



Figura 194 - COCO-VERDE (Coco verde)



Os registros dos sinais COCO-DE-TUCUMÃ e COCO-VERDE foram obtidos durante uma visita à casa da Irene. Enquanto interagíamos, ela me mostrou o coco de tucumã que sua mãe usa para fazer artesanatos realizando a sinalização conforme a figura 193. Aproveitei e apontei para a coqueiro (coco verde) e ela fez RUIM, apontou para outra casa e fez BOM.

Buscando descobrir se havia diferença na sinalização entre esses dois tipos de coco, apontei para o coco de tucumã e repeti a sinalização que ela já havia sinalizado, apontei novamente para o coqueiro e ela sinalizou conforme a figura 194.

Inserimos esses dois sinais juntos dada à similaridade entre eles. Pontuamos que, ambos são realizados com ambas as mãos: a estática representa o coco em posição para ser cortado e a mão que realiza o movimento é o objeto cortante. Portanto, podemos aferir que a mão (juntamente com o antebraço) que realiza o movimento faz parte de grupo de CL semânticos, por esse representar uma categoria semântica de objeto cortante, pois não há especificação se se trata de uma faca, facão, machado, entre outros.

Destacamos outros sinais que contribuem para constatação anterior, mediante figuras a seguir.

Figura 195 - CARÁ (Cará)

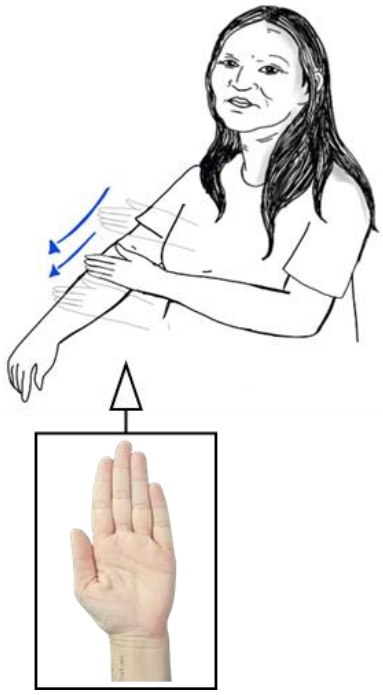
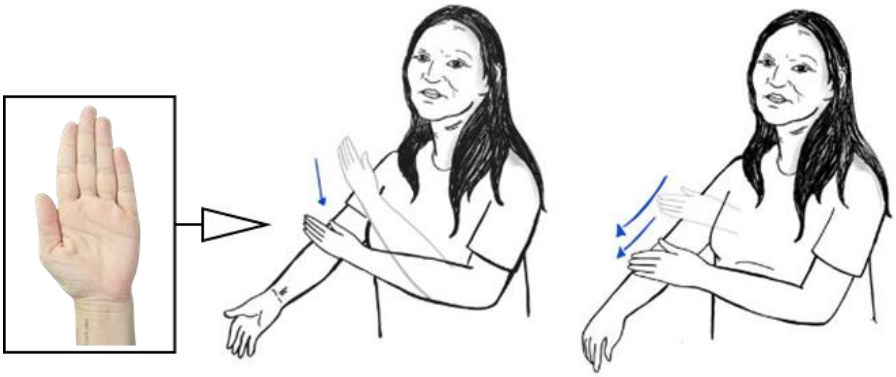


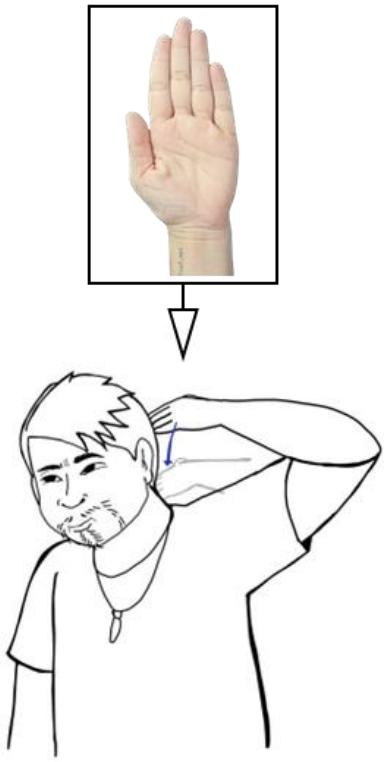
Figura 196 - MANDIOCA (Mandioca)



Os sinais CARÁ e MANDIOCA foram registradas durante uma colheita na roça. Ainda no trajeto a roça, perguntei para Cibita como sinalizava cará e mandioca em uma comunicação com a Guma, ela sinalizou conforme as figuras anteriores. Enquanto colhíamos os alimentos, apontei para o cará e sinalizei igualmente Cibita havia feito, Guma confirmou positivamente com a cabeça ao mesmo tempo que repetiu o sinal, o mesmo ocorreu com o tubérculo mandioca.

Em ambos os sinais, uma das mãos (a estática) atua como os tubérculos (Cará e mandioca) e a outra como um objeto cortante realizando a ação de descascar, sem determinar o tipo desse objeto.

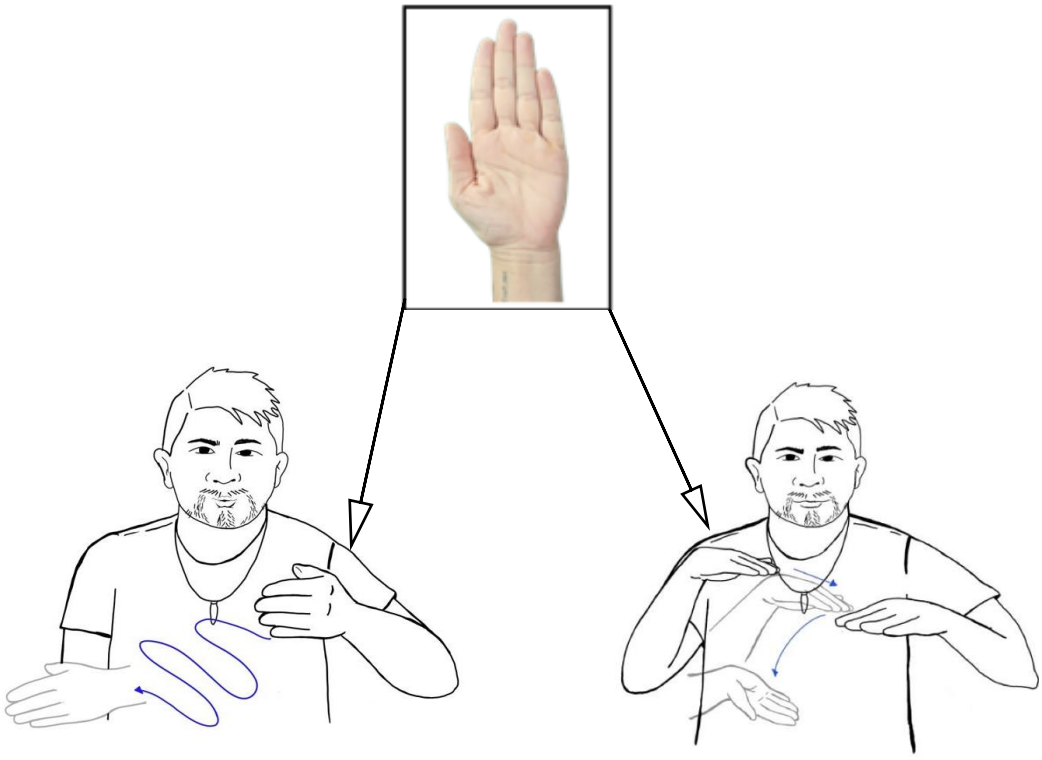
Figura 197 - CORTAR-CABEÇA (Cortar a cabeça)



O sinal CORTAR-CABEÇA foi registrado durante a pescaria ao rio Eugênio. Ivan estava indo de um lado para o outro, indicando estar procurando algo, ao encontrar o machadinho, apontou para margem do rio e realizou a sinalização. Ivan fez uso do próprio pescoço para indicar que iria cortar as cabeças dos jacarés. Ainda que tenhamos visto a machadinha em sua mão, não houve nenhuma sinalização específica que determinasse o tipo de objeto cortante que ele iria utilizar.

Desse modo, aventamos que a configuração de mão em destaque, juntamente com o antebraço, faz parte do grupo de CL semânticos, por utilizarem a mesma forma para representar, podendo ser definido apenas pelo contexto de uso, objetos cortantes utilizados nas ações representadas. Verificamos que, essa mesma configuração de mão é utilizada na sinalização das sentenças MOTO||IR-EMBORA (Vou embora de moto) e CAMINHÃO-BATER-TOMBAR (O caminhão bateu e tombou) consoante podemos visualizar nas ilustrações a seguir:

Figura 198 - CL semântico para veículos



MOTO||IR-EMBORA
(Vou embora de moto)

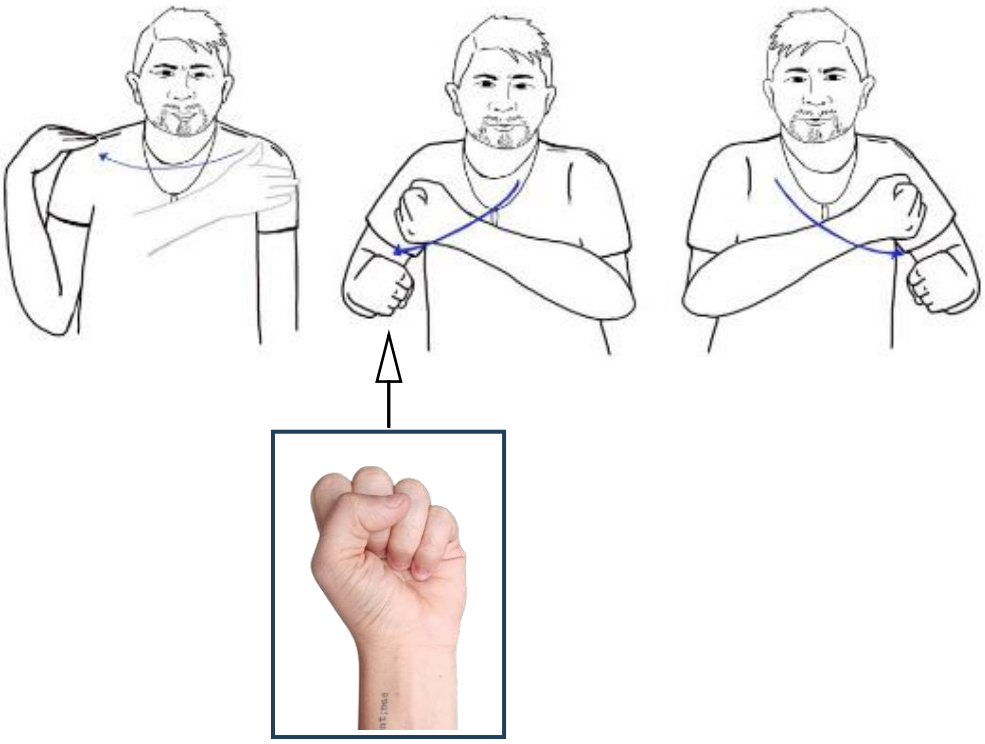
CAMINHÃO-BATER-TOMBAR
(O caminhão bateu e tombou)

O contexto de registro da sentença MOTO||IR-EMBORA já foi descrito (página 231). O registro da sentença CAMINHÃO-BATER-TOMBAR ocorreu enquanto estávamos na varanda da casa da Márcia, aguardando-a terminar de realizar o procedimento no cabelo de uma parente para irmos a aldeia Asanuééj participar da 2ª. Festa Cultural Indígena Asanuééj de 2023. Na nossa interação, Ivan relembrou um acidente sofrido com seu amigo na época que trabalhava como motorista de um caminhão, sinalizando conforme a sentença acima.

Nas duas sentenças anteriores, é utilizada a mesma CM de mão para objetos cortantes. Contudo, neste caso e contexto, representa MOTO (mão virada para a lateral) e CAMINHÃO (mão virada para baixo), atuando como CL semântico para veículos. Essas análises afirmam a importância do contexto de enunciação para a identificação do CL, pois uma mesma CM pode significar outro léxico em um contexto diferente.

Foram selecionados os sinais REMAR e PRODUZIR-ARTESANATO para demonstração e análise da manifestação dos CL instrumentais da LICLAS.

Figura 199 - OMBROS REMAR (Meus ombros estão doendo de tanto remar)



O sinal REMAR está presente na sentença OMBROS REMAR, conforme ilustrado anteriormente. Essa sentença oi sinalizada no contexto da pescaria quando Ivan retornou de uma tarde de pescaria e disse que seus ombros estavam doendo de tanto que havia remado. Destaco que a indicação de dor está na expressão facial de dor que Ivan realizou ao mostrar os dois ombros.

Ivan utiliza a CM de número 24 para incorporar o remo, que é o instrumento. É realizada uma representação visual desse instrumento através da ação do ato de remar. O mesmo ocorre com a sinalização apresentada a seguir, em que para dizer que sua mãe sabia fazer artesanato, ela buscou referência na manipulação de um instrumento[29] utilizado pelos indígenas Cinta Larga para lapidar a matéria prima para a montagem dos artesanatos (colares, pulseiras, entre outros). A seguir apresento um print do vídeo em que Irene me monstra como são preparadas a matéria prima.

[29] Não denominaram para mim esse instrumento. Mas é um ferro com afinação em uma das pontas.

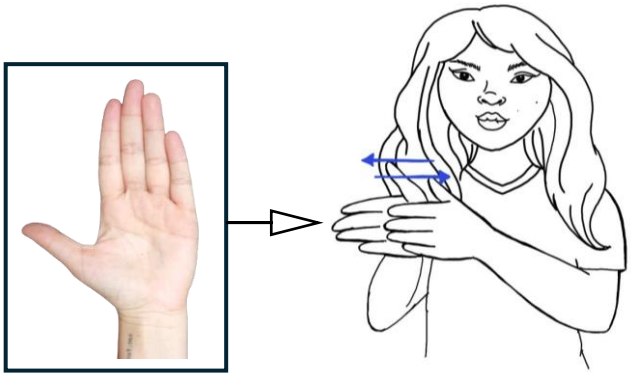
Figura 200 - Irene manipulando o instrumento para produzir a matéria prima



Fonte: Do acervo da autora (2022).

Na imagem acima, podemos ver o objeto (demarcação em azul) e a sua manipulação (demarcação em verde) a qual Irene buscou referência para sinalização exibida na figura posterior.

Figura 201 - PRODUZIR-ARTESANATO (Produzir artesanato)



Para essa sinalização, Irene utilizou as duas mãos na CM de número 03 e realizou o movimento para frente e para trás, sendo esse o movimento realizado para fazer o instrumento girar e furar a matéria prima.

Afirmo que há uma variedade de CL nos sinais e sentenças registrados nos quadros de sinais e sentenças, o que demanda um espaço de análise específico e maior para essa temática. Assim sendo, de antemão, identifiquei e analisei dois tipos (Semântico e de instrumento) e

alguns exemplos de CL como estudo inicial para demonstrar que os CL atuam nas formações dos sinais na LICLA.

Não dando como terminada a análise dos CL da LICLAS registrados nos quadros de sinais e sentenças, saliento que há outros sinais que a ser acrescentados nestes dois tipos elencados nesta subseção (Semântico e instrumental), bem como a outros tipos a serem identificados. Por intencionar apresentar dados descritivos iniciais de vários aspectos linguísticos, conforme os objetivos desta pesquisa, há a necessidade de resguardar espaço para outros focos de análise, e assim, deixarei o aprofundamento dos CL da LICLAS para posteriores publicações, dada a variedade de CL já aventada.

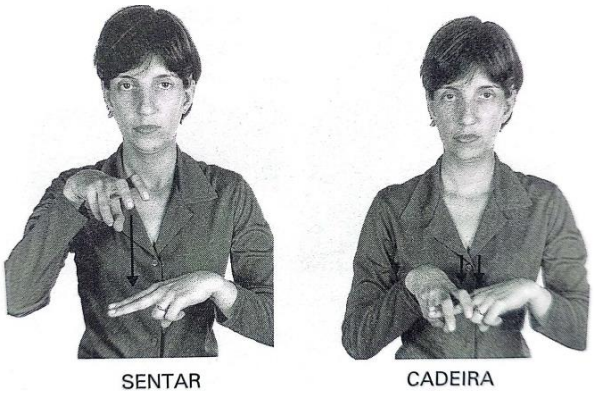
6.4 PROCESSO DE DERIVAÇÃO MORFOLÓGICA NAS LÍNGUAS DE SINAIS

Seguindo a regra do processo de derivação morfológica em que são anexados a um radical os afixos (prefixos e sufixos), que formam "[...] novas palavras que conservam de regra uma relação de sentido com o radical derivante" (Cunha; Cintra, 2008, p. 98), a mudança de classe gramatical de nomes para verbos (ou vice-versa) é um processo comum na Libras, sendo esta, uma forma de criar sinais.

Quadros e Karnopp (2004), com base nos estudos realizados na ASL por Supalla e Newport (1978), defendem que a diferença entre nome e verbo está no tipo de movimento, ou seja, apenas na mudança do parâmetro M, mantendo identicamente os outros parâmetros fonológicos que compõe o sinal, apresenta exemplos dessa derivação na Libras, afirmando ser oportuno identificar em outras classes gramaticais esse processo.

Como exemplo dessa derivação na Libras, as autoras apresentam os sinais TELEFONAR-TELEFONE, SENTAR-CADEIRA, PERFUMAR-PERFUME, PENTEAR-PENTE, OUVIR-OUVINTE, ROUBAR-LADRÃO, afirmando que nos nomes ocorre a repetição e encurtamento do parâmetro M com relação aos verbos, sendo chamado de reduplicação esse processo de repetição em que o morfema-base (verbo) é repetido resultando em um nome. Segue exemplificado na figura posterior.

Figura 202 - Sinal SENTAR e CADEIRA em Libras



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 97).

Nas sinalizações acima, averiguamos que apenas o parâmetro movimento é alterado, e que através da reduplicação e encurtamento do movimento que ocorre na sinalização do verbo SENTAR, se gera o nome CADEIRA. Ainda, verificamos que é mantida a relação de sentido entre esses dois sinais.

Em contrapartida, Felipe (2006), ao realizar uma pesquisa com participantes surdos, observou que essa a regra de derivação defendida por Quadros e Karnopp (2004) na Libras com base nos estudos da ASL, não pode ser encontrada em todos os pares, pois em sua maioria, os participantes não conseguiram identificar as diferenças entre eles. Diante disso, a autora aponta o processo de derivação zero como um tipo de derivação presente na Libras, justificando que:

> Devido ao fato dessas diferenças não poderem ser aplicadas a todos os pares na Libras, este tipo de formação de palavra continuará sendo tratado como derivação zero: itens lexicais com formas que são diferenciadas somente a partir da sua função no contexto linguístico onde está inserida e, quando estão na função de verbo possuem o caso instrumento implícito: BRINCADEIRA / BRINCAR; CADEIRA / SENTAR; TESOURA / CORTAR-COM-TESOURA; BICICLETA / ANDAR-DE-BICICLETA; CARRO / DIRIGIR-CARRO; VIDA / VIVER (Felipe, 2006, p. 205).

Além dos pares apresentados na citação anterior, em que são formados por derivação zero, cujo conceito é explicado por Ferreira e Ferreira (2016) quando os pares são sinalizados identicamente, sem nenhuma alteração em algum dos seus parâmetros e, a função destes (se é nome ou verbo) somente será diferenciada por meio do contexto linguístico que estão inseridos, Felipe (2006) constatou a regra defendida por Quadros e Karnopp (2004) nos pares AVIÃO

/IR-DE-AVIÃO (movimento mais alongado quanto ao substantivo AVIÃO) e PASSAR-COM-FERRO (movimento mais repetido e alongado quanto ao substantivo FERRO).

O processo de derivação zero também é apontado por Felipe (2006, p. 205) nos pares verbo/adjetivo, pelo fato de que "na Libras, não há o verbo copular SER em contexto com um atributo predicativo, pode-se falar também de derivação zero para o par verbo/adjetivo, como nos verbos de mudança de estado: EMAGRECER / MAGR@, AMARELAR / AMAREL@ que possuem a mesma forma." Assim sendo, a significação nominal do verbo ficará subentendida semanticamente em sua raiz como caso instrumento ou estado ou processo.

O processo de derivação zero começou a ser estudo na Libras por outros autores, como por Ferreira e Ferreira (2016, p.85), em que ao realizarem uma pesquisa com um participante surdo, chegaram ao resultado de que os "[...] pares de sinais LER e LEITURA, CASAR e CASAMENTO, MORAR e CASA, BRINCAR e BRINCADEIRA são sinalizados de forma idêntica. O que parece distinguir a ocorrência de um nome da ocorrência de um verbo é somente o contexto em que um ou outro aparecem". Segundo as autoras, esses resultados reafirmam a presença do processo de derivação zero proposta por Felipe (2006).

Na tangente das LIS brasileiras, nada foi encontrado sobre a ocorrência do processo de derivação zero. No entanto, há o estudo de Soares (2018) que, com base no conceito de derivação afirmado por Kehdi (2003, p. 7), no qual explica que "quando um vocábulo é formado de um só radical, a que se anexam afixos (prefixos e sufixos), tem-se a derivação", e conseguinte, reitera como componente desse processo, a afixação, que pode ser de: sufixação, prefixação, infixação, circunfixação e transfixação, ela apresenta alguns sinais da LTS como aparentemente formados pela derivação prefixal. Segue abaixo um dos exemplos de forma ilustrada:

Figura 203 - Sinal CAMA, Parte I, Parte II, Parte III, Parte IV e Parte V



Fonte: Soares (2018, p. 142-143).

A partir desse sinal CAMA[30], a autora relatou que, provavelmente, da parte II a V, trata-se de um sinal ou morfema que significa “móvel de formato retangular” e esse se apresenta como prefixo nos sinais terena MESA DE JANTAR (formado pelo prefixo “móvel de formato retangular” seguido do sinal base COMER) e MESA DE ESTUDOS (formado pelo prefixo “móvel de formato retangular” seguido do sinal base ESCREVER).

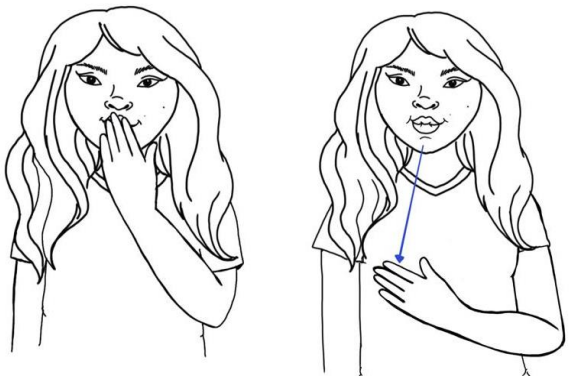
Assim, analisaremos as partes que compõem os sinais, a fim de verificarmos se ocorrem os processos de derivação por afixação e/ou o processo de derivação zero.

6.4.1 A derivação zero na Língua Indígena Cinta Larga de Sinais

Diante do conceito de derivação zero descrito anteriormente, podemos dizer que esse processo pode ser identificado em alguns sinais da LICLAS registrados. Dessa forma, nesta subseção identificamos e analisamos esses sinais da LICLAS, bem como o contexto de registro, visto ser esse essencial para a análise da presença desse o processo.

Em uma das visitas realizadas na casa da Irene, ela avistou seu irmão vindo até sua casa, apontou para ele e sinalizou igual mandando um beijo. Eu não entendi o que ela estava querendo dizer, pois para mim sua sinalização não fazia sentido por eu entender “Irmão beijo”. Perguntei para a mãe dela, e me respondeu que estava dizendo que o irmão tinha namorada. Entendendo a sinalização, eu sorri, e ela apontou para a casa onde a namorada reside. Fazendo uso dessa mesma sinalização, perguntei se ela namorava, ela respondeu que não.

Figura 204 - NAMORAR/NAMORAD@ (Namorar/namorado(a))



[30] Soares (2018) dividiu esse sinal em partes (I a V), apresentando-o na vertical. Aqui, optamos por agrupar essas partes na horizontal.

Durante uma festa de comemoração do Dia das Mães organizada pelos professores, realizada no barracão da escola, enquanto as apresentações acorriam, Irene sentou-se do meu lado e começamos a interagir. Entre nossa conversa, o assunto de relacionamento prevaleceu e ela começou a apontar para algumas moças e alguns rapazes e, casal a casal, foi repetindo o sinal NAMORAR/NAMORAD@, indicando que tal moça era namorada de tal rapaz e assim vice-versa.

Neste mesmo contexto, ela apontou para si e começou a apontar para alguns meninos e fazia o sinal de BEIJAR, indicando quais meninos já havia beijado, na seguinte ordem da sentença – BEIJAR ESSE, significando "Eu já beijei esse". O registro dessa sinalização é importante para suprimir a ideia de que o sinal para NAMORAR/NAMORAD@, poderia ser exatamente o sinal BEIJAR.

Figura 205 - BEIJAR (Beijar)



Diante dessas ocorrências, podemos observar que um idêntico sinal indica tanto um verbo – NAMORAR, na sentença "NAMORAR ESSE", quanto como um substantivo NAMORAD@. Portanto, esse é um exemplo de sinalização que pode ser considerado formado a partir da derivação zero, não havendo mudança em nenhum dos seus parâmetros durante a derivação do nome NAMORAD@ para o verbo NAMORAR, ou vice-versa.

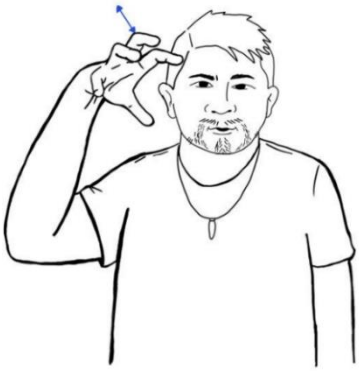
Esse fenômeno ocorre também no sinal realizado pelo Ivan que pode significar CHOVER ou CHUVA. Os contextos de registros dessas duas possibilidades para um mesmo sinal, ocorreram no dia da 2 Festa Cultural Indígena Asanuééj. Quando estávamos no campo assistindo as atividades do evento, antes mesmo que o céu escurecesse, aparentando chover, sentimos um vento fraco e frio. Ivan imediatamente olhou para nós e sinalizou vento nos alertando que logo mais iria chover, conforme sentença a seguir:

Figura 206 - VENTO CHOVER DAQUI-A-POUCO (Está ventando, daqui a pouco irá chover)



Minutos após o alerta de Ivan, ele olhou para o céu atras de nós, apontou para ele e realizou somente o sinal de CHOVER, nos mostrando a chuva.

Figura 207 - CHOVER/CHUVA (Chover/chuva)



Contudo, identificamos aqui mais uma ocorrência de formação de sinal a partir da derivação zero da LICLAS, pois o mesmo sinal, sem nenhuma mudança nos parâmetros que o forma, assume a posição tanto de verbo - CHOVER como de substantivo - CHUVA.

Destaquei e analise as sinalizações NAMORAR/NAMORAD@ e CHOVER/CHUVA neste subseção, no entanto, não excluo a possibilidade de outras manifestações, sendo necessárias uma análise mais direcionada a essa questão dos sinais e sentenças da LICLAS apresentados nos nove quadros.

6.5 PROCESSO DE INCORPORAÇÃO NAS LÍNGUAS DE SINAIS

O fenômeno de incorporação nas LS é tratado por autores como Baker (1988), Liddell (1997), Schuit (2007), Ferreira ([1995] 2010), Quadros e Karnopp (2004), Quadros (2019)

Felipe (2006), Veloso (2008), Ferreira e Naves (2014) e Rabelo (2020). Apesar de ser um processo admitido como muito produtivo e presente na formação de sinais, ainda não há entre os autores uma unanimidade quanto a descrição de seus tipos, a posição sintática que exerce e os aspectos morfológicos (Finau; Mazzuchetti, 2015).

Ao analisar esse processo dentro da Libras, Rabelo (2020, p. 66) afirma que esse "é mais comum que se possa imaginar e, de acordo com o estado da arte, excede os fenômenos de incorporação de numeral e negação comumente identificados.". Assim, além da incorporação de numeral e negação, a autora descreve em igual manifestação a incorporação de instrumento e incorporação de intensificador, a incorporação nas construções classificadoras, a incorporação nominal em verbos de deslocamento, a incorporação de modo em verbos de deslocamento e de tempo em advérbios.

Todas as categorias de incorporação anteriores inserem-se na premissa conceitual da incorporação que pode se manifestar nos níveis morfológico, sintático e semântico (Ferreira; Naves, 2014) que consiste na:

> [...] adição de um morfema a outro e a construção resultante é um único sinal, ou seja, duas partes são produzidas juntas, combinando dois itens lexicais. Logo, a união de um infixo a uma raiz, compõe um sinal, ou seja, é a combinação de duas raízes lexicais que resulta em um item lexical complexo, em que cada item é um morfema vinculado (unidade significativa que não pode ocorrer sozinha) que se combina para se criarem novos significados (Rabelo, 2020 p. 69).

Nesse sentido, reconhecemos a ocorrência do fenômeno de incorporação nos sinais realizados na processos enunciativos da comunidade linguística Cinta Larga e identificamos um dos mais comumente analisados nos estudos linguísticos das LS: a incorporação da negação.

6.5.1 Incorporação da negação

A incorporação da negação ocorre quando o morfema de movimento de afastamento do corpo é incorporado ao sinal (QUADROS, 2019). Ainda, Quadros e Karnopp (2004) com base em Ferreira ([1995] 2010), asseveram que o item lexical a ser negado sofre mudança (mais recorrente no parâmetro M), o que resulta na modificação da sua base/raiz. Felipe (2006) discute essa mudança na base do sinal, afirmando que ela é ocasionada por meio da adição de um sufixo à raiz.

> • como **sufixo**, ela se incorpora à raiz de alguns verbos que, possuindo uma raiz com um movimento em um primeiro momento, finalizam-se com um movimento oposto, que caracteriza a negação incorporada, como nos verbos QUERER / QUERER-NÃO; SABER / SABER-NÃO (VPS[31]); GOSTAR / GOSTAR-NÃO. Esse movimento contrário não é um item lexical para negação, seria como, em português, o prefixo {anti-}, mas que, na Libras, vem posposto à raiz, daí, a análise dele como um sufixo de negação; (FELIPE, 2006, p. 203).

A figura subsequente é um exemplo da incorporação da negação nos sinais, conforme os autores referenciados no início desta subseção.

Figura 208 - Sinal de GOSTAR e NÃO-GOSTAR em Libras



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 110).

Visualizamos na figura anterior que, na contraparte negativa do sinal GOSTAR ocorre o movimento de afastamento ao corpo, bem como esse afastamento/movimento contrário é realizado na finalização do sinal, ou seja, a negação se incorpora de forma sufixal, pois inicia-se com o sinal GOSTAR (base) e depois essa base é modificada por meio da incorporação da marca da negação representada pelo movimento de afastamento ao corpo, sinalizado na sequência GOSTAR-NÃO.

Conforme Quadros e Karnopp (2004), seguindo os conceitos de Ferreira ([1995] 2010), uma outra forma de incorporação da negação é marcada através da expressão facial (negação) incorporada ao sinal, sem alteração em nenhum de seus parâmetros. Esse processo foi denominado por Ferreira ([1995] 2010) como negação suprassegmental.

Essa expressão facial é chamada por Quadros (2019) como marcação manual que manifesta a negação no sinal pela incorporação do movimento da cabeça para os lados e os

[31] Segundo a nota de rodapé, Felipe (2006, p. 203) explica que: "As abreviaturas (VSP) e (VRJ) correspondem às variantes de São Paulo e do Rio de Janeiro respectivamente. Ver Sistema de Transcrição em Felipe (1988, 1997)."

lábios rebaixados (Quadros, 2019), consoante figura a seguir:

Figura 209 - Sinal de CONHECER-NÃO em Libras



Fonte: Quadros (2019, p. 80).

Corroborando, Felipe (2006, p.203) afirma que o movimento da cabeça (expressão corporal) marca a negação, porém, apresenta diferenças conceituais sobre essa incorporação da marcação não manual, acrescentando que esse processo é formado por infixo, pois a negação é incorporada "[..] simultaneamente à raiz verbal através de uma alternância no movimento ou através de expressão corporal (movimento da cabeça) concomitantemente ao sinal, como nos verbos: TER / TER-NÃO; ENTENDER / ENTENDER-NÃO (VRJ); PODER / PODER-NÃO."

Observemos que sinais apontados por outros autores como exemplo de incorporação da negação dos sinais, Felipe (2006) os trata como formado pela incorporação do infixo de negação a raiz verbal, que pode se manifestar de forma simultânea a essa raiz tanto com o movimento de cabeça (indicando negação), quanto na alternância de movimento. Como por exemplo o sinal NÃO-TER, a seguir:

Figura 210 - Sinal TER e NÃO TER em Libras



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 110).

Enquanto Quadros e Karnopp (2004) conceitua o sinal NÃO-TER como formado a partir da incorporação da negação, resultando na mudança em sua base, Felipe (2006) o concebe como formado por infixo, pois entende que a negação é incorporada dentro da raiz verbal de forma simultânea.

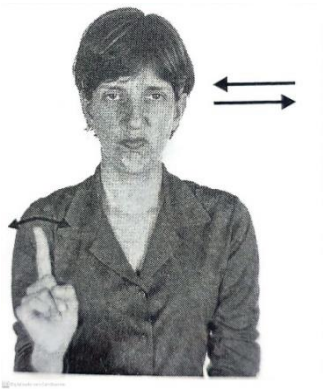
Citando como exemplo os verbos SABER e ENTENDER, Felipe (2006) afirma que a negação também pode se manifestar como uma construção sintática, pois anexando a esses verbos, os sinais NÃO e NADA formam-se as suas contrapartes negativas: SABER NÃO (VRJ), ENTENDER NÃO (VSP) e ENTENDER NADA (VRJ).

Figura 211 - Sinal SABER em Libras



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 111).

Figura 212 - Sinal NÃO em Libras



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p.173).

Segundo a autora, o verbo SABER anteposto ao sinal NÃO forma uma construção sintática negativa, onde não ocorre nenhuma incorporação ou alteração em ambos os sinais.

Ao analisar a incorporação da negação na LTS, Soares (2018) apresenta como exemplos os sinais NÃO-GOSTAR[32] e NÃO-SABER. No primeiro exemplo, a autora afirma que a negação é incorporada no sinal GOSTAR, por meio da mudança do parâmetro M, conforme figuras posteriores.

[32] Soares (2018) dividiu esse sinal em partes (I a IV), apresentando-o na vertical. Aqui, optamos por agrupar essas partes na horizontal.

Figura 213 - Sinal de GOSTAR na LTS



Fonte: Soares (2018, p. 155).

Figura 214 - Sinal de NÃO-GOSTAR na LTS (partes I, II, III, IV)



Fonte: Soares (2018, p. 155-156).

Já no segundo, a diferença entre o sinal SABER e NÃO-SABER está na incorporação da ENM (contração das sobrancelhas e lábios e meneio da cabeça) ao sinal SABER, sem nenhuma alteração dos outros parâmetros que o compõe (Soares, 2018), conforme figura a seguir:

Figura 215 - Sinal de NÃO-SABER na LTS



Fonte: Soares (2018, p. 157).

Apesar do registro de duas formas de incorporação da negação na LTS, Soares (2018) ressalta que a apresentada na figura anterior é a mais recorrente, na qual, citando Ferreira ([1995] 2010) ela a classifica como negação suprassegmental.

Diante de tais conceitos e análises da incorporação da negação na Libras e LTS, exibiremos alguns sinais e sua contraparte negativa, bem como uma análise inicial a fim de entendermos como ocorre esse processo de negação da LICLAS, identificando qual/quais as formas de incorporação da negação são utilizadas pelos indígenas Cinta Larga surdos.

6.5.2 A expressão da negação na sinalização dos indígenas Cinta Larga surdos

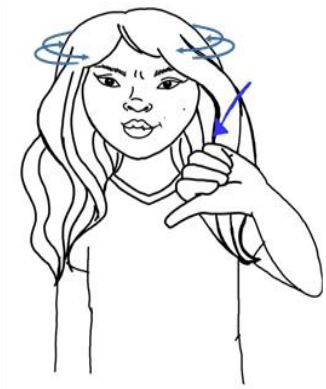
Durante as interações com os indígenas Cinta Larga surdos, foi possível observar que eles se utilizam de várias maneiras para expressar a negação. Vejamos esses registros (acompanhados do contexto) e as análises dos tipos das expressões negativas registradas.

Iniciemos pela apresentação dos contextos de registros das sinalizações no sentido de SER/SABER/TER e sua contraparte negativa SER-NÃO/SABER-NÃO/TER-NÃO, apresentados nas figuras subsequentes.

Figura 216 - SER/SABER/TER
(Sou/sei/tenho)



Figura 217 - SER-NÃO/SABER-NÃO/ TER-NÃO
(Não sou/não sei/não tenho)

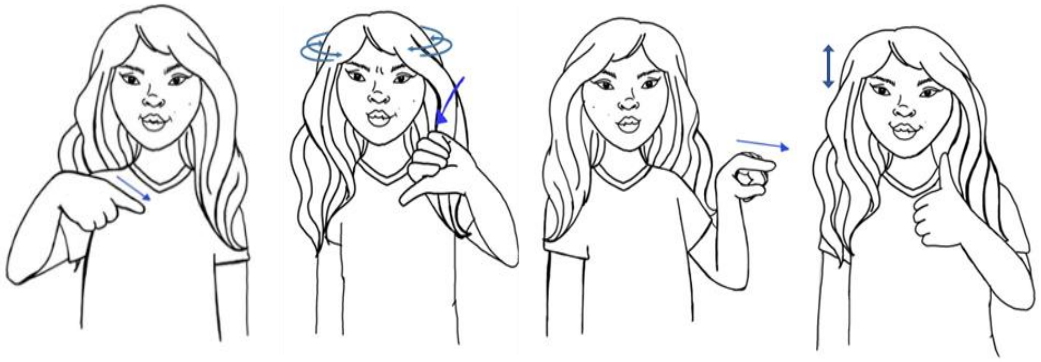


Como exibido nas glosas das duas sinalizações anteriores, esses sinais são utilizadas para sentidos diferentes, uma para a forma afirmativas no sentido de “ser, saber e ter” e na contraparte negativa desses sentidos “não ser, não saber e não ter”, com também é o mesmo sinal utilizado para dizer “bom” e “ruim” (conforme apresentado no quadro do campo lexical verbos da LICLAS). Por essas duas sinalizações possuir vários sentidos, utilizaremos as glosas conforme o sentido empregado no momento do registro, enfatizando o contexto de registro,

visto esse ser o modo de diferenciá-los. Subsequente, descrevemos os registros e os contextos de cada significado.

Após estarem cientes e tirado todas as dúvidas sobre a pesquisa, Marcos se retirou e Irene, sua mãe Marlene, seu pai Roberto e eu ficamos conversando, aproveitando para nos conhecermos melhor e eu coletar informações sobre o convívio, comunicação, entre outras informações sobre a Irene. Apontei para um colar que Marlene estava usando e perguntei se era ela que fazia, ela disse que sim. Apontei para Irene e apontei para o colar e ela sinalizou SABER-NÃO. Em seguida, apontou para a mãe e sinalizou a sentença a seguir:

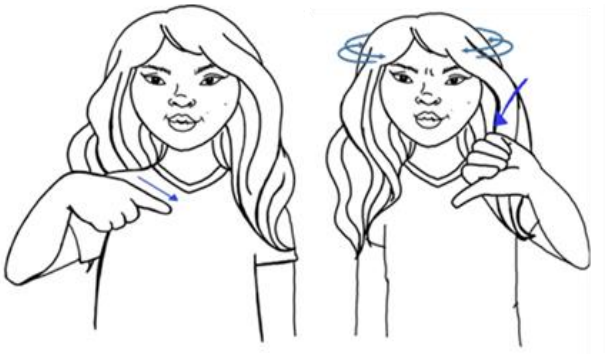
Figura 218 - EU SABER-NÃO ELA SABER (Eu não sei, ela (mãe) sabe)



Logo após, sinalizou para eu esperar, entrou na casa e voltou com um cesto com peças que sua mãe estava fabricando para a montagem de colares, bem como as ferramentas necessárias para a produção. Mostrou-me quais as ferramentas e como utilizá-las na fabricação das peças, no caso, o casco do coco de tucumã, e na tentativa de produzir, novamente sinalizou a sentença acima.

Nessa mesma interação, Irene abriu meu caderno de campo que estava em cima da mesa e viu um desenho de uma rosa, apontou para mim e para o desenho, entendi que ela estava perguntando se era eu quem havia feito e confirmei com o balançar positivo da cabeça. Ela ficou desconfiada e pediu para que desenhasse, me dando o caderno e apontando para rosa. Comecei a desenhar, enquanto ela observava. Ao terminar, ofereci o lápis a ela e apontei do lado da rosa, solicitando que também desenhasse uma. Ela se recusou, sinalizando conforme sentença na figura posterior, respondendo que não sabia desenhar a rosa.

Figura 219 - EU SABER-NÃO (Eu não sei)



No sentido de SER, foi sinalizado durante a comemoração do Dia das Mães. Entre nossa conversa sobre relacionamento, ela me perguntou: VOCÊ CASADA? Eu respondi afirmativamente com a cabeça. Ela disse: EU CASADA SER-NÃO. Observemos essas sinalizações conforme figuras subsequentes:

Figura 220 - VOCÊ CASAD@? (Você é casada?)



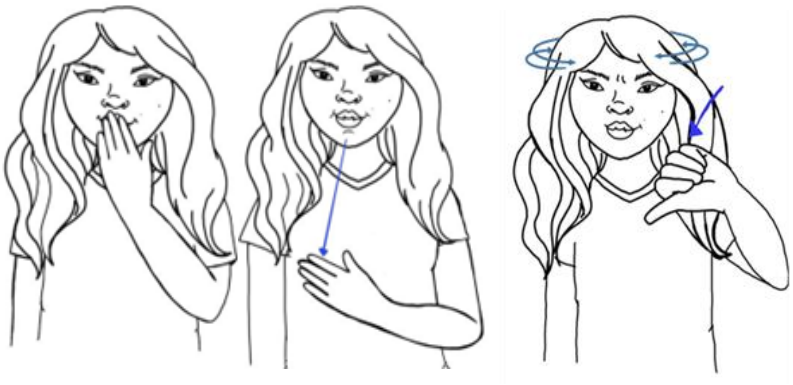
Figura 221 - EU CASAD@ SER-NÃO (Eu não sou casada)



Irene continuou reproduzindo no sentido de SER-NÃO, apontando para as algumas mulheres, indicando quem era e quem não era casada e quais delas havia se separado. Para aquelas que eram casadas, Irene realizava o sinal indicando SER (figura 216).

Durante essa mesma interação, Irene sinalizou no sentido de TER-NÃO, quando me disse que ela não tinha namorado, conforme ilustrado abaixo:

Figura 222 - NAMORAD@ TER-NÃO (Não tenho namorado)



Desse modo, salientamos que na formação da contraparte negativa dos sinais, ocorre mudança na base do sinal que se refere a SER/SABER/TER, em que a negação é incorporada dentro de sua raiz, por meio da mudança no parâmetro M, movimento contrário à sua parte positiva, sendo, portanto, um sufixo de negação. Ressaltamos que, com relação ao movimento de "não" expresso pelo balançar rotativo da cabeça[33], surte neste caso, como um adicional, não como um elemento indispensável para indicar negação, pois se não sinalizado junto ao sinal base, ainda assim, o sentido de negação continuará expresso, já que a negação está incorporada em sua base.

Adiante, expomos e analisamos outras formas de expressão da negação registradas, juntamente com a tipologia, sequenciado pelas sinalizações das figuras posteriores:

[33] Tanto na parte positiva quanto negativa, o balançar da cabeça afirmativamente ou negativamente para as partes positivas e contrapartes negativas na sinalização para SER/SABER/TER, são variáveis, ora estão presentes, oura não, sem que o sentido mude. O mesmo ocorre quando usados no sentido de BOM e RUIM.

Figura 223 - ALVO-ACERTAR
(Acertei o alvo)



Figura 224 - ALVO-ACERTAR-NÃO
(Não acertei o alvo)



As sentenças nas figuras anteriores foram registradas durante a festa de comemoração ao Dia dos Povos Indígenas na aldeia Asanuééj. Dentre as atividades culturais, a competição de flecha ao alvo foi uma delas. Estávamos lado a lado caminhando até o campo de futebol, onde acontecia a competição, olhei para Ivan, apontei para ele, depois para o local da competição e gesticulei reproduzindo a ação de atirar com arco e flexa (com a expressão indicando pergunta), intencionando perguntar se ele iria participar. Ele balançou a cabeça positivamente e sinalizou indicando que já havia participado e não conseguiu acertar o alvo (figura 224).

Enquanto assistíamos, um dos participantes acertou e ele sinalizou ALVO-ACERTAR. Portanto, verificamos que a contraparte negativa dessa sinalização é formada pela mudança de sua base, ocasionada pela alternância do parâmetro M simultaneamente com o movimento negativo com a cabeça, características de negação que se forma pelo infixo de negação a raiz verbal pela alternância contrária do movimento (Felipe, 2006).

As figuras a seguir, exibem outras manifestações nessa mesma tipologia de expressão da negação.

Figura 225 – COMER (Comer)



Figura 226 - COMER-NÃO (Não quero comer)



O sinal COMER foi registrado em um almoço (churrasco). Na ocasião, enquanto todos estavam se servindo, avistei Guma quietinha e apontei para a churrasqueira e fiz o sinal COMER. Guma respondeu COMER-NÃO e Cibita completou dizendo que Guma não estava bem, que estava sentindo dor de estômago.

Logo após, ofereci refrigerante a Guma e novamente ela recusou. Apontou para aldeia Ponte, sinalizou INJEÇÃO e em seguida sinalizou INJEÇÃO-NÃO. Entendi as sinalizações, porém, não consegui entender a relação deles no contexto de nosso diálogo. Márcia percebeu que eu não havia entendido e esclareceu contextualizando essa sinalização. Segundo ela, Guma tem problemas de saúde e estava cuidando da alimentação para não adoecer e precisar tomar injeção.

Figura 227 - INJEÇÃO
(Injeção)

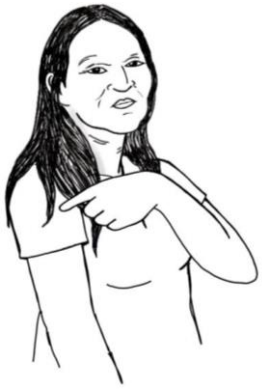


Figura 228 - INJEÇÃO-NÃO
(Não quero tomar injeção)



Terminada a comemoração do Dia das Mães, enquanto poucas pessoas limpavam o local, Irene se aproximou de mim e perguntou quantos dias eu iria ficar na aldeia e eu fiz o numeral dois. Não concordando com a quantidade de dias, ela sinalizou IR-EMBORA-NÃO, apresentado na primeira sinalização da sentença abaixo:

Figura 229 - IR-EMBORA-NÃO VÁRIOS-DIAS CONTINUAR AQUI
(Não vai embora, vai ficar aqui por vários dias)



A sinalização IR-EMBORA[34] foi registrada no dia da 2ª. Festa Cultural Indígena Asanuééj, enquanto ainda estávamos na casa da Márcia e tivemos uma interação. Nessa, ele apontou para o seu amigo que ali também estava e contou uma história de quando esse amigo estava em área indígena e, ao avistar a polícia, foi embora, surtindo aqui um sentido de fugir.

Figura 230 - IR-EMBORA (Ir embora)



Ao observarmos os sinais COMER-NÃO, INJEÇÃO-NÃO e IR-EMBORA-NÃO, verificamos que os sinais base permanecem idênticos em suas contrapartes negativas, sendo a negação incorporada à raiz verbal por meio do movimento da cabeça para os lados. Tal marca da negação apresentada nesta sinalização é considerada por Felipe (2006) como formada por

[34] Essa sinalização foi retirada da sentença ELE IR-EMBORA.

infixo, dada a realização simultânea com o sinal base, mesmo não apresentando modificação no parâmetro M no sinal base. Assim, ao contrário do que acontece com o balançar rotativo da cabeça realizado nas manifestações de negação formadas por sufixo, nas formadas por infixo, o balançar rotativo da cabeça é indispensável, se não sinalizado, perde-se o sentindo de negação.

Como já descrito, Felipe (2006) apresenta que a negação também se manifesta na Libras como uma construção sintática, caso este também identificado da LICLAS, conforme as análises a seguir dos sinais nas figuras 231 a 234:

Figura 231 - PINTAR-CABELO (Pintar o cabelo)

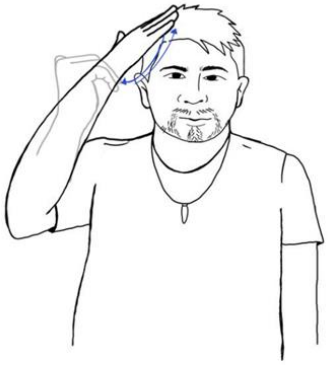
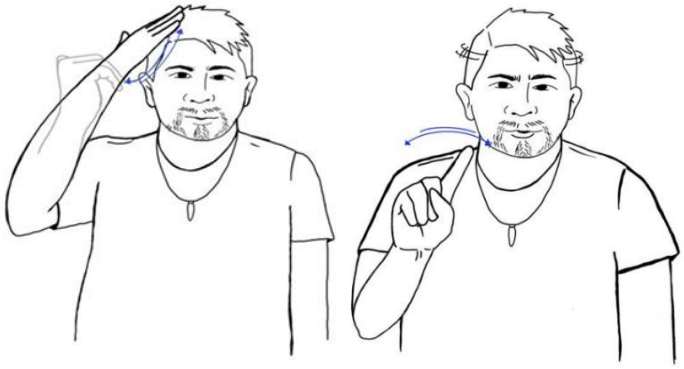


Figura 232 - PINTAR-CABELO NÃO (Não vou pintar o cabelo)



Neste caso, o sinal NÃO (dedo indicador balançando lateralmente) posposto ao sinal PINTAR, forma sua contraparte negativa, não ocorrendo nenhuma mudança em nenhum dos parâmetros na sinalização do sinal base. Conforme o conceito posto por Felipe (2006), em PINTAR-NÃO a negação se manifesta como uma construção sintática, justamente pela junção desses dois sinais, para formar a contraparte negativa sem que ocorra alguma mudança no sinal base.

A sinalização da expressão “ESTOU-FORA” que também pode ser considerada no

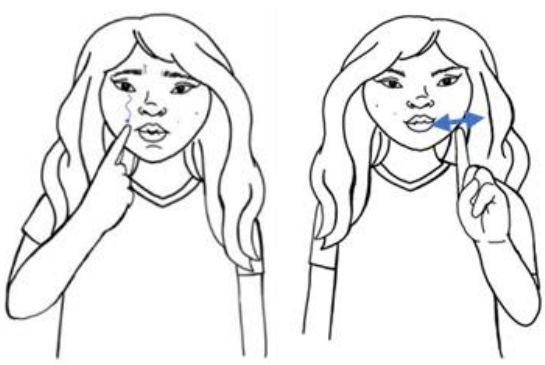
sentindo de não querer, representa uma negação. No entanto, não foi nos mostrado sua parte positiva. Do mais, não excluiremos a ideia de que esse sinal é uma forma de expressão da negação, como também a descrevemos como um indício de um sinal em que a negação está incorporada ao sinal de forma sufixal, representada pelo afastamento do corpo (Felipe, 2006).

Assim, houve a manifestação da negação em CHORAR-NÃO como uma construção sintática. Contextualizando-o, esse foi realizado por Irene durante nossa interação no dia da comemoração do Dia das Mães. Ela sinalizou o sinal de uma de suas professoras, apontou em direção a ela, mas eu somente entendi que estava falando da professora, quando soletrou o nome dela. Irene disse que a professora tinha um bebê, que havia se separado do esposo e que, mesmo diante essa situação, ela não chorou.

Figura 233 - CHORAR (Chorou)



Figura 234 - CHORAR-NÃO (Não chorou)



Nesse mesmo dia, tinha uma criança chorando próximo a nós, apontei para a criança e ela realizou o sinal CHORAR. Esse fato indica que existe diferença entre CHORAR e CHORAR-NÃO, sendo, portanto, a contraparte um do outro. Observamos que não há mudança em sua base do sinal CHORAR, a negação é expressa pelo NÃO posposto a CHORAR.

Destacamos que a forma mais observada nos diálogos foi a manifestação da negação como uma construção sintática. No entanto, apresentamos as variadas formas dessa manifestação por meio desses registros iniciais de como a negação é expressa pelos indígenas Cinta Larga surdos. Diante desses dados, afirmamos que, assim como na Libras e a LTS, a incorporação da negação é um processo que resulta na formação de novos sinais da LICLAS, bem como evidenciamos o dinamismo das expressões de negação presente nos atos comunicativos dos indígenas Cinta Larga surdos.

7 ASPECTOS SINTÁTICOS DA LÍNGUA INDÍGENA CINTA LARGA DE SINAIS: DESCRIÇÃO E ANÁLISE

Nos estudos linguísticos das LS o termo sintaxe é acrescido do termo espacial, denominando-a de sintaxe espacial. Essa denominação é justificada devido a modalidade das LS serem organizadas no espaço visual (Soares, 2018). Para iniciarmos sobre a temática da sintaxe nas LS, incluímos a definição e função da sintaxe atribuída por Dubois *et al*. (1973, p. 559):

> 1. Chama-se sintaxe a parte da gramática que descreve as regras pelas quais se combinam as unidades significativas em frases; a sintaxe, que trata das funções, distingue-se, tradicionalmente, das da morfologia [...]. A sintaxe, às vezes, tem sido confundida com a própria gramática.
> 2. Em gramática gerativa, a sintaxe comporta vários componentes: a base (componente categorial e lexical) e o componente transformacional.

Dessa forma, a sintaxe é um campo dos estudos linguísticos que busca observar a composição das sentenças, ou seja, como atuam os elementos sintáticos na organização de uma sentença por falantes e sinalizantes de uma língua. Portanto, quando se diz que uma língua será analisada sintaticamente, isso compreende verificar como as palavras funcionam, combinam e se relacionam dentro do contexto enunciativo, bem como nomear essas funções.

Do mesmo modo ocorre com as LS, com o diferencial que nessa modalidade de língua (visuoespacial) é preciso considerar todo o sistema que é realizado no espaço. Neste tocante, Quadro; Karnopp (2004, p. 127) dizem não ser um ofício nada fácil para os linguistas, bem como afirma as várias possibilidades de construções possibilitadas por essa modalidade.

> De certa forma, tal desafio apresenta certo grau de dificuldade aos linguistas; no entanto, abre portas para as investigações no campo da Teoria da Gramática enquanto manifestação possível da capacidade humana. A organização espacial dessa língua, assim como da ASL - Língua de Sinais Americana - (Siple, 1987; Lillo Martin, 1986; Fischer, 1990; Bellugi, Lillo-Martin, O'Grady e van Hoek, 1990), apresenta possibilidades de estabelecimento de relações gramaticais no espaço, através de diferentes formas.

Ferreira ([1995] 2010, p.67) corrobora afirmando a fundamental importância do espaço de sinalização na Libras, evidenciando que ele é parte da estrutura da Libras, sendo as relações sintáticas estabelecidas por meio dele:

> O uso do espaço e da simultaneidade ocupam posição fundamental na estrutura da LIBRAS e contribuem enormemente para o estabelecimento dos mecanismos de compensação que tornam os trechos discursivos da LIBRAS tão eficaz quanto aquele das línguas orais, pois, em ambos os casos, o tempo de execução dos mesmos é semelhante. Além do mais, eles permitem o estabelecimento de relações sintáticas (o que talvez seja uma característica das línguas de modalidade espaço-visual).

Diante do dinamismo de uma enunciação de cunho espacial, selecionamos dois aspectos dentro da sintaxe das LS para analisar da LICLAS, sendo eles: o uso do espaço de sinalização e os mecanismos de apontação pronominal. Portanto, essa seção destina-se ao cumprimento do objetivo específico que visa sobre aspectos sintáticos da LICLAS.

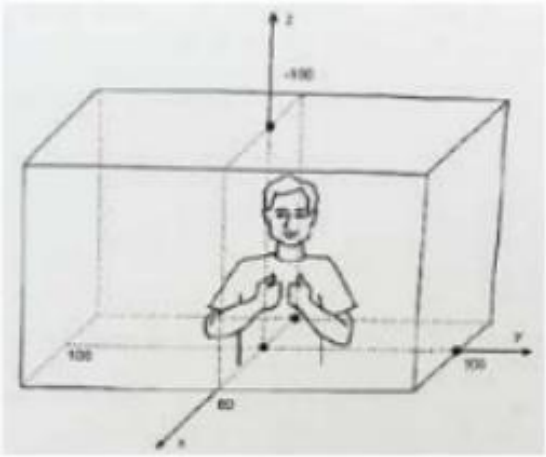
7.1 O ESPAÇO DE SINALIZAÇÃO NAS LINGUAS DE SINAIS

Como já indicado anteriormente, o espaço de sinalização faz parte da estrutura das LS. Por Compreendermos que o espaço de sinalização é fundamental para estabelecer a relação sintática entre os referentes, abordaremos com mais propriedade sobre ele e, conseguinte, apresentando alguns mecanismos espaciais vinculados as relações sintáticas no processo de enunciação.

É de fácil percepção por qualquer pessoa que a comunicação em LS é realizada em um espaço próximo ao sinalizante. Porém, o que possivelmente não seja de conhecimento de todos, é que esse espaço possui regras nas inserções e posicionamento dos sinais durante um processo enunciativo, que proporcionam uma sinalização ordenada e coerente.

Correia (2019, p. 155) afirma que “embora o espaço de sinalização possa ser representado de maneira bidimensional, é necessário termos em mente que o espaço de realização das sentenças em Libras é tridimensional e estabelece suas relações morfossintáticas a partir da exploração dos movimentos em três eixos.”

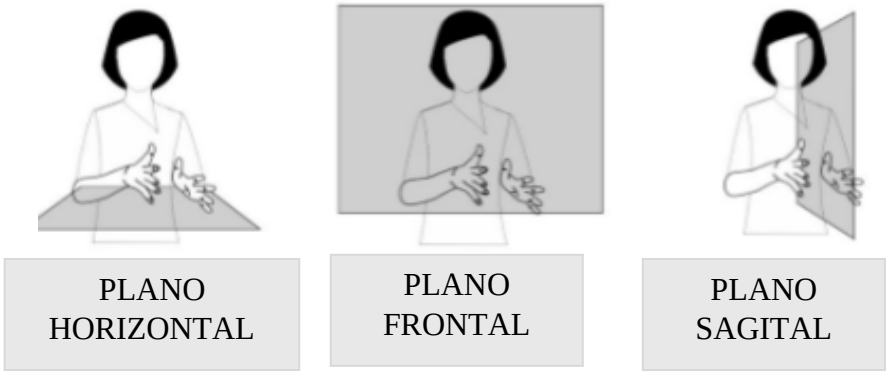
Figura 235 - Ilustração do espaço de sinalização tridimensional



Fonte: Quadros (1997, p.49).

Silva (2018, p.77), com base no conceito e distribuição do espaço de sinalização afirmado por Barberà (2012) em seus estudos com a Língua de Sinais Catalã (LSC), descreve esse espaço como um local "em frente ao corpo do sinalizante, sendo um espaço limitado, onde as mãos são localizadas e onde os sinais são alocados no plano horizontal, frontal ou sagital. Esse espaço de sinalização é o local em que as entidades ou as coisas podem ser representadas durante a sinalização." Subsequente está a ilustração em relação ao corpo do sinalizante:

Figura 236 - Planos de sinalização frente ao corpo do sinalizante



Fonte: Adaptado de Barberà (2012, p. 42).

As figuras 235 e 236 nos demonstra que há uma delimitação do espaço de sinalização, fato afirmado por Quadros (1997, p. 49): "as sentenças ocorrem dentro de um espaço definido, na frente do corpo, em uma área limitado pelo topo da cabeça e que estende até os quadris."

Soares (2018) corrobora que essa limitação do espaço afirmado pela autora acima é disseminada nos centros urbanos, acrescentando ser preferência utilizar uma sinalização discreta, com movimentos encurtados. Ainda, a autora atribui a essa limitação um status histórico, pois relata "que esse conceito provavelmente tem sua origem na época do Congresso de Milão (1880), na qual os surdos tinham suas mãos amarradas e eram proibidos de usar línguas de sinais, portanto, só conseguiam fazê-lo com muita discrição e com movimentos curtos". Porém, os estudos das LS distantes de centros urbanos, tem evidenciado uma abrangência espacial, como é o caso da Língua de Sinais Kata Kolok[35] e da LS Cena. Segundo Zeshan (2006, p.44) na Língua de Sinais Kolok:

> [...] o espaço de sinalização é muito maior do que os espaços utilizados nas línguas de sinais de comunidades surdas urbanas e geralmente tende a incluir movimentos com os braços totalmente estendidos, movimentos do corpo inteiro (por exemplo, virar-se, inclinar-se para baixo) e "representação" de movimentos (por exemplo, "caminhar").

Silva (2021, p. 187) relata que "muitas vezes, os sinais da Cena são produzidos com o corpo todo, com isso o que se quer dizer é que o espaço de sinalização é composto por todas as regiões do corpo, tendo como predominante a região do abdômen."

Figura 237 - Surdo Cena utilizando outras partes do corpo (perna e pé) na sinalização



Fonte: Silva (2021, p. 187).

Entendemos que, sendo por questão histórica ou não, essa limitação espacial nas LS urbanas é pontuada, mas também pode ser contestada. Atentemo-nos que o sinal em Libras a seguir é realizado abaixo do tronco, pontualmente nas coxas

[35] Segundo Zeshan (2006), Kata Kolok possui a tradução literal de "linguagem surda". É uma LS utilizada por uma comunidade surda numa vila no norte de Bali, no norte da Indonésia.

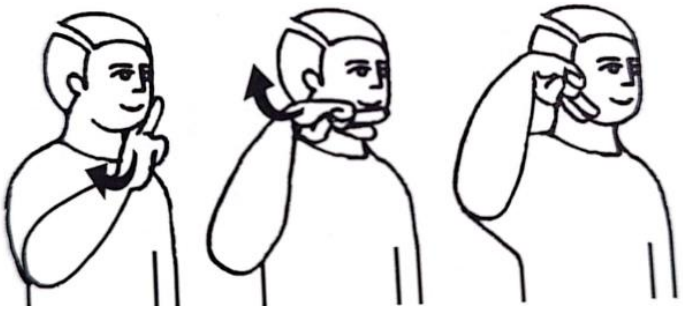
Figura 238 - Sinal de BERMUDA em Libras



· Fonte: Capovilla (2019, v. 1, p.405).

Pode haver a predominância e/ou preferência (sempre que possível, ou por fatores históricos, culturais, entre outros) no uso do espaço de sinalização acima do troco e até o topo da cabeça, no entanto, como exemplificado com a figura anterior, não deve ser um limite exigido. Percebamos que o sinal em Libras para CALCINHA poderia, assim como BERMUDA, ser realizado abaixo do tronco, porém, foi realizado no rosto.

Figura 239 - Sinal de CALCINHA em Libras



Fonte: Capovilla (2019, v. 1, p. 517).

Dessa forma, é viável a realização de outros estudos a de fim de buscar elementos que levem em consideração as novas evidências que demostrem a abrangência desse espaço, bem como o uso do espaço em diferentes tipos de enunciação. Ainda, relevante atentar para a espacialidade nas LS distantes dos centros urbanos, não como caráter de comparação, mas sim para evidenciar as diversidades de produção comunicativa de modalidade espacial, como apresentado na Língua de Sinais Kata Kolok e Cena.

7.1.1 O uso do espaço de sinalização pelos indígenas Cinta Larga surdos

Os registros da LICLAS inseridos nos quadros de sinais e sentenças e apresentados na quinta seção, atestam que os indígenas Cinta Larga surdos realizam seus processos enunciativos dentro de um espaço de sinalização. Em sua maioria, esse espaço ocorre a frente do corpo entre o topo da cabeça até os quadris. Há também, sinalizações em que o limite é até onde os braços alcançam, ultrapassando o topo da cabeça, conforme sinalizações a seguir:

Figura 240 - PÁSSARO||VOAR (Pássaro voando)



Figura 241 - ORAR (Orar)



A sinalização PÁSSARO||VOAR foi registrada no dia da 2ª. Festa Cultura Indígena Asanuééj de 2023, quando comentei com o Vagner sobre os vários urubus voando em círculo, Ivan direcionou o olhar para os pássaros e disse que eles estavam sobrevoando um boi morto.

O registro do sinal ORAR ocorreu no dia que nós, os surdos e seus familiares nos reunimos para assarmos carne (churrasco) na aldeia Asanuééj. Logo após a churrasqueira ser acesa, o tempo começou a fechar, dando indício de chuva. Guma apontou para o céu e fez a sinalização conforme figura 241. Deduzi que fosse algo que intencionasse afastar a chuva e, antes mesmo que eu confirmasse com alguém, deram risadas e falaram que ela estava orando para que não chovesse.

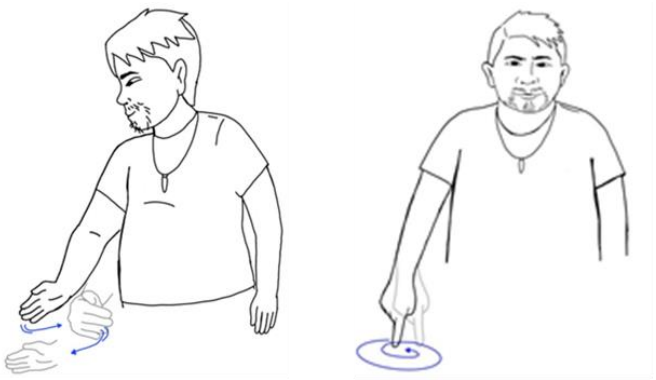
Podemos visualizar que Ivan eleva uma de suas mãos lateralmente estendendo-a com movimento em zigue zague acima do topo da cabeça (em direção ao céu) para configurar o voo de um pássaro. Já Guma, eleva suas duas mãos para cima (em direção ao céu) como movimentos retos que ultrapassam o topo da cabeça para configurar o ato de orar.

Ou seja, ambos elevaram suas mãos ao céu e ultrapassaram o topo de suas cabeças. Assim como os movimentos são diferentes em ambos, o espaço utilizado também é: Ivan direciona seu corpo, sua mão e seu olhar para a lateral e para cima, enquanto Guma utiliza o espaço frontal e direciona suas mãos e olhar para cima. Afirmamos que, tanto nesses exemplos

evidenciados quanto em outras interações, não foi possível perceber neles uma preocupação ou necessidade de limitar esse espaço.

Com relação ao limite até quadril, as sentenças COBRA ENROLAR-PÉS (A cobra enrolou perto dos meus pés) e PESSOA-DO-SEXO-MASCULINO (Pessoa do sexo masculino) evidenciam que essa limitação também não é prioridade.

Figura 242 - COBRA ENROLAR-PÉS (A cobra enrolou perto dos meus pés)



A sentença anterior foi registrada no mesmo momento da sinalização para COBRA. Ao falar sobre o local que havia muitas cobras, ele relatou uma ocasião em que uma cobra veio da mata e estava enrolada perto do seu pé.

Verificamos que Ivan realiza o sinal COBRA seguido da sinalização que se refere a uma cobra enrolada perto de seus pés. Vemos que ele não se abaixou de encontro a seus pés, como também não elevou a sinalização acima do seu quadril, simplesmente sinalizou até o alcance de seu braço em direção ao chão, no espaço real que a cobra ocupou em sua narrativa. A figura posterior apresenta outro exemplo, neste contexto:

Figura 243 - PESSOA-DO-SEXO-MASCULINO (Pessoa do sexo masculino)



Como visualizamos na sinalização de Irene, ela também não se limita até o quadril ao sinalizar PESSOA-DO-SEXO-MASCULINO, para especificar pessoas do sexo masculino, realizando a sinalização no espaço real que situa o órgão reprodutor masculino, demarcado no seu próprio corpo.

Esses quatro sinais analisados são exemplos que na LICLAS o espaço de sinalização é amplo, situado em frente, para cima (acima do topo da cabeça), para baixo (abaixo do quadril) e para as laterais, do corpo do sinalizante, conforme a sua necessidade. Essa amplitude averiguada surte corroborando com as características apresentadas na Língua de Sinais Kata Kolok e Cena (já mencionadas anteriormente) Zesnha (2006) relata um uso espacial maior na enunciação, que inclui os braços estendidos, assim como da LICLAS.

Destacamos ainda, a coerência e relação com o real, entre os sinais e o espaço em que são sinalizados. Os sinais que fazem referência ao céu (pássaro voando e orar) são realizados no espaço da cabeça para cima enquanto os sinais que se referem a parte do corpo abaixo do quadril e seres terrestres são realizados do quadril abaixo. Portanto, o uso do espaço de sinalização dos indígenas Cinta Larga surdos é ordenado e coerente, em que sinais concordam e combinam no espaço de enunciação, dando sentido ao que se quer transmitir.

7.2 MECANISMO DE APONTAÇÃO PRONOMINAL NA SINTAXE ESPACIAL DAS LINGUAS DE SINAIS

Dentro do espaço de sinalização ocorrem vários mecanismos que se relacionam com a enunciação dando nexo a ela. Dentre eles, destacamos o mecanismo de apontação pronominal, sendo este de relevância dentro da sintaxe espacial.

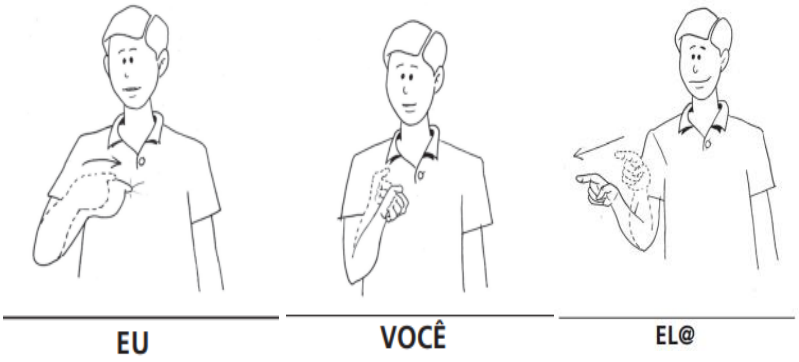
A apontação é um mecanismo amplamente empregado nas LS, e por isso, várias pesquisas já adentraram nesse campo de investigação, dada a multifuncionalidade encontrada nos processos enunciativos, agindo como demonstrativos, pronomes e pronomes possessivos.

Friedman (1975) foi um dos pioneiros na temática sobre a manifestação dos pronomes nas LS. Ao estudar a ASL, o autor concluiu que as referências pronominais são obtidas por meio de configurações de mãos articuladas no espaço de sinalização. Pizzio *et al.* (2009, n.p.) ressalta que:

> [...] este sistema ocorre da mesma maneira (pelo menos nas formas do singular) nas línguas de sinais, fato que pode indicar uma característica universal das línguas de sinais.
>
> A forma do sinal utilizado com função de pronome pessoal é realizada pelo dedo indicador (um index) diretamente apontado para um ponto no espaço.

Conseguinte, a figura a seguir mostra os pronomes singulares na Libras.

Figura 244 - Pronomes singulares em Libras



Fonte: Felipe (2006, p. 90).

Observemos que ocorre uma mudança na direção da face nos pronomes na figura anterior. Almeida-Silva (2019) explora essa mudança afirmando que se trata de um mecanismo de marcação no espaço entre as pessoas pronominais. Assim como na ASL (Friedman, 1975) como na Libras (Pizzio et al, 2009) existem duas formas pronominais no momento de enunciação: a usada com referente presente e a usada com referente ausente.

A formas pronominais com referente presente ocorre por apontamento seguindo a posição real que se encontram o/os referente(s). Segundo Pizzio *et al*. (2009, n.p.) esses "são obrigatoriamente situados no espaço de conversação por estarem presentes", conforme ilustrado na figura posterior:

Figura 245 - Forma pronominal com referentes presentes



Fonte: Pizzio et al (2009, n.p.) adaptado de Lillo-Martin & Klima (1990, p.192).

Expomos a seguir como ocorre o uso da apontação no espaço de sinalização para as formas pronominais com referentes presentes em algumas LS não urbanas: LTS, Cena e Caiçara.

Soares (2018) ao analisar a sintaxe espacial da LTS insere um apanhado de características presentes no espaço de sinalização da Libras apontados por Quadros e Karnopp (2004, p. 129), dentre essas: “d) Usar um pronome (a apontação ostensiva) numa localização particular quando a referência for óbvia.” Soares (2018) afirma que essa, como também todas as outras características, também estão presentes na sintaxe da LTS.

Diante disso, apesar de Soares apresentar apenas a imagem da sinalização do pronome singular “EU” (conforme figura a seguir), entendemos que a manifestação dos outros (VOCÊ E ELE/ELA) ocorre conforme na Libras.

Figura 246 - Sinal EU na LTS



Fonte: Soares (2018, p. 87).

Na figura anterior, verificamos que existe uma diferença apenas na configuração de mão (todos os dedos levantados) entre o sinal EU da Libras (apenas o dedo indicador levantado). Contudo, a posição espacial desses sinais são a mesma: A mão é direcionada ao peito do enunciador a orientação da palma é para dentro e a expressão facial é neutra. Entendemos, portanto, que os outros pronomes singulares com referentes presentes possam ter configuração de mãos distinta da Libras, mas o processo de produção no espaço de sinalização será o mesmo, de apontação em direção ao referente presente.

Nas LS Cena e Caiçara, Silva (2018, p. 192) afirma que “a apontação para referenciar as pessoas do discurso em ambas as línguas é percebida só com referente presente e de forma pontual, como, por exemplo, VOCÊ, ELE.” Ou seja, a sinalização é direcionada ao sujeito que se quer referir. A autora faz uma observação sobre os pronomes EU e MEU, afirmando ser comum o sinal MEU da Libras ter o sentido e significar EU nessas duas línguas.

Almeida-Silva e Nevins (2020, p. 1046) relatam que os sinalizantes da LS Cena fazem "uso da apontação ego-alinhada ao peito do sinalizador para identificar a primeira pessoa, e as apontações ego-opostas para a segunda e terceira pessoa do discurso", sendo essa uma estratégia igualmente utilizada pelos sinalizantes da Libras entre outras LS.

No uso pronominal com referentes ausentes, o sinalizante estabelece pontos abstratos para os referentes, sendo que estes devem se manter fixos no local originário durante toda enunciação.

Figura 247 - Forma pronominal com referentes ausentes



Fonte: Quadros (1997, p. 52) adaptado de Lillo-Martin & Klima (1990, p. 193).

Direcionando essa temática para outras LS, propriamente as LS não urbanas, encontramos um processo distinto chamado por Zeshan (2006, p. 45) de referência espacial absoluta.

> A referência espacial absoluta significa que ao invés de selecionar locais arbitrários no espaço para estabelecer referência, por exemplo, à direita ou à esquerda do sinalizante, a localização dos referentes no mundo real determina para onde o sinalizante irá apontar. Para que isso funcione, os sinalizantes precisam sempre saber a localização dos referentes no mundo real (por exemplo, a casa das pessoas de quem os sinalizantes estão falando).

Para exemplificar como funciona a referência espacial absoluta, Zeshan (2006) utiliza a enunciação em que um surdo Kata Kolok relata qual dos dois touros seriam um bom reprodutor. Com o dedo indicador um dos surdos aponta para "um local ligeiramente à esquerda com o braço levantado e quase todo esticado, referindo-se ao primeiro touro e aponta para trás de si mesmo, para referir-se ao segundo touro".

O autor relata que essa não é uma construção típica em uma LS urbana, que nessas línguas, os touros seriam situados um à direita e outro à esquerda do sinalizante, num contraste lógico de oposição. A construção do sinalizante Kata Kolok é justificada pelos apontamentos

dos locais no mundo real em que cada touro vivia na vila, levando em consideração o local onde estavam os sinalizantes, bem como todos tinham um conhecimento prévio de onde os touros viviam. Ou seja, uma construção com referentes ausentes marcada por apontação conforme os locais no mundo real.

Soares (2018, p. 164) afirma que a referência espacial absoluta também está presente na LTS: "foi percebido que os terena (surdos e ouvintes) também possuem essa referência espacial absoluta. Eles sabem onde fica a casa, a escola e a igreja de cada um de seus conhecidos; portanto, não têm dificuldade em apontá-los no espaço de sinalização."

Ao analisar o uso pronominal espacial nas LS Cena e Caiçara, Silva (2021) não utiliza o termo referência espacial absoluta para a manifestação de referentes ausentes nessas duas línguas. Contudo, a autora aponta como ocorre nas duas. Na a LS Cena:

> Na Cena nessa análise preliminar não foi possível identificar o uso do mesmo tipo de apontações (pronominais) para falar sobre referentes ausentes. Nestes casos, quando querem referir-se a pessoas que não estão presentes no contexto de fala, apontam para a localização real mais provável dessa pessoa como, por exemplo, a direção da casa, ou a provável distância que estamos do referente ausente, mas não observamos o uso dos pronomes de segunda e terceira pessoa para referentes ausentes sem que a apontação esteja direcionada para a provável localização real do referente (Silva, 2021, p.193)

Na LS de Caiçara:

> Na Língua de Sinais de Caiçara não foi possível identificar o uso do mesmo tipo de apontações (pronominais) para falar sobre referentes ausentes, ou seja quando querem referir-se a pessoas que não estão presentes no contexto de fala, apontam para a localização real mais provável dessa pessoa como, por exemplo, a direção da casa ou a provável distância que estamos do referente ausente, mas não observamos o uso dos pronomes de segunda e terceira pessoa para referentes ausentes sem que a apontação esteja direcionada para a provável localização real do referente (Silva, 2021, p. 200).

Diante das descrições para referentes ausentes nessas duas línguas, podemos notar que, apesar da autora não denominar como referência espacial absoluta, em ambas as descrições apresentam as mesmas características de referência espacial absoluta encontrada na LS Kata Kolok por Zeshan (2006) e apontada na LTS por Soares (2018). Ainda, Silva (2021, p. 200) reconhece ser uma manifestação diferente da que ocorre nas LS estáveis [36] que "abre um caminho para uma possível diferença tipológica entre LSE e Línguas de Sinais estáveis e assim

[36] Acredito que seja um modo de referenciar as LS que foram minimamente estudadas e/ou reconhecidas.

pode-se lançar luz sobre como os traços pronominais surgem e se desenvolvem nas línguas naturais.”

Para se discutir sobre a sintaxe espacial é importante compreender que vários processos são possíveis, devido a criatividade linguística do sinalizante, a qual permite a recomposição de unidades independentes em novas combinações, valendo-se de várias possibilidades do processo de enunciação. A vista disso, na subseção seguinte explicitaremos como se desenvolve esse processo na LICLAS.

7.2.1 Mecanismo de apontação pronominal na sintaxe espacial na Língua Indígena Cinta Larga de Sinais

A apontação é um recurso recorrente na enunciação dos indígenas Cinta Larga surdos. Dentre os usos, está a apontação pronominal no espaço de sinalização. Examinemos nessa subseção como se desenvolve essas sinalizações e as utilizações da forma pronominal com referente presente e ausente.

Ao realizar a coletada de dados, notamos que os surdos realizam apontação para inserir no espaço de sinalização os sujeitos presentes no momento do discurso dentro da narrativa. As figuras adiante são pronomes no singular da LICLAS para referentes presentes:

Figura 248 - EL@/VOCÊ (Ele(a)/você)

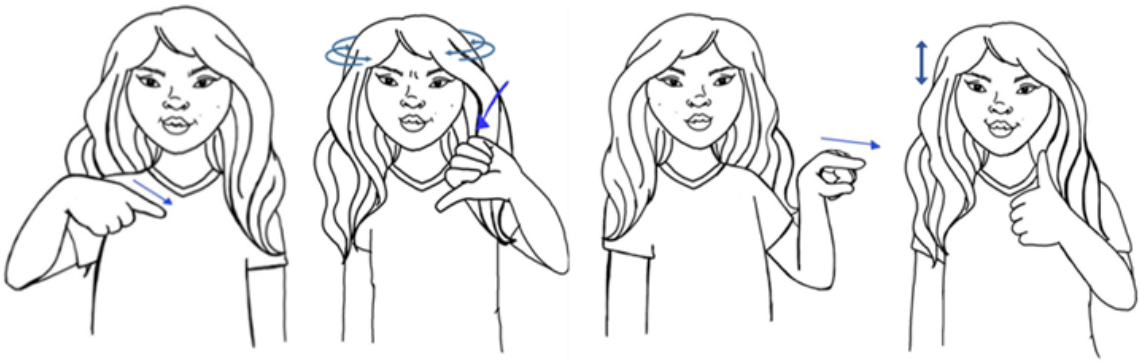


Figura 249 – EU (Eu)



Em ambas as sinalizações, a configuração de mão é realizada com o dedo indicador levantado e os demais abaixados. Analisemos esses sinais dentro de uma sentença, conforme exemplo a seguir:

Figura 250 - EU SABER-NÃO ELA SABER (Eu não sei, ela (apontando para mãe) sabe)

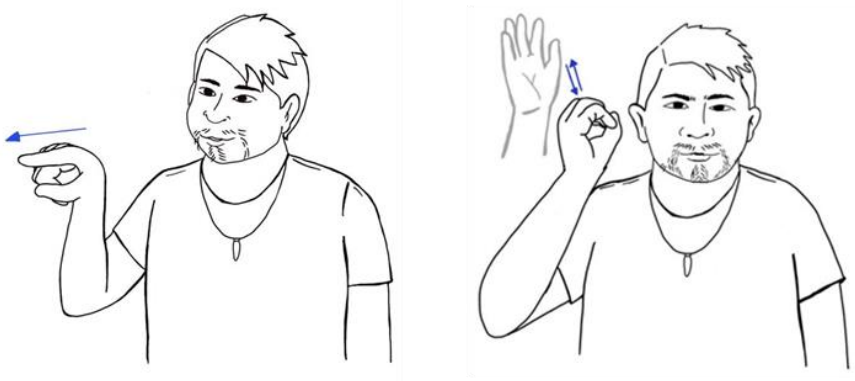


Na sentença anterior, ao direcionar o dedo para o peito, Irene se coloca na enunciação como EU. Quando ela direciona o dedo contra seu peito em direção ao exato local onde sua mãe está, ocorre a inserção do ELA (sua mãe) na enunciação.

A sinalização de apontamento para a mãe é traduzida como sendo o pronome ELA, devido ao contexto da frase. Observemos que a mesma sinalização é realizada por Ivan na figura 248. para se referir, além do EL@, a VOCÊ. Portanto, essa distinção pronominal é identificada apenas pelo contexto, que depende para quem (feminino ou masculino) e a posição (frente, lateral etc.) que o referente ocupa em relação ao enunciador.

Foi percebido que a posição do corpo, direção da apontação e olhar são fatores determinantes para determinar o sujeito a que se refere.

Figura 251 - ELE IR-EMBORA (Ele foi embora (fugir))



Na sentença anterior, eu estava sentada do lado esquerdo de Ivan, do seu lado direito estavam Marcos e seu amigo e, a frente dele, o Vagner. Márcia estava em pé trabalhando próximo a mim. Notemos que nesse diálogo tinha várias pessoas. Para identificar quem estava fugindo, Ivan direcionou o dedo, a cabeça e o olhar para o amigo e retornou para a posição

inicial continuando a enunciação. Esse mecanismo de direcionar ao referente foi essencial para entendermos quem era o sujeito (ELE) de quem ele estava falando.

Quanto à forma pronominal com referentes ausentes essa também acontece, porém esses referentes não são posicionados dentro do espaço de enunciativo de forma pontual e distributiva, conforme nas LS urbanas. Esse processo ocorre por meio da referência espacial absoluta, assim como descrito na LTS, Cena, Caiçara e Kata Kolok.

Assim, igualmente nessas citadas LS, quando os indígenas Cinta Larga surdos querem inserir alguém que não está presente no exato momento enunciativo, eles apontam o local real que a pessoa se encontra ou mora. Para os falantes da LICLAS e conhecedores do ambiente, essa apontação faz sentido e é facialmente identificado o sujeito, não sendo possível para quem não é sinalizante da LICLAS e não conhece a população e o entorno onde vivem.

Um exemplo desse uso, aconteceu quando estávamos na área da casa da Márcia a aguardando para irmos até a aldeia Asanuééj para participarmos da 2 Festa Cultural Indígena Asanuééj. Quando a Márcia falou quanto custava o seu trabalho para cortar o cabelo, Ivan se assustou e apontou em direção a casas no início da aldeia e realizou a sinalização do numeral 10.

Aventei que ele estava dizendo que em algum lugar o corte era mais barato. Mas para entender a informação completa, precisei perguntar para a Márcia sobre a apontação em direção as casas. Ela explicou que Ivan estava dizendo que um senhor que morava na direção apontada por Ivan também trabalha como cabeleireiro e cobra mais barato.

Vemos que pelo contexto do diálogo e a direção da apontação, Márcia foi capaz de entender o enunciado, possibilitado também, por ela ser conhecedora da aldeia e de seus moradores. A apontação realizada no espaço de enunciação foi para inserir o senhor cabeleireiro ausente no momento exato da enunciação.

Diante desses dados, afirmamos que a LICLAS possui um espaço enunciativo dinâmico que possibilita construções idênticas as das LS urbanas, mas que trazem novos mecanismos linguísticos que corroboram para evidenciar as variabilidades das construções linguísticas nas LS não urbanas.

8 MANIFESTAÇÕES DE NÚMEROS E CORES NAS LÍNGUAS DE SINAIS

Tratando-se do registro de sinais e sentenças de uma LIS, ao observarmos os registros apresentados na quinta seção, houve muitos sinais e sentenças que não foram analisados, tornando-se importante destacar como se manifestam alguns desses léxicos.

Dessa forma, essa seção destina-se ao cumprimento do objetivo específico que tem como escopo demonstrar e analisar como os indígenas Cinta Larga surdos manifestam os números e a expressão das cores em seus processos enunciativos. Para isso, embasamos em estudos anteriores sobre essa temática discutidos no contexto das LS.

8.1 MANIFESTAÇÃO DOS NÚMEROS NAS LÍNGUAS DE SINAIS

Existe certa subestimação quanto a categoria gramatical número, a entendendo como um processo simplista e pouco variável. Talvez seja esse um dos motivos pelo qual há carência de estudos nessa temática. No entanto, os linguistas devem se atentar para essa categoria, fomentando a ruptura da ideia de simplicidade e explorando sua variedade de manifestações (Cobertt, 2000).

Desse modo, seguindo a ideia de Leal (2022, p.28) de que "a categoria número manifesta-se a partir de valores e organiza-se a partir de um sistema", apresentaremos a seguir como e onde ocorrem as manifestações desta categoria nas LS, descrevendo as formas e estratégias utilizadas.

Inicialmente, é importante entendermos que a marcação de número não é considerada igualmente em todas as línguas, pois em algumas é tida como "[...] irregular, opcional ou pode ser inferida pelo contexto que se apresenta" (Leal, 2022, p. 33). Ou seja, há muitas variações conceituais, restrições e de diferentes possibilidades de manifestações, visto que, em contraponto, existem línguas que apresentam sistemas complexos e grande quantidade de valores.

Citemos aqui como um exemplo, o fenômeno linguístico denominado por Cobertt (2020) como "número geral", que segundo ele corroborou com a denominação posta como "geral" por Andrzejewski (1960), mas relata haver também outras denominações:

> Vários outros termos foram usados: Jespersen (1924: 198) escreve sobre a falta de "uma forma numérica comum (ou seja, uma forma que desconsidere a distinção entre singular e plural)"; Hayward (1979) introduziu o termo 'referência de unidade', a tradição alemã é usar 'transnumeral', como em

> Biermann (1982). Seguimos Andrzejewski (1960) no uso do termo ‘geral’ (Cobertt, 2020, p. 10, tradução nossa).

Este fenômeno linguístico não está presente em todas as línguas, portanto, nas línguas em que ele ocorre, os valores de números podem apresentar-se aos nomes, sem a necessidade de referenciá-los, como também não apresenta marcação de número (singular/plural) (Leal, 2020).

Entre os exemplos de línguas com número geral, Corbett (2000) evidencia a irrelevância em algumas línguas de representação do número para diferenciar o singular do plural, como na palavra **lúban** (leão) na língua Bayson (Etiópia). Dentro de contextos frasais, observemos os exemplos: **lúban foofe** *Eu assisti a um leão (ou a vários leões)* - leão.geral assistir; **lúban-titi foofe** *Eu assisti a um leão* - leão-sg assistir; **lúban-jaa foofe** *Eu assisti a leões (poucos)* - leão-paucal assistir; **lúban-jool foofe** *Eu assisti a leões (muitos)*- leão-pl assistir. (COBERTT, 2000, p. 31). Dessa maneira, o autor verifica que, quando há necessidade de especificar o singular ou o plural, essa língua faz uso de afixos, como apresentado anteriormente.

O número geral também é um fenômeno presente nas LS. Nesse âmbito, ele ocorre a partir da marcação zero, ou seja, sem modificação na forma do sinal, no entanto, com mudança no significado com base no contexto de uso (Steinbach, 2012).

Importante salientar que a marcação zero é considerada por autores como Carneiro (2020) e Steinbach (2012), como a única expressão da forma singular nas LS identificada até o momento. Todavia, Leal (2022) aponta evidências de que o singular na Libras não é expresso apenas pela marcação zero, podendo se manifestar nos processos sintáticos de justaposição com apontamento, justaposição com verbo descritivo e justaposição com incorporação de referente. Além disso, afirma que a marcação zero também expressa o valor plural na Libras, pois “além da marcação zero estar relacionada ao número geral e ao singular, identificamo-la também relacionada ao valor plural em nossos dados. A marcação zero é considerada um mecanismo de pluralidade presente nas LS.” (LEAL, 2022, p. 69).

A figura subsequente é um dos exemplos citados por Leal (2022), em que afirma ocorrer a fenômeno número geral (marcação zero) no sinal SURD@.

Figura 252 - Frase em Libras “Porque encontrava com surdo(a)(s)”



Fonte: Leal (2022, p. 59).

Segundo a autora, este sinal não apresenta qualquer indício de valor da categoria número que cause mudança na sinalização, ficando a cargo do contexto a determinação do valor se se refere a um surdo(a) ou a mais de um.

Neste sentido, Carneiro (2020), em seus estudos sobre a tipologia da categoria números, o autor inicia essa discussão no capítulo dois, abordando sobre os estudos dessa categoria nas LO, seguido das LS, explorando o que traz a literatura e, posteriormente, pondo em análise dez LS. Sua pesquisa resultou em um material de pesquisa cuja premissa estabelece que a marcação de número ocorre, de maneira geral, por meio dos processos morfológicos que seguem as estratégias de reduplicação e marcação zero, e sintáticos, através da justaposição com numerais, sinais quantificadores e verbos descritivos. Ainda, o autor abrange e afirma outros campos de manifestações dos números:

> Há também sinais que permitem a incorporação de numeral e sinais que expressam um significado coletivo.
> Os pronomes pessoais e os verbos descritivos que designam localização e movimento de entidades, nas línguas de sinais, podem expressar a categoria ‘número’, através da incorporação de numeral. O número também pode estar presente nos verbos de indicação, com o plural de argumento” (Carneiro, 2020, p. 83).

Com base em seu levantamento literário sobre a manifestação da categoria número tanto nas LO quanto das LS, Carneiro (2020) elaborou uma tabela com as estratégias pesquisadas nas dez LS. Segue abaixo a tabela contendo as estratégias sintáticas (em verde escuro), morfológicas (em verde claro), lexicais (em cinza), as LS e os resultados (+ paras as que apresentaram e – para as que não apresentaram) de suas análises.

Tabela 1 - Estratégias para a manifestação do número plural

Línguas de Sinais	IUR	LSM	Libras	ISL	NGT	GDS	ESL	ISL	IPSL	Auslan
Estratégias	Canadá	México	Brasil	Irlanda	Países Baixos	Alemanha	Estônia	Israel	Índ/Paq/Nep	Austrália
Nome + Numeral	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Nome + Quantificador	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Nome + Verbos Descritivos	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Reduplicação c/ deslocamento	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Reduplicação s/ deslocamento	+	-	-	-	+	+	+	+	+	-
Mouthing	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-
Zero	+	+	+		+	+	-		+	+
Léxico	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

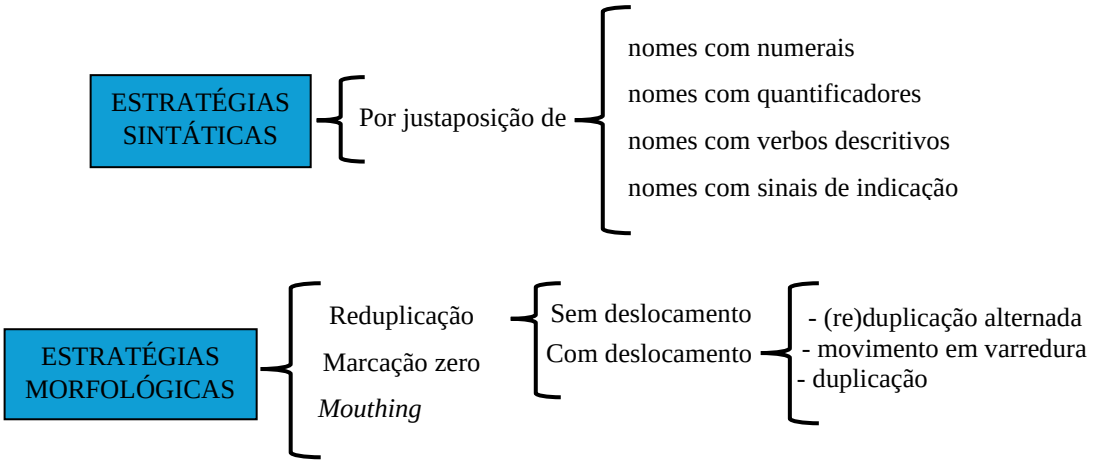
Fonte: Carneiro (2020, p.19).

Notemos que todas as estratégias sintáticas formadas pela justaposição de nomes com numerais, sinais quantificadores e verbos descritivos, estão presentes nas dez LS. Neste campo sintático de análise, o autor faz uma observação de que na estratégia justaposição de nomes com verbos descritivos, por esta envolver no espaço de sinalização a reduplicação da forma (verbal) com deslocamento, a justaposição com sinais de indicação (apontamento), também foi ponderada.

No campo das estratégias morfológicas, são apresentadas a reduplicação com deslocamento em que o autor a desmembra em (re)duplicação alternada, movimento em varredura e duplicação, a reduplicação sem deslocamento, *mouthing* e à marcação zero. Carneiro (2020, p. 119) ressalta que “os verbos de indicação, através da articulação do sinal com movimento em varredura, bem como a reduplicação com deslocamento, também marcam número plural.”

Assim, a fim de orientar e ordenar a análise das manifestações da categoria número nos sinais, seguiremos o quadro apresentado abaixo, no qual foram inseridas as principais estratégias sintáticas e morfológicas segundo Carneiro (2020) e Leal (2022).

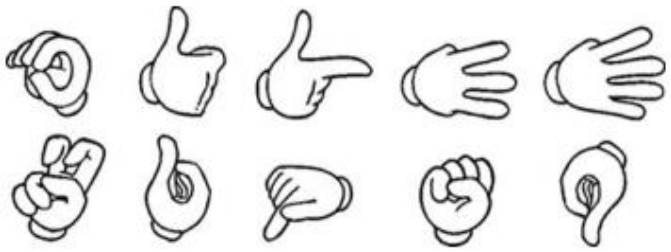
Quadro 31 - Estratégias sintáticas e morfológicas na categoria números



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

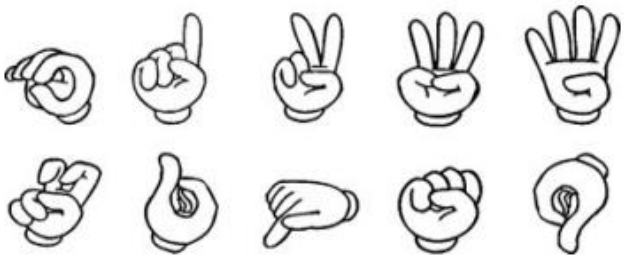
A título de conhecimento, antes de descrever as manifestações numéricas dos indígenas Cinta Larga surdos, torna-se relevante apresentar como são representados os números em algumas LS. Iniciamos pela Libras, devido à abrangência de representações a depender do contexto de uso, apresentaremos as três formas básicas, pois através dessas, outras formas são construídas. As três formas são apresentadas por Silva *et al*. (2007), sendo elas: cardinais, como códigos representativos e para expressar quantidade, e os ordinais.

Figura 253 - Números cardinais representativos em Libras



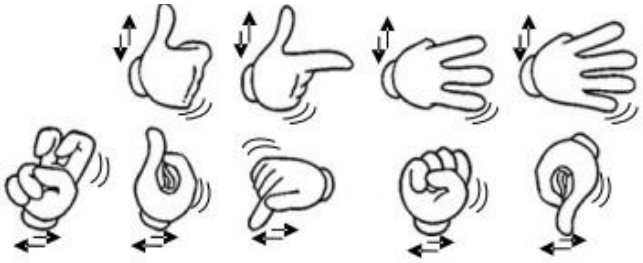
Fonte: Silva *et al*. (2007, p. 41).

Figura 254 - Números cardinais quantitativos em Libras



Fonte: Silva *et al*. (2007, p. 41).

Figura 255 - Números cardinais quantitativos em Libras



Fonte: Silva *et al*. (2007/2008, p. 42).

Observemos que em todas as três formas os números seguem até o 9, a partir desse, são realizadas combinações para se formar o número desejado.

Na Língua de Sinais Pataxó, Damasceno (2017) apresenta o quadro a seguir com as representações numéricas de 1 a 5, destacando que a orientação da palma mão varia em virada para dentro e para fora do corpo.

Figura 256 - Números na Língua de Sinais Pataxó



Fonte: Damasceno (2017, p. 134).

Com relação aos números depois do 5, a autora relata que:

> Os números de 6 a 10, na Língua de Sinais Pataxó, são produzidos com as duas mãos a partir dos sinais demonstrados no quadro comparativo 15 (CINCO + UM, CINCO + DOIS, CINCO + TRÊS...). Ao se representar o número 20, mostram-se as duas mãos abertas com as palmas 'para fora' com dois movimentos para a frente. As duas mãos abertas com palmas 'para fora' se referem ao número 10 (DEZ + DEZ = VINTE). A representação do número 30 passa por processo semelhante, porém é realizada com três movimentos para frente (Damasceno 2017, p. 135).

Sobre as expressões numéricas monetárias, Damasceno (2017) apresenta o quadro posterior:

Quadro 32 - Sinalizações dos valores monetários na Língua de Sinais Pataxó



Fonte: Damasceno (2017, p. 136-138).

A autora defende que as representações numéricas da Língua de Sinais Pataxó são complexas, constituídas de construções que representam valores maiores e menores a partir de um processo metonímico, inclusive a utilização do termo ONÇA para designar a cédula de 50 reais, pois “um dos elementos da nota passa a representar o todo, tornando o item lexical convencionalizado e aceito por todos os membros da família” (Damasceno, 2017, p. 138).

Na LTS, Soares (2018) relata que os terenas usam numerais de 1 a 10, no entanto, apresenta a sinalização de 1 a 3 conforme o quadro a seguir.

Quadro 33 - Números na LTS

QUADRO DE NÚMEROS NA LTS		
		
Número 1	Número 2	Número 3

Fonte: Elaborado pela autora com base em Soares (2018, p. 103-104).

Na LSK[37], Ferreira (1995-2010) registrou que os Ka’apor contam somente até 20, utilizam os dedos das mãos e dos pés para essa contagem.

Apresentado como os números se manifestam em algumas LS, analisemos a seguir como ocorre esse processo da LICLAS.

8.1.1 Manifestação de números na comunicação dos indígenas Cinta Larga surdos

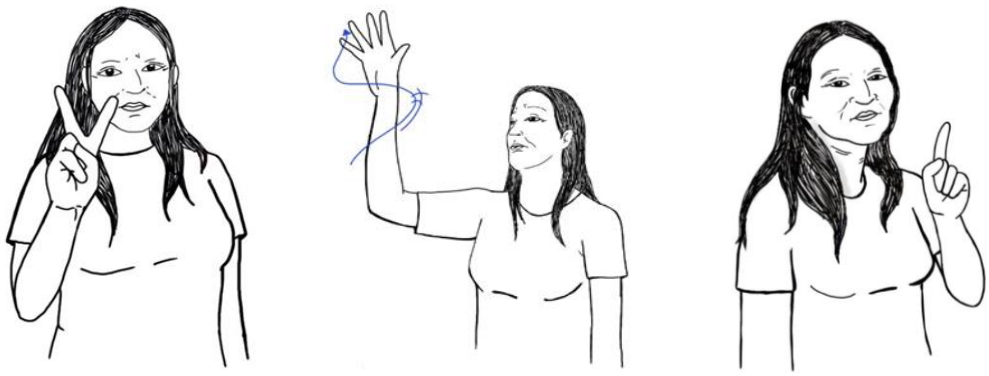
Nesta subseção, apresentamos as análises dos registros das manifestações dos números presentes na comunicação dos indígenas Cinta Larga surdos, a fim de verificar as formas de expressão numéricas identificadas em suas interações comunicativas.

De antemão, relatamos que os registros nos remetem a uma maior predileção pela estratégia sintática de justaposição de nomes com numerais, que segundo Carneiro (2020) se

[37] Em seu texto, Ferreira (1995-2010) denomina a LSK como Língua de Sinais Ka’apor Brasileira – LSKB.

manifesta em todas as LS, cujo conceito é o “uso do nome justaposto de formas que correspondem a números cardinais” (Leal, 2022, p. 54). Consideremos para análises os registros e os contextos a seguir, iniciando pela sentença abaixo:

Figura 257 - DOIS PÁSSARO||VOAR-EMBORA UM (Havia dois pássaros, um voou, foi embora)



A sentença anterior foi sinalizada em uma das visitas à casa da Cibita. Na ocasião, Cibita e Guma estavam na varanda fazendo artesanatos. Avistei um periquito na mureta da varanda, fui próximo a ele para observá-lo e foi nesse momento que ela sinalizou a sentença “DOIS ASA_{CL}||VOAR UM”. Cibita viu a sinalização de Guma e me disse que tinha dois periquitos, mas um havia ido embora.

A representação de pássaro (segunda sinalização da sentença da LICLAS acima) é utilizado simultaneamente com o movimento de voar, que neste contexto, significa “foi embora”, devido principalmente ao movimento e a direcionalidade tanto da mão quanto do olhar da sinalizante.

Temos, abaixo, sinalizações numéricas de 1 a 3 realizada por Irene. Os números 2 e 3 foram sinalizados quando durante uma das estadias em que levei pirulito para distribuir para as crianças da comunidade. Ao avistar as crianças vindo até mim para receber o pirulito, Irene se aproximou, entreguei um a ela, e fez o número 2 e o sinal PIRULITO, entreguei mais um e ela fez apenas o numeral 3. Desse modo, há aqui a sinalização formada pela justaposição de nome com numeral na qual indica o plural.

Figura 258 - DOIS PIRULITO (Dois pirulitos)

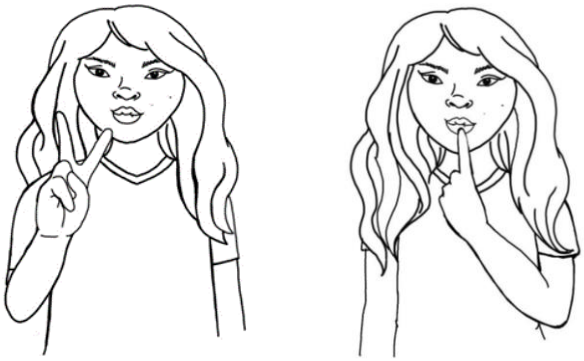


Figura 259 - TRÊS (Numeral 3)



Já o numeral 1 foi registrado em uma noite, quando Irene acompanhada de vários amigos, foram até a casa da Márcia comprar refrigerante. Sinalizou conforme abaixo:

Figura 260 - BEBER^LITRO=REFRIGERANTE-DE-DOIS LITROS UM (Um refrigerante de 2 litros)



Instigada, perguntei para Márcia como ela diferenciava qual refrigerante ela queria, e Márcia disse que era pelo tamanho, que, neste pedido, ela queria o de dois litros, se fosse de latinha, o espaço entre as mãos a sinalização “LITRO” seria reduzido.

Na figura a seguinte, temos o registro do Ivan sinalizando o numeral 2. Estávamos na área da casa da Márcia observando-a pintar o cabelo de uma indígena, quando Vagner apontou para o Ivan e apontou para a indígena, indicando para ele pintar o cabelo também. Ivan respondeu sorrindo que não, que era coisa de homossexual e que estava fora e, em seguida, sinalizou “LÁ (ALDEIA ROOSEVELT) HOMOSSEXUAL DOIS”. Na ocasião, não entendemos onde era esse lugar realizado pelo apontamento, Márcia disse que ele estava se refferindo a aldeia Roosevelt, que naquela comunidade tem dois indígenas homossexuais.

Figura 261 - LÁ (ALDEIA ROOSEVELT) HOMOSSEXUAL DOIS (Lá, na aldeia Roosevelt, tem dois homossexuais)



No mesmo contexto de registro descrito na sentença acima, Vagner perguntou para Márcia quanto custava cortar o cabelo, ela disse cinquenta reais. Vagner se espantou com o valor e fez para o Ivan com uma das mãos com os cinco dedos estendidos e a outra com os dedos fechados formando um zero. Ivan também se assustou e sinalizou conforme a figura 262. Em seguida, apontou para uma casa na aldeia e sinalizou DEZ. Márcia completou dizendo que ele estava apontando para a casa de um morador da aldeia que também é cabeleleiro e cobra dez reais o corte.

Figura 262 - CINQUENTA-REAIS (Cinquenta reais)



Figura 263 - DEZ (Dez reais)



Interressante o numeral 50 não vir acompanhado de nada que indique o segundo digito zero (0). Contudo, veio acompanhado da expressão facial com olhos arregalados e fechamento dos lábios, nos levando a uma possibilidade de que essa expressão seja um fator diferenciador com números que indiquem valor monetário considerado alto. Neste contexto, a sinalização do sinal DINHEIRO foi realizada por Ivan, porém não como algo obrigatório antes dos valores monetários, ficando a cargo do contexto identificar se tratava de valores de reais ou não.

Figura 264 - DINHEIRO (Dinheiro)

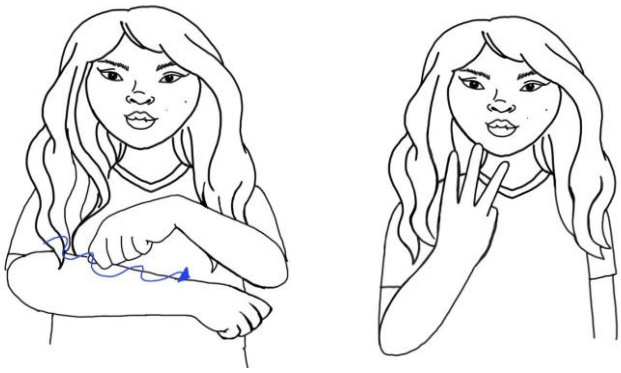


Até o momento, apresentamos os registros das expressões numéricas formadas pela justaposição de nome com numeral, cuja orientação de mão de todos os sinais numéricos está virada para fora do corpo dos sinalizantes. Agora, apresentaremos manifestações cuja orientação das mãos é virada para frente do corpo do sinalizante, a fim de apontar as variações existentes, e que aparentemente, essa alternância no parâmetro Or é irrelevante neste contexto de manifestação numérica da LICLAS.

A sinalização da sentença abaixo foi realizada enquanto estávamos assistindo a apresentação do Dia das Mães. Irene me disse que estudava na terceira sala e, para indicar que

era a terceira sala, ela fez o numeral 3. Percebendo que eu não havia entendido, apontou em direção as salas de aula uma a uma, até chegar na terceira.

Figura 265 - ESTUDAR TRÊS (Estudo na terceira sala)



Apesar do numeral apresentado estar no sentido de um número ordinal e, não cardinal como viemos apresentando até agora, não consideramos que a Or da mão seja um parâmetro que distingue a representação dos números cardinais para os ordinais, pois em outras ocosiões, sem ser no sentido de números ordinais, a mão foi utlizada virada para o corpo do sinalizante.

Em uma visita à casa da Irene, ele viu meu celular e sinalizou, que tinha dois celulares, a mãe complementou dizendo que um era do pai. Vemos que a orientação da mão está virada para frente do corpo dela, com sentido de quantidade/numeral cardinal.

Figura 266 - DOIS CELULAR (Dois celulares)



O número 3 sinalizado com a mão virada para o corpo do sinalizante foi realizado por Ivan ao contar sobre a noite de pescaria, dizendo que três tartarugas cortaram o anzol da linha e foram embora (figura 154).

Figura 267 - TRÊS (Numeral três)



O numeral 4 foi sinalizado por Ivan no mesmo dia do diálogo na varanda da casa da Márcia enquanto ela trabalhava como cabeleireira. Entre as conversas, chegou um colega dele e ele foi contar sobre quando seu colega fugiu da polícia por estar garimpando ilegalmente. No decorrer da história, Ivan sinalizou a sentença: CARRO QUATRO MOTO DOIS HELICÓPTERO (Havia quatro carros, duas motos e um helicóptero). Apesar de ele não inserir nenhum numeral para helicóptero, ficou subentendido que era apenas um.

Figura 268 - CARRO QUATRO (Quatro carros)

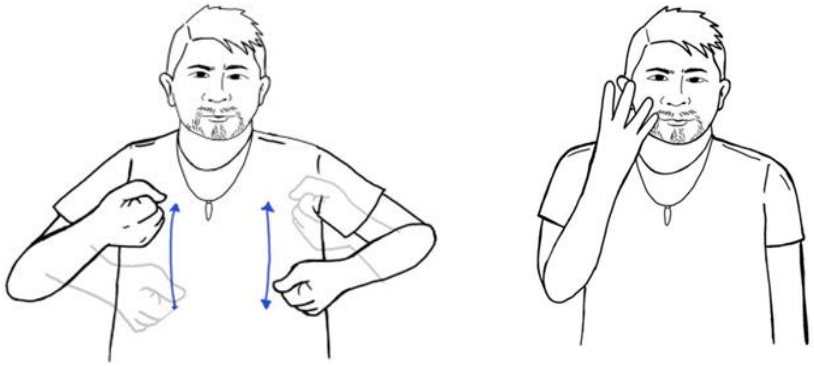
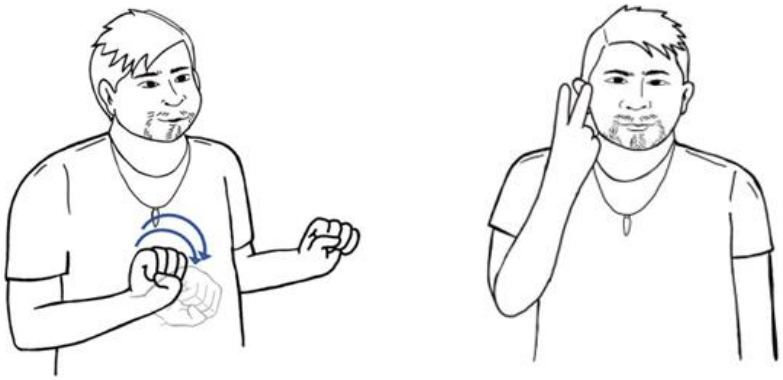


Figura 269 - MOTO DOIS (Duas motos)



Verificamos que as manifestações numéricas apresentadas até aqui se referem a estratégias sintáticas por justaposição de nomes com numerais. Sendo assim, para representar as quantidades (singular ou plural), o número desejado é realizado independente do sinal da coisa/ser que se quer quantificar, porém necessário para especificar a quantidade desejada. Os dois sinais a seguir trazem outras abordagens quanto a tipologia das manifestações em questão.

Figura 270 - VÁRIOS-DIAS CONTINUAR (Por vários dias)



A sinalização acima foi retirada da sentença IR-EMBORA-NÃO VÁRIOS-DIAS CONTINUAR AQUI (Não vai embora, vai ficar aqui por vários dias) apresentada na figura 229, inclusive já contém o contexto de registro (página 298). Destacamos que no primeiro sinal dessa sentença, há evidências de que se trata de uma estratégia sintática por justaposição de nomes quantificadores, pelo fato que os dias são referenciados pela contagem até o número 5 e o sinal que significa prosseguir, continuar. Esse tipo de sinalização não foi registrado em nenhum outro momento, no entanto, não a abordar por esse motivo, seria desprezar uma rica expressão.

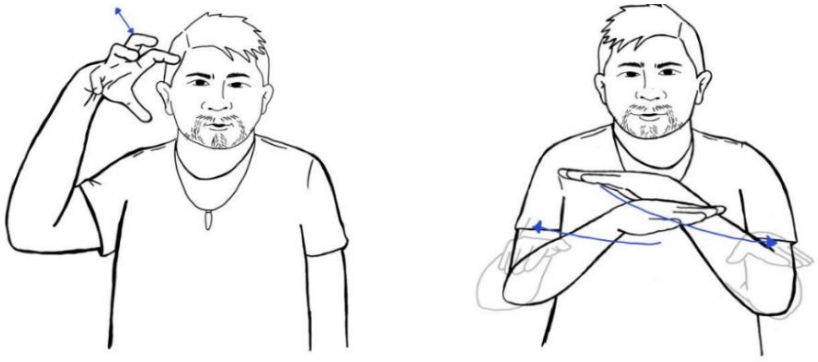
Um outro tipo de manifestação registrada, foi sinalizada por Ivan, conforme figura posterior. Estávamos na comemoração do Dia dos Povos Indígenas, na 2ª Festa Cultural Indígena Asanuééj, e na despedida de Ivan para irmos embora, perguntei para ele se iria embora para sua aldeia. Respondeu-me que iria ficar na aldeia Ponte por 5 meses (até o mês de maio), por conta das fortes chuvas que interditam as estradas, fato esse já nos informado por Márcia e Marcos.

Figura 271 - CINCO-MESES/MÊS-DE-MAIO (Cinco meses/ mês de maio)



Como já sabíamos sobre a estadia dos parentes da aldeia Tenente Marques durante as fortes chuvas, foi fácil entender que Ivan estava se referindo a meses e não a dias, facilitado também pela seguida sinalização:

Figura 272 - CHUVA ACABAR (Acabar o período chuvoso)

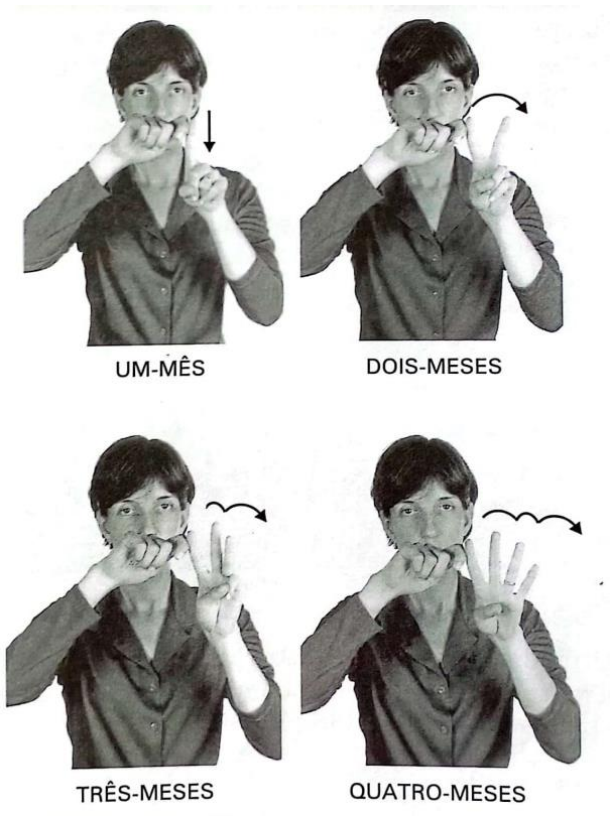


Neste caso, como não podemos afirmar que alguma das mãos é uma sinalização específica para o item lexical mês, não podemos assegurar que se trata de um processo de incorporação do numeral, visto que, Rabelo (2020, p. 70-71) com base em Schuit (2007) nesse processo ocorre:

> [...] uma construção morfológica na qual um elemento lexical, morfema, se adiciona a outro e a construção resultante é uma única palavra. O autor ainda destaca que o fenômeno de incorporação de numeral ocorre em maior quantidade com sinais relacionados a tempo. No processo de incorporação de numeral, a mudança na configuração de mão, de 1 para 2, para 3 para 4 pode mudar a quantidade referente a meses, dias, horas, anos e outros advérbios, porém, se realizados isoladamente, tanto os numerais 1, 2, 3 e 4 quanto os advérbios meses, dias, anos podem perder o sentido.

A figura subsequente demonstra como ocorre a incorporação de numeral nos meses na Libras.

Figura 273 - Sinalização de 1 a 4 meses em Libras



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 107).

Analisemos que, no sinal DOIS-MESES em diante, os sinais apresentam dois morfemas, ou seja, duas partes com significados, em que uma mão significa MÊS e a outra significa o número. Salientamos que, a incorporação ocorre até o número quatro, acima desse, o sinal de mês é realizado separadamente do número. Essa mesma regra é aplicável com as incorporações de número em horas, dias e anos.

Por conseguinte, o que podemos afirmar sobre a sinalização CINCO-MESES/MÊS-DE-MAIO considerando o contexto em que foi sinalizado, é que, mesmo não tendo a confirmação se o sinal mês estaria unido ao numeral 5 e assim formando o sinal para cinco meses ou mês de maio, essa sinalização apresenta algumas características presente nesse processo, pois há numerais na sinalização, e em seu significado no contexto da enunciação, há demarcação adverbial de tempo.

Ainda, conforme ocorre a motivação na formação dos meses na Libras, em que “os meses do ano também apresentam variações regionais. A variação pode ser fonológica,

morfológica e/ou semântica, além de ter motivação icônica em alguns casos" (Quadros *et al.* 2023, p. 407-408), podendo, portanto, esse sinal ter sido formado a partir de uma motivação semântica relacionada ao tempo chuvoso.

Desse modo, apresentamos as formas de manifestação numérica encontradas nos processos comunicativos dos indígenas Cinta Larga surdos, as quais, através de uma análise preliminar com os conceitos advindos dos estudos das LS, podemos identificar e descrever quais conceitos se manifestaram nos sinais e sentenças da LICLAS. Do mais, os dados nos revelam uma variedade de formas, algo comum nas línguas.

8.2 LÉXICO: CORES NAS LÍNGUAS DE SINAIS

Antes de apresentarmos registros de como ocorre a expressão das cores pelos indígenas Cinta Larga surdos, exploraremos os estudos sobre as cores de Ferreira e Siqueira ([1995] 2010), Soares (2018), Silva (2022) e Almeida-Silva e Nevins (2020).

Objetivando comparar as cores entre a Libras e a LSK, Ferreira e Siqueira ([1995] 2010) realizam uma análise conceitual sobre a teoria dos termos básicos das cores descritas por B. Berlin e P. Kay (1969) e Kay (1975). Tais conceitos desses autores têm como base a universalidade dos termos básicos das cores nas línguas orais. Segundo Ferreira e Siqueira ([1995] 2010, p. 160), através do estudo com as noventa e oito línguas, B. Berlin e P. Kay (1969) concluíram que todas possuem os seguintes termos básicos:

> a) os monolexêmicos: os termos não devem conter modificadores, tais como adjetivos e sufixação. Exemplos: vermelho, azul, verde;
> b) aqueles cuja significação não está contida na significação de qualquer outro termo. *Encarnado* e *vermelhão* não são termos básicos, porque são tonalidades de vermelho;
> c) aqueles cuja aplicação não é restrita a uma classe específica de objetos. Não podem ser termos como, por exemplo, *louro*, que só se aplica a pessoas, e *malhado*, que só se aplica a animais;
> d) aqueles que não são apenas usados esporádica e especificamente. Exemplos: termos como *ferrugem* e *ocre* não são básicos por não serem habitualmente usados.

Ferreira e Siqueira ([1995] 2010, p. 161) relatam que, por meio dos dados coletados, Kay (1975) definiu um sistema evolutivo desses termos básicos, afirmando que, apesar das línguas apresentarem variedade quanto ao número desses termos, há uma ordem temporal, conforme o inventário abaixo:

> a) Todas as línguas contêm termos para *branco* e *preto*.
> b) Se a língua contém *três* termos, ela contém um termo para *vermelho*.
> c) Se ela contém *quatro*, conterá certamente um termo *ou* para *verde, ou* para *amarelo*.
> d) Se contém *cinco*, contém termos para *verde* e *amarelo*.
> e) Se contém *seis*, contém um termo para *azul*.
> f) Se contém *sete*, contém um termo para *marrom*.
> g) Se contém *oito ou mais*, conterá termos para *roxo*, *rosa*, *laranja*, *cinza* ou alguma combinação desses.

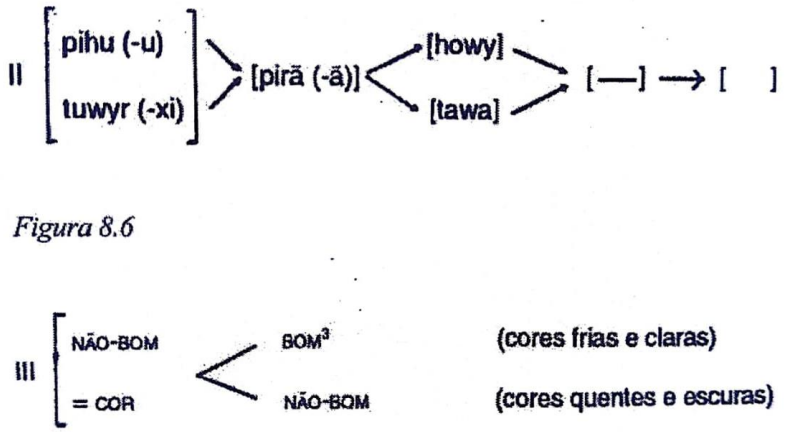
Para obter os dados necessários para contrapor as teorias tidas como universais, sobre as cores citadas anteriormente e a comparação entre a Libras e a LSK, Ferreira e Siqueira ([1995] 2010) realizaram uma coleta de dados com surdos que dominavam a Libras (idade entre 17 e 50 anos) residentes em São Paulo e Recife, e com surdos e ouvintes (crianças e adultos) residentes em variadas aldeias da comunidade Ka'apor, que se comunicavam com surdos por meio da LS. Os dados coletados foram o seguinte: Libras - onze termos, LK (Língua Kaapor) - cinco termos, e LSK – zero termo, os quais iremos explaná-los a seguir.

Nessa análise anterior, foram excluídos os sinais da Libras (São Paulo) AZUL, CINZA e ROXO e da Libras (Recife) BRANCO, PRETO, VERDE, AZUL, MARROM, ROSA, CINZA e ROXO, por serem considerados por Ferreira e Siqueira ([1995] 2010) como empréstimo da LO, devido ao parâmetro CM ser a mesma letra dos termos para cores na LP. Os sinais das cores LARANJA e VERMELHO (São Paulo e Recife) foram exclusos por serem emprestados da Língua de Sinais Francesa - LSF e/ou Língua de Sinais Americana – ASL. Tais exclusão são justificadas por violarem as regras universais para os termos básicos das cores. Desse modo, os sinais nativos para cores na variedade da Libras de Recife foi apenas o AMARELO e na variedade de São Paulo foram o PRETO, VERDE, BRANCO e ROSA (Ferreira; Siqueira, [1995] 2010).

Ainda, as autoras observaram as três dimensões do sistema de cores: saturação, tonalidade e luminosidade e salientaram ser frequente o uso dos modificadores CLARO, ESCURO (luminosidade), FORTE e SUAVE (saturação), junto aos termos básicos para cores, pois cores como o azul turquesa não possui léxico específico, sendo então, utilizado um modificador junto ao termo básico para especificá-la: AZUL + modificador. Tais análises levaram as autoras a afirmação de que a tonalidade e principalmente a luminosidade são a base do sistema de cores da Libras.

Sobre a LK, como já posto, foram encontrados cinco termos, porém as autoras não trazem a tradução deles, apresentando-os no seguinte sistema:

Figura 274 - Sistema dos 5 termos básicos para cores da LK



Fonte: Ferreira e Siqueira ([1995] 2010).

Quanto à LSK, nenhum sinal específico foi encontrado, apenas observou-se os usos dos sinais BOM, quando solicitada a sinalização das cores tais como branco, azul e verde, e NÃO-BOM usado para nomear as cores preto, amarelo, vermelho e marrom. Assim, o uso dos sinais BOM e NÃO-BOM surte como um elemento de separação das cores frias/claras das cores quentes/escuras.

Uma outra evidência apontada por Ferreira e Siqueira ([1995] 2010) é que não existe categorias linguísticas no âmbito das cores na LSK, pelo fato dos mesmos participantes que nomearam as cores na modalidade oral da LK, ao sinalizarem na LSK, não atribuíram sinais específicos a elas. Tal fato indica que na LSK "[...] não existem *categorias linguísticas* no domínio das cores, apesar de existirem *categorias conceituais*, as quais foram explicitadas através dos sinais BOM e NÃO-BOM, cuja existência é legitimada pelo sistema de II, ou seja, pelo sistema de cores Kaapor oral." (Ferreira; Siqueira, [1995] 2010, p. 167).

Contudo, as autoras afirmam que no domínio das cores nas LS, a língua de sinais Holandesa e a de Rennel, na Polinésia, também não apresentam nenhum sinal específico, bem como as que contém, apresentam um pequeno número de sinais nativos, pois geralmente são empréstimos das LO.

Por fim, Ferreira e Siqueira ([1995] 2010, p. 168), sem dar por concluída ou definitiva sobre a temática em questão, descreveram que o sistema de cores da Libras (de São Paulo e Recife) e LSK, não se apresentaram consistentes, pois possuem restrições quanto a ordem

universal do domínio das cores, bem como salientaram não ser essa uma prioridade nas LS, visto que essa modalidade de língua "[...] tendem a explorarem muito mais a *forma*, *tamanho* e o *movimento*, na descrição dos seres e eventos, do que as cores. As descrições realizadas pelos participantes surdos mostraram que as cores só aparecem como característica secundária."

Em Silva (2022), são apresentadas as ideias primárias descritas por Ferreira e Siqueira ([1995] 2010) [38]com o diferencial de registrar e analisar o léxico COR tanto na LK quanto na LSK. O autor afirma que há um sinal para o conceito genérico de COR, com também surge reafirmando que não há sinais de cores específicas. Segue abaixo a imagem do sinal registrado por Silva e uma tabela contendo a análise descritiva desse registro.

Figura 275 - Sinal COR na LSK



Fonte: Silva (2022, p. 4).

Figura 276 - Gesto COR NO DENTE na LSK



Fonte: Silva (2022, p. 4).

Segundo o autor, os dois registros acima trata-se do emblema cor, caracterizado como um gesto emblemático por ser "[...] um tipo de gesto convencional, com significado estável como uma palavra ou uma expressão idiomática." (Silva, 2022, p. 4). Ainda, ele o denomina como "gesto-sinal", pelo fato desse morfe estar presente tanto na fala como na sinalização do povo ka'apor, haja visto que quase não há diferença entre a gesticulação e a LS na comunicação desse povo.

A tabela[39] 2 mostra os aspectos envolvidos nessa sinalização, evidenciando a variedade da dimensão gestual a depender da cor do que se quer especificar ou referir-se.

[38] Em seu texto, o autor pondera que esses estudos se deram em 1985 e foi republicado em Ferreira ([1995] 2010). Salientamos que a reimpressão de 2010 consta Siqueira como coautora do capítulo "TERMO BÁSICO PARA AS CORES EM LÍNGUAS DE SINAIS" em Ferreira ([1995] 2010).

[39] Entendemos se tratar de um quadro por não conter dados numéricos, porém, mantivemos o termo tabela, conforme designado por Silva (2022).

Tabela 2 - Análise descritiva do sinal COR na LSK

Tabela 1. Análise do gesto-sinal COR

aspectos articulatórios	dimensão gestual (significante)	imagética (significado)
O que age (articulador ativo)	dedo indicador selecionado e totalmente estendido	representa o próprio dedo na função de pincel
Qual ação (modo de articulação)	esfregada linear	emulando o ato de espalhar a tinta
Onde age (articulador passivo):	dedo indicador da segunda mão (locação padrão)	suporte não especificado
	braço inteiro	corpo inteiro
	outra parte do corpo	a parte do corpo identificada por toque

Fonte: Silva (2022, p. 4).

Assim, Silva (2022) registra e analisa o sinal para o sinal COR na LSK, e afirma que atrelado e este sinal, é recorrente a ação dos sinalizastes em buscar a cor que se quer apresentar, realizando apontamentos para coisas físicas (seja no ambiente, parte do próprio corpo, entre outras) que represente a sua imagem mental da cor específica que deseja, sendo essa a única estratégia utilizada registrada, chegando à ideia final de que "[...] embora a designação de cores específicas esteja ausente na língua de sinais Ka'apor e na lista de categorias elementares da linguagem, a reflexão sobre o cromatismo não está ausente no pensamento mítico do povo Ka'apor [...]."(Silva, 2022, p. 22).

As cores também foram estudas por Soares (2018) que, em uma análise comparativa do léxico da Libras com a LTS, realizou uma descrição de como ocorre a designação das cores na LTS, apresentando o registro dos sinais MARROM e BRANCO a seguir:

Figura 277 - Sinal da cor MARROM na LTS



Fonte: Soares (2018, p. 106).

Figura 278 - Sinal da cor BRANCA na LTS



Fonte: Soares (2018, p. 105).

Apesar de exibir apenas essas duas cores, é indicado em seu texto que foi realizado a amostragem de outras cores para os indígenas surdos terena, porém, elas não foram especificadas. A autora utilizou esses dois exemplos anteriores para demostrar como ocorre a sinalização das cores, descrevendo o processo como: “eles procuram qualquer objeto no ambiente em que estão que tenha a cor que procuram, e ao encontrá-la apontam para ela [...]” (Soares, 2018, p. 105).

Conseguinte, utilizando como exemplo os estudos de Ferreira e Siqueira ([1995] 2010), Soares (2018) relata que, assim como foi registrado como os indígenas Ka’apor, os indígenas surdos terena ao descreverem uma cena, as cores inserem-se num parâmetro secundário, pois existe uma preocupação maior com a forma, tamanho e movimento das pessoas, animais ou eventos.

Apesar de Soares (2018) tratar a sinalização da cor BRANCA e MARROM como sinais na LTS, ela relata não haver sinais específicos para as cores nessa língua, destacando que isso pode soar estranho, porém é um dado que também ocorre em outras LS, exemplificando com a LSK.

Almeida-Silva e Nevins (2020) afirmam que na LS Cena não há sinais específicos dos termos básicos das cores. Contudo, sem apresentar a forma ilustrada, relatam que há a sinalização para pele BRANCA e NEGRA. Segundos os autores, nessa língua o sinal PELE é utilizado como um mecanismo para ativar o campo semântico das cores na seguinte sequência: sinal PELE seguido da apontação para algum objeto da cor que se deseja especificar.

8.2.1 A expressão das cores pelos indígenas Cinta Larga surdos

Entendendo que o campo lexical das cores é uma temática abordada pelos estudos linguísticos como um universal linguístico seguindo a premissa de que todas as línguas possuem sinais específicos para as cores, analisaremos o registro das expressões das cores preta e amarela sinalizadas pelos indígenas Cinta Larga surdos, bem como seu contexto e como foi realizado esse processo.

No entanto, como já explorado na literatura sobre as LS, há o que se debater sobre essa universalidade no âmbito da modalidade das línguas visuais-espaciais, pois os estudos descritivos das LIS evidenciam uma característica diferente na representação das cores. Exibimos o contexto dos registros das cores preta e amarela, em seguida a análise desses processos na LICLAS.

A sinalização da cor preta foi realizada no dia da pescaria no rio Eugênio. Era uma tarde e estávamos sentados conversando. Ivan estava de cócoras, sinalizando sobre sua vida, e o Marcos nos ajudando na interpretação de sinais que não conseguíamos entender.

Nesta interação, Ivan relatou sobre quando trabalhava no garimpo e sinalizou o sinal OURO. Entendemos esse sinal se referir a ouro, pois Ivan realizou a ação de peneirar e pegar o ouro dentro dessa peneira e pela posterior interpretação realizada por Marcos. Em seguida, sinalizou novamente o sinal OURO, e apontou para um chapéu **preto** que estava em cima do banco ao lado dele, fez o sinal MUITO e apontou na direção da estrada. Naquele momento, não entendi o que ele quis dizer e perguntei para o Marcos que explicou ser o sinal para pedra cassiterita, pois ela é preta.

O registro da sinalização da expressão da cor **amarela** foi realizado na festa de comemoração do Dia das Mães. Enquanto assistíamos as apresentações, Irene e eu interagíamos. Nessa ocasião, ela estava me mostrando os amigos, e como eram compostas suas famílias.

Irene apontou para a frente, mais distante, e eu não consegui entender a quem estava se referindo, pois havia muita gente no local. Após ter repetido o apontamento por mais duas vezes, sem conseguir fazer que eu identificasse a quem se referia, ela novamente apontou para frente e na sequência, para o acento amarelo da cadeira que estava sentada. Foi neste momento que consegui identificar que ela estava se referindo a um menino de aproximadamente dez anos que estava vestindo uma camiseta amarela. Na busca de confirmação, apontei para o acento da cadeira, peguei na minha blusa e apontei em direção a ele, e Irene confirmou balançando positivamente a cabeça.

Esses dados nos apontam para a ideia de que assim como os indígenas Ka'apor surdos e os Terenas, os Cinta Larga também não possuem sinais específicos para as cores. Em ambos os casos notamos que ocorre a busca por algum elemento que seja a cor que se deseja referenciar e realizando o apontamento para ele.

No primeiro caso, o apontamento para o chapéu de cor preta, é um fator distintivo entre o ouro e a cassiterita, visto que, ambos possuem o mesmo sinal, sendo o sinal CASSITERITA acrescido da referência da cor, na qual é buscada e apontada. No segundo caso, cor amarela, também houve a busca por um elemento na cor que se desejava, no entanto, esse apontamento serviu para selecionar um ser específico dentro de uma narrativa.

Também é interessante relatar que, durante todas as interações com os indígenas Cinta Larga surdos, apenas nesses dois momentos eles sentiram necessidade de especificar alguma

cor. Essa observação é um indício de que assim como nas outras LIS já mencionadas, as cores são elementos secundários em suas enunciações.

Nota-se que, independentemente da intenção e motivação em delimitar uma cor específica, a busca de algum elemento da cor desejada seguido do apontamento foi a estratégia utilizada pelos indígenas Cinta Larga surdos. Diante desses registros, no qual também apresentam as características de expressão das cores na LSK e LTS, caberia um estudo específico a fim de delimitar se essa forma de representação das cores se trata de uma especificidade das LIS, excluindo a ideia de carência de vocábulo.

9 PARA FINS DE FECHAMENTO E OUTROS RECOMEÇOS

Presumimos que você, leitor, tenha chegado a esta seção com o conhecimento de que muitos foram os envolvidos no percurso desta pesquisa, desde comunidades indígenas a órgãos e instituições de estudos: um trajeto iniciado durante uma confraternização em um churrasco entre amigos e familiares, que culminou em diálogos sobre os indígenas surdos residentes em aldeias do povo indígena Cinta Larga.

Seguindo a premissa de que se há indígena surdo, há uma comunicação que não seja de modalidade oral, bem como a confirmação por Marcos e Márcia de que acontecia uma comunicação através de "gestos", a pesquisa foi iniciada objetivando identificar, registrar e realizar uma análise linguística descritiva preliminar da comunicação utilizada pelos surdos pertencentes a etnia Cinta Larga, residentes no Parque Indígena (PI) Aripuanã, no território de Vilhena, Rondônia e Juína, Mato Grosso.

Em consonância com os preceitos ético exigidos pelo CEP e CONEP, esta pesquisa de cunho etnográfico apresentou uma metodologia com vários métodos de coletas de dados, mostrando-se preocupada em registrar os sinais e sentenças da LICLAS dentro de um contexto natural, rotineiro e de uso.

Na quinta seção, exibimos nove quadros compostos de sinais e sentenças da LICLAS. Juntamente nesta mesma seção, apresentamos uma análise tendo como base teórica os parâmetros fonológicos das LS, resultando na comprovação da existência desses parâmetros na LICLAS. Foi possível identificar algumas CM, L, tipos de M e Or, e algumas ENM.

Destacamos três pontos importantes a destacar dentre as análises da quinta seção: há evidencias que as ENM são utilizadas da LICLAS, porém, com mais sutileza se comparada a outras LS, podendo isso, ser uma característica das LIS; as locações não se restringem a pontos que vão do troco ao topo da cabeça e; identificamos oito sinais que são pares mínimos (PIRULITO e ANZOL, BOMBOM e REGISTRO-DE-IDENTIDADE, ESTRADA RUIM e COBRA), sendo que essa última evidência contribui fortemente para a confirmação da LICLAS como uma genuína LS.

No segundo objetivo específico, sobre o nível morfológico (sexta seção) destacamos: a comprovamos a presença do processo de composição na formação dos sinais da LICLAS ao analisarmos os sinais PROFESSOR, COMER e COBRA SUCURI; os classificadores como formadores de sinais ao identificarmos a CM de número 01 (conforme o quadro de CM da LICLAS) juntamente com o antebraço, como sendo um CL semântico utilizado na formação dos sinais da LICLAS COCO-DE-TUCUMÃ, COCO-VERDE, DESCASCAR-CARÁ e

DESCASCAR-MANDIOCA e CORTAR-CABEÇA, representando objetos cortantes e nas sentenças MOTO||IR-EMBORA e CAMINHÃO-BATER-TOMBAR representando veículos; a identificação dos CL instrumentais nas sentenças OMBROS REMAR (CM 24) e PRODUZIR-ARTESANATO (CM 03).

Ainda nas análises da sexta seção, destacamos a identificação do processo de derivação zero no sinal da LICLAS MANDAR-BEIJO, sendo esse mesmo sinal utilizado para o verbo NAMORAR e para o substantivo NAMORAD@. Outro processo morfológico analisado nessa seção foi a incorporação da negação. Para essa análise, apresentamos os sinais da LICLAS que exprimem a negação através do sufixo de negação (SER-NÃO SABER-NÃO, TER-NÃO, ESTOU-FORA), infixo de negação (ALVO-ACERTAR-NÃO, COMER-NÃO, APLICAR-OMBRO-NÃO, IR-EMBORA-NÃO (dois sinais), como uma construção sintática (PINTAR-CABELO NÃO).

A sétima seção destinou-se à demonstração de aspectos da sintaxe das LS. Especificamente, descrevemos sobre o uso do espaço de sinalização nas LS e verificamos que o uso do espaço na LICLAS não aparentou haver restrição, a partir das análises dos sinais e sentenças como PÁSSARO||VOAR, ORAR, COBRA ENROLAR-PÉS e PESSOA-DO-SEXO MASCULINO, pois o espaço de utilizado nas sinalizações se mostrou estendido, até o quando necessário (acima da cabeça, na lateral, abaixo do quadril).

Essa constatação de liberdade quanto ao uso do espaço pode ser uma característica das LIS. Ainda nesse âmbito de análise sintática, analisamos como ocorrem os mecanismos de apontação pronominal dentro do espaço de enunciação. Identificamos que na LICLAS tanto ocorre a forma pronominal para referentes ausentes, por meio da referência espacial absoluta, assim como nas LS LTS, Cena, Caiçara e Kata Kolok, quanto para referentes presentes.

É a oitava seção que contém o atendimento ao último objetivo: demonstrar e analisar a manifestação dos números e a expressão das cores. Sobre os números, foi exibida uma variedade de manifestações numéricas que, ao analisá-las, observamos uma maior predileção pela estratégia sintática de justaposição de nomes com numerais. Sobre as cores, dados apontam para a afirmação de que não há sinais específicos para cores e, quando necessário especificá-las, ocorre a busca e o apontamento a algum elemento que seja a cor que se deseja referenciar.

Por todos os aspectos mencionados, cumprimos com os objetivos estipulados para essa pesquisa, os quais forneceram subsídios, com base na descrição linguística, para afirmar que a comunicação dos indígenas Cinta Larga surdos observados trata-se de uma LIS. Reitero que há muito o que ser descrito a respeito dos registros da LICLAS aqui apresentados, principalmente, aqueles que foram registrados, porém não analisados em algum aspecto linguístico.

A vista disso e de tantos outros registros que poderão ser realizados, dizemos que aqui nesta tese, nada está concluso, apenas iniciado. Que despontem novos estudos e que este sirva não apenas para aumentar o número de pesquisas no âmbito das LIS, mas para o fortalecimento das políticas linguísticas, caminhando para a preservação e consolidação das LIS utilizadas por indígenas surdos de várias etnias.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA-SILVA. A.; NEVINS, A.I. Observações sobre a estrutura linguística da Cena: a língua de sinais emergente da Várzea Queimada (Piauí, Brasil). *Revista Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 23, n. 4, p. 1029-1053, out./dez. 2020.

ANDRADE, S. S. A entrevista narrativa ressignificada nas pesquisas educacionais pós-estruturalistas. *In*: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (org.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

ANDRZEJEWSKI, B. W. The categories of number in noun forms in the Borana dialect of Galla. *Africa: Journal of the International African Institute*, v.30, p. 62-75, 1960.

ARAÚJO, P. J. P.; BENTES, T. Contatos linguísticos e bilinguismo uni e bimodal entre a Libras e a LSV em Roraima. *Letra Magna*, v. 24, n. 23, p. 585-597, 2018.

ARAÚJO, P. J. P.; OLIVEIRA, A. F. de. Línguas de Sinais Emergentes no Brasil: o caso da Língua de Sinais Macuxi. *Revista de Letras Norte@mentos*. Dossiê temático: Línguas Minoritárias no Brasil, Sinop, v. 14, n. 37, p. 224-240, out. 2021.

ARLIEZ, M. L. S. S.; FUSELLIER, I. Collecte des langues des signes des sourds de Soure (Île de Marajó): un parcours méthodologique (2008/2013), les enjeux sociaux et politiques de la non reconnaissance des langues des signes émergentes pratiquées par ces sourds. *MOARA*, v. 1, p. 144 - 160, 2016.

AZEVEDO, M. J. S.. *Mapeamento e contribuições linguísticas do professor surdo aos índios surdos da etnia Sateré-Mawé na microrregião de Parintis*. Manaus: UEA, 2015.

BAKER, C. A. *Microanalysis of the nonmanual componentes of questions in american sign language*. University of California, Berkeley, 1983.

BAKER, M. C. *Incorporation:* a theory of grammatical function changing. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

BARRETOS, E A. *A situação de comunicação dos Akwẽ-Xerente surdos* (Dissertação de mestrado em letras e linguística). Goiânia: Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, 2016.

BARBERÀ, G. A. *The meaning of space in Catalan Sign Language* (LSC): Reference, specificity and structure in signed discourse. Tese (Doutorado) – Universidade Pompeu Fabra, 2012.

BATTISON, R. *Lexical Borrowing in American Sign Language*. Silver Spring: Linstok Press. 1978.

BATTISON, R. Phonological deletionin american sign language. *Sign Language Studies*, v. 5, p.1-19. 1974.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto*: imagem e sam : urn manual prático I; tradução de Pedrinho A. Guareschi.- Petrópolis, RJ : Vozes, 2002.

BELLUGI, U.; KLIMA, E. *Properties of visuospatial language. Paper for International Congress*: Sign Language Research and Application, Conference. Siegmund Prillwitz (ed.) Hamburg. March 23-23, 1990.

BERLIN, B; KAY, P. *Basic colar terms*. Berkeley: University of California Press, 1969.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Artigo 216. Brasília, DF: Senado Federal.

Brasil. Conselho Nacional de Saúde. Resolução CNS nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Diário Oficial da União, nº 12, 13 jun. 2013, p. 59. Seção 2. 6. Brasil.

BRASIL, Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Diário Oficial da União, de 24 /05/2016. Seção 1. p. 44-46.

CÂMARA JUNIOR, J. M. *História da Linguística*. Rio de Janeiro, Vozes, 1973.

CAMPELLO, A. R.; LUCHI, M. Descrições Imagéticas e Classificadores. *In*: QUADROS, R. M. *et al.* (Org.). *A Gramática da Libras*. - Rio de Janeiro: INES, 2023 p. 511; v. 01.

CAPOVILLA, C. *et al*. *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil*: A Libras em suas mãos. – 1. Ed. 2 reimp. v. 1 - Sinais de A a D – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.

CAPOVILLA, C. *et al*. *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil*: A Libras em suas mãos. – 1. Ed. 2 reimp. v. 2 - Sinais de E a O – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.

CAPOVILLA, C. *et al*. *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil*: A Libras em suas mãos. – 1. Ed. 2 reimp. v. 3 - Sinais de L a Z – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.

CAPOZZOLI, U. *Violência na floresta: Cintas-largas, garimpeiros e o Massacre do Paralelo 11*. Cimi-Brasília-DF, 2004. Disponível em: https://terrasindigenas.org.br/noticia/11975. Acesso em 05 de out. 2022.

CARDOZO, I. B. (org.). *Diagnóstico Etnoambiental Participativo, Etnozoneamento e Plano de Gestão em Terras Indígenas*: Terra Indígena Roosevelt, Porto Velho: ECAM, 2016.

CARNEIRO, B. G. *A categoria 'número' e línguas de sinais* [manuscrito]. - 2020. 187 f.: il. Orientador: Prof. Mônica Veloso Borges. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Goiânia. 2020.

COELHO, L. L. *A constituição do sujeito surdo na cultura Guarani-Kaiowá*: os processos próprios de interação e comunicação na família e na escola (Dissertação de mestrado em

educação). Dourados, MS: Universidade Federal da Grande Dourados, 2011. http://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/620.

COLADINE, Luciana. *Sinais Paiter Suruí*: um mapeamento no contexto da comunidade. Guarujá-SP: Científica Digital, 2023.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. (2016). *Resolução nº 510/2016*. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf. Acesso em: 01 de jan. de 2021.

COBERTT, G. G. *Number*. New York: Cambridge University Press, 2000.

COSTA, J. P. B. *A educação do surdo ontem e hoje*: posição sujeito e identidade. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

COSTA, M. G. L. *Mapeamento dos sinais da comunidade surda do povo Paiter Suruí no contexto familiar*. 2017. 190 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) – Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Porto Velho, RO, 2017.

CUXAC, C. La Langue des Signes Française (LSF) - *Les voies de l'iconicité. Faits de Langues*. Ophrys, Paris, 2000.

CHOMSKS, N. *The minimalist program*. Cambridge: The MIT Press, 1995.

CORREIA, M. *Sintaxe da língua de sinais*. – Indaial: UNIASSELVI, 2019. 234 p.; il. ISBN 978-85-515-0259-4 1. Língua brasileira de sinais - Brasil. II. Centro Universitário Leonardo Da Vinci.

CRASBORN, O. Fhonetics. *In*: Pfau, R.; STEINBACH A, M.; WOLL, B. (org.). *Sign Language: Na International Handbook*. Berlin: de Gruyter, 2012. p. 4-20.

CRASBORN, O.; HULST, H. van der; KOOIJ, E. van de. Phonetic and phonological distinctions in sign languages. *Intersign Introduction Chapter (draft)*, January 28, 2000. Disponível em: http://www.sign-lang.uni-hamburg.de/intersign/internal/vdhulst2.pdf. Acesso em: 3 fev. 2023.

CRISTIANO, A. *Urubu-Kaapor*. 2018. Disponível em: https://www.libras.com.br/urubu-kaapor. Acesso em: 01 mar. 2023.

CRUZ NETO, O. O trabalho de campo como descoberta e criação. *In*: MINAYO, M. C. S. (org.). *Pesquisa Social*. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DAL POZ NETO, J. *Dádivas e dívidas na Amazônia*: parentesco, economia e ritual nos Cinta-Larga Campinas, SP, 2004. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

DAL POZ NETO, J. *No país dos Cinta Larga:* Uma etnografia do ritual. 1991. 408 f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1991..

DAMASCENO, L. M. S. *Surdos Pataxó*: inventário das Línguas de Sinais em território etnoeducacional. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

DE CLERCK, G. A. M. Deaf Epistemologies as a critique and alternative to the practice of science: an anthropological perspective. *American Annals of the Deaf*, Volume 154, n. 5, Winter, 2010, p. 435-446.

DEUCHAR, M. *British Sign Language*. London, Boston: Routledge & Kegan Paul, 1984.

DE VOS, C.; PFAU, R. *Sign Language Typology*: The contribution of rural sign languages. Annual Review of Linguistics, 2015.

DUBOIS, J. *et al*. Dicionário de Linguística. São Paulo: Cultrix, 1973.

EDIR CINTA LARGA. *História e formação do homem Cinta Larga: saberes e práticas tradicionais do universo masculino Panderéé*j.Presotti. 2016. 36 f. TCC (Graduação) – Curso de Graduação Licenciatura Intercultural Indígena, Faculdade Intercultural Indígena, Campus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2016. Disponível em: http://portal.unemat.br/media/files/Edir.pdf. Acesso em: 10 out. 2022.

ELER, R. R. S. *Mapeamento de sinais da educação escolar indígena dos surdos Paiter Suruí.* 2017. 130 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) – Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Porto Velho, RO, 2017.

ELER, R. R. S. *Estudo Comparativo entre Sinais da Libras, Asl e da Língua de Sinais dos Indígenas Surdos Paiter Suruí*. Cáceres 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Tese/Doutorado) – Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu (Doutorado) Linguística, Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2023.

FARGETTI, C. M; SOARES, P. A. S. *Sinais terena e grafocentrismo em línguas de sinais* – contribuições teóricas. *Revista Ideação*, v. 18, n.1, p. 105-125, 2016. Disponível em: https://doi.org/10.48075/ri.v18i1.17306.

FELIPE, T. A. Os processos de formação de palavra na libras. *Educação Temática Digital*, Campinas, v.7, n.2, p. 200-217, jun. 2006.

FELIPE, T. A.; MONTEIRO, M. *Libras em Contexto*: Curso Básico - Livro do Professor. ed. 6. Brasília/DF: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC: SEEP, 2007.

FERREIRA-BRITO, L. *Similarities and differences in two Brazilian sign languages. Sign Languages Studies*, v. 42, p. 45-56, 1984.

FERREIRA BRITO, L. *Integração social & educação de surdos.* R.J.: Babel, 1993.

FERREIRA, G. A; NAVES, R. R. Um estudo sobre os verbos manuais da Língua de Sinais Brasileira (LSB). VEREDAS on-line: sintaxe das línguas brasileiras, Juiz de Fora, v.8, 2014.

FERREIRA, L. (1983 [1985]). A comparative study of signs for Time and Space in Sao Paolo and Urubu-Kaapor sign language. *SLR 83: Proceedings of the 3rd International Symposium on Sign Language Research*. pp. 22–26 Silver Spring, MD; Roma: Linstok Press; Istituto di psicologia, CNR.

FERREIRA, I. *Minidicionário Digital da Língua de Sinais Munduruku*. 2021. 86 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Núcleo de Inovação e Tecnologias Aplicadas a Ensino e Extensão, Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior, Belém, 2021.

FERREIRA, L. *Por uma gramática de Língua de Sinais*. - [reimpr.]. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, [1995] 2010.

FERREIRA, L; SIQUEIRA, E. A. S. Termos básicos para cores em línguas dos sinais. *Anais do X Encontro Nacional de Linguística*. Rio de Janeiro, 1985 [1988].

FERREIRA, L; SIQUEIRA, E. S. Termo básico para as cores em Língua de Sinais. *In*: FERREIRA, L. *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, [1995] 2010.

FERREIRA. S. R. de S; FERREIRA, M. de N. de O. *Descrevendo processos de formação de sinais em Libras em uma variedade de Belém do Pará*. Entretextos, Londrina, v. 16, n. 1, p. 67 – 98, jan./jun. 2016. Disponível em: https://docplayer.com.br/51053350-Descrevendo-processos-de-formacao-de-sinais-em-libras-em-uma-variedade-de-belem-do-para.html. Acesso em: 03 de jan. 2022.

FERREIRA-BRITO, L. Uma abordagem fonológica dos sinais na LSCB. *Espaço*: Informativo Técnico-Científico do INES, Rio de Janeiro, v.1, p. 20-43, 1990.

FERREIRA, L.; LANGEVIN, E. Sistema Ferreira Brito-Langevin de Transcrição de Sinais. In: FERREIRA-BRITO, L. Por uma gramática de línguas de sinais. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, [1995] 2010.

FIGUEIREDO SILVA, M. C.; SELL, F. F. S. *Algumas notas sobre os compostos em português brasileiro e em LIBRAS*. PPT apresentado na USP e artigo disponibilizado por e-mail, 2009.

FIGUEIRA, M. P. C. Comunidade surda da fronteira, experiência "compartida". 2016. 103 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, UFSM.

FINAU, R. A.; MAZZUCHETTI, V. A incorporação de numeral em estruturas classificadoras de língua brasileira de sinais. ReVEL, v. 13, n. 24, 2015. [www.revel.inf.br].

FORMIGOSA, E. *Étude de la variation linguistique de la ls au Brésil dans l'enseignement de la Libras*, Paris 8. 2015.

FUSELLIER-SOUZA, I. *Sémiogenèse des langues des signes. Etude de Langues de Signes Emergentes (LSE) pratiquées par des sourds brésiliens*. Linguistique. Université Paris 8 - École Doctorale ”Cognition, Langage, Interaction” (ED 224), 2004. Français. ffNNT : ff. fftel-01701214f .

FRIEDMAN, L. *On the other hand*. New York: Academic, 1977.

FRIEDMAN, L. Space, time, and person reference in American Sing Language. *Language*, v. 51, p. 940-961.

GALLOIS, D. T. *Patrimônio Cultural Imaterial e Povos Indígenas Exemplos no Amapá e norte do Pará*. Iepé, 2006.

GIROLETTI, M. F. P. *Cultura Surda e Educação Escolar Kaingang.* Florianópolis: UFSC, 2008.

GOLDFELD, M. *A criança surda*: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista. 2. ed. São Paulo: Editora Plexus, 2002.

GODOY, G. *Os Ka'apor, os gestos e os sinais* (Tese doutorado em Antropologia Social). Rio de Janeiro: PPGAS, UFRJ, 2020.

GODOY, G. *É o tempo dos gestos nos sinais*. Revista Linguística, v. 16, n. 3, p. 60-102, set./dez., 2020.

GROCE, N. E. *Everyone here spoke sign language*. Harvard University Press, 1985.

GOMES, E. O. *Introdução histórica da língua de sinais kaapos*. Revista: em favor de igualdade racial, Rio Branco – Acre, v. 3 n. 1, p. 33-41, ago/jan 2020.

GONÇALVES, C. A. *Morfologia*. Linguística para o Ensino Superior 1. 1 ed. – São Paulo: Parábola, 2019.

GREGIANINI, L. C. B. *Mapeando os sinais Paiter Suruí no contexto da comunidade.* 2017. 179 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) – Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Porto Velho, RO, 2017.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Censo Demográfico 2010. *O Brasil indígena* - língua falada. Disponível em: https://indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasil-indigena/lingua-falada. Acesso em: 29 set. 2022.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Censo Demográfico 2022. *Indígenas*: Primeiros resultados do universo. Rio de Janeiro, 2023.

INES (Instituto Nacional de Educação dos Surdos). *Alfabeto de Libras e Configuração de Mãos.* (2024). Disponível em: https://www.gov.br/ines/pt-br/central-de-conteudos/publicacoes-1/alfabeto-manual-e-configuracao-de-maos. Acesso em: 04 nov. 2023.

ISA (Instituto Socioambiental). *Cinta Larga*. 2003. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Cinta_larga. Acesso em: 06 nov. 2022.

ISA (Instituto Socioambiental). *Ka'apor*. 2021. Disponível em : https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Ka'apor#:~:text=Ka'apor%20parece%20derivar%20de,seus%20vizinhos%2C%20Ka'apehar. Acesso em: 12 dez. 2022.

ISA (Instituto Socioambiental). *Quem são?* 2023. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Quem_s%C3%A3o#.C3.8Dndios_isolados. Acesso em: 02 set. 2022.

JESUS, J. B.; FARID RAHME, M. M.; FERRARI, A. C. M. Educação intercultural indígena e educação matemática: o percurso de um jovem surdo de etnia Pataxó. *Perspectivas da Educação Matemática*, v. 11, n. 27, 28 fev. 2019.

KAKUMASU, J. Y. Urubu-Kaapor Sign Language. *International Journal of American Linguistics*, v. 34, n. 4, p. 275-281, 1968. https://doi.org/10.1086/465027.

KAY, P. Synchronic variability and diachronic change in basic color terms. *Language and Society*, v. 4, 1975.

KEGL, J.; WILBUR, R. Where does struture stop and style begin? Syntax, morphology and phonology vs. Stylistc variations in American Sign Language. *CLS*, v.12, p. 376-96, 1976.

KEHDI, V. *Formação de palavras em português*. São Paulo: Editora Ática, 2003.

KLIMA, E. S.; BELLUGI, U. *The signs of language*. Harvard University Press, 1979.

LE GUEN, O.; SAFAR, J.; COPPOLA, M. Introduction. *In*: LE GUEN, O.; SAFAR, J.; COPPOLA, M. (orgs.). *Emerging Sign Languages in the Americas*. Berlim: de Gruyter, p. 1-32, 2020.

LE GUEN, Olivier. Emerging Sign Languages of Mesoamerica. *Sign Language Stu*dies, v. 19, n. 3, p. 375-409, 2019.

LEITE, T. A. *et al*. Semântica lexical na Libras: libertando-se da tirania das glosas. *Revista da Abralin*, v. 20, n. 2, p. 1-23, 2021.

LIDDELL, S. K. American Sign Language compound formation processes, lexicalization, and phonological remnants. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 4, n. 4, p. 445-513, 1986.

LIDDELL, S. K. *Grammar, gesture, and meaning in American Sign Language*. Cambridge University Press, 2003.

LIDDELL, S. K; JOHNSON, R. E. American sign language compound formation processes, lexicalization and phonological remnats. *Natural language and Linguistic Theory*, v. 4, p. 445-513,1986.

LIDDELL, S. K. Think and believe: sequentiality in american sign language. *Language*, v.60, p. 372-99, 1984.

LIDDELL, S. K. *Numeral incorporating roots and non-incorporating prefixes in American Sign Language.* Sign language studies, 1997. https://doi.org/10.1353/sls.1996.0008.

LIMA, J. M. S. *A criança indígena surda na cultura Guarani-Kaiowá*: um estudo sobre as formas de comunicação e inclusão na família e na escola (Dissertação de mestrado em educação). Dourados: UFGD. http://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/644, 2013.

LIRA, D. S *et al*. Professor ouvinte no ensino de classificadores da libras em escola bilíngue. *Revista Humanidades e Inovação*, v. 8, n. 37, 2021.

LÜDKE, M.; ANDRÈ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação*: abordagens qualitativas. Rio de Janeiro: E.P.U., 2018.

MANDEL, M. A. *Phonotactis and Morphophonology in American Sign Language*. PhD Dissertation. Berkeley: University of California, 1981.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARENTETTE, P. F. *It's in her hands*: a case study of the emergence of phonology in american sign language. Montreal: McGill University, Department of Psychology, PHD Dissertation, 1995.

MARTINOD, E. *Les LS pratiquées par des sourds isolés de Marajó*. Dissertação (Mestrado) – Université Vincennes Saint Denis- Paris 8, 2013.

MATTOS, C. L. G.; CASTRO, P. A. *Etnografia e educação*: conceitos e usos. Campina Grande, PB: EDUEPB, 2011.

MCCLEARY, L. *et al*. Descrição das línguas sinalizadas: a questão da transcrição dos dados. ALFA: *Revista de Linguística*, v. 54, n.1, p. 265-289, 2010.

MEIER, R. P. *Modalidade e Aquisição da Língua: Estratégias e Restrições na Aprendizagem dos primeiros sinais*. TISLR9, Florianópolis/SC UFSC, 2006.

MINAYO, M. C. S. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. *Pesquisa social*: teoria, método e criatividade. 26. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MIRANDA (MS). Lei Municipal n° 1538, de 04 de Abril de 2023. Emenda Aditiva à Lei nº. 1382 de 12 de Abril de 2017: *Dispõe sobre a Co-Oficialização da Língua Terena no Município de Miranda-Ms e dá outras providências*. Miranda, MS: Diário Oficial, 11 de abril de 2023. Disponível em: http://www.diariooficialms.com.br/media/84426/627---11-04-2023.pdf. Acesso em: 28 ago. 2023.

MUSSATO, M. S. *Surdo terena*: a (in)existência de sujeitos (s)em política(s) linguística(s). Tese apresentada ao Programa de PósGraduação stricto sensu em Letras, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, *Campus* de Três Lagoas – MS, 2022.

NONAKA, A. Sign language the forgotten endangered languages: lessons on the importance of remembering. *Language in society*, v. 33, n. 5, 2004.

NONAKA, A. Language ecological change in Ban Khor, Thailand: an ethnographic case study of village sign language endangerment. *In*: Zeshan, U., de Vos, C. (Eds.), *Sign*

Languages in Village Communities: Anthropological and Linguistic Insights. De Gruyter Mouton and Ishara Press, 2012. p. 277–312.

PAIVA, F. A. *et al*. *Um sistema de transcrição para língua de sinais brasileira*: o caso de um avatar. Revista do Gel, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 12-48, 2016.

PASSERINO, L. M. *et al*. (org.). *Comunicar para incluir*. Porto Alegre: CRBF, 2013.

PEDROSA, J.; LUCENA, R. Fonologia estruturalista. São Paulo: Contexto, 2017.l

PEREIRA, E. L. *Fazendo cena na cidade dos mudos*: Surdez, práticas sociais e uso da língua em uma localidade no Sertão do Piauí. 2013. 416f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, UFSC.

PETTER, M. Linguagem, língua, lingüística. *In*: FIORIN, José Luiz (org.) *Introdução à Lingüística* – Objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2002. p. 11-24.

PIZZIO, A. L. *et al*. *Língua Brasileira de Sinais V*. Licenciatura e Bacharelado em Letras - Libras na Modalidade a Distância Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

PIZZIO, A. L. *et al*. Morfologia da Libras. *In*: A Gramática da Libras/ Ronice Müller de Quadros, Jair Barbosa da Silva, Miriam Royer e Vinícius Rodrigues da Silva (org.). Rio de Janeiro: INES, 2023. p. 511-520.

PIZZIO, A. L. *et al. Língua Brasileira de Sinais III*. Universidade Federal de Santa Catarina Centro de Comunicação e Expressão (CCE) Centro de Educação (CED) Licenciatura em Letras/Libras na Modalidade a Distância. Florianópolis, 2009.

PROMETI, D. *Terminologia da Língua de Sinais Brasileira:* Léxico Visual Bilíngue dos sinais-termo musicais - um estudo contrastivo, 2020. 260 p. Tese (Doutorado - Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, 2020.

PFAU, R. Handwaving and headshaking? On the linguistic structure of sign languages *In*: Les llengües de signes com a llengües minoritàries: perspectives lingüístiques, socials i polítiques (*Actes del seminaridel CUIMPB-CEL2008*) Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, 2010, p. 59- 84.

QUADROS, R. M. *Estudos de línguas de sinais*: uma entrevista com Ronice Müller de Quadros. ReVEL, vol. 10, n. 19, 2012.

QUADROS, R. M.. *Libras*. São Paulo: Parábola, 2019.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. *Língua de sinais brasileira*: estudos linguísticos. ArtMed: Porto Alegre, 2004.

QUADROS, R. M. *Educação de surdos*: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, R. M. *et al.* Variação lexical na Libras no Inventário Nacional da Libras - Surdos de Referência. *In*: QUADROS, R. M. *et al.* (Org.). *A Gramática da Libras*. - Rio de Janeiro: INES, 2023 p. 511; v. 01.

QUADROS, R. M. *et al*. Variação lexical na Libras no Inventário Nacional da Libras - Surdos de Referência. In: QUADROS, R. M. *et al.* (org.). *A Gramática da Libras*. - Rio de Janeiro: INES, 2023 p. 511; v. 01.

QUADROS, R. M. *Educação de surdos*: a aquisição da linguagem. Porto Alegre, 1997.

QUEIROZ, M. I. P. *Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva*. 2. ed. São Paulo. CERVE/FFLCH/USP, 1983.

RABELO, A. H. R. *Libras e o fenômeno da incorporação nos processos de formação de sinais*. 2020. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.

RAMOS, C. R. *Libras*: A Língua de Sinais dos Surdos Brasileiros. Petrópolis - RJ.

RIBEIRO, D. *Diários Índios: os Urubus-Kaapor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RODERO-TAKAHIRA, A. G. *Compostos na Língua de Sinais Brasileira*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do Título de Doutor em Linguística. São Paulo, 2015.

RODERO-TAKAHIRA, A. G.; SCHER, A. P. *Classificando os Compostos da Libras.* Revista Porto das Letras, Vol. 06, 2020. Descrição e Análise Linguística da Língua Brasileira de Sinais.

SACKS, O. *Vendo vozes*: uma viagem ao mundo dos surdos. 4ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SANDLER, W. *Phonological Representation of the Sign*: Linearity in ASL Phonology. Dordrecht: Foris. 1989.

SANDLER, W; LLILLO-MARTIN, D. *Sign language and linguistic universals*. Cambridge: Cambridge University Press. 2006.

SANTOS, A. P. S.; GOES, R. S. de. *Língua brasileira de sinais* – Libras. Indaial: Uniasselvi, 2016.

SANTOS, D. K. R.. *Língua Indígena Pataxó de Sinais*: um enfoque na formação escolar dos indígenas Pataxós surdos. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade. Jequié – Bahia, 2024.

SANTOS, I. M. C. O acesso do surdo ka'apor em sua comunidade indígena à educação: uma discussão de inclusão. *Anais da VII Jornada Internacional de Políticas*. 2015. Disponível em: http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2015/pdfs/eixo13/o-acesso-do-surdo-

ka%E2%80%99apor-em-sua-comunidade-indigena-a-educacao-uma-discussao-de-inclusao.pdf. Acesso em: 17 dez. 2022.

SANTOS, M. R.; VIEIRA, V. C.; FERRAZ, J. A. *Navegantes do Solimões*: a emergência de sinais Omágua-Kambeba à luz da análise de discurso crítica. LIAMES: Línguas Indígenas Americanas, 2022.

SCHUIT, J. *The typological classification of sign language morphology*. Tese (Doutorado) - Master‟s Thesis, Research MA Linguistics, Universiteit van Amsterdam, 2007.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SENGHAS, A. *Language emergence*: Clues from a new Bedouin sign language. Current Biology, v. 15, n. 12, 2005.

SILVA DE MOURA, M. L.; GOMES, J. C. *Mapeamento das Línguas de Sinais Indígenas no Povo Xukuru do Ororubá no Contexto Dos Estudos Surdos*. REPI – Revista Educação, Pesquisa e Inclusão, Boa Vista, v. 1, p. 41-54, 2020.

SILVA, D. S. *Inventário de línguas de sinais emergentes encontradas no Brasil*: o caso da Cena (Jaicós – PI) e da língua de sinais de Caiçara (Várzea Alegre – CE) / Diná Souza da Silva; orientadora, Ronice Muller de Quadros , 2021. 267 p. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-graduação em Linguística, Florianópolis, 2021.

SILVA, D. S.; QUADROS, R. M. Línguas de sinais de comunidades isoladas encontradas no Brasil/Sign languages of isolated communities found in Brazil. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 5, n. 10, p. 22111-22127, 2019.

SILVA, F. *et al*. Caderno Pedagógico I. *Curso de Libras.* IFSC - Câmpus Palhoça Bilíngue. Versão atualizada da primeira publicada em 2007/2008.

SILVA, G. G. e. *Língua de sinais, gestos e os perigos das cores*: o caso ka'apor. LIAMES, Campinas, SP, 2022.

SILVA, L. *Fluência de ouvintes sinalizantes de libras como segunda língua:* foco nos elementos da espacialização. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2018.

SOARES, P. A. *Língua Terena de Sinais*: análise descritiva inicial da língua de sinais usada pelos Terena da Terra Indígena Cachoeirinha. 2018. 213 p. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras-UNESP/Araraquara. Araraquara- SP. 2018.

SOARES, P. A. S.; FARGETT, C. M. *Línguas indígenas de sinais*: pesquisas no Brasil. LIAMES, Campinas, SP, 2022.

SOUSA, L. B.; BARROSO, M. G. T. Pesquisa etnográfica: evolução e contribuição para a enfermagem. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, v. 12, n. 1, p. 150-155, mar., 2008.

STEINBACH, M. Plurality. *In*: PFAU, Roland; STEINBACH, Markus; WOLL, Bencie. (Eds.). *Sign Language.* An International Handbook. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012, p. 112-136.

STOIANOV, D.; NEVINS, A. The phonology of handshape distribution in Maxakalí sign. *In*: LINDSEY, Geoff; NEVINS, Andrew. *Sonic signatures:* Studies dedicated to John Harris. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2017. p. 231-262. https://doi.org/10.1075/lfab.14.c14.

STOKOE, W. C. *et al*. *A Dicionary of American Sign Language on Linguistic Principle*s. Silver Springer: Linstock Press, 1965.

STOKOE, W. C. *Sign language structure*. Silver Spring: Linstok Press, 1960.

STROBEL, K. *História da educação de surdos*. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009. Disponível em: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecifica/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf. Acesso em: 08 nov. 2022.

STROBEL, K. L. *Surdos:* Vestígios Culturais não Registrados na História. 2008, 176 p. Tese (Doutorado em Educação) -Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

STROBEL, K. L; FERNANDES, S. *Aspectos linguísticos da língua brasileira de sinais. Secretaria de Estado de Educação*. Superintendência de educação. Departamento de Educação Especial. – Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

SUMAIO, P. A. *Sinalizando com os Terena*: um estudo do uso da LIBRAS e de sinais nativos por indígenas surdos, 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

SOARES, P. A. S.; FARGETTI, C. M. *Línguas indígenas de sinais*: pesquisas no Brasil. LIAMES, Campinas, SP, 2022.

SUPALLA, T.; NEWPORT, E. How many seats in a chair? The derivation of nouns and verbs im american sign language. In: SIPLE, P. (ed.). *Understending language*, 1978.

TAUB, S. Iconicity and metaphor. *In*: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (Orgs.). *Sign Language:* an International Handbook. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012. p. 388- 412.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais:* a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TEIXEIRA, V. G. A FORMAÇÃO DE COMPOSTOS NA LIBRAS. Semântica e Terminologia. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2014. *Cadernos do CNLF*, vol. XVIII, n. 02 – Lexicografia, Lexicologia.

UNKNOWN. *Blogspot*: Falando com as mãos, 2018. Disponível em: https://michellefreis.blogspot.com/2018/. Acesso em 06 jun. 2023.

VAL, Maria da Graça Costa. *Língua, texto e interação*: caderno do Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005

VAN DER KOOIJ, E; ZWITSERLOOD, I. *Word formation and simultaneous morphology in NGT*. Poster at 'Gebarendag in Nederland' july 1st, 2016.

VELOSO, B. S. *Construções classificadoras e verbo de deslocamento, existência e localização na Língua de Sinais Brasileira*. 2008. Teses (Doutorado)- Instituto de Estudos de Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2008.

VELOSO, É; MAIA FILHO, V. *Aprenda Libras com eficiência e rapidez*. Editora MãoSinais, 10. ed. Curitiba-PR, 2015.

VILHALVA, S. *Índios surdos*: mapeamento das Línguas de Sinais do Mato Grosso do Sul. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2012.

VILHALVA, S. *Mapeamento das línguas de sinais emergentes*: um estudo sobre as comunidades linguísticas Indígenas de Mato Grosso do Sul. Dissertação. Florianópolis, SC, 2009.

WOODWARD, J. C. Jr. *Signs of change: historical variation in american sign of deafness*. Washington: Gallaudet University Press, 1996.

ZESHAN, U. Raízes, folhas e ramos – a tipologia de línguas de sinais. *In*: Questões Teóricas das Pesquisas em Línguas de Sinais. *9º Theoretical Issues in Sign Language Research Conference Florianópolis*, Brasil, dezembro 2006.

APÊNDICE A - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA LIDERANÇA INDÍGENA

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

TERMO DE ANUÊNCIA DA LIDERANÇA INDÍGENA

Prezada Liderança Indígena do Povo Cinta Larga,

Meu nome é Luciana Coladine Bernardo e sou doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL), da Universidade do Estado de Mato Grosso, situada na Av. São João, 563, Cavalhada I, Cáceres, Mato Grosso.

Por meio deste, venho solicitar sua autorização para a realização de uma pesquisa junto ao povo Cinta Larga de Rondônia. Intitulada *Identificação, registro e análise de sinais dos surdos Cinta Larga em Rondônia: princípios para o reconhecimento linguístico*, orientada pelo Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino, docente do PPGL/UNEMAT, nossa pesquisa tem como objetivo geral realizar a identificação, registro e análise dos sinais utilizados pelos indígenas surdos da etnia Cinta Larga residentes na Terra Indígena Roosevelt, de Pimenta Bueno, Rondônia.

Para tanto, os procedimentos metodológicos a serem adotados concentram-se na realização de observações participante do dia a dia dos surdos indígenas que aceitarem participar deste estudo. Assim, a minha presença torna-se necessária no território sob sua responsabilidade, para que eu possa registrar, em forma de vídeo e fotografia, os sinais utilizados pelos surdos, tanto na interação comigo, quanto com a comunidade indígena durante a rotina diária, da forma mais espontânea possível.

Também se faz necessário realizar entrevistas semiestruturadas com os responsáveis/familiares dos surdos, que fornecerão dados que contribuirão para uma análise qualitativa. Essas entrevistas serão marcadas com antecedência a depender da disponibilidade dos envolvidos.

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso
- PRPPG | Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação -

Av. Tancredo Neves – 1095 - Cavalhada
CEP 78.200-000, Cáceres/MT
Tel: (65) 3221 0080 –
E-mail: cep@unemat.br

Apenas a partir da sua autorização, e devida aprovação junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado de Mato Grosso, com atenção ao que rezam as Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, buscarei estabelecer contato com os possíveis participantes, mediante a devida anuência e autorização documentada por eles. Assim, o período em campo está previsto para os meses de maio a setembro de 2022, no máximo.

A divulgação dos dados manterá o sigilo acerca da identidade dos participantes, se assim eles desejarem, e os resultados desta pesquisa serão utilizados para fins científicos, tais como apresentações e publicações, com vistas a colaborar para o aumento dos conhecimentos na área de descrição e documentação de línguas indígenas, mais especificamente, das línguas de sinais indígenas.

Comprometo-me, ao final da pesquisa, em realizar a devolutiva da análise aos participantes, bem como a discutir o resultado com os mesmos, caso seja do interesse destes.

Informo-lhe que esta pesquisa não será financiada por nenhum órgão ou instituição, bem como não haverá nenhum custo aos envolvidos na pesquisa ou a qualquer membro do povo Cinta Larga, sendo todos os gastos totalmente de minha responsabilidade.

A seguir, apresento os riscos presentes para os envolvidos na pesquisa e as respectivas medidas mitigadoras: o risco de desconforto, constrangimento ou alterações de comportamento durante gravações de vídeo e registro fotográfico, terá como medida mitigadora proporcionar um ambiente agradável e respeitoso para as atividades citadas, em que haverá paciência e aceitação da pesquisadora sempre que o participante solicitar não ser mais filmado ou fotografado, bem como um olhar atento ao comportamento dos mesmos para perceber e encerrar as atividades sempre que perceber os iscos listados; quanto ao embaraço ao interagir e sinalizar durante o convívio com a pesquisadora; a medida mitigadora será ter paciência e respeitar o tempo individual para estabelecimento da confiança e afinidade do participante com a pesquisadora; o choque linguístico é um risco que poderá causar estresse ao participante, por não conseguir se fazer entendido pela

pesquisadora, neste caso, temos como medida estabelecer um ambiente dinâmico e natural de diálogo, em que se permita, sem constranger e acolhendo a dificuldade, qualquer forma de comunicação que se faça entender; o risco de quebra de sigilo e anonimato, possui como medida, a entrega de todos os termos de autorização aos participantes, que assinaram somente se sentirem-se confortáveis a serem expostos; para o risco de invasão de privacidade pela possibilidade de interferência na vida e na rotina, a medida é tornar a presença da pesquisadora o mais agradável possível, sem rigidez e cobranças, conseguindo os dados de forma leve e gradual, atendendo e respeitando os limites de espaço e íntimos/pessoais que forem impostos diretamente ou indicados indiretamente; o risco de choque cultural será mitigado pela sensibilidade da pesquisadora em não julgar, se colocando na posição de aprendiz de uma nova cultura, aberta a aprofundar n cultura Cinta Larga; o risco de contaminação pelo vírus COVID-19, será mitigado com medidas de proteção com a utilização de máscara, lavar as mãos com frequência e utilizar álcool em gel 70%, manter distanciamento de pelo menos 1 metro e dar preferência por locais abertos e bem ventilados para realizar as etapas da pesquisa.

Os benefícios são: ao realizar os registro dos sinais utilizados na comunicação, mais adiante, serão socializados com os familiares e toda a comunidade indígena, colaborando para uma melhor comunicação e acessibilidade linguística: proporcionará espaço para que a comunidade indígena possa conhecer e/ou se aprofundar sobre quem são os surdos, adentrando nas suas particularidades e assim vindo a desmistificar preconceitos que possam existir; por a vista a forma de comunicação dos surdos como uma língua, a fim de valorização, impossibilitando a extinção, e inserir e/ou fortalecer a tomada de consciência e confiança nos surdos sobre a sua forma de comunicar.

Na tangente dos estudos científicos, essa pesquisa: colaborará diretamente para a produção científica acerca dos estudos da línguas de sinais indígenas no Estado de Rondônia; fomentará a expansão dos registros e conhecimentos científicos acerca das línguas de sinais indígenas,

seguindo na hipótese da existência de uma língua de sinais indígena; identificará e registrará abordagens iniciais de uma nova língua que servirão de base para posteriores aprofundamentos e possíveis descobertas de novas teorias linguísticas.

De modo mais generalizado, esse trabalho tem um fundo de registro histórico sobre os Cinta Larga, pois dicorrerá sobre aspectos do dia a dia do seu povo, conduzindo esse conhecimento a vários lugares.

Saliento que, a qualquer momento, está autorização poderá ser interrompida, mesmo que sem explicações prévias, bastando apenas comunicar-me de forma verbal ou escrita, sem que isso implique em quaisquer direitos a indenizações ou ressarcimentos, para nenhuma das partes.

Caso concorde em participar, solicito-lhe que assine a autorização a seguir, feita em duas vias, das quais uma será sua.

Grata e atenciosamente por sua colaboração,

Luciana Coladine Bernardo
E-mail: coladinel@gmail.com
Telefone: (69) 99930-2400

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____, como liderança indígena do povo Cinta Larga de Rondônia, estou ciente da pesquisa a ser desenvolvida pela doutoranda Luciana Coladine Bernardo e dos procedimentos de coleta de dados. Não restando quaisquer dúvidas a respeito deste estudo, autorizo-a a entrar em contato com os participantes para obtenção de autorização voluntária de participação na pesquisa. Informo ainda que recebi uma cópia do presente termo de autorização, estando claro para mim que posso retirar a qualquer momento o meu consentimento.

Pimenta Bueno, _____ de _____de 2022.

_____

E-mail: _____ **Telefone:** _____

_____

Assinatura da pesquisadora responsável

APÊNDICE B - TERMO DE TRABALHO VOLUNTÁRIO

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA

TERMO DE SOLICITAÇÃO DE TRABALHO VOLUNTÁRIO

Eu, Luciana Coladine Bernardo, sob o CPF nº 878.643.472-15, RG nº 932727 SESDEC/RO, residente na Rua Mato Grosso, nº 5577, Centro de Ministro Andreazza/RO, como doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), *campus* de Cáceres, por meio deste documento, solicito o trabalho voluntário de tradução simultânea da forma escrita da Língua Portuguesa para a modalidade oral da Língua Cinta Larga dos Termos de Consentimentos Livre Esclarecidos (TCLE), Termo de Assentimento Livre Esclarecido (TALE) e Termos de Autorização para o Uso de Imagem e Som da pesquisa intitulada *Identificação, registro e análise de sinais dos surdos Cinta Larga em Rondônia: princípios para o reconhecimento linguístico*.

Salienta-se que a prestação dos serviços descritos acima não gera vínculo empregatício, nem obrigações de natureza trabalhista, previdenciária ou afim. As traduções ocorrerão no ato da apresentação da pesquisadora aos participantes da pesquisa, quando os convidará para participarem voluntariamente dela. Havendo aceitação, os Termos serão entregues para assinatura. Saliento que os horários e dias destinados a tal atividade ocorrerão conforme sua disponibilidade e que as despesas com transporte, alimentação, ou qualquer outra que surgir em função disso serão custeadas por mim.

Estando em acordo, solicito sua assinatura neste documento, em duas vias, das quais uma será sua.

Ministro Andreazza,_____ de _____de 2022.

_____

Profa. Ma. Luciana Coladine Bernardo

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA

ASSENTIMENTO DO VOLUNTÁRIO

Eu, _____sob o CPF nº_____, RG nº_____, residente em/na_____, filho da liderança indígena João Cinta Larga, como membro atuante do povo Cinta Larga e na condição de falante da língua Cinta Larga, voluntario-me para realização da atividade proposta nesse documento.

_____
Assinatura do voluntário

_____ Rondônia, _____ de _____ de 2022.

APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Meu nome é Luciana Coladine Bernardo e sou doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGL, da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. Minha pesquisa, intitulada *Identificação, registro e análise de sinais dos surdos Cinta Larga em Rondônia: princípios para o reconhecimento linguístico,* orientada pelo Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino, docente do PPGL/UNEMAT, tem como objetivo geral realizar a identificação, registro e análise descritiva dos Sinais Cinta Larga (SCL) utilizados pelos indígenas surdos da etnia Cinta Larga residentes na Terra Indígena (TI) Roosevelt, pertencente a Pimenta Bueno/RO.

Para isso, é necessária a participação de surdos indígenas Cinta Larga, razão pela qual gostaria que você participasse como voluntário. Caso você aceite, conforme combinarmos, observarei o seu dia a dia e as atividades que você realiza em sua comunidade, para que eu conheça os sinais utilizados em sua comunicação. Também teremos momentos de interação entre você e eu, que serão registrados por gravação de vídeos e fotografias, e informo que todos esses dados coletados ficarão armazenados pelo período mínimo de 5 anos.

É importante que você saiba de alguns riscos da realização desta pesquisa, mas, também, o que farei para evitar ou diminuir seus impactos:

1. Desconforto nas gravações de vídeo e fotografias: buscarei proporcionar um ambiente agradável e respeitoso, para que você se sinta confortável. Caso você queira ver as fotografias ou assistir aos vídeos gravados, bastará me solicitar. Se você não quiser ser mais fotografado ou filmado, bastará me dizer, que a atividade com a câmera será encerrada.

2. Vergonha ao interagir e sinalizar: respeitarei o seu tempo para que você possa se sentir à vontade e que possamos interagir tranquilamente e, aos poucos, que consigamos nos comunicar a partir dos seus sinais.

3. Quebra de sigilo e anonimato: como explicado, os vídeos, fotografias e informações fornecidas por você serão utilizadas apenas para esta pesquisa e na divulgação científica dela. Assim, para evitar que você seja identificado, utilizaremos um nome escolhido por você como seu nome fictício. Mas, se você desejar ser identificado na pesquisa, poderemos assinar um termo de concordância, a ser disponibilizado por mim. Também me comprometo a guardar e preservar todo este material sob meus cuidados, em meio seguro, através de mídia, como um CD ou *pendrive*, por exemplo. Assim, ele não ficará armazenado online.

4. Invasão de privacidade: para não atrapalhar sua rotina na comunidade, só conversamos se você puder e quiser.

5. Choque cultural: serei respeitosa com a cultura do povo Cinta Larga.

6. Contaminação por Covid-19 ou outras infecções virais: além de estar com minha vacinação em dia, farei uso de máscara, manterei o distanciamento necessário para sua segurança, lavarei as mãos com frequência e, em todo o tempo, teremos álcool em gel 70% disponível em nossa interação. Também buscaremos interagir em locais abertos e bem ventilados.

Apresentados os risco, bem como as medidas para minimizá-los, informo que, se mesmo assim, houver algum dano a você, decorrente dessa pesquisa, você terá direito a solicitar indenização através das vias judiciais conforme expresso no Código Civil, Lei 10.406 de 2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19.

Apesar destes riscos, você também terá benefícios. Com sua contribuição essa pesquisa realizará o registro dos sinais utilizados na comunicação e, mais adiante, eles serão socializados com os familiares e toda a comunidade indígena. Isso vai ajudar para uma melhor comunicação e que a comunidade indígena possa conhecer você melhor. Assim, poderemos, caso existam, combater preconceitos e exclusão, buscar evitar a extinção de sua língua e fomentar o fortalecimento da comunidade surda Cinta Larga.

Essa pesquisa também irá ajudar outros estudos sobre as línguas de sinais indígenas no Estado de Rondônia, na Amazônia e no Brasil, além de valorizar a história, cultura e memória do Povo Cinta Larga.

Apresentados os riscos e benefícios, afirmamos que, caso venha sofrer algum dano, de qualquer natureza, a pesquisadora responsável se compromete em viabilizar toda assistência e acompanhamento necessários, assegurando seus direitos previstos na Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 17, Inciso V.

É importante que você saiba que tem plena liberdade nas decisões sobre sua participação, sendo assim, mesmo depois de ter assinado esse Termo, você poderá desistir de participar e a qualquer momento retirar seu consentimento, bastando me avisar de forma verbal, escrita ou sinalizada, sem que isso implique quaisquer direitos, indenizações ou ressarcimento para nenhum de nós, ou seja, sem prejuízo algum. Se acontecer algo de errado, você pode me procurar pelo telefone ou e-mail informados abaixo:

Pesquisadora Responsável: Luciana Coladine Bernardo
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL)
Universidade do Estado de Mato Grosso
Telefone: (69) 99930-2400
E-mail: coladinel@gmail.com

Este estudo segue leis e procedimentos éticos da ciência, como a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Estado de Mato Grosso e posteriormente pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), sendo esses dois órgãos responsáveis em analisar e decidir sobre as pesquisas que envolvem seres humanos, garantindo a proteção dos participantes, agindo em prol de uma pesquisa ética, em defesa da integridade e dignidade do participante.

Portanto, para denúncias ou reclamações sobre sua participação, ou questões éticas do estudo, você poderá contatar o CEP da UNEMAT e/ou a CONEP. Por conta da pandemia de Covid-19, você deverá entrar em contato por e-mail para agendar seu atendimento remoto, via web chamada:

Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da UNEMAT
Av. Tancredo Neves, 1095 - Cavalhada
CEP 78.200-000 - Cáceres/MT
Tel.: (65) 3221-0067
E-mail: cep@unemat.br
Horário de atendimento ao público: das 8h às 12h e das 14h às 18h de segunda a sexta-feira.

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP)
Esplanada dos Ministérios, Bloco "G" - Edifício Anexo, Ala "B" - 1º andar - Sala 103B - CEP 70058-900 - Brasília, DF
Tel.: (61) 3315-2150/ 3821
E-mail: cns@saude.gov.br
Horário de atendimento ao público: 08h às 18h de segunda a sexta-feira.
Horário de atendimento ao público de forma *on-line*: 9h às 18h de segunda a sexta-feira.

Se você quiser participar, nos encontraremos em datas a serem marcadas no período de setembro de 2022 a julho de 2023. Assim, se você está de acordo, peço que preencha os dados abaixo, sendo necessário nossa assinatura, e rubrica em todas as páginas das duas vias desse documento, para que uma via fique em sua posse e outra comigo.

Desde já, agradeço sua participação! Seja bem-vindo a nossa pesquisa. Grata e

atenciosamente,

_____

Profa. Ma. Luciana Coladine Bernardo
Assinatura da pesquisadora responsável

CONSENTIMENTO

( ) Declaro que concordo em participar da pesquisa.

( ) Declaro que concordo que minhas imagens ou sons de voz sejam utilizados pela pesquisadora.

( ) Declaro que não concordo que minhas imagens ou sons de voz sejam utilizados pela pesquisadora.

_____ Rondônia, _____ de _____ de 2022.

_____

Assinatura do participante da pesquisa

APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS FAMILIARES DOS SURDOS (ENTREVISTA)

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO PARA OS FAMILIARES OU RESPONSÁVEIS PELOS SURDOS (ENTREVISTA)

Meu nome é Luciana Coladine Bernardo e sou doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGL, da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT. Minha pesquisa, intitulada *Identificação, registro e análise de sinais dos surdos Cinta Larga em Rondônia: princípios para o reconhecimento linguístico,* orientada pelo Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino, docente do PPGL/UNEMAT, tem como objetivo geral realizar o registro e análise descritiva dos Sinais Cinta Larga (SCL) utilizados pelos indígenas surdos da etnia Cinta Larga residentes na Terra Indígena (TI) Roosevelt, pertencente a Pimenta Bueno/RO.

Como eu não conheço o(a) surdo(a), é de muita importância realizar os primeiros contatos com a família ou responsáveis pelo surdo(a), para que eu possa ter informações iniciais sobre eles, como é sua vida e sua forma de comunicação. Desse modo, irei entrevistar você, sendo esse momento gravado em vídeo, para que fique registrado as suas falas e os possíveis sinais que você utiliza nas conversas com o surdo(a) durante o dia a dia, e informo que, todos esses dados coletados ficarão armazenados pelo período mínimo de 5 anos.

Dada a sua importância nesta pesquisa, convido você a participar como voluntário desta pesquisa.

É importante que você saiba de alguns riscos da realização desta pesquisa, mas, também, o que farei para evitar ou diminuir seus impactos:

1. Desconforto na gravação de vídeo: buscarei proporcionar um ambiente agradável e respeitoso, para que você se sinta confortável. Caso você queira ouvir a gravação da entrevista, bastará me solicitar. Se durante a entrevista você não quiser ser mais gravado, somente me dizer, que a gravação será encerrada.

2. Vergonha ao interagir e responder as perguntas: respeitarei o seu tempo para que você possa se sentir à vontade e que possamos interagir tranquilamente e, aos poucos, que consigamos nos comunicar com mais confiança.

3. Quebra de sigilo e anonimato: as informações fornecidas por você serão utilizadas apenas para esta pesquisa e na divulgação científica dela. Assim, para evitar que você seja

identificado, utilizaremos um nome escolhido por você como seu nome fictício. Mas, se você desejar ser identificado na pesquisa, poderemos assinar um termo de concordância, a ser disponibilizado por mim. Também me comprometo a guardar e preservar todo este material sob meus cuidados, em meio seguro, através de mídia, como um CD ou *pendrive*, por exemplo. Assim, ele não ficará armazenado online.

4. Invasão de privacidade: para não atrapalhar sua rotina na comunidade, só conversamos se você puder e quiser, podendo não responder ou falar sobre algum assunto que seja constrangedor para você.

5. Choque cultural: serei respeitosa com a cultura do povo Cinta Larga.

6. Contaminação por Covid-19 ou outras infecções virais: além de estar com minha vacinação em dia, farei uso de máscara, manterei o distanciamento necessário para sua segurança, lavarei as mãos com frequência e, em todo o tempo, teremos álcool em gel 70% disponível em nossa interação. Também buscaremos interagir em locais abertos e bem ventilados.

Apresentados os risco, bem como as medidas para minimizá-los, informo que, se mesmo assim, houver algum dano a você, decorrente dessa pesquisa, você terá direito a solicitar indenização através das vias judiciais conforme expresso no Código Civil, Lei 10.406 de 2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19.

Apesar destes riscos, você também terá benefícios. Com sua contribuição essa pesquisa realizará o registro dos sinais utilizados na comunicação e, mais adiante, eles serão socializados com os demais familiares e toda a comunidade indígena. Isso vai ajudar para uma melhor comunicação e que a comunidade indígena possa conhecer melhor os surdos. Assim, poderemos, caso existam, combater preconceitos e exclusão, buscar evitar a extinção de sua língua e fomentar o fortalecimento da comunidade surda Cinta Larga.

Essa pesquisa também irá ajudar outros estudos sobre as línguas de sinais indígenas no Estado de Rondônia, na Amazônia e no Brasil, além de valorizar a história, cultura e memória do Povo Cinta Larga.

Apresentado os riscos e benefícios, afirmamos que, caso venha sofrer algum dano de qualquer natureza, a pesquisadora responsável se compromete em viabilizar toda assistência necessária, assegurando seus direitos previstos na Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 17, Inciso V.

É importante que você saiba que tem plena liberdade nas decisões sobre sua participação, sendo assim, mesmo depois de ter assinado esse Termo, você poderá desistir de participar e a qualquer momento retirar seu consentimento, bastando me avisar de forma verbal ou escrita, sem que isso implique quaisquer direitos, indenizações ou ressarcimento para nenhum de nós, ou seja, sem prejuízo algum. Se acontecer algo de errado, você poderá me procurar pelo telefone ou e-mail informados abaixo:

Pesquisadora Responsável: Luciana Coladine Bernardo
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL)
Universidade do Estado de Mato Grosso
Telefone: (69) 99930-2400
E-mail: coladinel@gmail.com

Este estudo segue leis e procedimentos éticos da ciência, como a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Estado de Mato Grosso e posteriormente pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), sendo esses dois órgãos responsáveis em analisar e decidir sobre as pesquisas que envolvem seres humanos, garantindo a proteção dos participantes, agindo em prol de uma pesquisa ética, em defesa da integridade e dignidade do participante.

Portanto, para denúncias ou reclamações sobre sua participação, ou questões éticas do estudo, você poderá contatar o CEP da UNEMAT e/ou a CONEP. Por conta da pandemia de Covid-19, você deverá entrar em contato por e-mail para agendar seu atendimento remoto, via web chamada:

Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da UNEMAT
Av. Tancredo Neves, 1095 - Cavalhada
CEP 78.200-000 - Cáceres/MT
Tel.: (65) 3221-0067
E-mail: cep@unemat.br
Horário de atendimento ao público: das 8h às 12h e das 14h às 18h de segunda a sexta-feira.

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP)
Esplanada dos Ministérios, Bloco "G" - Edifício Anexo, Ala "B" - 1º andar - Sala 103B - CEP 70058-900 - Brasília, DF
Tel.: (61) 3315-2150/ 3821
E-mail: cns@saude.gov.br
Horário de atendimento ao público: 08h às 18h de segunda a sexta-feira.

Horário de atendimento ao público de forma *on-line*: 9h às 18h de segunda a sexta-feira.

Assim, se você está de acordo, peço que preencha os dados abaixo, sendo necessário nossa assinatura, e rubrica em todas as páginas das duas vias desse documento, para que uma via fique em sua posse e outra comigo.

Desde já, agradeço sua participação! Seja bem-vindo a nossa pesquisa. Grata e atenciosamente,

_____

Profa. Ma. Luciana Coladine Bernardo
Assinatura da pesquisadora responsável

CONSENTIMENTO

( ) Declaro que concordo em participar da pesquisa.

( ) Declaro que concordo que minhas imagens ou sons de voz sejam utilizados pela pesquisadora.

( ) Declaro que não concordo que minhas imagens ou sons de voz sejam utilizados pela pesquisadora.

_____ Rondônia, _____ de _____ de 2022.

_____

Assinatura do participante da pesquisa

APÊNDICE E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO RESPONSÁVEL PELO PARTICIPDANTE CRIANÇA/ADOLESCENTE



GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO DO/DA RESPONSÁVEL PELO/A PARTICIPANTE CRIANÇA/ADOLESCENTE

Meu nome é Luciana Coladine Bernardo e sou doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGL, da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT. Minha pesquisa, intitulada *Identificação, registro e análise de sinais dos surdos Cinta Larga em Rondônia: princípios para o reconhecimento linguístico,* orientada pelo Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino, docente do PPGL/UNEMAT, tem como objetivo geral realizar o registro e análise descritiva dos Sinais Cinta Larga (SCL) utilizados pelos indígenas surdos da etnia Cinta Larga residentes na Terra Indígena (TI) Roosevelt, pertencente a Pimenta Bueno/RO.

Para isso, é necessária a participação de surdos indígenas Cinta Larga, razão pela qual gostaria que o/a surdo(a) criança/adolescente sob sua responsabilidade, participasse como voluntário. Caso você aceite, conforme combinarmos, observarei o dia a dia e as atividades que o surdo realiza na comunidade, para que eu conheça os sinais utilizados em sua comunicação. Também teremos momentos de interação entre ele(a) e eu, e se você permitir, esses sinais serão registrados por gravação de vídeos e fotografias, e informo que todos esses dados coletados serão armazenados pelo período mínimo de cinco anos.

É importante que você saiba de alguns riscos da realização desta pesquisa, mas, também, o que farei para evitar ou diminuir seus impactos:

1. Desconforto nas gravações de vídeo e fotografias: buscarei proporcionar um ambiente agradável e respeitoso, para que ele(a) se sinta confortável. Caso você e o surdo(a) queiram ver as fotografias ou assistir aos vídeos gravados, bastará me solicitar. Se você não quiser que ele(a) seja mais fotografado ou filmado, bastará me dizer, que a atividade com a câmera será encerrada.

2. Vergonha ao interagir e sinalizar: respeitarei o tempo do(a) surdo(a) para que possa se sentir à vontade e que possamos interagir tranquilamente e, aos poucos, consigamos nos comunicar a partir dos seus sinais.

3. Quebra de sigilo e anonimato: como explicado, os vídeos, fotografias e informações fornecidas pelo surdo(a) serão utilizadas apenas para esta pesquisa e na divulgação científica dela. Assim, para evitar que ele(a) seja identificado(a), utilizaremos um nome escolhido por ele(a) como seu nome fictício. Mas, se você desejar que ele(a) seja identificado na pesquisa,

poderemos assinar um termo de concordância, a ser disponibilizado por mim. Também me comprometo a guardar e preservar todo este material sob meus cuidados, em meio seguro, através de mídia, como um CD ou *pendrive*, por exemplo. Assim, ele não ficará armazenado online.

4. Invasão de privacidade: para não atrapalhar sua rotina na comunidade, só conversamos se o(a) surdo(a) puder e quiser.

5. Choque cultural: serei respeitosa com a cultura do(a) surdo(a).

6. Contaminação por Covid-19 ou outras infecções virais: além de estar com minha vacinação em dia, farei uso de máscara, manterei o distanciamento necessário para sua segurança, lavarei as mãos com frequência e, em todo o tempo, teremos álcool em gel 70% disponível em nossa interação. Também buscaremos interagir em locais abertos e bem ventilados.

Apresentados os risco, bem como as medidas para minimizá-los, informo que, se mesmo assim houver algum dano, decorrente dessa pesquisa, à criança/adolescente sob sua responsabilidade, você terá o direito de solicitar indenização através das vias judiciais conforme expresso no Código Civil, Lei 10.406 de 2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19.

Apesar destes riscos, o(a) surdo(a) também terá benefícios. Com a contribuição dele(a) essa pesquisa realizará o registro dos sinais utilizados na comunicação e, mais adiante, eles serão socializados com os familiares e toda a comunidade indígena. Isso vai ajudar para uma melhor comunicação e que a comunidade indígena possa conhecer ele(a) melhor. Assim, poderemos, caso existam, combater preconceitos e exclusão, buscar evitar a extinção de sua língua e fomentar o fortalecimento da comunidade surda Cinta Larga.

Essa pesquisa também irá ajudar outros estudos sobre as línguas de sinais indígenas no Estado de Rondônia, na Amazônia e no Brasil, além de valorizar a história, cultura e memória do Povo Cinta Larga.

Apresentado os riscos e benefícios, afirmamos que, caso venha sofrer algum dano de qualquer natureza, a pesquisadora responsável se compromete em viabilizar toda assistência necessária, assegurando seus direitos previstos na Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 17, Inciso V.

É importante que você saiba que tem plena liberdade nas decisões sobre a participação da criança/adolescente sob sua responsabilidade, sendo assim, mesmo depois de ter assinado

esse Termo, a qualquer momento poderá retirar seu consentimento, bastando me avisar de forma verbal ou escrita, sem que isso implique quaisquer direitos, indenizações ou ressarcimento para nenhum de nós, ou seja, sem prejuízo algum.

Depois de iniciados nossos encontros e, por algum motivo, você se sinta desconfortável com a participação do(a) surdo(a) e queira que ele(a) pare, basta me avisar. Se acontecer algo de errado, você pode me procurar pelo telefone ou e-mail informados abaixo:

Pesquisadora Responsável: Luciana Coladine Bernardo
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL)
Universidade do Estado de Mato Grosso
Telefone: (69) 99930-2400
E-mail: coladinel@gmail.com

Este estudo segue leis e procedimentos éticos da ciência, como a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Estado de Mato Grosso e posteriormente pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), sendo esses dois órgãos responsáveis em analisar e decidir sobre as pesquisas que envolvem seres humanos, garantindo a proteção dos participantes, agindo em prol de uma pesquisa ética, em defesa da integridade e dignidade do participante.

Portanto, para denúncias ou reclamações sobre a participação da criança ou adolescente sob sua responsabilidade, ou questões éticas do estudo, você poderá contatar o CEP da UNEMAT e/ou a CONEP. Por conta da pandemia de Covid-19, você deverá entrar em contato por e-mail para agendar seu atendimento remoto, via web chamada:

Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da UNEMAT
Av. Tancredo Neves, 1095 - Cavalhada
CEP 78.200-000 - Cáceres/MT
Tel.: (65) 3221-0067
E-mail: cep@unemat.br
Horário de atendimento ao público: das 8h às 12h e das 14h às 18h de segunda a sexta-feira.

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP)
Esplanada dos Ministérios, Bloco "G" - Edifício Anexo, Ala "B" - 1º andar - Sala 103B - CEP 70058-900 - Brasília, DF
Tel.: (61) 3315-2150/ 3821
E-mail: cns@saude.gov.br
Horário de atendimento ao público: 08h às 18h de segunda a sexta-feira.

Horário de atendimento ao público de forma *on-line*: 9h às 18h de segunda a sexta-feira.

Se você permitir a participação do(a) surdo(a), nos encontraremos em datas a serem marcadas no período de maio a setembro de 2022. Reafirmo que, a qualquer momento, você poderá desistir da autorização, bastará me avisar de forma verbal ou escrita, e isso não te causará prejuízo.

Assim, se você está de acordo, peço que preencha os dados abaixo, sendo necessário nossa assinatura, e rubrica em todas as páginas das duas vias desse documento, para que uma via fique em sua posse e outra comigo.

Desde já, agradeço sua participação! Seja bem-vindo a nossa pesquisa. Grata e atenciosamente,

_____

Profa. Ma. Luciana Coladine Bernardo
Assinatura da pesquisadora responsável

CONSENTIMENTO

( ) Declaro que concordo que o(a) surdo(a) sob minha responsabilidade participe da pesquisa.
( ) Declaro que concordo que as imagens do(a) surdo(a) sejam utilizadas pela pesquisadora.
( ) Declaro que não concordo que as imagens do(a) surdo(a) sejam utilizadas pela pesquisadora.

_____ Rondônia, _____ de _____ de 2022.

_____

Assinatura do responsável legal

APÊNDICE F - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ PARA FINS DE PESQUISA

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ PARA FINS DE PESQUISA

Eu,_____, autorizo a utilização da minha imagem e/ou som de voz – ou da criança/adolescente sob minha responsabilidade, participante no estudo – na qualidade de participante e/ou entrevistado(a) pesquisa intitulado *Identificação, registro e análise de sinais dos surdos Cinta Larga em Rondônia: princípios para o reconhecimento linguístico*, sob responsabilidade da pesquisadora Luciana Coladine Bernardo, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

Assim, imagens e/ou sons de voz produzidos ao longo da minha participação, ou da criança/adolescente, na pesquisa poderão ser utilizados apenas para fins de análise pela pesquisadora, nos estudos vinculados a esta pesquisa, conhecedor de que não haverá divulgação deste material em qualquer meio de comunicação.

Tenho ciência de que o sigilo sobre a preservação da identidade, se assim eu desejar, e de que a pesquisadora adotará os procedimentos de guarda e segurança necessários quanto a este material.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, este uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz ou da criança/ adolescente, conforme assinatura neste documento elaborado em duas vias, das quais uma ficará com a pesquisadora responsável e outra comigo.

CONSENTIMENTO

( ) Declaro ESTAR de acordo com a utilização da minha imagem e/ou som, ou da criança/adolescente sob minha responsabilidade.

( ) Declaro NÃO ESTAR de acordo com a utilização da minha imagem e/ou som, ou da criança/adolescente sob minha responsabilidade.

_____, Rondônia, _____de _____de 2022.

_____ _____

Assinatura da pesquisadora responsável Assinatura do (a) participante ou responsável

APÊNDICE G - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Meu nome é Luciana Coladine Bernardo e venho pedir sua ajuda para fazer um trabalho da faculdade onde estudo, que é a Universidade do Estado de Mato Grosso. Esse trabalho se chama pesquisa e eu irei pesquisar como você se comunica com as pessoas. O nome da pesquisa é *Identificação, registro e análise de sinais dos surdos Cinta Larga em Rondônia: princípios para o reconhecimento linguístic*o.

Você pode me ajudar me mostrando como você se comunica com as pessoas da sua aldeia, como também quero passar alguns momentos com você, para te conhecer e que possamos nos comunicar. Se você deixar, eu vou filmar e/ou fotografar os sinais que você usa para se comunicar, para que depois eu possa assistir e registrar você refazendo os mesmos sinais para colocar a foto no meu trabalho. Mas não se preocupe, combinaremos o dia e horário que melhor for para você, e se sentir vergonha ou constrangimento, você não será obrigado a permitir ser fotografado. Preciso que você saiba também, que todos esses dados coletados ficarão armazenados pelo período mínimo de 5 anos.

É importante que você saiba de alguns riscos da realização desta pesquisa, mas, também, o que farei para evitar ou diminuir seus impactos:

1. Desconforto nas gravações de vídeo e fotografias: buscarei proporcionar um ambiente agradável e respeitoso, para que você se sinta confortável. Caso você queira ver as fotografias ou assistir aos vídeos gravados, bastará me solicitar. Se você não quiser ser mais fotografado ou filmado, bastará me dizer, que a atividade com a câmera será encerrada.

2. Vergonha ao interagir e sinalizar: respeitarei o seu tempo para que você possa se sentir à vontade e que possamos interagir tranquilamente e, aos poucos, que possamos nos comunicar a partir dos seus sinais.

3. Quebra de sigilo e anonimato: como explicado, os vídeos, fotografias e informações fornecidas por você serão utilizadas apenas para esta pesquisa e na divulgação científica dela. Assim, para evitar que você seja identificado, utilizaremos um nome escolhido por você como seu nome fictício. Mas, se você desejar ser identificado na pesquisa, poderemos assinar um termo de concordância, a ser disponibilizado por mim. Também me comprometo a guardar e preservar todo este material sob meus cuidados, em meio seguro, através de mídia, como um CD ou *pendrive*, por exemplo. Assim, ele não ficará armazenado online.

4. Invasão de privacidade: para não atrapalhar sua rotina na comunidade, só conversaremos se você puder e quiser.

5. Choque cultural: serei respeitosa com a forma de vida do seu povo.

6. Contaminação por Covid-19 ou outras infecções virais: além de estar com minha vacinação em dia, farei uso de máscara, manterei o distanciamento necessário para sua segurança, lavarei as mãos com frequência e, em todo o tempo, teremos álcool em gel 70% disponível em nossa interação. Também buscaremos interagir em locais abertos e bem ventilados.

Apresentados os risco, bem como as medidas para minimizá-los, informo que, se mesmo assim, houver algum dano a você, decorrente dessa pesquisa, você junto a seu responsável legal, terá direito a solicitar indenização através das vias judiciais conforme expresso no Código Civil, Lei 10.406 de 2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19.

Apesar destes riscos, você também terá benefícios. Com sua contribuição essa pesquisa realizará o registro dos sinais utilizados na comunicação e, mais adiante, eles serão socializados com os familiares e toda a comunidade indígena. Isso vai ajudar para uma melhor comunicação e que a comunidade indígena possa conhecer você melhor. Assim, poderemos combater preconceitos, exclusão, extinção de sua língua e fortalecimento da comunidade surda Cinta Larga.

Essa pesquisa também irá ajudar outros estudos sobre as línguas de sinais indígenas no Estado de Rondônia, na Amazônia e no Brasil, além de valorizar a história, cultura e memória do Povo Cinta Larga.

Apresentados os riscos e benefícios, afirmamos que, caso venha sofrer algum dano de qualquer natureza, a pesquisadora responsável se compromete em viabilizar toda assistência necessária, assegurando seus direitos previstos na Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 17, Inciso V.

É importante que você saiba que tem plena liberdade nas decisões sobre sua participação, sendo assim, mesmo depois de ter assinado esse Termo e iniciado os nossos encontros, você poderá desistir de participar e a qualquer momento retirar seu consentimento, bastando me avisar de forma verbal, escrita ou sinalizada, sem que isso implique quaisquer direitos, indenizações ou ressarcimento para nenhum de nós, ou seja, sem prejuízo algum. Se acontecer algo de errado, você pode me procurar pelo telefone ou e-mail informados abaixo:

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA

Pesquisadora Responsável: Luciana Coladine Bernardo
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL)
Universidade do Estado de Mato Grosso
Telefone: (69) 99930-2400
E-mail: coladinel@gmail.com

Desde já, agradeço sua participação! Seja bem-vindo a nossa pesquisa. Grata e atenciosamente,

_____

Profa. Ma. Luciana Coladine Bernardo
Assinatura da pesquisadora responsável

CONSENTIMENTO

( ) Declaro que concordo em participar da pesquisa.

( ) Declaro que concordo que minhas imagens ou sons de voz sejam utilizados pela pesquisadora.

( ) Declaro que não concordo que minhas imagens ou sons de voz sejam utilizados pela pesquisadora.

Rondônia, _____ de _____ de 2022.

_____

Assinatura do participante da pesquisa

APÊNDICE H - ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Qual seu nome e grau de parentesco com o/a surdo/a?

2. Qual o nome completo e idade do/a surdo/a?

3. Como ocorre a comunicação entre vocês? Pode me dar alguns exemplos dessa interação?

4. Como ele/a ficou surdo?

5. Quando e como descobriu a surdez dele/a?

6. Qual seu sentimento com relação a surdez dele/a?

7. Como é a relação dele/a com a comunidade indígena?

8. As questões culturais Cinta Larga são igualmente passadas a ele/a igual aos ouvintes?

9. qual é o grau de escolaridade dele/a? Se ainda estuda, como é a relação com o ambiente escolar?

10. Qual seu desejo para o futuro dele/a?

ANEXO A - AUTORIZAÇÃO DA FUNAI

3843441 08750.000041/2022-49

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
Avenida Coronel Noronha nº 620,
CEP 76962-062 Cacoal - RO
(69) 3441-2019 - http://www.funai.gov.br

AUTORIZAÇÃO

Cacoal, *data da assinatura eletrônica.*

Tendo em vista o Requerimento sem número (SEI nº 3841677), protocolado nesta Coordenação Regional, **AUTORIZO**, conforme delineado na Portaria PRES/FUNAI nº 419, de 17 de março de 2020, o ingresso da Sra. Luciana Coladine Bernardo, inscrita no CPF/MF sob nº 878.643.472-15 e RG sob nº 932727 SSP/RO, residente na Rua Rafael Monteiro, 3105, município de Ministro Andreazza/RO, docente da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) e discente no curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), com o objetivo de realizar "[...] pesquisa de campo da pesquisa de doutorado intitulada 'Identificação, Registro e Análise de Sinais dos Surdos Cinta Larga em Rondônia: Princípios para o Reconhecimento Linguístico', cujo objetivo geral é realizar a identificação, registro e análise descritiva dos Sinais Cinta Larga (SCL) utilizados pelos indígenas surdos da etnia Cinta Larga residentes na Terra Indígena Roosevelt [...]", entre os dias 01 de abril de 2022 a 30 de setembro de 2022, nas aldeias pertencentes à etnia Cinta Larga, inseridas na Terra Indígena Roosevelt, jurisdicionada a esta Coordenação Regional.

Esta autorização só tem efeitos para a finalidade informada, sob pena da responsabilidade cabível.

Atenciosamente,

(Assinado Eletronicamente)
SIDCLEY JOSÉ SOTELE
Coordenador Regional
CR-CAC

Documento assinado eletronicamente por **Sidcley José Sotele, Coordenador(a) Regional**, em 08/02/2022, às 17:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site: http://sei.funai.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, **informando o código verificador 3843441 e o código CRC 2F92668A.**

ANEXO B - PARECER DO CONEP

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA

PARECER CONSUBSTANCIADO DA CONEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: IDENTIFICAÇÃO, REGISTRO E ANÁLISE DE SINAIS DOS SURDOS CINTA LARGA EM RONDÔNIA: PRINCÍPIOS PARA O RECONHECIMENTO LINGUÍSTICO

Pesquisador: LUCIANA COLADINE BERNARDO

Área Temática: Estudos com populações indígenas;

Versão: 3

CAAE: 56250222.6.0000.5166

Instituição Proponente: Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.634.008

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram obtidas das Informações Básicas do Projeto (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1895994.pdf) e do Projeto Detalhado.

INTRODUÇÃO

A temática dessa pesquisa se originou quando em um momento informal entre amigos e familiares, dois membros da comunidade indígena Cinta Larga, relatou a existência de indígenas surdos em aldeias de seu povo, despertando o interesse em ambas as partes, que uma pesquisa sobre a forma de comunicação acontecesse, visto a afirmação de que a comunicação ocorre, em partes, em forma de "gestos", indicado portanto, a existência de uma comunicação por meio de sinais. Desse modo, este projeto tem como fulcro a identificação, registro e análise descritiva dos Sinais Cinta Larga (SCL) utilizados por surdos indígenas pertencentes a etnia Cinta Larga residentes na Terra Indígena (TI) Roosevelt em Pimenta Bueno/RO. Posto o objetivo geral acima, fomentou-se como objetivos específicos, com base nos estudos linguísticos descritivos das Línguas de Sinais (LS), identificar e registrar os SCL, realizar uma análise fonológica e morfológica dos SCL a fim de comprovar se trata de uma língua natural dos surdos Cinta Larga, bem como efetuar uma análise sintática e realizar uma análise lexical com o intuito de verificar se os SCL são parte de uma variedade da Libras ou não. Tal proposta tem sua relevância dada a repercussão e a



necessidade de produções científicas que tratem, por meio de parâmetros de conceitos linguísticos, de registro e análise do sistema linguístico no lócus surdo indígena. Vilhalva (2012) descreve que se faz verídico e notável os avanços dos Estudos Surdos no âmbito das áreas urbanas, que visem tanto as LS como o sujeito surdo e suas peculiaridades, emergem na busca por conhecimento do "mundo surdo". No entanto, a autora relata que dentre todo povo surdo existente, o qual não se restringe apenas a surdos de áreas urbanas, há necessidade de mapeamento, pesquisas, debates, sobre os povos surdos indígenas. Conseguinte, pesquisar sobre os mesmos, faz-se necessário para a descoberta e aprofundamento linguístico, indo em busca de preservação e conhecimento das formas de comunicação existentes entre os povos surdos indígenas. No âmbito das Línguas de Sinais Indígenas (LSI), pesquisadores têm adentrado nos Estudos Surdos na busca de novas perspectivas e visões sobre as LS em contextos indígenas, a fim de registrar e multiplicar as pesquisas nessa temática. Desse modo, evidenciamos os pressupostos teóricos demonstrados através das pesquisas de Vilhalva (2012), a qual realizou o mapeamento das LSIs dos Guarani Kaiowá no Estado do Mato Grosso do Sul; a estudos de Sumayo (2014), focam na identificação e descrição dos sinais construídos pela 8 comunidade surda dos Terena na região de São Paulo; Azevedo (2015) em Parintins, no Estado do Amazonas, com a realização do mapeamento e registros das contribuições linguísticas dos professores surdos na etnia Sateré-Mawé, entre outras pesquisas. Como elencamos acima, na esfera dos estudos e pesquisas realizadas no contexto do surdo indígena, possui-se pesquisas em comunidades indígenas em outros Estados brasileiros, que objetivando mapear os sinais e a existência de surdos nas aldeias, servem de referencial teórico para o reconhecimento e aprofundamento nos estudos das LSIs, possibilitando fomentar discussões acerca desses sujeitos e suas línguas. Nesse viés, podemos dizer que as contribuições e que essas pesquisas possibilitam, adentram tanto nas áreas educacionais, quanto sociais, como também, promovem registros, teorias, conceitos, que amparam e permitem que novos estudos surjam, cada vez mais aprofundados, partindo do mapeamento e registros dos sinais, para os estudos mais específicos na linguística das LS. Todo esse processo, possibilita preservação, não somente das línguas, como também da cultura e identidade dos povos surdos indígenas presente nos sinais estudados. Por fim, leva-se em consideração que os processos de comunicação, das comunidades surdas indígenas precisam ser respeitados e reconhecidos como estrutura linguística, assim como as LS não indígenas.

HIPÓTESE

A hipótese é de que os surdos Cinta Larga se comunicam em sinais criados a partir de sua cultura



indígena, e as primeiras evidências que serão registradas e analisadas nesta pesquisa propiciarão os princípios para o reconhecimento de uma nova LS indígena, a Língua de Sinais Cinta Larga (LSCL). Além disso, pressupõe -se que os surdos possuem entraves na comunicação com a comunidade ouvinte, principalmente pelo desconhecimento das particularidades do povo surdo.

METODOLOGIA

Para se atingir os objetivos propostos, é evidentemente inescusável que essa pesquisa seja de fulcro etnográfica qualitativa. Tal especificidade é necessária pelo fato da pesquisadora precisar se inserir na realidade do dia a dia do povo Cinta Larga, logo, no povo surdo Cinta Larga, pois é indispensável ter uma compreensão inicial geral, para depois afunilar o olhar. Corroborando, Severino (2007, p.119) afirma que esse tipo de pesquisa "visa compreender, na sua cotidianidade, os processos do dia-a-dia em suas diversas modalidades. Trata-se de um mergulho no microssocial, olhando com uma lente aumento. Aplica métodos e técnicas compatíveis com a abordagem qualitativa. Utiliza-se do método etnográfico, descritivo por excelência. " Em consonância, a técnica de observação participante, será a praticada pela pesquisadora, por se fundar "na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste" (LAKATOS; MARCONI, 2003, p.194). Essa vivência ativa com o grupo pesquisado, proporcionará a realização de uma descrição a mais fidedigna possível do povo surdo Cinta Larga, abarcando em detalhes o lugar onde vivem, os membros/comunidade, costumes, rotina, educação escolar, vivência na comunidade indígena, forma de comunicação captada em sua espontaneidade, dentre outros aspectos socioculturais. Neste contexto, o diário de campo se mostra como um instrumento essencial, bem como a realização de entrevista com os familiares/responsáveis pelos surdos indígenas. Tal instrumento se faz necessário para que a pesquisadora possa além de se inteirar com a família/responsáveis, buscar as primeiras informações sobre os surdos. Tratando-se de uma pesquisa com surdos e estes, possivelmente, utilizam uma comunicação gestual/visual, a utilização de material para o registro sonoro e visual é essencial. Para tal, a pesquisadora utilizará gravações em vídeo nos momentos de interação entre a mesma e os surdos, sempre que possível, devido à espontaneidade desses momentos, dado que, corroborando, Brito (2010, p. 203), afirma que: "Para se registrar uma língua de sinais é praticamente obrigatório registrar os dados em vídeo."

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO



"SUJEITOS E AMBIENTE DA PESQUISA Os sujeitos surdos que poderão participar desta pesquisa tratam-se de surdos indígenas que fazem parte da etnia do povo Cinta Larga, residentes na TI Roosevelt, no Município de Pimenta Bueno, Estado de Rondônia. Mesmo que vivendo em constante contato, seja presencial ou via meios midiáticos, com as diversas culturas existentes no mundo, todas pessoas possuem suas particularidades, um universo próprio, e que, por principalmente essa pesquisa ter cunho etnográfico, torna-se essencial conhecer a fundo esses sujeitos, que neste caso, misturam-se a cultura surda, cultura surda Cinta Larga e cultura ouvinte indígena Cinta Larga. Corroborando, Andrade (2012) afirma essa necessidade do pesquisador em conhecê-los profundamente, pois essa imersão no "mundo" dos sujeitos da pesquisa, favorece o conhecimento das relações históricas e socioculturais da realidade que será descrita. Neste cenário dos sujeitos envolvidos com a pesquisa, o presente estudo contará também com a participação dos intermediadores Márcia e Marcos, que irão disponibilizar seus conhecimentos sobre o seu povo Cinta Larga. Neste sentido, a presença dessas pessoas é essencial para realizar os processos de interação entre essa pesquisadora e a comunidade e os surdos Cinta Larga. Neste prisma, NETO (2002, p. 54/55) afirma ser importante essa intermediação pelo fato de: " Em primeiro lugar devemos buscar uma aproximação com as pessoas da área selecionada para o estudo. Essa aproximação pode ser facilitada através do conhecimento de moradores ou daqueles que mantêm sólidos laços de intercâmbio com os sujeitos a serem estudados. " Segundo informações dos intermediadores, há estimativa de cinco surdos no território indígena Cinta Larga. Esses dados são preliminares e necessitam de averiguação quando ido a 27 campo. Assim sendo, esses, ou mais, poderão ser os sujeitos principais desta pesquisa, se assim aceitarem. Os familiares e/ou responsáveis pelos surdos também serão considerados como sujeitos dessa pesquisa, visto que as primeiras informações sobre a forma de vida dos surdos, os sinais que utilizam no dia a dia, são dados valiosos para serem analisados e inseridos na Tese.".

Objetivo da Pesquisa:

OBJETIVO GERAL

Realizar a identificação, registro e análise descritiva dos SCL utilizados pelos indígenas surdos da etnia Cinta Larga residentes na Terra Indígena (TI) Roosevelt pertencente a Pimenta Bueno/RO.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Identificar e registrar os SCL;
2. Analisar fonologicamente e morfologicamente os sinais registrado a fim de comprovar se trata-



se de uma língua natural dos surdos Cinta Larga;
3. Efetuar uma análise sintática nos SCL;
4. Realizar uma análise lexical para verificar se os SCL são parte de uma variedade da Libras ou não.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

RISCOS

Os riscos aos participantes são muitos, pois toda pesquisa com seres humanos é munida de muitos riscos, e diante a grande quantidade, iremos elencar os mais relevantes, bem como, logo em seguida, abordaremos a medida mitigadora de cada um:

1. Desconforto nas gravações de vídeo e fotografias: buscarei proporcionar um ambiente agradável e respeitoso, para que o participante se sinta confortável. Caso eles queiram ver as fotografias ou assistir aos vídeos gravados, bastarão me solicitar. Se eles não quiserem ser mais fotografado ou filmado, bastarão me dizer, que a atividade com a câmera será encerrada.
2. Vergonha ao interagir e sinalizar: respeitarei o tempo dos participantes para que possam se sentir à vontade e que possamos interagir tranquilamente e, aos poucos, que consigamos nos comunicar a partir dos seus sinais.
3. Quebra de sigilo e anonimato: como explicado, os vídeos, fotografias e informações fornecidas pelos participantes serão utilizadas apenas para esta pesquisa e na divulgação científica dela. Assim, para evitar que sejam identificados, utilizaremos um nome escolhido por eles como seu nome fictício. Mas, se desejarem ser identificados na pesquisa, poderemos assinar um termo de concordância, a ser disponibilizado por mim. Também me comprometo a guardar e preservar todo este material sob meus cuidados, em meio seguro, através de mídia, como um CD ou pendrive, por exemplo. Assim, ele não ficará armazenado online.
4. Invasão de privacidade: para não atrapalhar a rotina dos participantes na comunidade, só conversamos se eles puderem e quiserem.
5. Choque cultural: serei respeitosa com a cultura do povo Cinta Larga.
6. Contaminação por Covid-19 ou outras infecções virais: além de estar com minha vacinação em dia, farei uso de máscara, manterei o distanciamento necessário para sua segurança, lavarei as mãos com frequência e, em todo o tempo, teremos álcool em gel 70% disponível em nossa interação. Também buscaremos interagir em locais abertos e bem ventilados.

Considerando as Resoluções n. 466/2015 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que tratam das normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas com seres humanos, preservaremos a



identidade dos participantes, se assim desejarem, e adotaremos todos os cuidados necessários para o estabelecimento de um ambiente seguro e acolhedor, também compartilhando a importância da colaboração de todos para tal garantia

BENEFÍCIOS
Diante da temática abordada nesta pesquisa, a qual necessariamente necessita da participação do povo surdo e ouvinte Cinta Larga, para assim conseguirmos proporcionar os seguintes benefícios a eles: realizará o registro dos sinais utilizados na comunicação e, mais adiante, eles serão socializados com os familiares e toda a comunidade indígena. Isso irá ajudar para uma melhor comunicação e que a comunidade indígena possa conhecer melhor os surdos. Assim, poderemos, caso existam, combater preconceitos e exclusão, buscar evitar a extinção dos SCL e fomentar o fortalecimento da comunidade surda Cinta Larga.
Essa pesquisa também irá ajudar outros estudos sobre as línguas de sinais indígenas no Estado de Rondônia, na Amazônia e no Brasil, além de valorizar a história, cultura e memória do Povo Cinta Larga.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:
Pesquisa de natureza etnográfica qualitativa, que será desenvolvida por meio de observação participante pela pesquisadora de surdos indígenas da etnia Cinta Larga surdos residentes na Terra Indígena Roosevelt no município de Pimenta Bueno em Rondônia. O estudo objetiva, a partir da observação participante, identificar e registrar os Sinais Cinta Larga (SCL), que posteriormente, serão analisados de forma descritiva com base nos conceitos das Línguas de Sinais (LS).
Caráter acadêmico, realizado para obtenção do título de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Linguística.
Número de participantes incluídos no Brasil: 05.
Previsão de início do estudo: 18/04/2022.
Previsão de encerramento do estudo: 17/12/2023.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:
Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:
Análise de resposta ao parecer pendente nº 5.508.751, emitido pela Conep em 04/07/2022:



1. Quanto aos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido e Assentimento - referentes aos arquivos "termo_consentimento_livre_esclarecido.pdf"; "tcle_familiares_entrevista.pdf"; "tcle_responsavel_menor_de_idade.pdf" e "tale.pdf", submetidos na Plataforma Brasil em 03/04/2022:

1.1. Considerando que os documentos apresentados não identificam, nos métodos e procedimentos, a descrição da forma de abordagem ou plano de recrutamento dos possíveis indivíduos participantes, solicita-se adequação. Solicita-se, ainda, descrever detalhadamente como se dará a aproximação com os participantes da pesquisa na terra indígena.
RESPOSTA: Consta inclusão desta informação na p. 25 do projeto completo, conforme segue: "Considerando a autorização prévia da liderança indígena (Apêndice J), após o parecer de aprovação do CEP e CONEP, iremos até a aldeia indígena do Povo Cinta Larga em busca dos participantes. Conforme sugestão já aventada pela própria liderança indígena, contaremos com os intermediadores, o casal Marcos e Márcia, para a ida até as moradias que contém surdos, a fim de que ocorra a apresentação e uma primeira aproximação. Marcos é filho do cacique João Bravo; Márcia não é indígena, porém, por ser casada com Marcos há mais de vinte anos e residir na aldeia, assim como seu esposo, é profunda conhecedora da cultura indígena Cinta Larga, do TI e de seus moradores. Assim, por esse intermédio, e diante da concordância dos pretensos colaboradores, suas participações no estudo ocorrerão da forma menos disruptiva possível, respeitando suas atividades e compromissos diários, e buscando participar de suas rotinas na aldeia, tanto quanto seja possível, e diante do previsto no cronograma deste projeto."
ANÁLISE: PENDENCIA ATENDIDA.

1.2. Considerando-se que no projeto há a informação de que serão cinco os participantes, mas não há descrição de que se esse número é o de surdos ou de seus familiares, solicita-se adequação com detalhamento de quantos e qual a característica dos participantes da pesquisa.
RESPOSTA: A informação foi contemplada na subseção 6.3 Sujeitos e ambiente de pesquisa, p. 27, conforme demonstra o excerto: "Segundo informações dos intermediadores, há estimativa de cinco surdos no território indígena Cinta Larga, sendo duas crianças, uma mulher e dois homens. Esses dados são preliminares e necessitam de averiguação quando ido a campo. Assim sendo, esses, ou mais, poderão ser os sujeitos principais desta pesquisa, se assim aceitarem. Os familiares e/ou responsáveis pelos surdos também serão considerados como sujeitos dessa



pesquisa, visto que as primeiras informações sobre a forma de vida dos surdos, os sinais que utilizam no dia a dia, são dados valiosos para serem analisados e inseridos na Tese. Desse modo, prevemos contar com a participação nas entrevistas de até dois familiares ou responsáveis de cada surdo, conforme o contato em campo propiciar."
ANÁLISE: PENDENCIA ATENDIDA.

1.3. Os Registros dos Consentimentos Livre e Esclarecido e Assentimento devem assegurar, de forma clara e afirmativa, a informação sobre a forma de acompanhamento e a assistência, em virtude de danos, a que terão direito os participantes da pesquisa (Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 17, Inciso V). Solicita-se adequação.
RESPOSTA: A resolução para essa pendência foi dada à p. 2 do TCLE e termos afins conforme segue: "Apresentados os riscos e benefícios, afirmamos que, caso venha sofrer algum dano, de qualquer natureza, a pesquisadora responsável se compromete em viabilizar toda assistência e acompanhamento necessários, assegurando seus direitos previstos na Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 17, Inciso V." No projeto, p. 26, segue: "Do mais, seguindo os preceitos éticos de pesquisa que visam assegurar os direitos dos participantes, conforme a Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 17, Inciso V, afirma-se aqui, o compromisso com os participantes dessa pesquisa, em promover assistência e acompanhamento necessários a eles, caso venha sofrer algum dano, de qualquer natureza."
ANÁLISE: PENDENCIA ATENDIDA.

1.4. Solicita-se incluir nos Registros dos Consentimentos Livre e Esclarecido e do Assentimento a informação de que, havendo algum dano decorrente da pesquisa, o participante terá direito a solicitar indenização através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406 de 2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19).
RESPOSTA: Consta inclusão desta informação na página 2 de todos os Termos, conforme segue: "Apresentados os riscos, bem como as medidas para minimizá-los, informo que, se mesmo assim, houver algum dano a você decorrente dessa pesquisa, você terá direito a solicitar indenização através das vias judiciais conforme expresso no Código Civil, Lei 10.406 de 2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19." Na p. 26 do projeto completo, segue: "Ainda, afirmamos que, conforme expresso no Código Civil, Lei 10.406 de 2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19, é de direito de o participante solicitar indenização através das vias judiciais, caso se sinta prejudicado."



ANÁLISE: PENDENCIA ATENDIDA.

1.5. Os Processos e Registros dos Consentimentos Livre e Esclarecido e Assentimento deverão garantir a plena liberdade do participante da pesquisa para decidir sobre sua participação, podendo retirar seu consentimento, em qualquer momento da pesquisa, sem prejuízo algum (Resolução CNS 510 de 2016, Artigo 17, Inciso III). Solicita-se adequação.
RESPOSTA: Informação inserida na p. 2 de todos os Termos, conforme segue: "É importante que você saiba que tem plena liberdade nas decisões sobre sua participação, sendo assim, mesmo depois de ter assinado esse Termo, você poderá desistir de participar e a qualquer momento retirar seu consentimento, bastando me avisar de forma verbal, escrita ou sinalizada, sem que isso implique quaisquer direitos, indenizações ou ressarcimento para nenhum de nós, ou seja, sem prejuízo algum."
ANÁLISE: PENDENCIA ATENDIDA.

1.6. Solicita-se incluir nos Processos e Registros dos Consentimentos Livre e Esclarecido e do Assentimento, a informação de que "todos os dados coletados nesta pesquisa ficarão armazenados pelo período mínimo de 5 anos", para que o participante possa decidir livremente sobre sua participação e sobre o uso de seus dados no momento e no futuro.
RESPOSTA: Informação inserida na p. 1 de todos os Termos, conforme segue: " ... e informo que todos esses dados coletados ficarão armazenados pelo período mínimo de 5 anos." Incluída essa informação na p. 30 do projeto completo, conforme: "Os dados coletados, advindos do diário de campo, registrados durante a observação participante, e a entrevista semiestruturada, serão armazenados pelo período de no mínimo cinco anos, em meio seguro, através de mídia, como um CD ou pendrive, por exemplo, evitando dessa forma, que fiquem armazenado online."
ANÁLISE: PENDENCIA ATENDIDA.

1.7. Os Processos e Registros dos Consentimentos Livre e Esclarecido e Assentimento devem apresentar, em linguagem simples, uma breve explicação sobre o que é o CEP. Considerando que o estudo envolveu análise ética pela Conep, as recomendações sobre os meios de contato (endereço, E-MAIL e TELEFONE nacional), assim como os horários de atendimento ao público, também devem ser estendidas a esta Comissão (Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 17, Inciso IX e X), além de informar que também foi aprovado pela Conep. Solicita-se adequação.
RESPOSTA: A inclusão solicitada consta na p. 3 de todos os Termos, conforme: "Este estudo segue



leis e procedimentos éticos da ciência, como a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Estado de Mato Grosso e posteriormente pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), sendo esses dois órgãos responsáveis em analisar e decidir sobre as pesquisas que envolvem seres humanos, garantindo a proteção dos participantes, agindo em prol de uma pesquisa ética, em defesa da integridade e dignidade do participante."

" Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) Esplanada dos Ministérios, Bloco "G" - Edifício Anexo, Ala "B" - 1º andar - Sala 103B - CEP 70058-900 - Brasília, DF Tel.: (61) 3315-2150/ 3821 E-mail: cns@saude.gov.br Horário de atendimento ao público: 08h às 18h de segunda a sexta-feira. Horário de atendimento ao público de forma on-line: 9h às 18h de segunda a sexta-feira."

Como também inserido na subseção 6.2 Procedimentos éticos, constante na p. 25 do projeto completo, conforme:

"A condução deste estudo, que será submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da (CEP) da Universidade do Estado de Mato Grosso e, posteriormente, encaminhado para avaliação e validação da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP)..."

ANÁLISE: PENDENCIA ATENDIDA.

1.8. Os campos de assinaturas devem ser identificados de acordo com a terminologia prevista na Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 2º, Incisos XIII e XVII, ou seja, empregando-se os termos "pesquisador responsável" e "participante de pesquisa/responsável legal". Os campos de assinaturas não devem estar separados do restante do documento (exceto quando, por questões de configuração da página, isto não for possível) e não devem conter campos adicionais, além de nome e data. Solicita-se a adequação.

RESPOSTA: Solicitação atendida e constante em todos os Termos, na p. 3. Conforme: "_____ Profa. Ma. Luciana Coladine Bernardo Assinatura da pesquisadora responsável" "_____ Assinatura do participante da pesquisa"

ANÁLISE: PENDENCIA ATENDIDA.

1.9. Estes documentos devem assegurar de forma clara e afirmativa que o participante de pesquisa receberá uma via (E NÃO CÓPIA) do documento, assinada pelo participante da pesquisa (ou seu representante legal) e pela pesquisadora, e rubricada em todas as páginas por ambos (Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 17, Inciso X). Solicita-se a adequação.



RESPOSTA: O atendimento à solicitação consta na p. 3 de todos os Termos, conforme: " Assim, se você está de acordo, peço que preencha os dados abaixo, sendo necessário nossa assinatura, e rubrica em todas as páginas das duas vias desse documento, para que uma via fique em sua posse e outra comigo. " No projeto completo, consta na p. 26: "Se concedida a participação na pesquisa, os participantes e a pesquisadora deverão assinar, e rubricar todas as páginas das duas vias do Termo que for adequado ao participante, na qual uma via ficará com o participante e outra com a pesquisadora responsável. "
ANÁLISE: PENDENCIA ATENDIDA.

2.0. No documento "termo de consentimento livre esclarecido do/da responsável pelo/a participante menor de idade" deve ser substituído o termo menor por criança/adolescente, conforme estabelece o estatuto da criança e adolescente.
RESPOSTA: A solicitação foi atendida e o título retificado, da seguinte forma: "TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO DO/DA RESPONSÁVEL PELO/A PARTICIPANTE CRIANÇA/ADOLESCENTE ".
ANÁLISE: PENDENCIA ATENDIDA.

Considerações Finais a critério da CONEP:
Diante do exposto, a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - Conep, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 510 de 2016, na Resolução CNS nº 466 de 2012 e na Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto.

Situação: Protocolo aprovado.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1895994.pdf	06/07/2022 15:36:40		Aceito
Outros	carta_resposta.pdf	06/07/2022 15:33:45	LUCIANA COLADINE	Aceito

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 5.634.008

Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_cep_versao_3.pdf	06/07/2022 15:32:48	LUCIANA COLADINE BERNARDO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tale.pdf	06/07/2022 15:32:15	LUCIANA COLADINE BERNARDO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle_familiares.pdf	06/07/2022 15:32:03	LUCIANA COLADINE BERNARDO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle_crianca_adolescente.pdf	06/07/2022 15:31:47	LUCIANA COLADINE BERNARDO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle.pdf	06/07/2022 15:31:18	LUCIANA COLADINE BERNARDO	Aceito
Outros	carteira_vacina.pdf	04/04/2022 11:12:45	LUCIANA COLADINE	Aceito
Outros	termo_trabalho_voluntario.pdf	03/04/2022 16:25:20	LUCIANA COLADINE	Aceito
Outros	termo_autorizacao_uso_imagem_som.pdf	03/04/2022 15:25:35	LUCIANA COLADINE	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	termoinstitucoesunir.pdf	02/04/2022 16:11:26	LUCIANA COLADINE BERNARDO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	termo_instituicoes_UNEMAT.pdf	02/04/2022 15:57:49	LUCIANA COLADINE BERNARDO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Termo_de_autorizacao_infraestrutura_UNEMAT.pdf	02/04/2022 15:54:16	LUCIANA COLADINE BERNARDO	Aceito
Outros	curriculo_orientador.pdf	02/04/2022 15:51:32	LUCIANA COLADINE	Aceito
Declaração de concordância	Termo_anuencia_lideranca_indigena.pdf	10/02/2022 19:14:03	LUCIANA COLADINE	Aceito
Outros	Curriculo.pdf	10/02/2022 19:04:16	LUCIANA COLADINE	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_cep.pdf	10/02/2022 18:50:41	LUCIANA COLADINE	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_e_autorizacao_para_o_uso_da_infraestrutura.pdf	09/02/2022 18:22:02	LUCIANA COLADINE BERNARDO	Aceito
Outros	Funai_autorizacao.pdf	09/02/2022 18:18:23	LUCIANA COLADINE	Aceito

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar
Bairro: Asa Norte **CEP:** 70.719-040
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3315-5877 **E-mail:** conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE
ÉTICA EM PESQUISA

Continuação do Parecer: 5.634.008

Outros	Declaracao_de_responsabilidade_do_pesquisador.pdf	09/02/2022 18:11:48	LUCIANA COLADINE	Aceito
Outros	Declaracao_de_reponsabilidade_do_pesquisador_resolucoes.pdf	09/02/2022 18:11:15	LUCIANA COLADINE	Aceito
Outros	Declaracao_de_que_a_pesquisa_nao_foi_iniciada.pdf	09/02/2022 18:06:37	LUCIANA COLADINE	Aceito
Outros	Oficio.pdf	09/02/2022 17:58:42	LUCIANA COLADINE	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

BRASILIA, 16 de Setembro de 2022

Assinado por:
Laís Alves de Souza Bonilha
(Coordenador(a))

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar
Bairro: Asa Norte **CEP:** 70.719-040
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3315-5877 **E-mail:** conep@saude.gov.br

O saber a gente aprende
com os mestres e os livros. A sabedoria se aprende
é com a vida e com os humildes.
Cora Coralina